

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS EM EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO

Janete Sander Costa

**AUTORIA COLETIVA EM AMBIENTE INFORMATIZADO NA  
PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM LÍNGUA INGLESA**

Porto Alegre

2008

Janete Sander Costa

**AUTORIA COLETIVA EM AMBIENTE INFORMATIZADO NA  
PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM LÍNGUA INGLESA**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Informática na Educação do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Informática na Educação.

Orientadora  
Profa. Dra. Margarete Axt

Co-orientadora  
Profa. Dra. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Porto Alegre

2008

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

C837a Costa, Janete Sander

Autoria coletiva em ambiente informatizado na perspectiva de professores em língua inglesa [manuscrito] / Janete Sander Costa; orientador: Margarete Axt; co-orientador: Liane Margarida Rockenbach Tarouco. – Porto Alegre, 2008.  
252 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias em Educação. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, 2008, Porto Alegre, BR-RS.

1. Professor – Formação – Língua inglesa. 2. Ambiente de aprendizagem – Ambiente computacional. 3. Autoria coletiva. 4. EquiText. 5. Bakhtin, Mikhail Mikhailovich. I. Axt, Margarete. II. Tarouco, Liane Margarida Rockenbach. III. Título.

CDU – 371.694.3:681.3

---

Bibliotecária Neliana Schirmer Antunes Menezes – CRB 10/939

Janete Sander Costa

**AUTORIA COLETIVA EM AMBIENTE INFORMATIZADO NA  
PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM LÍNGUA INGLESA**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Informática na Educação do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Informática na Educação.

Aprovada em 08 jul. 2008.

---

Prof. Dra. Margarete Axt – Orientadora

---

Prof. Dra. Liane Margarida Rockenbach Tarouco – Co-Orientadora

---

Prof. Dra. Carime Rossi Elias – UNISINOS

---

Prof. Dra. Regina Maria Varini Mutti – PPGEDU/FACED/UFRGS

---

Prof. Dra. Maria Cristina Villanova Biazus – PPGIE/CINTED/UFRGS

*A Deus, luz maior na criação, nesta autoria!*

---

*À família, origem da vida, espaço primeiro e contínuo do aprender a fazer coletivo, apoio incondicional e esteio na produção deste trabalho,*

*Ênio Alípio Sander (in memoriam) e Hilka Meine Sander, pais,  
Sérgio, esposo,  
Carina e Gustavo, filhos!*

*Janice e Jeane, irmãs!  
Magali e Milena, afilhadas!*

*Aos amigos das letras da alma, na fé, na coragem e na co-  
responsabilidade, Elza, Míriam, Querte, Zé, Nilza, Paloma,  
Vera, Juan!*

*Ao Dep. Federal Nelson Marchezan (in memoriam), que, ao articular  
politicamente em favor do reconhecimento do PGIE, movimentou mentes e ações em  
favor da Educação Superior brasileira de qualidade!*

*Aos Professores Margot Mattoso (in memoriam), da Psicolinguística, Letras,  
UFRGS; Lewis Levine (in memoriam), da Sociolinguística, Depto. Linguística, NYU!*

*À colega Elena Dias Sol (in memoriam), PPGEDU, que conosco partilhava a felicidade em  
ver o riso alegre de seus alunos do EJA, quando da autoria de seus textos!*

*Aos participantes da pesquisa, a todas as presenças inspiradoras,*

*Dedico, amorosamente, este trabalho.*

Ao Reitor da UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS,  
**Prof. Dr. José Carlos Ferraz Hennemann,**

À Diretora do CINTED – UFRGS,  
**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosa Maria Viccari,**

Ao Coordenador do PPGIE – UFRGS,  
**Prof. Dr. José Valdeni de Lima,**

À Coordenadora do LELIC – PPGEDU - UFRGS,  
**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Margarete Axt,**

*Minha eterna gratidão aos Senhores e Senhoras, que, ao representarem estas Instituições, possibilitaram a mim a oportunidade da convivência amorosa, ética e co-responsável, do nada fácil processo de aprender a ensinar a fazer, fazendo, com simplicidade e qualquer tecnologia, especialmente,*

*À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Margarete Axt, orientadora, única, incansável, que, ao acolher-me carinhosamente como sua orientanda, estendia suas mãos, coração e mente, confiando-me, também, importantes espaços de atuação na pesquisa, no LELIC e na editoração da Revista Informática na Educação: teoria & prática, tornando esta jornada de vivência acadêmica uma de minhas mais altas conquistas. Minha eterna gratidão!*

*À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Liane Tarouco, co-orientadora, presente nas linhas e entrelinhas desta jornada, que, ao abrir-me as portas do PGIE, apresentava-me a um universo de diferentes saberes e fazeres em colaboração e na ética, na pós-graduação, no incentivo na participação em eventos nacionais e internacionais e no ensino lato sensu. Meu profundo reconhecimento!*

*À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cleci Maraschin, pela amorosa convivência no estudo e na pesquisa, e indispensável apoio na travessia do PPGLET para o PPGIE!*

*À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Querte Mehlecke, com quem tenho o privilégio de dividir responsabilidades no processo de educar amorosamente através das tecnologias, no NEO-FACCAT!*

*Aos colegas dos grupos de orientandos da Margarete, PPGIE e PPGEDU, da Revista Informática na Educação, do LELIC, amigos do coração, Querte, Othon, Mary, Clóvis, Rafael, Maximira, Marie Jane, Elmara, Gleice, Magali, Fernando, Rejane, Flávia, Claudinha, Ademir, Carime, Evandro, Márcio, Ricardo, Paloma, Cíntia, Diogo!*

*À Maria do Carmo, secretária amiga em todas as horas!*

*Aos geniais autores do EquiText, Claudia Rizzi, Louise Seixas, Fabrício Tamusiunas, Cleusa Alonso, Ademir Martins!*

*Às Prof.<sup>as</sup> Dr.<sup>as</sup> Leny Gomes e Silvana Pacheco, parceiras solidárias na pesquisa com a língua inglesa! À Prof.<sup>a</sup> Tânia Pereira, com quem construí vivências muito além das diferenças entre as línguas; à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Margarete Schlatter, PPGLET, UFRGS, com quem iniciei as linhas preliminares desta história!*

**A todos, mencionados e não mencionados, honrosamente, Muito Obrigada!**

**Em tempo:** Peço perdão àqueles que se magoaram ou prejudiquei neste processo, voluntária ou involuntariamente, diante das escolhas que pude fazer.

*Epígrafe*

*Nada perdeu a poesia. E agora há a mais as máquinas  
Com a sua poesia também e todo o novo gênero de vida  
Comercial, mundana, intelectual, sentimental,  
Que a era das máquinas veio trazer para as almas.  
As viagens agora são belas como eram dantes  
E um navio será tão sempre belo, só porque é um navio.  
Viajar ainda é viajar e o longe está sempre onde estive –  
Em parte nenhuma, Graças a Deus!  
**Álvaro de Campos**<sup>1</sup>*

*[E]ntendo a noção de presencialidade como uma qualidade de presença  
independente de uma forma espacial.  
**Margarete Axt**<sup>2</sup>*

*As pessoas esquecem que o grande potencial da Internet é a comunicação.  
**Liane Tarouco**<sup>3</sup>*

---

<sup>1</sup>CAMPOS, Á. de (pseudônimo de Fernando Pessoa). Ode Marítima. *Orpheu*, Lisboa, n. 2, abr./jun. 1915.

<sup>2</sup>AXT, M. Comunidades Virtuais de Aprendizagem e Interação Dialógica: do corpo, do rosto e do olhar. São Leopoldo: [s.n.], 2006. Palestra proferida no IX Colóquio de Filosofia, Unisinos, 18 ago. 2006. Tema do evento: O olhar e o rosto.

<sup>3</sup>TAROUCO, L.M.R. [*Tecnologia e Interação Social*] [S.l.: s.n.], 2005. Material pedagógico em .pdf sobre Tecnologia e Interação Social.

## RESUMO

Foi estudada interdisciplinarmente a autoria coletiva, em ambiente informatizado na *Web*, de professores em formação (graduação e extensão) da língua inglesa como língua estrangeira. O estudo foi vinculado às linhas de pesquisa “Interfaces Digitais em Educação: Arte, Linguagem e Cognição”, do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e ao grupo de estudos da interação dialógica e as tecnologias, do Laboratório de Estudos em Linguagem, Interação e Cognição, LELIC, com base em teorias da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin. O *EquiText*, ferramenta de escrita colaborativa na *Web* e/ou ambiente virtual de aprendizagem, desenvolvido nesta universidade, proporcionou três experimentos: dois, na Instituição de Ensino Superior 1, IES 1, com estudantes voluntários da Licenciatura em Língua Inglesa; e um terceiro, na IES 2, com professores de inglês em serviço. Além do objetivo geral de verificar as possibilidades de autoria coletiva no *EquiText*, os objetivos específicos analisaram as relações dialógicas que os participantes da pesquisa estabeleceram: i) com o *EquiText*, em referência a manifestações procedurais-simbólicas; ii) entre si (com o outro), em referência a manifestações interacionais; e, iii) com o texto, em referência a manifestações na construção textual independente da proficiência na língua inglesa. Os pressupostos teóricos foram os conceitos-chave: o *enunciado*, as *relações dialógicas*, o *texto*, conforme Bakhtin; e a *presencialidade*, conforme Axt. Os textos foram analisados em três planos: das ações nas relações dialógicas procedurais, interacionais e textuais. Os resultados apontam para as possibilidades de constituição de um autêntico *espaço-tempo de produção de autoria coletiva*, a partir da conjunção feliz de, pelo menos, duas condições: *um espaço-tempo tecnológico* de escrita colaborativa (o *EquiText*); *um espaço-tempo pedagógico* constituído pelos princípios da interação dialógica, simultaneamente atualizável, nos três planos das manifestações procedurais, das interações entre os participantes, e das relações com o próprio texto colaborativo em construção. O plano da tese abarcou cinco seções: da apresentação (1); da língua inglesa, a língua inglesa escrita, e a língua inglesa e as tecnologias de informação e comunicação (2); da apresentação do autor principal, teoria de referência e conceitos básicos utilizados (3); da metodologia da pesquisa, procedimentos e análises (4); e das considerações finais (5).

Palavras-chave: 1. Professor – Formação – Língua inglesa. 2. Ambiente de aprendizagem – Ambiente computacional. 3. Autoria coletiva. 4. EquiText. 5. Bakhtin, Mikhail Mikhailovich



## ABSTRACT

On a web-based computerized environment collective authorship was interdisciplinarily researched on teachers who were studying (graduate or extension) English as a foreign language. This study was linked to research lines “Digital Interfaces in Education, Art, Language and Cognition” of Post Graduate Programme in Computer Science in Education of the Federal University of Rio Grande do Sul, and to dialogical interaction and technologies group of studies at the Language, Interaction and Cognition Studies Laboratory, LELIC, based on Mikhail Bakhtin’s philosophy of language. *EquiText*, a tool for collaborative writing on the web and/or a virtual learning environment developed in this University, provided three experiments: two at the Institution of Higher Education 1, IES 1, with voluntary students from a Languages course – focus on the English language teaching; and a third one at IES 2 with English teachers. Besides the general objective to examine authorship using *EquiText*, specific objectives analysed dialogical relationships established by research participants: i) with *EquiText*, i.e., procedural-symbolic manifestations; ii) between themselves (with the other); and, iii) with the text, in textual construction independent from English language proficiency. The theoretical presuppositions were these key-concepts: *statement, dialogical relationships, and text*, as in Bakhtin (2000); and *presentiality*, as in Axt (2006). Texts were analysed in three dialogic action plans: procedural, interactional and textual. Results point out to possibilities of the establishment of a *collective authorship space-time production* due to a satisfying conjunction of at least two conditions: *a collaborative writing technological space-time* (the *EquiText*); and a *pedagogic space-time*, reinforced by dialogic interaction principles, simultaneously refreshable by participants in relation to the collaborative text under construction, in three manifestation plans. They are: procedural, or the relations between the “I” and the technology; interactional, or the encounter of the “I” and the other; and textual, the “I” and the written text under collective production. The thesis plan comprises five chapters: the presentation (1); the English language, written, supported by technologies (2); the presentation of main author, key concepts used, and a construct to analyses (3); the methodology, procedures, and analyses (4); and, final considerations (5).

Keywords: 1. Teacher - Education - English language. 2. The learning environment - Computational Environment. 3. Collective authorship. 4. EquiText. 5. Bakhtin, Mikhail Mikhailovich.

## LISTA DE SIGLAS

AACE – *Association for the Advancement of Computing in Education*  
ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância  
AC-AVA – Autoria Coletiva em Ambiente Virtual de Aprendizagem  
AL – Aquisição da Linguagem  
ALAC – Aprendizagem de Língua Apoiada pelo Computador  
ALE – Aquisição de Língua Estrangeira  
ALEAT – Aprendizagem de Língua Estrangeira com Apoio das Tecnologias  
ALMC – Aprendizagem de Línguas Mediada pelo Computador  
APIRS – Associação dos Professores de Inglês do Rio Grande do Sul  
ASL – Aquisição de Segunda Língua  
ASLAC – Aquisição da Segunda Língua Assistida ou Apoiada pelo Computador  
AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem  
CAL – *Computer Assisted Learning*  
CALL – *Computer Assisted Language Learning*  
CAPLITS – *Centre for Academic & Professional Literacy Studies*  
CASLA – *Computer Assisted Second Language Acquisition*  
CEFR – *Common European Framework of Reference*  
CIAPLEM/RS – Comissão Integradora de Associações de Professores de Línguas Estrangeiras Modernas do Rio Grande do Sul  
CINTED – Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias em Educação  
CMC – *Computer Mediated Communication* (Comunicação Mediada pelo Computador)  
CMLL – *Computer Mediated Language Learning*  
CNE/CES – Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior  
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
CNPq/AL-DO – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/Aluna do Doutorado  
CNRS – *Centre National de la Recherche Scientifique*  
CSCL – *Computer Supported Collaborative Learning*  
CSCW – *Computer Supported Collaborative Work*  
DE – Discurso Empoderador  
DEHLP – Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa  
DELTA – Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada  
DI – Discurso Integrador  
EAD – Educação a Distância  
EATAW – *European Association For The Teaching Of Academic Writing*  
EATAW – *The European Association for the Teaching of Academic Writing*  
ED – *Empowering Discourse*  
EGL/ILG – Inglês Como Língua Global  
EIL/ILI – Inglês Como Língua Internacional  
EJA – Educação de Jovens e Adultos  
ELF/ILF – Inglês Como Língua Franca  
ELT/ELI – *English Language Teaching/Ensino da Língua Inglesa*  
ERIC – *Education Resources Information Center*  
ESPIE – [Curso de] Especialização em Informática na Educação  
EUA – Estados Unidos da América  
EWCA – *The European Writing Centre Association*  
FACCAT – Faculdades Integradas de Taquara

FACED – Faculdade de Educação  
 FAQ – *Frequently Asked Questions*  
 FL/LE – Língua Estrangeira  
 FLA – *Foreign Language Acquisition* (Aquisição da Língua Estrangeira)  
 FLE – *Foreign Language Learning* (Aprendizagem de Língua Estrangeira)  
 FLT – *Foreign Language Teaching* (Ensino de Língua Estrangeira)  
 HTML – *HyperText Markup Language*  
 IC – Instituto de Computação  
 ID – *Integrative Discourse*  
 IES – Instituição de Ensino Superior  
 IMs – Ingleses Mundiais  
 INTERNET – Rede mundial de computadores  
 ITTE – *The Association for Information Technology in Teacher Education*  
 IWE – *International Writing Exchange*  
 L1/LM – Primeira Língua  
 L2/SL – Segunda Língua  
 LA – Lingüística Aplicada  
 LA – *Language Acquisition*  
 LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação  
 LE – Língua Estrangeira  
 LEC – Laboratório de Estudos Cognitivos  
 LELIC – Laboratório de Estudos em Linguagem, Interação e Cognição.  
 LI – Língua Inglesa  
 LILE – Língua Inglesa como Língua Estrangeira  
 MEC – Ministério da Educação  
 MySQL – *My Structured Query Language*  
 NEaD/UFMA – Núcleo de Educação a Distância/Universidade Federal do Maranhão  
 NEO – Núcleo de Educação *On-Line*  
 NEO-FACCAT – Núcleo de Educação *On-line*-Faculdades Integradas de Taquara  
 New SOED – *New Shorter Oxford English Dictionary*  
 NIED – Núcleo de Informática Aplicada à Educação  
 NUTED – Núcleo de Tecnologia Digital Aplicada a Educação  
 PEC – Programa de Estudante-Convênio  
 PERL – *Practical Extraction and Report Language*  
 PPGEDU – Programa de Pós-Graduação em Educação  
 PPGIE – Programa de Pós Graduação em Informática na Educação  
 PPGLET – Programa de Pós-Graduação em Letras  
 PPGPSICO – Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
 PUC – Pontifícia Universidade Católica  
 RENOTE – Revista Novas Tecnologias em Educação  
 RP – *Received Pronunciation*  
 RS – Rio Grande do Sul  
 SEED/MEC – Secretaria de Educação a Distância/ Ministério da Educação  
 SITE – *Society for Information Technology and Teacher Education*  
 SLA – *Second Language Acquisition* (Aquisição da Segunda Língua)  
 SLL – *Second Language Learning* (Aprendizagem de Segunda Língua)  
 TECE – Texto Escrito Colaborativamente no *EquiText*  
 TESOL – *Teachers of English to Speakers of Other Languages, Inc.*  
 TIC – Tecnologia em Informação e Comunicação  
 UCS – Universidade de Caxias do Sul

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
UNESCO – *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation*  
UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná  
UNICAMP – Universidade de Campinas  
UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
WWW – *World Wide Web* – Rede mundial de computadores  
Web – Rede  
WEs – *World Englishes* (Inglese Mundiais)

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Os Três Círculos de Kachru (1985) .....	35
FIGURA 2 – “O Modelo de Ingleses” de Modiano (1999) .....	36
FIGURA 3 – Menu de Opções do <i>EquiText</i> .....	120
FIGURA 4 – Excerto do TECE 1, <i>Collaborative writing</i> , Função Visualizar (V) .....	122

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Aquisição de Segunda Língua Apoiada Pelo Computador .....	67
QUADRO 2 – Arquitetônica Teórico-Metodológica Para a Análise das Ações das Relações Dialógicas Procedurais, Interacionais, Textuais .....	108
QUADRO 3 – Os TECE 1, 2 e 3 (três experiências, três textos, três períodos) .....	131
QUADRO 4 – Os TECE, Períodos de Realização, Planos de Análise e os Três Grupos ..	153

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 – Estratégias de Escrita Colaborativa na Web .....	73
-------------------------------------------------------------	----

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b> .....	18
<b>2 A LÍNGUA INGLESA ESCRITA EM AMBIENTE INFORMATIZADO:</b>	
<b>UM DIÁLOGO NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES</b> .....	24
2.1 A LÍNGUA INGLESA .....	24
2.2 A LÍNGUA INGLESA ESCRITA .....	49
2.3 A LÍNGUA INGLESA ESCRITA EM AMBIENTE INFORMATIZADO .....	65
2.3.1 A Atividade Escrita Realizada em Colaboração .....	68
2.3.2 A Escrita Colaborativa em Língua Inglesa Como Língua Estrangeira em Ambiente Informatizado .....	68
2.3.3 O EquiText .....	70
2.4 O PLANO DA TESE .....	77
<b>3 BAKHTIN: TEORIA E PRÁTICA EM DIÁLOGO</b> .....	81
3.1 BAKHTIN EM DIÁLOGO COM A VIDA, O MUNDO, A OBRA .....	82
3.2 BAKHTIN EM DIÁLOGO COM OS CONCEITOS-CHAVE: enunciado, relações dialógicas, texto .....	90
3.2.1 O Enunciado .....	94
3.2.2 As Relações Dialógicas .....	100
3.2.3 O Texto .....	101
3.3 BAKHTIN EM DIÁLOGO COM A TEORIA NESTA PRÁTICA .....	102
<b>4 METODOLOGIA, PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DE TEXTOS EM     DIÁLOGO</b> .....	105
4.1 A METODOLOGIA DA INTERAÇÃO DIALÓGICA .....	112
4.1.1 Sobre a Constituição Teórico-Vivencial da Professora-Estudante- Pesquisadora .....	115
4.2 PROCEDIMENTOS EMPREGADOS: aspectos diversos .....	120
4.2.1 Sobre o Histórico da Pesquisa .....	120
4.2.2 Sobre os Sujeitos da Pesquisa .....	123
4.2.3 Sobre as Experiências em Três Tempos: 2000, 2001, 2006 .....	125
4.3 COM A ANÁLISE DAS AÇÕES NAS RELAÇÕES DIALÓGICAS DAS TRÊS EXPERIÊNCIAS .....	131
4.3.1 No Plano das Ações nas Relações Dialógico-Procudurais e a 1ª Experiência .....	133



4.3.2 No Plano das Ações nas Relações Interacionais e a 2ª Experiência .....	139
4.3.3 No Plano das Ações nas Relações Textuais e a 3ª Experiência .....	147
<b>5 À GUIA DE CONCLUSÃO .....</b>	<b>155</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>163</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>182</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>191</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

Este estudo analisa, dialogicamente, a Autoria Coletiva em Língua Inglesa (LI) como Língua Estrangeira (LE) em Ambiente Informatizado – o *EquiText* – na Perspectiva da Formação de Professores. É de caráter interdisciplinar. Situa-se na linha de pesquisa “Interfaces Digitais em Educação, Arte, Linguagem e Cognição”, do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, PPGIE, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Integra a pesquisa desenvolvida no Laboratório de Estudos em Linguagem, Interação e Cognição, LELIC, da Faculdade de Educação, da UFRGS, no grupo de estudos da interação dialógica e as tecnologias, com base em conceitualizações teóricas da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin.

Com formação em Letras, Licenciatura em Português e Inglês e respectivas Literaturas, no curso de graduação, e Lingüística, no mestrado, a língua inglesa escrita tem sido, para nós, importante espaço de agir, pensar e escutar a expressão lingüística e discursiva de alunos, colegas e usuários da língua, em geral, por mais de 30 anos, em diferentes situações do cotidiano do ensino e uso desta língua. É o inglês uma de nossas principais ferramentas de trabalho e de comunicação. Dessa vivência, tanto no Brasil como no exterior, na capital e no interior do estado, nas redes de ensino, pública e privada, vimos a necessidade de observar, com mais detalhe, as condições de que dispõe o professor de língua inglesa, em formação, pré e em serviço, na graduação e na extensão, de seu posicionar-se como autor de seu texto, de seu fazer acadêmico e pedagógico, através de ações de ensino/aprendizagem em seu trabalho com a escrita, nesta língua estrangeira, com ênfase no apoio das tecnologias da informação e comunicação, as TIC.

Nesta perspectiva, buscamos reconhecer no professor das áreas do ensino de línguas estrangeiras, que entendemos estar em formação permanente, e que vai atuar ou mesmo já atua no ensino fundamental e médio, suas potencialidades para o trabalho criativo e inovador com a escrita e esta trabalhada no computador *on-line*. Durante essa formação acadêmica em foco, graduação e/ou extensão, procuramos verificar, através de experimentações diferenciadas, que, em nosso entendimento, pressupõem a presença real/virtual de um outro, seja esse outro a tecnologia, seu(s) colega(s), ou mesmo um texto coletivo em construção por esses professores, como se dá a construção desse texto com o apoio do computador na *Web*, num ambiente informatizado de uma ferramenta de escrita colaborativa, como o *EquiText*. Durante essas experimentações, que podem ocorrer em uma sala de aula informatizada, ou

não, em presença do professor, ao vivo, ou a distância, experiências interessantes podem emergir. E, desses textos emergentes, produzidos coletivamente no *EquiText*, por exemplo, ações autorais podem se tornar visíveis e analisáveis com o auxílio de ferramentas teóricas, segundo a ótica desta pesquisadora.

Em vista dessas possibilidades autorais de experimentações com a escrita em LILE, no *EquiText*, apostamos haver um espaço diferenciado à produção textual aberta ao alternativo, livre de formalismos excessivos, e que possa contribuir à formação de professores da área de línguas estrangeiras.

A problemática da escrita na formação do professor de LI é recorrente e com repercussão na prática docente nas escolas da rede pública e privada do Brasil. É sabido que o domínio da escrita, em geral, é fator de preocupação de qualquer profissional de nível superior, em particular daquele que atua na formação de professores de línguas. Nesse contexto, destacamos a língua inglesa, entendida como língua estrangeira, sendo a escrita uma das habilidades lingüísticas que um professor ensina nas aulas de LI. Porém, a dificuldade de professores serem eles próprios proficientes nesta habilidade, um fato muitas vezes tornado público em eventos escolares ou de classe, tem levado esses profissionais da educação à formação continuada, em vista da necessidade do permanente aprimoramento no ensino das habilidades lingüísticas numa língua estrangeira, neste caso em língua inglesa.

A escrita é uma das habilidades que, ao ser apoiada pelo computador *on-line*, tem um universo de novas possibilidades de trabalho com a LI: é, a um só tempo, desafio e oportunidade de criação e expressão, desde a realidade local à internacional.

Nesse contexto, vem sendo exigido do professor de línguas não só conhecer e entrar nessa sintonia de ampliação do uso da LI nos campos da Comunicação Mediada pelo Computador (CMC) e da Aprendizagem de Língua Estrangeira com Apoio das Tecnologias (ALEAT), como saber usar tais recursos para fins educacionais e do cotidiano comunicacional, em modalidades de ensino presencial, semipresencial ou a distância.

Esses novos envolvimento com a tecnologia e a escrita têm levado o professor atento a repensar e mesmo reconfigurar seus modos de ensinar a LI, no atual contexto expansionista desta LE. A abordagem comunicativa, nesse momento, é duplamente beneficiária das facilidades que as TIC oferecem aos usuários da língua inglesa: na desenvoltura lingüística (acesso ao conhecimento do uso escrito da língua) e no domínio das competências comunicativas nas interações, pela escrita na LI, nos muitos ambientes e ferramentas disponíveis na *Web*, que requerem a escrita como meio de troca informacional e de saberes. Ambientes de acesso livre para a escrita colaborativa em nível até internacional, as

comunidades virtuais e ferramentas para atividades colaborativas vêm, de modo crescente, favorecendo o desenvolvimento da escrita – e da leitura – e seu uso em diferentes circunstâncias comunicacionais. A escrita em ambientes *on-line* é a modalidade de comunicação apoiada pelo computador mais praticada por pessoas letradas também na língua inglesa.

A comunicação na *Web* – neste quase final de primeira década dos anos 2000 – representa uma grande parcela das comunicações no mundo entre indivíduos, grupos, instituições, governos. Há não muito tempo atrás, essas comunicações se faziam em papel, sob a tutela dos Correios & Telégrafos (rodoviário, aéreo, marítimo), por mensagens de sons, cujas ondas e sinais eram capturados por aparelhos especiais, como o rádio, o telégrafo, telefonia fixa, ou ainda por imagens, capturadas por recursos em vídeo, entre outros. Esses meios ainda existem e coexistem com o que há de mais sofisticado no mundo das tecnologias informatizadas. Novas subjetividades e necessidades de convivência entre o tradicional e o novo perpassam todas as instâncias sócioeconômicas da vida em comunidade, uma vez que essas tecnologias alcançam tanto as cidades como o meio rural, muitas vezes rompendo com as diferenças sócioeconômicas. As pessoas que se comunicam através da escrita, especificamente produzida na língua inglesa em ambientes informatizados na *Web*, precisam se adequar, e velozmente, a esses novos movimentos. Perguntamo-nos, pois, se currículos, cursos, disciplinas da graduação, extensão e pós-graduação, ministrados por Instituições de Ensino Superior, eticamente responsáveis pelos profissionais que delas egressam, têm acompanhado essas novas demandas e atualizado parâmetros e paradigmas de ensino e pesquisa nesse mesmo ritmo. Ainda, se seus beneficiários têm podido usufruir dessas atualizações em suas práticas de ensino (pré e em serviço).

Neste cenário vário, múltiplo e rico em diferentes realidades e possibilidades comunicacionais, novas relações se constituem entre as pessoas e estas perpassam seus efeitos na comunicação escrita. As línguas escritas, seja em português, chinês, inglês, estão no ar, na tela dos computadores, nos espaços informatizados do mundo virtual. Muitas ferramentas e ambientes de comunicação síncrona (salas de bate-papo) e assíncrona (fóruns, *e-mail*, listas de discussão, ferramentas interativas e de escrita colaborativa) são movimentados por meio de interações textuais em diferentes estilos e modalidades de letramento<sup>4</sup>. Mesmo os ambientes

---

<sup>4</sup> O processo de letramento, na perspectiva de Soares (2002), se localiza na “[ . . . ] diferenciação entre a cultura do papel e a cultura da tela, ou cibercultura”. O letramento, então, se institui “[ . . . ] entre tecnologias tipográficas e tecnologias digitais de leitura e de escrita, a partir de diferenças relativas ao espaço da escrita e aos mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita” (SOARES, 2002, p. 143). Essa autora chama a atenção para os efeitos sociais, cognitivos e discursivos como elementos determinantes nas diferentes

de comunicação de transmissão por vídeoteleconferência, como o *Macromedia*® *Breeze*<sup>5</sup>, por exemplo, beneficiam-se do apoio do texto escrito para consolidar uma interação em processo. Apenas som e imagem (por vídeo *streaming*, por exemplo), em algum momento, igualmente requerem apoio do texto escrito.

É a escrita, portanto, no contexto de formação no ensino superior brasileiro, um dos meios que mais aproxima pessoas na comunicação, principalmente pela penetração dos ambientes virtuais de apoio ao ensino a distância, EAD, no mundo educacional, a exemplo do **TelEduc**, **Eduline**, **Forchat**<sup>6</sup>. E, com o apoio de uma ferramenta de escrita colaborativa na *Web*, o **EquiText**<sup>7</sup>, para este estudo, promovemos experiências com a livre produção de textos coletivos em língua inglesa como língua estrangeira, LILE, no contexto da formação de professores pré e em serviço. Os textos em LILE resultantes de algumas dessas experiências realizadas no *EquiText* são analisados neste estudo para conhecermos e verificarmos as possibilidades de autoria coletiva nesta ferramenta, com professores em formação (graduação e extensão) na área do ensino de língua inglesa como língua estrangeira, para o ensino fundamental e médio.

Enquanto aluna do doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLT8 – e aluna PEC do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação<sup>9</sup>, prestávamos colaboração à Instituição de Ensino Superior “Ritter”, na condição temporária de professora-substituta no Curso de Letras, 2º semestre do ano de 2000 e 1º semestre de 2001. Naquele contexto, fomos motivadas a realizar duas das três experiências em análise na seção 4, deste

modalidades de letramento. Conforme o *NEW SOED* (1996, versão 1.0.03), letramento é: “*The quality or state of being literate; knowledge of letters; condition in respect to education, esp. ability to read and write. COMPUTER literacy.*” Traduzindo, letramento é: “A qualidade ou o estado de ser letrado; ter conhecimento das letras; condição com respeito à educação; especificamente, a habilidade de ler e escrever. *Letramento* de computador.” Warschauer (2007) faz referência ao *site* de rede social: <<http://www.fanfiction.net>>, interessante para o desenvolvimento de língua (estrangeira, também) e letramento, associando letramento e tecnologia informatizada, na *web*.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.adobe.com/education/>> Acesso em: 14 maio 2008.

<sup>6</sup> **TelEduc**, ambiente virtual de aprendizagem, oferece ferramentas síncronas e assíncronas de interação *on-line*, uma criação conjunta do Núcleo de Informática Aplicada à Educação, NIED, e do Instituto de Computação, IC, da UNICAMP, SP; **Eduline**, ambiente virtual de aprendizagem, com ferramentas síncronas e assíncronas de interação *on-line*, uma criação do Núcleo de Educação *On-Line*, FACCAT, RS; **Forchat** ferramenta-ambiente virtual de aprendizagem, com características de fórum e *chat*, uma criação do Laboratório de Estudos em Linguagem, Interação e Cognição, LELIC, UFRGS, RS. Os três ambientes informatizados citados foram criados com o objetivo de promover a formação de professores para a EAD.

<sup>7</sup> O *EquiText* foi concebido visando sua distribuição gratuita aos interessados, desde que sejam referenciados os créditos de sua autoria e registro: SEIXAS, L.M.J., RIZZI, C.B., ALONSO, C.M.M., COSTA, J.S., TAMUSIUNAS, F.R., ROSA, A. (2000a) Atualmente o *EquiText* está em fase de pesquisa e aperfeiçoamento, em busca de financiamentos que possam dar suporte a sua distribuição e manutenção.

<sup>8</sup> Na ocasião bolsista do CNPq, AL-DO/PPG-LET, de agosto de 1999 a maio de 2003. Os estudos desenvolvidos com e no *EquiText*, em 2000 e 2001, foram realizados sob os auspícios desta Instituição a quem somos muito gratas!

<sup>9</sup> De março de 1999 a dezembro de 2004.

trabalho, TECE 1 e TECE 2, durante dois semestres acadêmicos, em 2000 e 2001. Nessa ocasião, o trabalho no *EquiText* se desenvolvia concomitante com uma proposta de projeto de pesquisa (Anexo D) para o desenvolvimento da escrita em LILE, em espaço alternativo na *Web*, em horário extra-classe. À medida que o projeto andava, ou seja, que a tarefa de escrita colaborativa no *EquiText* se constituía, produzíamos artigos com nossos estudos dessas experiências, e os apresentávamos em eventos de informática educativa, no exterior<sup>10</sup>. Essas experiências pioneiras com o *EquiText* e a língua inglesa, nessa IES, catalisaram outras iniciativas acadêmicas para se pensar o ensino com o apoio das TIC: desde sua inclusão em currículos de cursos novos, em fase de avaliação do MEC, à promoção de formação de professores, também com as TIC, e, mais adiante, com o lançamento do primeiro grupo de discussão da IES para o lançamento do embrião da educação a distância, EAD, que ali começava a ser concebido. Sua primeira geração iria acontecer cerca de dois anos depois, sob a coordenação de uma professora, doutoranda do PGIE, e uma das primeiras alunas do Curso de Especialização em Informática na Educação, da UFRGS, abrindo uma rede de novos interessados, que incluía participantes dos Cursos de Letras, Educação, Administração e outros. Outras iniciativas de trabalho com o *EquiText* foram acontecendo, nessa e outras instituições de ensino superior, sendo uma delas a que se deu em 2006, constituindo a terceira experiência deste estudo, o TECE3, com um grupo de professoras em busca de formação continuada em língua inglesa e as tecnologias. Na seção 4, estudos dos textos produzidos durante as três experiências destacadas para esta tese são apresentados em maior detalhe.

Nosso estudo foi encontrar nas conceitualizações teóricas de Bakhtin, produzidas entre 1952-1953, 1959-1961 e em 1974, contidas na obra “Estética da Criação Verbal (2000), principalmente, sustentação teórica aos **pressupostos** deste estudo, mais especificamente nas noções de **enunciado** (o elo concreto na complexa cadeia da comunicação, no discurso escrito, que pressupõe alternância de sujeitos, o querer dizer algo e o acabamento desse pensamento escrito), de **relações dialógicas** (enunciados em relação de diálogo, quando do encontro de duas consciências; as ações que as movem são de diferentes naturezas) e de **texto** (espaço onde o enunciado se constitui, quando se liga à cadeia da comunicação escrita, na interação com outro enunciado, no processo das relações que se estabelecem entre eles). As peculiaridades desses três conceitos-chave, especialmente as que dissecam organicamente o *enunciado*, assim como as especificidades das *relações dialógicas* e do *texto* bakhtiniano,

---

<sup>10</sup> Em conferências internacionais anuais do SITE - *Society for Information Technology in Education* – em 2000, 2001, 2002; do ITTE – *Information technology and teacher Education*, em 2001, País de Gales, GB.

enriquecidas da noção de *presencialidade*, constituem os elementos que erguem e sustentam a arquitetura teórico-metodológica deste estudo.

A autoria escrita em língua inglesa, assim como em qualquer língua, se dá na comunicação, no encontro de idéias, na interação dialógica, e esta, na realidade contemplada neste estudo, se faz apoiada pelas tecnologias<sup>11</sup>.

Este estudo contribui com originalidade às áreas de estudos interdisciplinares do PPGIE, principalmente à linha de pesquisa **Interfaces Digitais em Educação, Arte, Linguagem e Cognição**. Oferece um outro olhar à formação de professores em língua inglesa, especificamente na questão da escrita, ou melhor, da autoria coletiva em ambiente informatizado. Em vista do aporte teórico-metodológico construído para a análise dos textos ser uma produção autoral original, convém mencionar nossa vinculação aos estudos desenvolvidos pelo grupo de pesquisadores do Laboratório de Linguagem, Interação e Cognição, LELIC, UFRGS, composto por Professores Doutores, doutorandos, mestrandos, estudantes da graduação, além de colaboradores, de diferentes origens e ênfases acadêmicas.

Esta autora, participante desse grupo de estudos, encontra na Filosofia da Linguagem, de Mikhail Bakhtin, principalmente, suporte teórico-conceitual para conduzir as análises aqui desenvolvidas, a partir de vivências em situações práticas de ensino. A potência da metodologia de análise criada com base em pressupostos dialógico-interacionais bakhtinianos contribui à discussão da autoria coletiva em ambiente informatizado, uma questão de interesse crescente por parte de professores de língua, em geral, e da disciplina de língua inglesa, que deverão atuar, ou já atuam, no ensino presencial e a distância, de acordo com as novas tendências do ensino, pesquisa e extensão, no Brasil e no mundo.

No próximo capítulo, damos início ao trabalho propriamente dito, apresentando uma revisão histórico-metodológica, crítico-reflexiva, do ensino da língua inglesa como língua estrangeira, a LILE, situada entre o global e o local, seguida de seção com ênfase no trabalho de ensino da escrita e, por fim, fazemos menção ao ensino da língua inglesa apoiada pelas tecnologias da informação e comunicação, as TIC, e ao *EquiText*, uma ferramenta de escrita colaborativa na *Web*, utilizada nas experiências trazidas para análise neste estudo, tendo por norte a perspectiva da formação de professores, graduação e extensão.

---

<sup>11</sup> Na concepção de Pierre Lévy (1993, p. 181): “Todas as técnicas, e não somente as tecnologias intelectuais, podem ser analisadas em redes de interfaces. Armas, ferramentas, diferentes máquinas, como os dispositivos de inscrição ou de transmissão, são concebidos precisamente para imbricarem-se o mais intimamente possível com módulos cognitivos, circuitos sensório-motores, porções de anatomia humana e outros artefatos em múltiplos agenciamentos de trabalho, guerra ou comunicação. Essa concepção de Lévy dista da de Bakhtin, mas entendemos corrobora ao cenário deste trabalho. Semelhante à essa linha de pensamento, temos em Maraschin e Axt (2006) a noção de ‘acoplamento tecnológico e cognitivo’ que abraça os novos agenciamentos na convivência com as TIC.”

## 2 A LÍNGUA INGLESA ESCRITA EM AMBIENTE INFORMATIZADO: UM DIÁLOGO NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

### 2.1 A LÍNGUA INGLESA

Iniciamos este estudo focalizando, em primeiro lugar, a língua inglesa, uma das principais línguas de comunicação no e com o mundo, e a formação de professores de língua inglesa no Brasil. No contexto brasileiro, esta é uma das línguas estrangeiras mais ensinadas nas escolas de ensino fundamental e médio, certificada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996<sup>12</sup>. É desejável, portanto, que o domínio de suas habilidades lingüísticas (ouvir-falar-ler-escrever) possa ser desenvolvido de modo satisfatório, competente e autônomo. O espaço da formação docente nos Cursos de Letras acontece durante a graduação, extensão e pós-graduação, conforme consta nas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Letras, CNE/CES 492/2001, de 03 de abril de 2001. Esse contexto de ensino-aprendizagem e formação docente apresenta necessidades peculiares, e o desenvolvimento da escrita em língua inglesa é uma delas.

Em segundo lugar, examinamos a língua inglesa escrita, da perspectiva da formação de professores, levando em conta aspectos de sua historicidade, enfoques metodológicos, que aceleradamente vêm apresentando mudanças desde a segunda metade do século XX. A pesquisa e o ensino da língua inglesa acompanham essas transformações, que têm ocupado especialistas nos campos das ciências da linguagem (lingüistas, psico e sociolingüistas, aquisicionistas, antropólogos, pedagogos), em vista de sua expansão no mundo, por entre povos de culturas tão diferentes e variadas quantas são as suas necessidades de uso (SAMOVAR e PORTER, 1997, RICHARDS, 2002, HYLAND, 2002, 2007). E, do plano do trabalho com a escrita, é crescente o interesse de estudiosos em acompanhar as ações nas relações interpessoais e grupais decorrentes da presença cada vez mais forte da tecnologia no cotidiano das pessoas em geral e escolar, em particular. Nesses processos, mencionamos estudiosos e tendências de ensino e pesquisa em áreas de interesse da linguagem verbal, comunicativa, escrita, que se vinculam aos campos de estudos como a sociolingüística interacional, o ensino de segunda língua/língua estrangeira, a aprendizagem de línguas apoiada pelo computador. Em decorrência, há repercussão nas metodologias que

---

<sup>12</sup> § 5º. “Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.”



fundamentam as atividades pedagógicas que se preocupam com o desenvolvimento da escrita, com suporte da tecnologia informatizada, com ênfase em ambientes informatizados colaborativos na *Web*.

Em terceiro lugar, damos destaque para a língua inglesa escrita em ambiente informatizado, especialmente na modalidade colaborativa, e, mais especificamente ainda, na ferramenta *EquiText*, uma ferramenta de escrita colaborativa na *Web*, em que textos nela produzidos, por estudantes de Letras, são aqui analisados. Assim, a escrita na língua inglesa apoiada pelo computador e este em conexão com a *Web*, através de ambientes informatizados, como o *EquiText*, por exemplo, aponta para novas possibilidades de produção textual ou letramento no discurso escrito. À medida que os usuários – neste caso, professores em formação no ensino da língua inglesa em escolas públicas e privadas – vão utilizando a tecnologia e dela se apropriando, parágrafos e textos vão sendo produzidos colaborativamente, no *EquiText*. Dos processos de escrita no *EquiText*, envolvendo relações de diálogo desses sujeitos com a tecnologia, com o outro, e com o texto propriamente dito, vêm os excertos (em parágrafos) que sustentam as análises das produções realizadas nesta ferramenta. A problemática central desta pesquisa, em conjunto com objetivos, pressupostos teóricos e limitações finalizam a apresentação desta seção acerca da autoria coletiva em ambiente informatizado, na perspectiva da formação de professores em língua inglesa.

A língua inglesa está em evidência neste estudo porque é a língua estrangeira em que nós obtivemos formação na graduação e na pós-graduação e por ser, ainda, a principal língua estrangeira estudada/ensinada no Brasil. Institucionalizou-se como língua moderna, escrita, autônoma, oficial da Inglaterra, no século XIV, tendo nos consagrado “Contos de Canterbury”, inicialmente construídos no imaginário popular, coletivo, oral, um de seus marcos autorais. Sua expansão no mundo tem acompanhado a trajetória histórica dos países que a utilizam para estabelecer contato com países cuja língua oficial é o inglês, assim como com países em que a comunicação não poderia acontecer sem a sua mediação. Em vista desse cenário, é, de um modo geral, a língua estrangeira mais procurada por estudantes do ensino fundamental e médio, além de profissionais das mais diversas áreas do mundo do trabalho, desde as relações empresariais às relações com a ciência e tecnologia, com o turismo, com a educação, em decorrência, sem deixar de mencionar seu largo uso nas comunicações pela Internet. É ouvida, falada, lida e escrita por milhões de falantes oriundos dos países que a têm como oficial e por outros milhões de falantes que a utilizam na comunicação cotidiana, jornalística, científica. Como se apresenta em códigos, registros e estilos variados (LABOV, 1976, GRADDOL, 2006, JENKINS, 2006) suas formas locais, regionais, nacionais,

internacionais, globais, mais cultas, menos cultas, dialetais, que vão do “*Queen’s English*”, o *Received Pronunciation - RP*<sup>13</sup> ao *cockney*<sup>14</sup> londrino, ao inglês dos escoceses, irlandeses, galeses; das variações cultas-padrão do inglês dos Estados Unidos, Canadá, África do Sul, Austrália, Nova Zelândia; dos ingleses da Índia, Cingapura, Hong Kong, língua oficial, mas não exclusiva, conforme Parasher, 2001, ao inglês ensinado e usado no Brasil, como língua estrangeira. Como anuncia Graddol, em sua obra sobre a atual situação da língua inglesa no mundo e suas tendências de uso, “[ . . . ] este não é o inglês que nós conhecemos e vimos ensinando no passado como língua estrangeira [ . . . ]” (GRADDOL, 2006, p. 11). Todavia, é nesse coletivo de “ingleses mundiais” usados por todos os cantos deste planeta, para diversos fins e motivos, em matizes diferentes, a despeito dos formalistas, que milhões de pessoas em comunicação direta e pela Internet vêm construindo relações de vida nas tensões do cotidiano sóciolingüístico-cultural em que hoje vivemos. Nessa intensa e ampla zona de comunicação sem fronteiras, o inglês, que perpassa o mundo dos negócios, da ciência e tecnologia, dos relacionamentos grupais e afetivos, de uma maneira ou de outra faz ecoar seus sons e textos nesses espaços reais e virtuais. Nessa complexidade constitutiva, o inglês como língua do mundo, ora se flexibiliza ora se adapta frente aos novos contingentes de usuários, numa mistura de peculiaridades próprias de sua origem anglo-saxônica com sons, grafias, sintaxes e semânticas que toma emprestado de outras línguas, formando um amálgama lingüístico que nunca se repete da mesma forma nos lugares por onde é usado. Professores em serviço e em formação na língua inglesa, como língua estrangeira, ao construir essa consciência para melhor se apropriar desta língua em contínua transformação, estão preparando a si próprios e seus alunos para atuar com mais eficiência nesse contexto heterogêneo. Na Europa foi instituído o *Common European Framework of Reference (CEFR)*, ou Padrão de Referência Comum Europeu, para o ensino de línguas, que procura “[ . . . ] oferecer uma abordagem uniforme para alcançar os níveis em todas as línguas, empregando a concepção de uso de afirmativas de ‘poder fazer’ em lugar de focalizar os aspectos de falha [ . . . ]” (GRADDOL, 2006, p. 84). No Brasil, as Orientações Curriculares (2006) preconizam que seja o ensino de língua inglesa um projeto inclusivo que vá além do que pais e professores defendem, ou seja, da “[ . . . ] necessidade da língua inglesa no currículo em vista do mercado ou das exigências

<sup>13</sup> Corresponde ao “inglês da rainha”; RP, “[ . . . ] received pronunciation, the form of spoken British English based on educated speech in southern England and considered to be least regional.”, segundo o *New Shorter Oxford English Dictionary – New SOED*. Traduzindo: RP, “[ . . . ] pronúncia recebida, forma falada do inglês britânico baseado na fala educada do sul da Inglaterra e considerada a menos regional.”

<sup>14</sup> De acordo com o *New SOED*, “*A native of London, esp. of the East End or speaking its dialect; the dialect of the East End of London.*” Traduzindo: “Um nativo de Londres, especialmente do [bairro] *East End*, ou que fala seu dialeto; dialeto do *East End* de Londres.”

tecnológicas, ou porque esse é o idioma da globalização”, conforme dita a posição de Graddol em trabalho publicado pelo *British Council*<sup>15</sup>. Seus autores propõem que seja feita uma reflexão que

[ . . . ] pode nos ensinar sobre os diferentes valores do que é global (universal, exterior, de um grupo de países desenvolvidos, que, por sua força político-econômica, se apresentam como modelos sociais) e do que é local (regional, interior, de uma comunidade ou de grupos com características próprias), levando-nos a pensar sobre a perspectiva hierárquica entre esses dois *modus vivendi* e a relativizá-la (GRADDOL, 2006, p. 96).

É nessa miríade de situações, pois, que o ensino da língua inglesa acontece no Brasil e no mundo, quer em sala de aula presencial quer a distância. Nessas situações, nós professores trabalhamos com valores, modelos de vida e de expressão de outras culturas em conjunto com as nossas culturas brasileiras, tão distintas entre si. Na verdade, essas outras culturas, que podem não estar geograficamente distantes de nós, constituem as próprias culturas que nós, professores e alunos, carregamos junto com nossas vivências e que naturalmente carregam consigo traços peculiares para os registros escritos.

Hyland (2007), ao abordar recentemente a prática da escrita do inglês como segunda língua para professores em serviço e em formação em contextos específicos, parte da premissa de que um professor eficiente é um professor reflexivo e essa reflexão requer conhecimento para relacionar atividades de sala de aula à teoria e pesquisa relevantes. Enfatiza sobretudo a noção de que

[ . . . ] a escrita envolve habilidades de composição e de conhecimento sobre textos, contextos e leitores [ . . . ] e os escritores necessitam de estratégias realistas para fazer rascunhos e revisões, assim como ter um entendimento claro de gênero para estruturar suas experiências de escrita de acordo com as exigências de determinados contextos (HYLAND, 2007, p. xv).

Afirma ainda este autor – o que nós temos visto e vivido pessoalmente em mais de 20 anos de prática de ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira, em cursos eletivos e de formação – a respeito das situações em que professores de inglês se encontram para atender às demandas do mercado de trabalho, necessidades e interesses dos alunos, em diferentes faixas etárias,

[ . . . ] professores trabalham numa variada gama de situações – em escolas, faculdades, universidades, setores de treinamento em corporações, em institutos de línguas – com alunos com diferentes motivações, proficiências,

---

<sup>15</sup> O *British Council*, ou Conselho Britânico, disponibiliza este texto do lingüista David Graddol em: <<http://www.britishcouncil.org/br/brasil-education-elt.htm>> Acesso em: 27 mai. 2008.

históricos lingüísticos e necessidades. (HYLAND, 2007, p. xvi, tradução nossa)<sup>16</sup>

Nesse contexto de múltiplas complexidades no trabalho com a língua inglesa, Hyland (2007) enfatiza as estratégias, a própria língua e o letramento, o que em última instância resulta no gênero empregado pelos usuários de um desses “inglês mundiais”. Em decorrência, este autor e nós também vemos a necessidade de se traçar políticas públicas e pedagógicas coerentes com a visão crítica e reflexiva empregada na formação educacional em língua estrangeira, onde ela estiver situada e em consonância com o quadro mundial.

Estudiosos da linguagem como Phillipson (1992), Pennycook (2002, 2003, 2004), no exterior, Moita-Lopes (1982, 1994, 1999), Cox e Assis-Peterson (2001), Rajagopalan (2003, 2005a/b), Leffa (2006), no Brasil, têm contribuído para essa discussão na subárea de estudos de inglês como língua estrangeira, ILE, na pedagogia crítica ou teoria crítica (BENSON, 1997), os quais põem em discussão questões sobre metodologia de ensino de língua e a noção de autonomia do aprendiz. Outros trabalhos, em sociolingüística, com Hill (1999), Pennycook (2003, 2005), Rampton (1995, 1999), apontam para as diferentes formas de se entender as relações entre língua, identidade e uso.

Marcuschi (2005), em *Conversas com Lingüistas* (XAVIER; CORTEZ, 2005), ao ser questionado sobre a possibilidade de haver vínculos entre língua, pensamento e cultura, afirma não haver necessariamente esse vínculo, porque “[ . . . ] o que acontece é que a língua não é uma representação da realidade, como se fosse um espelho, como se fosse uma fotografia [ . . . ] nem uma imitação [ . . . ]” (XAVIER; CORTEZ, 2005, p. 133). No seu entender:

A língua é mais do que um conjunto de elementos sistemáticos para *dizer* o mundo. Ela não é um simples sistema de representação mental nem um sistema de comunicação apenas. Língua se manifesta como uma atividade social e histórica desenvolvida interativamente pelos indivíduos com alguma finalidade cognitiva, para dar a entender ou para construir algum sentido. (XAVIER; CORTEZ, 2005, p. 132)

Nesse contexto, de certo modo revelado acima por Benson, Hill, Rampton e Marchuschi, nós, professores, estudiosos e aprendizes da língua inglesa, nos deparamos com nossa posição de observadores da expansão mundial do inglês, e buscamos ver que implicações esses movimentos globais ou mundiais exercem no ensino da língua inglesa no Brasil. São muitas as peculiaridades locais que o inglês carrega consigo além de ser a língua

---

<sup>16</sup> Texto original: “[ . . . ] that teachers work in a range of situations – in schools, colleges, universities, corporate training divisions, and language institutes – with students of different motivations, proficiencies, language backgrounds, and needs.”

internacional número um, a língua franca, língua do mundo. É impregnado de marcas culturais, históricas, econômicas: sua prática oral e escrita modifica e se modifica por onde se instala. Sua característica integrativa e/ou desintegrativa<sup>17</sup> é perceptível, envolta em uma aura de aparente neutralidade. Contudo, sabemos haver nesses processos modelos de ensino de língua inglesa espalhados pelo mundo, que carregam consigo ações lingüístico-pedagógicas uniformizadoras e que garantem a sustentabilidade de uma indústria de ensino de inglês no mundo<sup>18</sup>.

As autoras Cox e Assis-Peterson (1999), em estudo acerca das imagens que os professores brasileiros fazem do ensino da língua inglesa, do ponto de vista da pedagogia crítica, sugerem que os professores de inglês se perguntem sobre:

O que significa aprender inglês em vista das atuais relações de poder no mundo?, e acreditam que os professores de inglês [brasileiros] deveriam ter consciência da dimensão política do ELT/ELI e duvidar das ideologias que subjazem à construção da natureza global da língua inglesa como neutra. (COX; ASSIS-PETERSON, 1999, p. 434, tradução nossa)<sup>19</sup>

Neste estudo, em resposta à pergunta: “O que os professores de inglês sabem sobre e pensam da pedagogia crítica?” (COX; ASSIS-PETERSON, 1999, p. 438), as autoras se apóiam em Pennycook (1994), que desmistifica a representação apolítica da neutralidade do inglês como uma língua do mundo todo. Reforçam seu pressuposto de que “[ . . . ] se o inglês é uma língua através da qual forças neo-colonialistas operam, então contra-discursos precisam ser articulados em inglês.” (COX; ASSIS-PETERSON, 1999, p. 438)

Dois grupos de professores são estudados pelas pesquisadoras: o grupo do “discurso integrador” (DI), a favor do inglês como língua dominante e necessária à ascensão social no

<sup>17</sup> Vocábulo utilizado na acepção dicionarizada (DEHLP), significando “capaz de integrar, próprio para integrar; integrador, integrante”. Opõe-se à desintegrativo. Pretendemos, com este enunciado, fazer referência ao caráter que uma língua dominante tem de exercer influência sobre uma dada língua local, assim como ela própria sofrer os impactos de estruturas lingüísticas, sejam elas fonológicas, sintáticas, semânticas. Por exemplo, em português, valemo-nos de vocábulos como: *site*, *web*, *mouse*, já dicionarizados, em contexto informático, quando poderíamos perfeitamente utilizar as palavras do vernáculo: “sítio”, “rede”, “camundongo” ou “ratinho”. Por outro lado, são usados em inglês os vocábulos “bossa-nova”, “samba” e “carnaval”, ligados à cultura brasileira, e certos vocábulos italianos, no contexto musical, e franceses, no âmbito da gastronomia. Línguas em contato, bilingüismo, e outros fenômenos estudados pela lingüística aplicada e a sociolingüística.

<sup>18</sup> Editoras tradicionais como *Oxford Univeristy Press* e *Cambridge University Press*, por exemplo, são vinculadas a Instituições de Ensino Superior seculares, que pesquisam, publicam e distribuem materiais de ensino no mundo todo. A Cambridge é uma líder mundial em: “*English Language Teaching (ELT) books and resources and is well established as a publisher of books for schools in the United Kingdom, Australia and Africa. Cambridge-Hitachi – a joint venture between Cambridge University Press and Hitachi Software Engineering – produces a range of curriculum-based software developed with the changing needs of today’s teachers in mind. Cambridge Learning consolidates these strands of educational publishing into a single brand.*” Texto da editora, disponível em: <<http://www.cambridge.org/about/>> Acesso em: 10 jun. 2008.

<sup>19</sup> Texto original: “*What does it mean to learn English in light of current global power relationship? English teachers should be aware of the political dimension in ELT and mistrust underlying ideologies that construct the global nature of English as neutral.*”

mundo do trabalho, da ciência e tecnologia; e o grupo do “discurso empoderador” (DE)<sup>20</sup>, em número menor, composto pelos professores que têm consciência da supremacia econômica atrelada à expansão da língua inglesa no mundo e discutem abertamente com seus alunos essa força ideológica por traz dos limites lingüísticos. Elas reconhecem que “[ . . . ] há uma indústria de materiais e recursos intangíveis patrocinados por libras e dólares que controlam o ELT/ELI no mundo [ . . . ]” (COX; ASSIS-PETERSON, 1999, p. 447): questão que mereceria uma discussão mais ampla, envolvendo professores universitários, professores em formação universitária e professores que já atuam em sala de aula, para discutir que modelos, metodologias, técnicas e tecnologias de uso e apoio ao ensino do inglês como língua estrangeira seriam mais viáveis à situação escolar do Brasil.

De qualquer modo, é nesse contexto, entre um discurso integrador (DI) e um discurso empoderador (DE), que educadores brasileiros de línguas/língua estrangeira se encontram, tanto em situação *pré* como *em serviço*, ensinando/educando crianças, jovens e adultos brasileiros em escolas com espaços e materiais ditos por vezes precários e de baixa qualidade, conforme declarações de professores participantes de eventos como o IV Seminário de Professores de Língua Estrangeira, no RS, em 2005<sup>21</sup>. Entrementes, há ainda quem queira realizar a formação docente em instituições de ensino superior, há quem queira retornar aos bancos universitários para novos desafios na pós-graduação em língua, linguagem e educação, há quem queira participar de cursos na educação continuada para aprimorar-se na educação em e com a língua inglesa para encontrar novos modos de trabalhar em sala de aula (MENTI, 2005)<sup>22</sup>.

Voltando ao cenário mundial, grupos de usuários desses “inglês” no mundo (ocidental e oriental) o fazem na comunicação: I) oral, em suas diferentes manifestações em presença, no face a face, ou mediada por tecnologias, como o telefone, a videoconferência; II) escrita, através de diversos suportes ou espaços de desenvolvimento da escrita, conforme Bolter, 1991; e, III) ou num misto entre o oral e o escrito, com os novos letramentos ou modalidades de uso da língua (MARCUSCHI, 2001a), construídos nas interações através da

---

<sup>20</sup> O “discurso integrador (DI)/*integrative discourse (ID)*, está vinculado a uma formação ideológica de neoliberalismo e o “discurso empoderador (DE)/*empowering discourse (ED)*” está mais ligado a uma formação socialista, ético-ideológica. “A luta é marcada pelas relações desiguais de poder entre um discurso hegemônico e um contra-discurso emergente [ . . . ]” (COX; PETERSON, 1999, p. 446).

<sup>21</sup> Fiedler (2005) publicou relatório sobre posicionamento de professores e dirigentes de Universidades gaúchas, públicas e privadas, no IV Seminário de Integração da CIAPLEM/RS e INSTITUTO GOETHE: Formação do Professor de Língua Estrangeira Moderna e sua Inserção no Sistema de Ensino, em 29 abr. 2005, Porto Alegre.

<sup>22</sup> Pesquisa realizada por Menti com professores de inglês do RS, durante o ano de 2005, sob os auspícios da Associação dos Professores de Inglês do Rio Grande do Sul (APIRS).

Internet, estabelecendo “[ . . . ] uma rede dialógica entre os vários atores sociais envolvidos [ . . . ]” (AXT, 1998, p. 22).

O trabalho com uma língua estrangeira – leitura e produção de texto – é obrigatório no ensino médio; opcional para uma segunda língua estrangeira. Está expresso na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)<sup>23</sup> e na Declaração de Direitos Lingüísticos da UNESCO (1996). Os direitos sobre a aprendizagem de línguas estrangeiras (Seção II/Educação), sobre os quais Schlatter *et al.* (1998) se debruçam no “Padrão Referencial de Currículo: Ensino Médio – área de linguagens, códigos e suas tecnologias”, são:

A educação deve sempre estar a serviço da diversidade lingüística e cultural e da relação harmoniosa entre as diferentes comunidades lingüísticas do mundo. (Alíneas 3 e 4 do Art. 23)

Dentro do contexto destes princípios, todos têm o direito de aprender qualquer língua. (Art. 28)

Todas as comunidades lingüísticas têm o direito de ter uma educação que possibilitará a seus membros adquirirem um conhecimento profundo de sua herança cultural (história, geografia, literatura e outras manifestações culturais), como também o maior conhecimento possível de outra cultura sobre a qual desejam aprender. (Alíneas 1 e 2 do Art. 29)

Todos têm o direito de receber uma educação na língua específica do território no qual reside. Esse direito não exclui o direito de adquirir conhecimento oral e escrito sobre qualquer outra língua que possa lhes ser útil como instrumento de comunicação com outras comunidades lingüísticas.

Ao dar destaque aos aspectos mencionados na LDB (BRASIL, 1996), na Declaração dos Direitos Lingüísticos (1996) e no Padrão Referencial de Currículo: Ensino Médio, Língua Estrangeira Moderna (1998), gostaríamos de ratificá-los neste estudo e acrescentar o que diz a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, UNESCO (2002) acerca da Identidade, Diversidade e Pluralismo, Art. 2:

Em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais a um só tempo plurais, variadas e dinâmicas, assim como sua vontade de conviver. As políticas que favoreçam a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz. (UNESCO, 2002, grifo nosso).

Os trechos acima sublinhados referendam os direitos mencionados por Schlatter *et al.* (1998), intensificando a importância da “interação harmoniosa entre pessoas e grupos

<sup>23</sup> Lei 9394, Seção IV, Art. 36, al. III, de dezembro de 1996. (BRASIL, 1996)

plurais”, respeitando sua “vontade de conviver”, sustentado por políticas inclusivas, coesivas e da paz.

Matos aponta para uma das tendências dos estudos lingüísticos,

[ . . . ] a novinha lingüística da paz que, inspirada nas tradições de áreas afins (educação para a paz, psicologia da paz) certamente irá desafiar as novas gerações de lingüistas desejosos de navegarem mais além, no contínuo do humanismo da lingüística, para chegarem mais perto [ . . . ] humanização (MATOS, 2005, p. 96).

Nas Linhas Gerais do Plano de Ação para a Aplicação da Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural, organizado em 20 itens, destacamos os seguintes itens, que parecem apontar para uma compreensão mais respeitosa, humanista e positiva da diversidade lingüística no mundo, local e global, fomentada pela tecnologia digital:

6. Fomentar a diversidade lingüística – respeitando a língua materna – em todos os níveis da educação, onde quer que seja possível, e estimular a aprendizagem do plurilingüismo desde a mais jovem idade.

[ . . . ]

7. Promover, por meio da educação, uma tomada de consciência do valor positivo da diversidade cultural e aperfeiçoar, com esse fim, tanto a formulação dos programas escolares como a formação dos docentes.

[ . . . ]

9. Fomentar a ‘alfabetização digital’ e aumentar o domínio das novas tecnologias da informação e da comunicação, que devem ser consideradas, ao mesmo tempo, disciplinas de ensino e instrumentos pedagógicos capazes de fortalecer a eficácia dos serviços educativos.

Nas orientações curriculares para as Línguas Estrangeiras, contidas em documento elaborado pela SEED/MEC (BRASIL, 2006), no capítulo 3, relativo às ‘Linguagens, Códigos e suas Tecnologias’, especialistas procuraram:

Retomar a reflexão sobre a função educacional do ensino de Línguas Estrangeiras no ensino médio e ressaltar sua importância; reafirmar a relevância da noção de cidadania e discutir a prática dessa noção no ensino de línguas estrangeiras; discutir o problema da exclusão no ensino em face dos valores ‘globalizantes’ e o sentimento de inclusão frequentemente aliado ao conhecimento de Línguas Estrangeiras; introduzir as teorias sobre letramento, multiletramento, multimodalidade e hipertexto e dar sugestões sobre a prática do ensino de Línguas Estrangeiras por meio dessas teorias. Paralelamente a essas concepções, abordamos as habilidades a serem desenvolvidas no ensino de Línguas Estrangeiras no ensino médio: a leitura, a comunicação oral e a prática escrita (BRASIL, 2006, p. 122-123).

São bem-vindas estas orientações em que os objetivos (acima mencionados) (re) estabelecem a reflexão em torno da função educacional do ensino de Língua Estrangeira, em geral, da Língua Inglesa, em foco neste estudo, sua importância no currículo escolar e, nessa esteira, a necessidade da atualização curricular na formação do professor que irá atuar (ou já



atua) nesta disciplina. Dão validade às discussões de realidades brasileiras levadas a eventos, como alguns seminários regionais (FIEDLER, 2005), nacionais (LEFFA, 2001, ROJO; MOITA-LOPES, 2004)<sup>24</sup>, internacionais (COSTA *et al.*, 2001a, 2001b, COSTA, MARASCHIN, 2002, COSTA, REICHERT, MEHLECKE, TAROUÇO, 2005, COSTA, ELIAS, AXT, 2007). Neles, destacamos os estudos e a discussão em torno dos novos modos de trabalhar com a escrita, os letramentos advindos da ascensão e acesso à tecnologia digital, no Brasil e no mundo, e as possibilidades que o fomento à pesquisa no Brasil tem promovido com respeito à participação em fóruns internacionais de trabalho com a formação de professores e as tecnologias de informação e comunicação, as TIC<sup>25</sup>.

O que acontece ao longo desses processos de ensino, que também são situações de vida cotidiana, com o apoio de ambientes e ferramentas de aprendizagem informatizadas, ou não, as pessoas participam necessária e peculiarmente da complexa rede sóciointeracional da comunicação verbal humana, são questões que têm chamado a atenção de estudiosos como os lingüistas aplicados, sociólogos, psicólogos, filósofos, antropólogos, informatas, educadores, e outros especialistas. Há mais de três décadas, especialistas em estudos da linguagem, da aquisição da linguagem (LA/AL)<sup>26</sup>, segunda língua (SLA/ASL), língua estrangeira (FLA/ALE), vêm pesquisando questões sociais, culturais, políticas, educacionais que afetam, influenciam e determinam o uso e o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras modernas, em geral. A língua inglesa, pela sua penetração global, em especial, e como a formação de professores de LE e LILE, nos países dos três mundos, participa desses processos: Marckwardt (1968), Bright; Mcgregor (1970), Halliday; Mcintosh; Strevens (1974), Rivers (1975)<sup>27</sup>, Hadley (1993), Ellis (1997), Richards (2002), Jenkins (2006). No Brasil, Cox e

<sup>24</sup> Os participantes do II Encontro Nacional sobre Política de Ensino de Línguas Estrangeiras – II ENPLE, realizado na Universidade Católica de Pelotas, RS, 4-6 set. 2000, professores do ensino fundamental, médio, pós-médio, universitário, autoridades educacionais e representantes de associações de professores de línguas, após analisar em assembléia os problemas do ensino de línguas no Brasil, reiteram documento elaborado durante o I ENPLE, realizado em novembro de 1996, em Florianópolis, SC. É a Carta de Pelotas, documento publicado em março de 2004, composto por idéias que circulavam, desde 1996, em debates na área do ensino de línguas estrangeiras no Brasil, da qual destacamos três de seus princípios: “A sociedade contemporânea brasileira anseia em adquirir o conhecimento lingüístico-discursivo necessário para interagir com o mundo intra e além fronteiras; nosso país conta com profissionais e especialistas, no ensino de línguas, com competência autoral para conceber e implementar projetos locais, regionais e nacionais de inovação curricular ou de formação profissional; há que se aprofundar estudos, publicações e ações implementadoras, no que respeita à formação de profissionais de línguas estrangeiras também nas áreas das novas tecnologias e ensino a distância.”

<sup>25</sup> Nossos estudos apresentados no Brasil e no exterior foram realizados, grande parte, graças à bolsa de estudos do CNPq/AL-DO, de 1999 a 2003.

<sup>26</sup> As primeiras abreviações referem-se às expressões em inglês, conforme aparece na literatura consultada; a seguir, vêm as siglas ou acrônimos das expressões em português.

<sup>27</sup> Original: *Teaching Foreign – Language Skills*. Chicago, The University of Chicago Press, 1968. Tradução: Francisco Gomes de Matos.

Assis-Peterson (1999, 2000), Leffa (2001, 2003, 2005a,b, 2006), Matos (1998, 2000), Moita-Lopes (1994, 1996), Motta-Roth (2003), Paiva (2001a, b, 2002, 2003a, b, 2004, 2006, 2007).

Desde a denominação do campo de pesquisa, se aquisição da primeira língua (L1/LM)<sup>28</sup>, segunda língua (L2/SL)<sup>29</sup>, língua estrangeira (FL/LE), inglês como língua internacional (EIL/ILI), global (EGL/ILG), “inglês mundiais” (WEs/IMs), a língua franca (ELF/ILF), conforme Jenkins (2006, p. 159), Bolton (2004, p. 367), Kachru, B. (1985, 1992a, b), Kachru, Y. (1993, 1995, 2005), Crystal (2003, 2004), especialistas nessas áreas vêm se preocupando com o uso, ensino na escola e aprendizagem no cotidiano, sob diferentes ancoragens, perspectivas teóricas (*Language Teaching Journal*, 2006) e político-pedagógicas (KRAMSCH, 1999, 2000, 2002, 2003; WARSCHAWER, 2001, 2002, 2003, FIRTH; WAGNER, 1997; PENNYCOOK, 1994, 1997, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006; TRUSCOTT, 1996; RIBEIRO, GARCEZ, 2002).

As tendências de crescimento do ensino do inglês no mundo são grandes, a curto prazo. Isso se deve também à obrigatoriedade do ensino de inglês em países asiáticos, como a China, por exemplo, que já tem a língua inglesa no currículo escolar desde 2001, em vista de sua inclusão na expansão econômica no mundo. Diz-nos Graddol<sup>30</sup>:

Em 2001, a China decidiu tornar o ensino de inglês obrigatório nas escolas primárias, a partir do terceiro ano. [ . . . ] As grandes cidades como Pequim e Xangai já introduziram o inglês no primeiro ano primário. Mais pessoas estão aprendendo inglês na China do que em qualquer outro país. [ . . . ] em torno de 176.7 milhões de chineses estudavam inglês em 2005 (GRADDOL, 2006, p. 95, tradução nossa).

Crystal (2003, 2005) ao tratar sobre o inglês como “Língua Global”, nesse mesmo contexto político-educacional, afirma que: “Uma língua alcança um status genuinamente

<sup>28</sup> No original: “Many learners are multilingual in the sense that in addition to their first language they have acquired some competence in more than one non-primary language. Multilingualism is the norm in many African and Asian countries. Sometimes a distinction is made between a ‘second’ and a ‘third’ or even fourth language. However, the term ‘second’ is generally used to refer to any language other than the first language” (ELLIS, 1997, p. 11-12). Tradução nossa: “Muitos aprendizes são multilingüistas no sentido de que além da aquisição da primeira língua eles adquiriram alguma competência em mais do que uma língua não-primária. Multilingüismo é a norma em muitos países asiáticos e africanos. Algumas vezes, uma distinção é feita entre uma ‘segunda’ e uma ‘terceira’ língua, ou mesmo com uma quarta língua. Contudo, o termo ‘segunda’ é geralmente usado para referir qualquer língua que não seja a primeira”.

<sup>29</sup> A obra *English Next*, escrita por Graddol (2006), publicada pelo *British Council*, abarca essa e muitas outras questões teórico-práticas sobre o “Futuro do inglês”, identificando mudanças no *status* nacional e internacional desta língua. O livro focaliza também o impacto das ascendentes gigantes economias da Índia e China e o como isso pode afetar o uso do inglês global. Ele destaca, ainda, o fim do inglês como língua estrangeira e curiosamente fala da ascensão do Brasil como uma das maiores economias futuras, além da Índia e China. Nesse contexto, o uso da língua portuguesa também deverá ascender e ocupar posição de destaque no mundo, até 2010. (GRADDOL, 2006)

<sup>30</sup> Texto original: “In 2001, China decided to make English compulsory in primary schools from Grade 3. [ . . . ] big cities, such as Beijing and Shanghai, have already introduced English at Grade 1. More people are now learning English in China than in any other country. [ . . . ] an estimated 176.7 million Chinese were studying English in 2005.”

global quando desenvolve um papel especial, reconhecido por todos os países que a utilizam.”(CRYSTAL, 2003, p. 3, tradução nossa)<sup>31</sup>. É esta a língua inglesa que usamos, principalmente na escrita, em várias situações, estilos, gêneros, e com que trabalhamos no ensino e na formação de professores no Brasil, que podemos afirmar ser, no momento, a “Língua Franca” do mundo econômico contemporâneo, a língua internacional, da Internet, ou ainda, na forma plural, os “Ingleses Mundiais” usados por falantes de qualquer parte do mundo, em qualquer situação comunicacional, falada ou escrita. Vale mencionar que “Língua Franca” e “Ingleses Mundiais” são termos que remetem à discussão teórico-prática-vivencial de duas áreas dos estudos da Aquisição de Segunda Língua ou Língua Estrangeira: a área de estudos voltada aos “Ingleses Mundiais” – *World Englishes, WEs*, e a área que estuda o “Inglês como Língua Franca” – *English as Lingua Franca, ELF*, segundo Jenkins (2006). Ambas têm seu objeto de estudo voltado ao inglês falado no mundo, embora sejam divergentes em aspectos relacionados ao público-alvo.

Essa discussão pode tornar-se ainda mais complexa quando o inglês, já entendido como Mundial e/ou Língua Franca, é agora tido como Língua Internacional. Nesse caso, estamos diante de uma língua livre de parâmetros homogeneizadores, com um funcionamento aparentemente independente de suas origens anglo-americanas. Segundo Leffa (2006), há duas correntes que procuram localizar sua expansão a partir de uma posição periférica ou, ao contrário, central. Na posição periférica, diz Leffa, temos o lingüista indiano Kachru (1985) que propõe dividir o uso do inglês em três grandes círculos:

[ . . . ] um interno, um externo a esse e um terceiro, em expansão. O círculo interno compõe-se dos países em que o inglês é falado como língua nativa, ou seja, os Estados Unidos, o Reino Unido, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia. O círculo externo, em que o inglês é usado como segunda língua, compreende as antigas colônias inglesas, como a África do Sul, a Índia, a Cingapura e a Malásia. O círculo em expansão, que nos interessa sobremaneira, em que o inglês é falado como língua estrangeira, engloba o Brasil, a China, o Japão e Israel. (LEFFA, 2006)

Essa divisão é particularizada quando Kachru, ao considerar as normas lingüísticas, cultas e padrão, classifica os círculos interno, externo e em expansão, como “provedores”, “desenvolvedores” e “dependentes”, respectivamente, dessas normas lingüísticas. Nessa divisão circular, o que nos dá uma idéia de movimento e dinamicidade, para Leffa (2006) significa que:

O inglês como língua internacional seria mais usado nos países que pertencem ao círculo em expansão. Embora seja difícil obter dados

---

<sup>31</sup>Texto original: “A language achieves a genuinely global status when it develops a special role that is recognized in every country.”

confiáveis, é provável que a maior parte dos falantes da língua inglesa esteja localizada nesse círculo em expansão. O círculo de Kachru sugere que a capacidade de evolução da língua concentra-se no círculo externo, nos países em que o inglês é falado como segunda língua. (LEFFA, 2006)

Este inglês internacional falado, aprendido, ensinado no Brasil, à luz desse modelo de Kachru (1985) e na interpretação de Leffa (2006), localiza-se no círculo de expansão, o mais numeroso, e “depende” lingüisticamente das normas “providas” e “desenvolvidas” pelos países dos círculos interno e externo. Todavia, o modelo de Kachru (1985), conforme a interpretação de Leffa (2006), sugere que a capacidade de evolução da língua concentra-se no círculo externo, nos países em que o inglês é falado como segunda língua, ou língua estrangeira, ou ainda língua internacional, pois apresenta um número maior de falantes. A Figura 1, a seguir, ilustra este ponto de vista, mostrando números aproximados de falantes em cada um desses círculos.

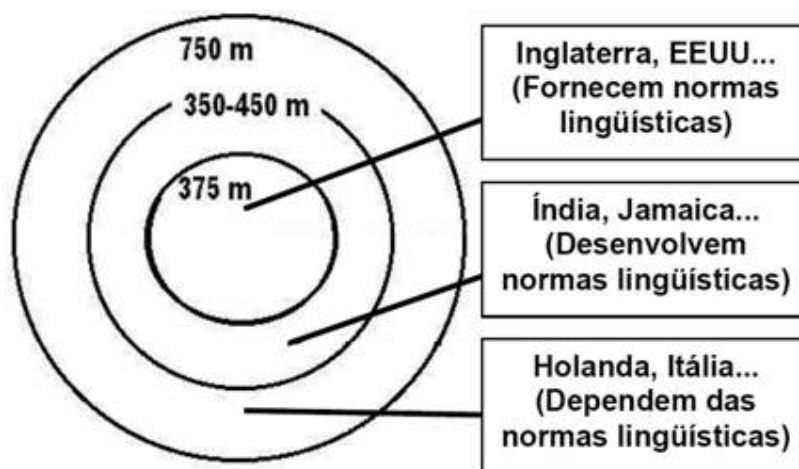


FIGURA 1 – Os Três Círculos de Kachru (1985).  
FONTE: Leffa (2006)

Além dessa posição geolingüística de localizar os falantes da língua inglesa no mundo, conforme o modelo dos “Três Círculos de Ingleses”, de Kachru, há o ponto de vista de Modiano (1999), do Inglês como Língua Internacional, ILI, que, numa releitura de Leffa (2006), acentua a maneira lingüística de perceber a variedade, com ênfase no código da língua. Diz-nos Leffa:

Considerando que o ILI não incorpora as variações locais da língua, incluindo aí americanismos ou qualquer outra variação regional, mas retém apenas os traços gerais, com ênfase num léxico básico, é possível vê-lo numa posição central em relação às outras variedades, ocupando o núcleo comum da língua. Nesse caso, a variedade internacional move-se da periferia

para o centro, ocupando uma posição junto ao núcleo comum da língua, lá onde o código é geralmente mais simplificado. (LEFFA, 2006, p. 20)

A Figura 2, de acordo com “O Modelo de Ingleses”, de Modiano (1999), mostra essa outra organização lingüística para o ILI. Neste modelo, os ingleses britânico e norte-americano, seguidos das variedades principais e, por último, das principais variedades e suas origens territoriais, menciona ainda, em círculos menores e externos às principais variedades, outras variedades e, sem mencioná-las, cita, por fim, os falantes estrangeiros como um setor isolado de todas as outras. Os falantes brasileiros, ao utilizar a língua inglesa em diversas situações comunicacionais, ocupariam este setor.

Quando a questão é uso, ensino e aprendizagem do inglês, na era das tecnologias da informação e comunicação, seja no Brasil, na Rússia ou na China, o modelo dos três círculos de Kachru (1982) e “O Modelo de Ingleses”, de Modiano (1999), apresentado na Figura 2, obviamente não dão conta de mostrar a complexa pluralidade de realidades lingüístico-discursivas que estão em ebulição no mundo, a nossa “Aldeia Global”<sup>32</sup>, nem de organizar a crescente exposição e facilidade com que as pessoas interagem no mundo, apoiadas pelas TIC, utilizando a língua inglesa como principal meio verbal de comunicação, seja em presença ou a distância.

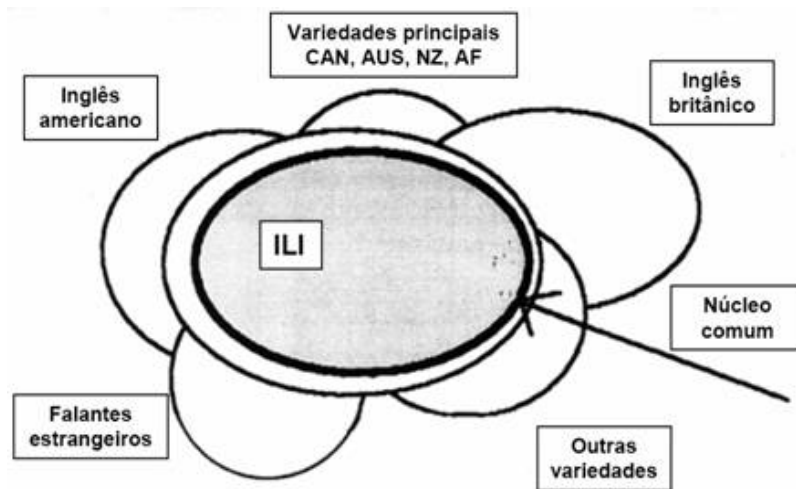


FIGURA 2 – “O Modelo de Ingleses” de Modiano (1999)

FONTE: Leffa (2006).

<sup>32</sup> “O conceito de “aldeia global”, criado pelo sociólogo canadense Marshall McLuhan, quer dizer que o progresso tecnológico estava reduzindo todo o planeta à mesma situação que ocorre em uma aldeia, ou seja, a possibilidade de se intercomunicar diretamente com qualquer pessoa que nela vive. Marshall McLuhan foi o primeiro filósofo das transformações sociais provocadas pela revolução tecnológica do computador e das telecomunicações”. (WIKIPEDIA, 2008) Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Aldeia\\_global](http://pt.wikipedia.org/wiki/Aldeia_global)>. Acesso em 09 mar. 2008.

Jenkins (2006) ao trazer esta questão à baila faz uma atualização crítica das divergências de foco de estudo, ao mostrar como a pesquisa aplicada ao ensino de língua estrangeira tem evoluído nos últimos 15 anos e qual sua repercussão no âmbito da formação de professores em nível superior, assim como no uso e na aprendizagem da língua inglesa no contexto da comunicação local e global. Jenkins (2006), nesse mesmo estudo, tem como referência principal a teoria do *Modelo de Ingleses Mundiais*, lançado por B. Kachru (1982, 1992), retomado com Nelson (1992), Kachru, B. (1996a), Kachru e Nelson (1996) e Y. Kachru (1993, 1995, 2005)<sup>33</sup>.

Ao utilizar uma língua estrangeira na comunicação oral e escrita, na educação formal, as estratégias que aprendizes (alunos, professores, falantes em geral) constroem também vão depender da ação do professor e das escolhas teórico-metodológicas que faz para trabalhar com essa LE. Se em sala de aula, no ensino presencial, ou nas salas de aula virtuais, em contextos de ensino apoiados pelo computador *on* e *off-line*, é uma questão que Ellis (1997, p. 4) comenta assim: “Toda a vez que os professores tomam uma decisão pedagógica sobre que conteúdo e metodologia adotar, eles estão na verdade fazendo pressuposições sobre como os alunos aprendem”. Os professores, se conscientes de seu papel no desenvolvimento lingüístico-cultural-político de seus alunos, são metodólogos naturais, autênticos autores no modo de ensinar e lidar com a língua em processo de desenvolvimento, ação necessária para que seu trabalho aconteça com responsabilidade, apesar das condições muitas vezes adversas.

Num contexto global em que bem “[ . . . ] mais do que 300 milhões de pessoas falam inglês no mundo e o resto, parece, às vezes, tentar fazê-lo, seria caridade dizer que os resultados são algumas vezes misturados” (BRYSON, 1990, p. 1, tradução nossa)<sup>34</sup>. Embora irônica, esta afirmativa revela o posicionamento de quem vê a diversidade do inglês usado no mundo da posição de um “nativo”. Um estranhamento discutível, mas plausível, pois pessoas ao se deslocarem geograficamente ou pelas vias das tecnologias informatizadas, se comunicam, carregando consigo vivências locais, socio-históricas, com base em tradições culturais que não se apagam quando em contato com pessoas de outras culturas. O inglês não será mais uma língua homogênea, se é que alguma vez o foi! Sua soberania no mundo,

---

<sup>33</sup> B. Kachru, em 1982, atualizado em 1992, o *Modelo de Ingleses Mundiais* modificou o panorama de estudos do inglês como segunda língua (aquisição e/ou aprendizagem), dominada em muito por pesquisadores ingleses e norte-americanos ou seus seguidores. Seus estudos tiveram seguimento com Y. Kachru e L. Nelson, na Índia e nos Estados Unidos, em parte à luz da teoria gerativo-transformacional de Chomsky. Disponível em: <http://www.kachru.com/yprofile.html>. Acesso em: 12 dez. 2007.

<sup>34</sup> Texto original: “*The world’s language – More than 300 million people in the world speak English and the rest, it sometimes seems, try to. It would be charitable to say that the results are sometimes mixed.*”

contudo, é sustentada por economias globalizantes e por tecnologias a serviço de quem conduz e participa desse contexto.

Denominações conceituais da área de estudos da “Aquisição de Segunda Língua” ou como “Língua Estrangeira” como “falante nativo”, “falante não-nativo”, “interlinguagem” (SELINKER, 1992, 2005, ELLIS, 1997)<sup>35</sup> têm sido utilizadas em estudos voltados à aquisição e/ou aprendizagem de línguas, posicionam o inglês, neste caso, em posições diferenciadas e que Kachru (1982; 1992) circunscreveu em seu Modelo de Ingleses Mundiais (JENKINS, 2006, p. 159). Trata-se de uma discussão que vem se atualizando em vista dos movimentos mutacionais que esta língua sofre em todos os lugares por onde é utilizada e também nas interações realizadas através da *Web*.

Assim, falar nessas línguas inglesas à luz das teorias aquisicionistas, inauguradas ou restabelecidas por Chomsky (1957)<sup>36</sup> e, de certa forma, ainda presentes em métodos, metodologias e técnicas de ensino de língua (WIDOWSON, 2001, LEFFA, 1999, PAIVA, 2008, 2005), parece não atender à multiplicidade de fatores que envolvem o ensino/aprendizagem e uso do inglês no mundo, hoje. Sugerimos um outro olhar a esses processos que envolvem a aquisição, aprendizagem, uso, ou adoção desta língua, na sala de aula. Levamos nosso foco para o inglês como língua estrangeira, sua inserção nos currículos escolares brasileiros e, mais especificamente, nos currículos de Cursos de Letras, licenciatura, portanto no trabalho de formação de professores desta disciplina-língua estrangeira, em nível superior. Para tal, entendemos ser preciso deslocar o centro de referência dos ingleses “padrão”, oriundos da Inglaterra e Estados Unidos, através de metodologias, modelos,

---

<sup>35</sup> “A distinction between second and foreign language is sometimes made. In the case of second language acquisition, the language plays an institutional and social role in the community (i.e. it functions as a recognized means of communication among members who speak some other language as their mother tongue). For example, English as a second language is learnt in the United States, the United Kingdom, and countries in Africa such as Nigeria and Zambia. In contrast, foreign language learning takes place in settings where the language plays no major role in the community and is primarily learnt only in the classroom. Examples of foreign language learning are English learnt in France or Japan.” (ELLIS, 1998, p. 11-12) Tradução nossa: “Uma distinção entre segunda língua e língua estrangeira é feita algumas vezes. No caso da aquisição da segunda língua, a língua desempenha um papel social e institucional na comunidade (isto é, funciona como um meio de comunicação reconhecido por entre seus membros que falam uma outra língua como sua língua materna). Por exemplo, o inglês como segunda língua é aprendido nos Estados Unidos, no Reino Unido e em países da África, como a Nigéria e o Zâmbia. Por outro lado, a aprendizagem de uma língua estrangeira acontece em lugares onde esta língua não desempenha um papel de maior importância na comunidade e onde é principalmente aprendida apenas na sala de aula. Exemplos de aprendizagem de língua estrangeira é a língua inglesa aprendida na França e no Japão.”

<sup>36</sup> Sua “teoria gerativa-transformacional” mudou os rumos da Linguística para sempre: os estudos estruturalistas de Saussure e seus seguidores foram sacudidos após o surgimento de “*Syntactic Structures*”, de Chomsky, em 1957. Naquele momento, o autor passou a considerar “[ . . . ] uma língua como um conjunto (finito ou infinito) de frases, cada uma finita em extensão, e construída a partir de conjunto finito de elementos [ . . . ]” (CHOMSKY, 1957, p. 2). Mudou o conceito de linguagem e devolveu ao conceito de Gramática Universal (GREENBERG, FERGUSON, MORAVCSIK, 1978) sua importância nos estudos da linguagem.

materiais de formação, ensino/aprendizagem a nós oferecidos, voltados ainda a concepções aquisicionistas, já mencionadas. Talvez possibilitar o diálogo com vivências construídas em centros de formação de professores de inglês, de escrita, de língua e linguagem,<sup>37</sup> que atuam em outras cidades, estados, países.

Destacamos os trabalhos de Richards (2005)<sup>38</sup>, Warschawer (1999, 2005), Nunam (1992), Dysthe (2001), Vilmi (1999) em projetos internacionais como o *International Writing Exchange – teachers (IWE)* e o *International Culture Exchange (ICE)*<sup>39</sup>. Esses autores discutem em seus trabalhos a importância de se desenvolverem projetos conjuntos também com instituições estrangeiras, dando ênfase à escrita colaborativa, à produção conjunta, para alimentar o processo contínuo de reflexão sobre a prática de ensino, tanto com colegas como com alunos (RICHARDS, 2006).

Antes de Chomsky, na retrospectiva de Brown (2007), o ensino de línguas até os anos 60 era disciplinado pelas escolas de pensamento como a psicologia, a lingüística e a educação. No início do século 20, emerge a abordagem oral (PALMER, 1925a, 1921) para logo ser substituída pelo retorno da abordagem da leitura, gramática e tradução, dos anos 20 e 30, tendo no latim e grego a chave que abria as portas para o pensamento e literatura de uma grande e antiga civilização. Portanto, pondera Rivers (1975, p. 13), “[ . . . ] a leitura e a tradução de textos revestia-se de grande importância, assim como os exercícios escritos calcados nesses textos.” O método clássico persistia grande parte devido à publicação de livros didáticos escritos por intelectuais não ligados ao ensino secundário. Nesse contexto: “O professor, ele próprio aluno desse método de ensino, continua a tradição, pois não recebeu

<sup>37</sup> Referimo-nos a laboratórios de pesquisa da linguagem, a exemplo do LELIC/PPGEDU-UFRGS, LEC/PPGPSICO-UFRGS, núcleos de educação a distância, como NEaD/UFMA, NUTED/PGIE-UFRGS, NEO-FACCAT, departamentos e centros de ensino de línguas e tecnologia, vinculados a instituições de ensino superior, que publicam revistas especializadas, como a *RENOTE/CINTED*, a *Informática na Educação: teoria & prática/PGIE*; realizam projetos educacionais de fomento e aprimoramento da escrita com as tecnologias de informação e comunicação e a formação de professores, inclusive de línguas; espaços esses que realizam conclaves, como os eventos organizados pelo CINTED/PGIE-UFRGS, pelo EATAW – *European Association For The Teaching Of Academic Writing*, disponível em: <<http://www.eataw.org/conferences/>>; o *SITE – Society for Information Technology and Teacher Education*, disponível em <<http://site.aace.org>>, que promove a conferência internacional de informática na educação; os eventos promovidos e/ou realizados pela ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância; há os centros de escrita espalhados por todos os continentes, disponível em <<http://www.writingcenters.org/>>; sendo o *The Purdue Online Writing Laboratory* um dos principais laboratórios de escrita *on-line* dos Estados Unidos, disponível em: <<http://owl.english.purdue.edu/>>, acesso em 10 dez. 2007.

<sup>38</sup> Como no RELC – *Regional Language Centre*, em Cingapura. Disponível em: <[www.relc.org.sg](http://www.relc.org.sg)>. Acesso em: 14 jun. 2008.

<sup>39</sup> Existe desde 1993, disponível em: <<http://www.writeit.fi/sys/>>. Acesso em: 18 dez. 2007. “*The IWE offers a unique structured forum with international partners. The courses take place in the DiscussIt learning environment, which includes both synchronous (Skype) and asynchronous learning (Moodle forums). Learners are motivated by having culture-to-culture, person-to-person interaction. This, together with peer-to-peer and teacher feedback, improves both their written and oral language skills.*” (DISCUSSIT & TEACHIT, 2008).



treinamento adequado na metodologia de ensino de línguas modernas.” (RIVERS, 1975, p. 14).

Rivers (1975) diz sobre esse método, a partir da sua posição de professora titular e coordenadora do Programa de Formação de Professores em Línguas e Literaturas Românicas da Harvard University e defensora “do uso competente da língua estrangeira”, que:

Este método, então, tem por finalidade inculcar o entendimento da gramática expressa em termos tradicionais e treinar o aluno a escrever corretamente, mediante uma prática regular em versões. Seu objetivo é dotar o aluno de um vasto vocabulário literário [ . . . ]; ensinar o aluno a extrair o significado dos textos em língua estrangeira através de traduções para a língua materna. (RIVERS, 1975, p. 69)

Em sua visão a respeito do método da gramática e tradução, de certa forma influencia ainda hoje currículos de Letras, métodos e materiais de ensino de LE:

A tradução de textos para a língua materna é oral e escrita [ . . . ]. A língua estrangeira não é usada em aula, exceto algumas perguntas estereotipadas sobre o assunto lido, às quais os alunos respondem na língua estrangeira, utilizando-se de orações tiradas diretamente do texto. [ . . . ] Dispensa-se pouca atenção à pronúncia e entoação corretas; a comunicação é negligenciada; há uma grande insistência no domínio de regras e exceções, mas pouco treino ativo mesmo que fosse só na forma escrita. (RIVERS, 1975, p. 14-15).

Com as escolas de pensamento da psicologia comportamentista e da lingüística estruturalista, novas mudanças acontecem nas décadas de 40 e 50, que vão repercutir na década seguinte e além, exigindo dos docentes posições mais definidas sobre como tratar a disciplina do inglês nos currículos escolares.

Nas palavras de Marckwardt:

Teremos que nos defrontar com a necessidade de ter que tomar muitas decisões sobre o que, quando, onde e como ensinar [inglês]. Mas somente à luz de uma visão ampla, informada e de projeção futura do lugar da língua em nossa cultura e na sociedade humana que estas decisões serão tomadas com inteligência e previsão adequada. (MARCKWARDT, 1968, p. 135, tradução nossa).<sup>40</sup>

A natureza cíclica dos métodos de ensino de língua inglesa é uma realidade, e o método audiolingual, que aparece na metade do século 20, com firmes bases teóricas da lingüística e da psicologia, toma emprestado aspectos do Método Direto, seu predecessor, ao

---

<sup>40</sup> No original: “*We shall [ . . . ] be faced with the necessity of making many decisions: what to teach, when, where, and how to teach it. But only in the light of a broad, an informed, a forward-looking view of the place of language in our culture and in human society can these decisions be made with adequate foresight and intelligence.*”

romper com o método da Gramática e Tradução. O método audiolingual perde força nos anos 60, em virtude dos desafios lançados pela lingüística gerativa, em contraposição ao estruturalismo linear e ordenado. A “Nova Escola”, da psicologia cognitiva, seguindo com a retrospectiva de Brown (2007), mostra que o comportamento humano não pode ser inculcado no indivíduo pela mera repetição de formas ideais da língua inglesa.

Naquele momento, surge Rivers (1975), nos Estados Unidos, apostando na competência comunicativa e as habilidades lingüísticas a serem com ela desenvolvidas (ouvir, falar, ler e escrever), até hoje consideradas em metodologias, técnicas e materiais de ensino de língua estrangeira.

Rivers (1975), contudo, não desprezava de todo os métodos tradicionais – da gramática e tradução, método direto, de leitura, audiolingual – acima mencionados. Dizia a autora:

Não importa qual o método que está na moda ou que seja oficialmente recomendado; o professor independente, bom profissional e alerta, adaptará as técnicas do método que adotou a seus objetivos, à sua própria personalidade e àquilo que lhe aparece adequado ao grupo específico que tem nas mãos, levadas em consideração sua faixa etária, sua situação e necessidades educacionais (RIVERS, 1975, p. 12).

O professor, ao pensar na escolha de um método, deve realizar a avaliação da sua eficácia e se perguntar sobre quais os objetivos do método em questão melhor se adaptam à situação de ensino em que um professor se encontra ou irá se encontrar. Deve considerar, ainda, se as técnicas recomendadas pelos proponentes do método atingem os objetivos da forma mais econômica, se elas mantêm o interesse e o entusiasmo dos estudantes, em qual nível de ensino, se são adequadas a todos os tipos de alunos, e se o que exigem do professor corresponde ao que ele pode suportar em um dia de trabalho (RIVERS, 1975). Essa argumentação que remonta aos anos 60, nos parece ainda atual.

Temas como “a lingüística e o ensino de inglês”, “as ciências lingüísticas e o ensino de línguas”, “o ensino de inglês como segunda língua” têm sido motivo de estudo de lingüistas e outros estudiosos das línguas, nos períodos pós-guerra. Seu interesse no ensino aumentou consideravelmente com a expansão da soberania norte-americana, no mundo ocidental, conforme vemos em Marckwardt (1968), Halliday, McIntosh e Strevens (1974), Bright e McGregor (1976). Widdowson (1983), em seu estudo sobre “o uso da língua e seu propósito para a aprendizagem” lança as credenciais teóricas para o ensino do inglês para fins específicos (ESP), com ênfase no uso da língua. Hutchinson e Waters (1989), mais adiante, lançam seu trabalho sobre o ensino de Inglês para Fins Específicos, centrado na

aprendizagem. Esses autores tratam a questão da aprendizagem do inglês como segunda língua/língua estrangeira, trazendo ao professor e aos professores em formação, também aos pesquisadores lingüistas, discussão e orientação teórico-prática. São obras de referência, que abriram novas frentes para o ensino e a pesquisa.

Uma das mais expressivas pessoas preocupadas com a metodologia de ensino, Wilga Rivers, em 1968, lança “O Manual de Metodologia do Ensino de Línguas”, em cinco países, concomitantemente: Estados Unidos, Inglaterra, França, Austrália e Índia. Era voltado ao professor de línguas estrangeiras, uma contribuição à área então considerada muito carente de orientações metodológicas. Esta professora e pesquisadora destacava-se, na época, frente à coordenação do Programa de Formação de Professores de Línguas e Literaturas Românicas, da Universidade de Harvard, um espaço pioneiro nessas áreas de estudo, nos Estados Unidos. Em 1964, Rivers inaugura uma nova era na história da lingüística aplicada, ao publicar seu estudo *The Psychologist and the Foreign Language Teacher*, lançado em português, em 1974, sob o título “A Psicologia e o Ensino de Línguas”. Em 1968, seu estudo sobre “o ensino de habilidades na língua estrangeira” coloca essa humanista de origem australiana definitivamente na posição de analista profunda das tendências na metodologia do ensino de línguas estrangeiras, nos Estados Unidos e no mundo. Mattos (1975), quando da apresentação da obra “Metodologia do Ensino de Línguas Estrangeiras”, de Rivers, destaca seis princípios:

1. Sistematização didática; 2. Estabelecimento de objetivos claros e precisos para cada unidade (lição, etc.); 3. Abordagem eclética: uso de processos ora indutivos, ora dedutivos; 4. Introdução de atividades recreativas na aprendizagem; 5. Compreensão intercultural; e 6. Constante atualização profissional do professor (MATTOS, 1975, p. xii).

Esses princípios têm estado presentes implícita ou explicitamente no planejamento de aulas de língua estrangeira, em programas e currículos de Letras, por mais de 30 anos. Lingüistas aplicados, como Leffa (2006, 2001, 1999), Paiva (2008, 2006, 2005a, b, c, 2004, 2003a, b, 1997, 1996), Paiva e Vieira (2005), preocupados com o descompasso entre as transformações que se dão no plano da realidade escolar e a organização curricular das licenciaturas no Brasil, também responsáveis pela formação de professores de inglês, levantam questões relevantes e necessárias para se entender que teorias, metodologias e técnicas de ensino com forte influência dos estudos lingüísticos realizados já nos anos 50-60 (RIVERS, 1975). Dos anos 70 para cá, as teorias sustentadas pela pesquisa em aquisição da segunda língua, ou língua estrangeira em TESOL, ELT (ELLIS, 1997; HADLEY, 1993) não dão conta, aparentemente, de preparar um professor de Línguas Estrangeiras, por exemplo, no contexto brasileiro.

As novas orientações curriculares emitidas pelo MEC, em 2006, e o lançamento de novos currículos para os cursos de Letras, a exemplo da PUC, UNICAMP, Estadual de Londrina, dentre muitos outros, nos levam a pensar sobre se ambas as pontas estão em diálogo e em que tom, tendo em vista as dificuldades peculiares ao professor em formação e as conjunturas que deverá enfrentar. Ainda, a ênfase que os programas estão dando à tecnologia informatizada no fazer pedagógico do professor de LILE, principalmente com o desenvolvimento da escrita e seus novos letramentos, como estas variedades de possibilidades de trabalho com a língua escrita estão coexistindo em situações de ensino apoiadas pelo computador e pela *Web* (SOARES, 2002, MOTTA-ROTH, 2003, MORAES *et. al.*, 2004, LEFFA, 2006, 2005).

Paiva (2005)<sup>41</sup>, na condição de especialista em lingüística aplicada no Brasil, assim responde à pergunta sobre se as novas tecnologias da comunicação têm trazido contribuições ao uso e à aprendizagem de línguas, e de que forma:

As novas tecnologias derrubaram as paredes da sala de aula e possibilitaram, pela primeira vez na história do ensino de línguas estrangeiras, que os aprendizes usem a língua que aprendem com um propósito realmente comunicativo. A rede mundial de computadores gerou uma maior aproximação entre os povos e trouxe ao ensino de línguas a oportunidade de interação real com nativos e outros falantes da LE. A Internet se compara à invenção da imprensa e trouxe uma verdadeira revolução para a educação em geral. (PAIVA, 2005, p. 05)

Ainda dessa conversa, destacamos o que Paiva responde a seu entrevistador:

A Internet e seus muitos recursos contribuem para a formação de uma inteligência coletiva, como definida por Lévy (1998, p. 28), *uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências.* (PAIVA, 2005, p. 05)

Nas comunidades virtuais de aprendizagem, abandona-se o modelo de transmissão de informação tendo a figura do professor como o centro do processo e abre-se espaço para a construção social do conhecimento através de práticas colaborativas.

Nossa preocupação em mencionar alguns dos muitos programas curriculares de línguas estrangeiras existentes nas Instituições de Ensino Superior brasileiras se dá em vista da possibilidade de abertura que suas arquiteturas curriculares apresentam através dos programas das disciplinas de ensino de língua estrangeira, mais especificamente com respeito ao desenvolvimento e produção da escrita. Há uma diversidade nesses programas como podemos verificar em algumas instituições que disponibilizam seus currículos na *Web*. Nas

---

<sup>41</sup> Entrevista realizada em 2005, a ser publicada no livro *Conversas com Lingüistas Aplicados* (em processo de organização). Texto disponível em: <<http://www.veramenezes.com/texto.htm>> e acessado em: 06 jan. 2008.

disciplinas de língua inglesa, Curso de Letras – Licenciatura em Português e Inglês, em geral, se organizam em torno de quatro estágios na UNESPAR e UNICAMP, em seis estágios, na UCS-Cidade Universitária. Na UNESPAR, as ementas mencionam o desenvolvimento das habilidades e prática de recepção e produção textual numa concepção de linguagem de interação; a UNICAMP focaliza o uso funcional da língua e o desenvolvimento da capacidade de expressão e produção escrita; a UCS desenvolve as disciplinas do inglês, do nível médio ao superior.

Nessa organização progressiva, observamos a preocupação com a produção textual, gradativa e sequencial, com base em estudos de aquisição da segunda língua, em que os conceitos de proficiência e competência lingüística são mencionados e determinam as práticas de trabalho e os objetivos a serem alcançados, que vão do pré-intermediário ao avançado. Resta saber se o futuro professor que passa na prova de inglês do vestibular unificado, na maior parte das universidades, tem as condições necessárias para acompanhar as exigências dos currículos de Letras. Entendemos, todavia, que o escalonamento de conteúdos e espaços de aprendizagem e uso oportunizados aos futuros professores de inglês das redes de ensino brasileiras, a construção progressiva de proficiências lingüísticas, *pari passu* ao uso autêntico e autônomo desta língua e, mais recentemente, apoiados pelo computador e este na *Web*, possam atender às novas demandas exigidas por esta disciplina no contexto educacional brasileiro.

A realidade dos Cursos de Letras, no Brasil, é avaliada por Paiva (2005) a partir de estudo que discute o novo perfil da Licenciatura em Letras, com referência nas diretrizes curriculares para os Cursos de Letras, na resolução sobre formação de professor e no formulário de Avaliação do Curso de Letras produzido pelo INEP, com a colaboração das Comissões de Especialistas do Provão e da SESu. Neste estudo, a autora enfoca aspectos que julga mais relevantes e que devem levar à modificação do perfil dos cursos existentes, distinguindo-os dos cursos de bacharelado. Conclui seu estudo dizendo que “[ . . . ] com criatividade e vontade de mudar, podemos alterar o perfil dos Cursos de Letras e estabelecer parcerias entre as IES tanto para a produção de eventos quanto para projetos colaborativos de ensino e pesquisa.” (PAIVA, 2005, p. 362)

Com mais ênfase no aspecto político da formação do profissional de Letras, Leffa (2001) entende que além do domínio da língua que ensina, o professor precisa ter domínio da ação pedagógica que pratica e essa é sobretudo uma questão política ampla:

A formação de um professor de línguas estrangeiras envolve o domínio de diferentes áreas de conhecimento, incluindo o domínio da língua que ensina,

e o domínio da ação pedagógica necessária para fazer a aprendizagem da língua acontecer na sala de aula. A formação de um profissional competente nessas duas áreas de conhecimento, língua e metodologia, na medida em que envolve a definição do perfil desejado pela sociedade, é mais uma questão política do que acadêmica (LEFFA, 2001, p. 333-335).

Como já discutimos isso acima, do cenário global ao local, a língua inglesa (ou as línguas inglesas) é ouvida, falada, lida e escrita relativamente da mesma forma do ponto de vista das capacidades físicas e mentais humanas. Reconhecer que esses processos são comuns e diferentes para cada pessoa que os realiza e que as pessoas podem ter semelhanças e diferenças individuais significativas, por si só, já é uma realidade complexa e difícil de ser posta em um quadro geral. A situação pode piorar quando seus administradores precisam atender também a exigências político-pedagógicas e de mercado que regularizam o funcionamento de qualquer instituição, inclusive a escolar. Nesse contexto, parece ser cada vez mais insuficiente trabalhar com literatura pedagógica e materiais de ensino confeccionados e distribuídos pelo eixo editorial Estados Unidos-Inglaterra, que atendiam bem às instituições de ensino e seus figurantes antes do advento da Internet e suas revolucionárias possibilidades de imersão e virtualização da aprendizagem.

Lidar com ensino e aprendizagem e a formação docente numa língua estrangeira no Brasil, diante da multiplicidade cultural e de variação lingüística em que se vive, quer na língua falada quer na escrita, não é tarefa fácil (ZILLES, 2005). Entender e trabalhar com a heterogeneidade da língua portuguesa (GUY, 2005) talvez seja uma abordagem interessante para se pensar a formação de professores brasileiros em língua inglesa como língua estrangeira, LILE, desde um cenário europeu (BORN, 2005), que tem influenciado a educação formal no Brasil bem antes da chegada da Família Real, no século XIX (LEFFA, 2006).

Trabalhar com a produção de texto (oral e escrito) nesse contexto de convivência na pluralidade lingüística mundial não pode ser ignorada por quem atua na formação de profissionais de línguas. É de se pensar crítica e reflexivamente a questão da proficiência desejada e curricularmente programada para nossos ingressantes nas licenciaturas: são pessoas com diferentes domínios na língua estrangeira, no começo, no meio e no fim do curso. Não se pode esperar homogeneidade numa questão de ordem heterogênea por princípio, ainda que possam ser essas proficiências trabalhadas individualmente e coletivamente, em meio a recursos mais ou menos sofisticados de materiais didático-pedagógicos e de exposição à língua em aprendizagem apoiados pelo computador e este na *Web*. Os resultados individuais de uso e domínio da LILE por esses professores que atuarão

(ou já atuam) com alunos do ensino fundamental e médio serão diferentes, embora haja uma preocupação fundante nos currículos de Letras com as competências lingüísticas trabalhadas. Os cursos de letras, licenciaturas, neste caso, passam hoje por reestruturações importantes com base em discussões também de qualidade, de adequacidade ao perfil do ingressante ou às demandas muito complexas da realidade escolar brasileira, tipo de pedagogia a ser utilizada, se global e/ou local, reflexiva, crítica, dentre outras questões de relevância (PAIVA, 1996, 2001a, b, 2003 a, b, 2004, 2005 a, b, 2006, 2007, LEFFA, 2001, 2005, 2006, BENEVIDES, 2006, PERIN, 2006, RODRIGUES JR., 2006, 2005, MENTI, 2005<sup>42</sup>, FIEDLER, 2005<sup>43</sup>).

Os novos currículos das licenciaturas em línguas, dos Cursos de Letras, se encontram em diferentes momentos de reestruturação e fazem parte de um movimento de retomada qualitativa e crítica do ensino no Brasil. “As Orientações Para o Ensino Médio”, expedidas em 2006, pela Secretaria de Ensino Médio, MEC, são possivelmente uma resposta do governo federal aos mais recentes pleitos dos docentes em serviço, apresentados em conclaves organizados pelas Instituições de Ensino Superior, Associações, Sindicatos. Assim como ocorreu com a formulação das novas Leis e Diretrizes e Bases (1996), no que respeita ao ensino de línguas estrangeiras para o ensino fundamental e médio, conforme nos dizem Cox e Assis -Peterson<sup>44</sup>:

Esse movimento da pedagogia crítica iniciou dentro da academia. Apesar do esforço em lançar uma discussão nacional sobre isso, (o tema do último Encontro Nacional de Professores Universitários de Inglês, em 1997, foi ‘Implicações Político-Sociais da ELT/ELI no Brasil’), têm havido poucos debates e muito fracos (COX; ASSIS-PETERSON, 1999, p. 434).

Na verdade, as proficiências dos professores em formação no ensino superior e na educação continuada serão diferentes e relativamente eficientes por razões individuais. Por razões acadêmicas e políticas, pesam os modelos de ensino elaborados de acordo com padrões de ensino de segunda língua instituídos por países que dominam a pedagogia de ensino de línguas estrangeiras, notadamente os Estados Unidos e a Inglaterra. Corremos o risco de

---

<sup>42</sup> Menti *et al.* (2005), realizou estudo com 280 professores de escolas públicas do Rio Grande do Sul. Os dados coletados confirmaram suas hipóteses: muitos professores estão sobrecarregados; eles têm que lidar com turmas grandes e com alunos desmotivados; os recursos são limitados ao quadro de giz; eles se sentem muito isolados e incapazes de se desenvolver profissionalmente. O fato que mais chamou a atenção das pesquisadoras foi o número surpreendente de professores que queria cursos de qualificação – em torno de 85% do grupo entrevistado.

<sup>43</sup> Fiedler, 2005, publicou relatório sobre posicionamento de professores e dirigentes de Universidades gaúchas, de públicas e privadas, no IV Seminário de Integração da Ciaplem/Rs e Instituto Goethe, Formação do Professor de Língua Estrangeira Moderna e Sua Inserção no Sistema de Ensino, em 29 de abril de 2005, em Porto Alegre.

<sup>44</sup> Tradução nossa da citação em inglês: “*This movement toward critical pedagogy has started inside academia. Despite the effort to launch a national discussion about it (the theme of the last National Meeting of University Professors of English in 1997 was “Social and Political Implications for ELT in Brazil”, debates have been very few and very weak).*”

seguir ouvindo opiniões sobre o profissional docente de LE na escola pública, como: “Um desastre. A maioria dos professores não falam inglês, não têm domínio da língua, têm uma pronúncia horrível” (CELANI; MAGALHÃES, 2002, p. 327).

Benson (1997), argumenta que a questão da metodologia de ensino de línguas tem sido vista, na ótica da aprendizagem com autonomia, a partir de três versões: técnica, psicológica e política, que corresponderiam, grosso modo, às abordagens de ensino positivista, construtivista e da teoria crítica. Sua aposta está no movimento recém iniciado da abordagem política de ensino de língua, fundada na pedagogia crítica e nos conceitos de autonomia e autodireção na aprendizagem, questões essas que Benson aprofunda em 2000 e retoma em 2007. Pennycook (1997), na obra de Benson (1997), retoma a questão já sugerida em Young (1986, p. 19) de “[ . . . ] se ser autor de nosso próprio mundo sem estar sujeito à vontade dos outros [ . . . ]” e aprofunda a questão ao perguntar-se: “Como, na condição de educadores da linguagem, podemos ajudar os estudantes a se tornarem autores de seus próprios mundos?” (PENNYCOOK, 1997, p. 35-50, tradução nossa)<sup>45</sup>.

De uma outra perspectiva, Pennycook (1997) aborda a noção de autonomia no ensino de língua em termos de “voz” e da luta por “alternativas culturais”. Ambos os autores, Pennycook (1997) e Young (1986), corroboram à concepção de língua inglesa como língua estrangeira, falada e ensinada por estrangeiros, que trazemos neste estudo, dando ênfase à atividade escrita nesta língua.

Uma das formas das pessoas conviverem na linguagem é através da linguagem escrita e, como diz-nos Hyland (2007), com base na vivência que teve na Ásia e na posição que hoje ocupa no Instituto de Educação, da Universidade de Londres<sup>46</sup>,

[ . . . ] ensinar a escrita é central para a excelência na formação de um professor de língua [ . . . ] e, apesar do interesse em abordagens da escrita em segunda língua terem aumentado, nos últimos 10 anos, os professores têm ficado às voltas com seus próprios recursos na sala de aula, na mesma medida em que relevantes pesquisas e teorias têm falhado em alcançá-los. (HYLAND, 2007, p. xv).

Na próxima subseção, vamos tratar da escrita em língua inglesa como língua estrangeira, ainda tendo em vista o cenário da formação de professores. E, em se tratando da aprendizagem da língua inglesa, no âmbito da comunicação escrita, nos interessa ver a língua

<sup>45</sup> Original em inglês dos trechos de Pennycook: “[ . . . ] *is that of authoring one’s own world without being subject to the will of others [ . . . ] How, as language educators, can we help students to become authors of their own worlds?*”

<sup>46</sup> *Ken Hyland, PhD. Professor of Education, TESOL; Director of the Centre for Academic & Professional Literacy Studies (CAPLITS), Dept. of Learning, Curriculum & Communication, Institute of Education, University of London.*



escrita na interação entre pares e esses na sociedade tanto em nível local-regional, como nacional e internacional.

## 2.2 A LÍNGUA INGLESA ESCRITA

A língua escrita, neste caso a língua inglesa, se reifica no texto escrito, ferramenta de trabalho e objeto deste estudo. Nós, professores de escrita, diz Dysthe (2001, tradução nossa)<sup>47</sup>, temos: “Um mútuo desafio em escrever a pesquisa e ensinar a escrever.” Um bom professor, afirma Hyland (2007, p. xv), “[ . . . ] é um professor reflexivo e reflexão requer o conhecimento para relacionar atividades de sala de aula com teoria e pesquisa relevante.” A escrita, com base na reflexão e na compreensão, “[ . . . ] envolve habilidades de composição e conhecimento sobre texto, contexto e leitores [ . . . ]”, diz Hyland (2007). Esse “bom” professor de escrita, ele mesmo escritor, vai precisar, então, desenvolver estratégias realistas para rascunhar e revisar textos, além de um claro entendimento do gênero utilizado, para poder estruturar sua experiência com a escrita de acordo com as exigências e os limites determinados pelos diferentes contextos (HYLAND, 2007, p. xv). Ainda, encontrar estratégias comunicacionais para interagir com os alunos. Num desses contextos de falantes da língua portuguesa de Portugal, Mehlecke (2005), Mehlecke *et al.*, (2006), analisou conjuntos de mensagens de três professores em comunicação *on-line* com alunos, no *Forchat*<sup>48</sup>, durante realização do Seminário de Projetos Educativos, Fase 3. Nas mensagens postadas no *Forchat*, a pesquisadora analisou três tipos de estratégias interacionais, utilizadas pelos professores, dando visibilidade ao estilo comunicacional diferenciado de cada um: enunciativa-diretiva; responsiva e de caráter restrito; e dialógica (MEHLECKE, 2005).

Noutra experiência, em que professores observam suas próprias relações com os alunos em *ambiente telemático*, Axt e Maraschin (1997) refletem sobre a prática pedagógica e a indissociabilidade do conhecimento e da subjetividade nela construída. As autoras se baseiam em mensagens escritas de autoria de participantes de um curso de especialização realizado via Internet, em que levantam a questão sobre o que muda na relação prática pedagógica – professor observador – aluno(s) observado(s) e se há mútua implicação entre

<sup>47</sup> Texto original: “*The mutual challenge of writing research and the teaching of writing*” Keynote address at the First Conference of EATAW: The European Association for the Teaching of Academic Writing & EWCA: The European Writing Center Association. University of Groningen, Nederland, 2001.

<sup>48</sup> O *Forchat*, ferramenta de interação escrita cooperativa na *Web*, produzida no Laboratório de Linguagem, interação e Cognição – LELIC, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi utilizada durante o Seminário de Projetos Educativos, Fase 3, Departamento de Ciências da Educação, Universidade Aberta, Lisboa, Portugal, onde a autora desenvolveu pesquisa de doutorado em Informática na Educação, na UFRGS.

eles. Nessa rede textual produzida pelos participantes e professoras, as autoras encontram elementos para analisar que movimentos intervêm nesse processo. O texto produzido em práticas pedagógicas é para Dysthe (2001), Axt e Maraschin (1997) e Mehlecke (2005) tanto espaço de reflexão teórico-prática como *corpus* de análise de questões de interesse dos professores. Seja para construir novas metodologias para ensinar a escrever (DYSTHE, 2001), verificar as estratégias dos professores nas interações *on-line* (MEHLECKE, 2006), ou visibilizar a indissociabilidade do conhecimento e da subjetividade nela construída (AXT; MARASCHIN, 1997), o texto escrito é um *locus* de ação e prática de trabalho com a língua.

Na condição de pessoas letradas e professores que somos, vivemos acoplados à língua escrita. Ela nos acompanha no cotidiano escolar, onde o caderno, o lápis ou caneta e o quadro de giz são tecnologias ainda predominantemente usadas em salas de aula tradicionais, incluindo o ambiente universitário. Todavia, essas tecnologias já convivem algumas décadas com tecnologias mais sofisticadas, desde as eletroeletrônicas, como o rádio, a televisão, o vídeo cassete, o dvd, às informatizadas, como o computador, e este ligado à Internet, não de modo excludente, mas de coexistência. A convivência das pessoas com as tecnologias são via de regra tensionadas por circunstâncias sociais, político-culturais, onde ter ou não ter acesso a essas tecnologias é também uma questão de ordem metodológica e da afecção. Axt e Martins (2007), ao trabalharem com a noção de *coexistir na diferença*, com relação ao trabalho em sala de aula, mencionam o *ato da escolha* como “[ . . . ] um importante mecanismo que pode distinguir uma prática pedagógica de outra, em relação às tendências dominantes de servir como molde/modelo ou de possibilidade criadora.” (AXT; MARTINS, 2007, p. 8). A escolha motiva a ação pedagógica e esta a aprendizagem.

O entendimento que temos de sala de aula, hoje, tem a ver com as escolhas que fazemos entre trabalhar no espaço físico de uma escola entre quatro paredes, e suas possibilidades de obter apoio das tecnologias e a sala de aula virtual, que igualmente acontece dentro de limites dos ambientes e ferramentas de suporte à aprendizagem, AVA. Em ambas as situações, as saídas para o mundo exterior seja da sala de aula (biblioteca, laboratórios, ginásio de esportes) e da escola seja de um AVA, na *Web*, permitem ao aprendiz a liberdade de ir e vir constantemente. E isso se torna ainda mais complexo quando a tarefa é desenvolvida por duplas ou grupos: a escrita, como prática soberana em situações de ensino de uma dada língua ou mesmo de qualquer disciplina curricular, constitui-se em um vetor deslizante. Sua presença na formação de professores de inglês, neste particular, é muitas vezes determinante no processo de avaliação de um aprendiz. O que também se observa, *mutatis mutandis*, no mundo do trabalho, em ambientes prestadores de serviços, no lazer, nas artes,

nas relações sociais, em presença e/ou *on-line*, é que onde houver uma superfície livre e ao alcance de uma mão letrada, lá estará um texto escrito, em português, espanhol, inglês, aberto a uma produção de sentido, a um evento dialógico com o mundo.

Esses eventos de comunicação pela escrita aproximam ou repelem pessoas e textos há bem mais de cinco mil anos<sup>49</sup> e é com esta tecnologia milenar que muitos de nós têm vivido, trabalhado e também exteriorizado experiências construídas no acoplamento mente-língua-conhecimento (não necessariamente nesta ordem) na língua inglesa, neste caso.

Este tecido vivo da LILE, versátil, flexível e adaptável, é como um retículo unindo as tranças das mulheres romanas, na época do império. Há espaço para movimentos, mudanças, enlaces e desenlaces. Contudo, a Rede (o retículo) que cresce junto, se propaga, se revela, também esconde, amarra e obscurece processos da comunicação humana se esta, mesmo acoplada às muitas tecnologias disponíveis, não se estiver em sintonia escrita, em particular na escrita em LILE. As pessoas, nós (nossas mentes), o código escrito (a LI ou a LILE) e os textos (produzidos por nossos conhecimentos compartilhados) em conjunto, mas em processo, produzimos sentidos pelas vias das tecnologias informatizadas e por elas nos afetamos.

No início dos anos 60, Goffman se dedica a estudar a unidade de uma organização social e a analisar a interação entre seus componentes. Embora seu foco seja a interação face a face, entendemos serem as regras, estratégias e procedimentos metodológicos por ele mencionados – da perspectiva da formação de professores – extensivas à interação na comunicação escrita, individual, no grupo e no coletivo virtual, conforme Mehlecke (2005), Axt *et al.* (2006). Em sua obra “Encontros: dois estudos na sociologia da interação”<sup>50</sup>, Goffman propõe uma divisão de foco na análise da interação face a face: “[ . . . ] a não focalizada, que consiste unicamente das comunicações interpessoais que resultam das pessoas se encontrarem uma em presença da outra [ . . . ]” (GOFFMAN, 1961, p. 7), sem haver uma aproximação maior; e

[ . . . ] a interação ‘focalizada’, que ocorre quando as pessoas efetivamente concordam em manter durante um tempo um único foco de atenção, cognitivo e visual, como numa conversação, numa mesa de jogo, ou numa tarefa conjunta mantida por um círculo de contribuintes numa aproximação face a a face (GOFFMAN, 1961, p. 7).

<sup>49</sup> Curiosamente, uma das línguas que está na base da origem das línguas hindo-européias, o sânscrito, tem seus mais antigos registros escritos atribuídos a Panini. Esse estudioso indiano é conhecido por sua Gramática do Sânscrito, principalmente pela formulação de 3,959 regras de morfologia do sânscrito; constam na gramática conhecida como *Ashtadhyayi*, texto que deu origem ao ramo gramatical do Vedanga, disciplinas acadêmicas da religião Védica. Os Rig Veda consistem de 1,028 hinos e muitos deles são dirigidos a rituais de sacrifício. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/rigveda>> e acessado em: 07 fev. 2008. Também em Pedersen (1972).

<sup>50</sup> Do original *Encounters: Two Studies in the Sociology of Interaction*. A paginação, que identifica as citações extraídas desta obra, é da publicação de 1966, Ed. Cornell University, Nova Iorque, Estados Unidos.

A interação focalizada também terá componentes da “não focalizada”, e pessoas ao redor daquelas em interação focalizada irão igualmente participar da interação “não focalizada”. Interessante destacar no estudo de Goffman (1966) é o que ele chama de “unidade natural da organização social”, e que nessa interação focalizada ocorre uma *reunião focalizada*, ou um *encontro*, ou um *sistema de atividade situada*. O autor presume que instâncias dessa unidade natural têm muitas coisas em comum com reuniões focalizadas como encontros com pequenos grupos, pequenos grupos de análise psicoterápica, por exemplo. A nós, neste estudo, interessa conhecer as noções de grupo, como o autor as define e como as pessoas percebem a organização social em que se encontram inseridas.

Um grupo social pode ser definido como um tipo especial de organização social. Seus elementos são indivíduos: eles percebem a organização como uma unidade coletiva distinta, uma entidade social separada dos relacionamentos particulares que eles possam ter uns com os outros; eles se percebem como membros que pertencem, identificam-se com a organização e recebem apoio moral ao agir assim. Eles mantêm um senso de hostilidade para com pessoas fora do grupo. Uma simbologia da realidade do grupo e a relação que se tem com ele também está envolvida. (GOFFMAN, 1966, p. 9).

Interessa-nos conhecer também algumas propriedades gerais que Goffman afirma existir num grupo social, pequeno ou grande, como as que incluem desde a regulamentação de entrada e saída, aquelas que Goffman (1966) chama de “Rituais de Interação”; capacidade para ação coletiva; divisão de trabalho, incluindo papéis de liderança; função de socialização; um meio de satisfação pessoal; uma função latente e de manifestação social da sociedade em redor. Essas mesmas propriedades podem ser encontradas em outras formas de organização social, tais como

[ . . . ] em um relacionamento social unindo duas pessoas, numa rede de relacionamentos entrelaçando um grupo de amigos, numa organização complexa, ou em um grupo de homens ou jogadores reunidos por regras de base enquanto estão abertamente preocupados apenas em derrotar os planos de seus co-participantes (GOFFMAN, 1966, p. 9-10).

Goffman (1966, p. 10) aqui se refere a: “Um grupo de pessoas reunidas numa sala de observação e solicitadas a trabalharem juntas numa tarefa [ . . . ] pré-planejada, algumas vezes sob instrução de como elas devem se dar bem, pode daí emergir um pequeno grupo [ . . . ]”.

Nessas organizações, grandes ou pequenas, naturais ou experimentais, ou mesmo em reuniões naturais ou experimentais, o que precisamos ver é como sua comunicação escrita se desenvolve e se ela possibilita que a cada nova escrita e reescrita os contornos textuais alterem o processo textual em construção com o outro, com um grupo, coletiva enfim. Assim, dependendo das ações empregadas pelos componentes do grupo, se positiva, o texto cresce

em complexidade cognitivo-informacional; se negativa, uma ação de apagamento pode ser empregada, total ou parcialmente, de uma ou mais partes do texto em construção, levando consigo palavras, frases e parágrafos e subjetividades que os compuseram. Numa ação neutra, embora saibamos de registros espaço-temporais, guardados numa espécie de banco de dados, em que a aparência exterior permanece inalterada, como antes de movimentos de inserção seguidos de apagamento. No interior de um texto em construção, uma ação silenciosa, aparentemente inócua, tem potência para desencadear, romper ou suturar movimentos textuais, mudando os rumos da comunicação escrita adiante.

A ação silenciosa na comunicação escrita na *Web*, como que um “vão de cerca”<sup>51</sup>, em linguagem campeira, ou ao que Axt (1998) refere como “falta” na comunicação, da perspectiva da construção da linguagem, em relação com a telemática, pode provocar uma “desestruturação subjetiva-cognitiva”, requerendo dos participantes dessa interação, em tempo real ou a distância, uma “suturação da falta”.

No estudo desenvolvido por Costa *et al.* (2005)<sup>52</sup>, a interação pela escrita em dois ambientes virtuais de apoio à aprendizagem, o *Forchat* para a Língua Portuguesa (L1) e o *EquiText* para a língua inglesa como estrangeira (L2) aponta para ganhos afetivos dos atores quando empregam estilos de linguagem mais informais, com traços da oralidade, nas interações com grupos de L1 (língua portuguesa) e L2 (língua inglesa), em comunidades virtuais de aprendizagem.

Essa produção movimenta-se e ganha corpo na expressão verbal humana. É o ato em relação com o fato da ação entre pessoas, na interação verbal, oral e escrita. É ação comum com o outro, seja ele/a um “tu / você”, um grupo, uma comunidade. O tecido da língua é, assim, co-construído, intertextualmente o mais ecumênica e comunalmente possível e se torna mais ou menos visível seja no uso externo que as pessoas fazem da língua, em ações conjuntas as mais variadas, conforme atestado por Clark (1996), seja na produção interna, como matéria do pensamento. Kristeva (1969), postula para além da concepção instrumentalista da linguagem para alcançar o todo da comunicação:

Se a linguagem é a matéria do pensamento, é também o próprio elemento da comunicação social. Não há sociedade sem linguagem, tal como não há

<sup>51</sup> “Vão de cerca”, expressão gaúcha que significa um espaço vazio entre dois campos, ocupados e cercados separadamente. É utilizada regularmente por falantes de português da região nordeste do RS e outras.

<sup>52</sup> No original: *Oral traces in written L1 and L2 interactions: Affective gifts of informal language styles in virtual learning communities*. Estudo atualizado em Costa, Elias e Axt (2007): *Oral traces in written L1 and L2 interactions: Affective gifts of oral in written language production in learning virtual environment-tools*, apresentado no XX Congresso Internacional de Linguística, Havana, Cuba, jan. 2007, *X Simpósio Internacional: Comunicación Social*, 2007, Santiago de Cuba, 2007. v. I. In: Caderno de "Actas - II", p. 735-738.

sociedade sem comunicação. Tudo o que se produz como linguagem tem lugar na troca social para ser comunicado (KRISTEVA, 1969, p. 20).

Essa troca social, quando se reveste na forma de um texto escrito, é, para Kristeva (1969, p. 22), “[ . . . ] uma prática que se realiza na comunicação social e através dela constitui uma realidade material [ . . . ]”. É um tecido vivo produzido nas trocas sociais, que se organiza na comunicação direta ou indireta com as pessoas, como resultado do que elas conseguem produzir através da língua escrita, praticamente comum aos interlocutores<sup>53</sup>. Isso pode acontecer quando as pessoas estão em relação umas com as outras, numa comunidade de fala, em presença ou em ausência, na escrita. Essas comunidades em comunicação verbal, através da escrita, o fazem na tensão mais ou menos harmônica das pessoas que nelas convivem, em virtude dos diferentes contextos sociais que nelas se constituem.

Os estilos de linguagem escrita variam ainda mais nos grupos que se constituem em ambientes informatizados de relacionamento, as chamadas comunidades de relacionamento, como o *Orkut*. Nos ambientes informatizados de apoio à aprendizagem, como o *TelEduc* e suas ferramentas de trabalho em grupo, esses estilos mais livres de comunicação quase oral também aparecem, embora seus participantes fiquem um pouco mais atentos à norma culta padrão. Em qualquer caso, mas especialmente nas comunidades virtuais, a expressão escrita que se organiza nesses coletivos vai desde um estilo informal, quase oral, ao mais ou menos cotidiano até chegar num estilo mais formal de escrita acadêmica, científica.

As variações na língua escrita dos falantes de língua inglesa, nativos e não-nativos, podem ser ainda mais acentuadas se forem observadas diferenças relativas à classe social, região e/ou país de origem, área de atuação profissional, gênero e outras. Dificilmente alguém se encontrará situado exclusivamente na categoria de um falante nativo ideal, tradicionalmente reconhecido pelos departamentos de Línguas Estrangeiras como sendo da classe média, da etnia dominante e do sexo masculino. A maioria das pessoas pertence a mais de uma comunidade lingüística e conhece e usa a sua língua e a de outras pessoas com as quais convive, diz-nos Kramersch (2003) em estudo sobre “O Privilégio do Falante Não-Nativo”:

Eles [os falantes não-nativos] sabem e usam a língua de casa, da escola, dos colegas de trabalho, do esposo estrangeiro, do colega imigrante e do parceiro de negócios estrangeiro. Aprendem línguas em viagens, deslocamentos, migração, ascensão social e lateral – são tantos os registros, dialetos, socioletos, estilos e códigos, meio dominados através da prática, meio inculcados através da escolaridade. Refratam-se mutuamente no uso e se entremeiam às línguas dominantes, semeando sementes de convergências ou

---

<sup>53</sup> Levar em conta a discussão anterior sobre os “ingleses mundiais”.

divergências interpessoais, de solidariedade ou dissidência social (KRAMSCH, 2003, p. 255, tradução nossa)<sup>54</sup>.

Nesse *continuum* de formas da expressão escrita em língua inglesa, algumas se modificam, outras se criam para dar conta das novas subjetividades que vêm emergindo dessas muitas interações como mencionadas acima por Kramsch (2003). Vêm sendo reforçadas pelos novos contatos que as pessoas travam no mundo da comunicação informatizada e também nos contatos diretos, em presença, pelos deslocamentos rápidos, cada vez mais freqüentes, entre pessoas no mundo inteiro. Nesses movimentos de aproximação multicultural, os discursos híbridos se constituem nas misturas entre línguas, dialetos, variações diversas acima mencionadas.

Se oral, o texto é ouvido; se escrito, é lido. Porém o texto ouvido pode ser lido e o texto lido pode ser ouvido, o que requer, invariavelmente, um suporte psicofísico (SAUSSURE, 1959), para dar forma a esse fenômeno: a linguagem verbal, articulada ou expressa através da escrita numa dada língua – simultaneamente um sistema e uma prática social, na visão de Koch:

A língua é sistema, ela é um conjunto de elementos inter-relacionados em vários níveis, no nível morfológico, no nível fonológico-morfológico, sintático. Mas ela só se realiza enquanto prática social, quer dizer, os seres humanos nas suas práticas sociais usam a língua e a língua só se configura nessas práticas e é constituída nessas práticas (KOCH, 2006, p. 124).

A linguagem humana, para Jakobson (1970), é um código verbal à disposição de uma comunidade de fala. Nessa comunidade de fala, que também se comunica pela escrita:

A diversidade de interlocutores e sua mútua adaptabilidade constituem fator de importância decisiva na multiplicação e diferenciação de subcódigos [ . . . ] dentro da competência verbal de seus membros individuais. O variável ‘raio de comunicação’, segundo o feliz termo de Sapir (1933, p. 107), envolve uma troca interdialeto e interlingual de mensagens e usualmente cria agregados e interações multidialetais e às vezes multilinguais dentro do padrão verbal dos indivíduos e até de comunidades inteiras. (JAKOBSON, 1970, p. 27)

Os interlocutores dessas múltiplas comunidades de fala, co-participantes de um sistema, compartilham semelhanças e entrelaçam-se mutuamente e intertextualmente qual organismos vivos. Comunicam-se ativamente, fazendo textos e sentidos nascerem, crescerem,

---

<sup>54</sup> Texto original: “*They know and use the languages of the home and the school, of the coworkers and of the foreign spouse, of the immigrant colleague and of the foreign business partner; and pick up languages through travel, displacement, migration, upward and lateral mobility – so many registers, dialects, sociolects, styles, and codes, half mastered through practice, half inculcated through schooling, refracting one another in use, woven into dominant tongues, sowing seeds of interpersonal divergence or convergence, of social solidarity or dissidence.*”

e, eventualmente, multiplicarem-se, enquanto houver manifestação concreta da linguagem escrita. Como uma entidade sistêmica, orgânica, essa comunidade de fala se alimenta da língua, seja ela materna, segunda língua, língua estrangeira, língua franca, internacional, mundial, global. Isso faz sentido quando, na prática da vida cotidiana, as pessoas se aproximam, formam grupos, permanecem juntos por um determinado tempo, realizando algo em conjunto. Goffman, quando trata das variedades das interações face a face, como as que ocorrem durante encontros em atividades, como num jogo de *bridge*, por exemplo, faz uma distinção interessante quando do acontecimento de um jogo: “[ . . . ] uma partida de jogo tem jogadores; um encontro de jogo tem participantes.”<sup>55</sup> (GOFFMAN, 1966, p. 36, tradução nossa) E vai mais além: “Do momento em que quatro pessoas se sentam para jogar *bridge* ao momento em que essas quatro pessoas deixam a mesa de jogo, um sistema orgânico de interação passou a existir.” (GOFFMAN, 1966, p. 36, tradução nossa).

Entendendo a língua escrita como uma tecnologia que mantém um sistema orgânico de interação, digamos um texto em LILE, por exemplo, co-produzido em parceria ou em grupo, este se movimenta e se multiplica de diversas formas. Estabelece uma relação entre seu produtor, a instituição que o põe em contato com o conhecimento, ou seja, a língua, e o produto produzido, um texto.

A instituição língua inglesa como língua estrangeira, uma instituição organicamente estruturada e visibilizada em atos de escrita, está penetrando em contextos cada vez mais plurais, coletivos e sóciocognitivamente diferenciados. Os meios de produção desta língua, apoiados pelas tecnologias, sejam elas a voz, o lápis, o teclado do computador, afetam seus usuários e são por eles afetadas, na dinâmica da comunicação que, hoje mais do que nunca, ultrapassa fronteiras geopolíticas e culturais. Em estudo sobre “A Comunicação Intercultural”, Porter e Samovar (1993, p. 24) afirmam que: “Uma determinada cultura não pode existir sem comunicação; uma não pode mudar sem causar mudança na outra”.

A produção na linguagem escrita, seja esta um texto dialogado, uma narrativa ficcional, uma obra científica, é um corpo vivo que nasce, cresce, se abre ou se fecha para outros textos em processo semelhante a situações e momentos em que pelo menos duas pessoas, reais ou imaginárias, se encontram e se modificam mutuamente. A ritualística que pode resultar de um encontro desses é um acontecimento no e com o outro. É um evento ou organização social que põe em movimento pessoas e os elementos lingüísticos que elas usam para compor um ritual: há marcas na linguagem de chegada, ou de início da conversação, de

---

<sup>55</sup>Texto original: “*A play of a game has players; a gaming encounter has participants.*”



seguimento ou de manutenção, por vezes de evitamento, e de saída, de término desse evento. Goffman preocupou-se com os rituais de interação face a face, e nos diz que:

Organização social é tema central, mas o que é organizado é a mistura conjunta de pessoas e suas iniciativas temporárias que podem surgir a partir daí. Uma estrutura estabilizada normativamente está em questão, um ‘encontro social’, mas essa é uma entidade em mudança, necessariamente evanescente, criada nas chegadas e encerrada nas partidas (GOFFMAN, 1967, p. 2, tradução nossa).<sup>56</sup>

Querer, desejar e precisar resolver questões é da ordem do humano, e essas ações podem acontecer dentro de procedimentos estabelecidos cooperativamente (GRICE, 1975; DAVIES, 2007), colaborativamente (NUNAN, 1992) ou mesmo coletivamente (LÉVY, 1993), segundo tradições histórico-econômico-culturais das comunidades que as mantêm. O texto escrito, tal um organismo-vivo, em mutação como outro qualquer, quando em contato com o texto escrito de outra pessoa, põe-se em relação conjunta, provocando uma interação que poderá transformar a ambos, não importando a língua-código utilizada e se esta é corretamente empregada, segundo as normas cultas. Truscott (1996) vai mais além ao argumentar que a correção gramatical em aulas de escrita em segunda língua (L2) deveriam ser abolidas, pois um grande número de pesquisas na área mostra a ineficácia da correção gramatical e nenhuma mostra a sua utilidade, tanto por razões teóricas como práticas.

A escrita textual de uma pessoa (que pressupõe interação com um outro interlocutor) carrega consigo aspectos da história dessa pessoa, economias e culturas que a circundam, elementos esses que se afetam mutuamente, em maior ou menor grau, resultando desse contato uma comunicação nova, diferente para ambas as pessoas envolvidas no processo. Nessa ação comum, sentidos novos emergem do texto escrito na língua comum, em inglês. E, mesmo que haja diferenças de domínio desta língua internacional ou global, mas sempre estrangeira para um professor brasileiro, apostamos no resultado positivo na criação de sentidos, nessa comunicação escrita.

Nessa perspectiva, os aprendizes que se comunicam em LILE têm a oportunidade de aperfeiçoar a aceitação e flexibilidade do convívio com o outro, um estrangeiro, em encontros “[ . . . ] que revelam modos inesperados de lidar com os choques trans-culturais que eles encontram ao migrar de uma língua para outra”, afirma Kramsch (2003, p. 260). Nesses

---

<sup>56</sup> Texto original: “*Social organization is the central theme, but what is organized is the co-mingling of persons and the temporary interactional enterprises that can arise therefrom. A normatively stabilized structure is at issue, a ‘social gathering’, but this is a shifting entity, necessarily evanescent, created by arrivals and killed by departures*”.

encontros, os aprendizes usuários da LILE têm a possibilidade de construir sentido e de trabalhar a auto-expressão na LE, em práticas com a língua escrita nos muitos territórios (físicos e virtuais) em que o inglês circula no mundo, “[ . . . ] bem longe da tradicional e sedentária oposição entre falante *nativo/não-nativo* [ . . . ]”, como postula Kramsch (2003, p. 260) acerca da discussão que ultrapassa fronteiras, questões de pesquisa e metodologias de ensino. E a autora vai adiante ao dizer que:

Bem mais interessante são as múltiplas possibilidades de auto-expressão na língua. A esse respeito, cada um é potencialmente, em maior ou menor grau, um falante não-nativo, e que esta posição é um privilégio (KRAMSCH, 2003, p. 260).

Um privilégio de ensino e de vida, de aproximação de duas ou mais culturas para quem, em pelo menos numa delas, é estrangeiro. Assim, posturas mais respeitadas nas relações entre pessoas de origens diferentes é tendência nos estudos da lingüística em direção à “pós-modernidade” (MATTOS, 2004).

Samovar e Porter (1993), que estudam sobre os encontros de culturas na comunicação, configuram esta aproximação através do “Modelo de Comunicação Intercultural”<sup>57</sup>, mostrando haver uma terceira cultura “C”, como resultado dos encontros entre as culturas “A” e “B”. Essa terceira cultura “C” se organiza, em nosso entendimento, como uma nova zona de comunicação entre pessoas e textos, com elementos de pelo menos duas outras culturas. Dificilmente a língua utilizada pelas pessoas em contato nessa cultura “C” manteria nitidamente separados os componentes de suas culturas de origem. Ainda assim, nessa zona comunicacional comum, ambas as partes construiriam textos e sentidos em conjunto.

Quando escrito, o texto conta com o apoio de um código, com regras determinadas, como é o caso das línguas nacionais, em geral, e a língua inglesa, em particular. Quando essa língua inglesa é utilizada noutros territórios, grupos, comunidades, que não aqueles em que é considerada língua oficial, neste estudo optamos por chamá-la de língua estrangeira, não necessariamente excluindo as outras denominações já mencionadas (segunda língua, língua mundial, global, etc.). Neste estudo, frisamos, **nosso objeto de estudo é o texto escrito, em língua inglesa como língua estrangeira, LILE, um espaço de criação de autoria coletiva**. Essa autoria se torna mais peculiar ainda quando criada no computador, em uma ferramenta de escrita colaborativa na *Web*, o *EquiText*, e suas funcionalidades, por um grupo de pessoas dispostas a realizarem juntas e separadamente uma tarefa escrita, de tema livre, como também

---

<sup>57</sup> No *Model of Intercultural Communication*, ou “Modelo de Comunicação intercultural” Samover e Porter (1997) mostram, em linhas gerais, que: 1. há outras coisas além da cultura que influenciam e moldam o indivíduo; 2. que embora a cultura seja a força dominante num indivíduo, as pessoas variam entre si dentro de qualquer cultura.

o mais livre possível dos parâmetros da análise e avaliação do certo, tão presentes e ameaçadores nas atividades acadêmicas, especialmente por focalizar no erro do aprendiz de uma LE indicadores de falha na aprendizagem.

Como a escrita em língua inglesa enquanto língua estrangeira tem sido tema de estudo freqüente desde que pessoas passaram a utilizar a língua escrita na comunicação, na correspondência comercial, pessoal, em atividades escolares com a língua e suas literaturas, seus processos de uso e aprendizado, integrando atividades de leitura e escrita, as variantes mais cultas desta língua vão se firmando no aluno-usuário-futuro professor. E, à medida que esta língua escrita vai assumindo posições mais elevadas no processo de ensino-aprendizagem, novos e mais eficientes recursos metodológicos de ensinar a produção de textos vão surgindo, para que dêem conta de atender às novas necessidades de comunicação no mundo, tensionando os métodos calcados na tradução, ainda muito utilizados, e que contemplam apenas a norma culta padrão. O que se torna uma abordagem reducionista, pois inclusive os editores de texto, como o “*Word 1997-2003-2007*”, oferecem as muitas opções de língua inglesa: além das tradicionais americana e britânica, há as versões do Canadá, África do Sul, Nova Zelândia, Irlanda e outras.

No contexto nacional brasileiro, o documento “Padrão Referencial de Currículo: ensino médio – área de linguagens, códigos e suas tecnologias, língua estrangeira moderna” trata da questão da aquisição da língua estrangeira (LE) no âmbito da instrução formal no Ensino Médio. O currículo deve incluir uma língua estrangeira moderna como disciplina obrigatória e, optativamente, uma segunda LE, conforme a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*, Lei 9394, Seção IV, Art. 36, al. III, de dezembro de 1996. Nesse documento, Schlatter *et al.*, partem do pressuposto de que

[ . . . ] a aprendizagem de língua estrangeira faz parte dos requisitos necessários para fortalecer o sentimento de cidadania do indivíduo, através do conhecimento do outro e de si próprio. É conhecendo a língua e a cultura de outras comunidades que poderemos compreender melhor nossa identidade e o modo como nos inserimos nesse contexto. (SCHLATTER *et al.*, 1998, p. 4)

As autoras acreditam que:

Qualquer esforço de cooperação econômica, social, cultural e política depende diretamente da ciência e da tecnologia, que tem na língua a sua forma de expressão por excelência. Seja através da língua falada ou da língua escrita, se tivermos acesso à informação e, ao mesmo tempo, se pudermos veicular informação, poderemos exercitar nossa cidadania e, a partir do conhecimento sobre o outro e sobre nós mesmos, poderemos ser indivíduos mais atuantes no contexto atual de comandos cada vez mais estreitos entre diferentes culturas (SCHLATTER *et al.*, 1998, p. 4-5).

Entendemos, em acréscimo, que junto à cooperação com a ciência e a tecnologia e o compromisso de promover com responsabilidade a cidadania, é importante realizar o trabalho que fazemos com a língua escrita em ações pedagógicas, levando em consideração a noção de estrangeiros que somos e da necessária preservação da nossa cultura, política e economia. Nesse contexto, nosso papel à frente da LILE tem a missão de trabalhar o estrangeiro desde o local, regional e o nacional brasileiros e, desse lugar, procurar aprender com a cultura estrangeira, a realidade mundial maior em que nós, brasileiros, existimos e atuamos.

Nossa posição de examinar a escrita em língua inglesa produzida por futuros professores, alunos em formação, deverá funcionar mais adequadamente se considerarmos padrões e abordagens de ensino que considerem o complexo contexto da língua inglesa como língua estrangeira, sua escrita, distantes daquela construída e distribuída no mundo que privilegia a distinção deficitária entre *falante nativo* e *falante não-nativo*.

A arte e habilidade de escrever “bem e adequadamente” tem sido questão de estudo geral, e seu desenvolvimento tem sido requerido cada vez mais pelas pessoas que transitam na comunidade global. Nesse contexto, o ensino da escrita na educação formal com base na área de estudos da aquisição e aprendizagem de linguagem, em geral, e na área da segunda língua ou língua estrangeira, em particular, vem assumindo um papel de importância nunca antes experimentado<sup>58</sup>.

Weigle (2002), em trabalho sobre avaliação da escrita, examina a escrita durante o processo de produção e aposta na idéia de Hughes (1989, p. 75) que acredita ser “[ . . . ] a melhor maneira de testar a habilidade escrita das pessoas é fazê-las escrever.”

Luft, em palestra proferida em uma IES de Porto Alegre, dia 13 de agosto de 1985, dizia “[ . . . ] só se aprende a escrever escrevendo [ . . . ]”, ao que Guedes (2000, p. 205) confirma o que Erasmus (séc. XVI) já utilizava como adágio: “O desejo de escrever vem com o escrever (tradução nossa)”.<sup>59</sup> O autor, entretanto, não pára aí, vai além ao dizer que “[ . . . ] o resto não é bobagem: a teorização só é bobagem quando se reduz ao aprendizado da metalinguagem com que a teoria se expressa, quando sua única função é identificar um seletivo grupo de falantes de javanês.” (GUEDES, 2000, p. 205) No Curso de Letras, por exemplo,

[ . . . ] como de resto durante qualquer curso universitário, a gente entra em contato com várias teorias, que identificam e definem entidades componentes dos nossos objetos de estudo, estabelecem relações entre essas

<sup>58</sup> A denominação segunda língua ou língua estrangeira, vinculada ao campo da pesquisa da aquisição ou aprendizagem de línguas, quando aparecer neste trabalho, não terá caráter diferencial. Todavia, nossa opção recai pela expressão língua estrangeira, tendo a língua inglesa como referência no estudo, ensino e uso por professores e pessoas brasileiras, em oposição ao português, língua-mãe dos brasileiros ou língua nacional.

<sup>59</sup> Original: “*The desire to write grows with writing.*” (Erasmus, 1466 a 1536).

entidades e dão nomes a elas. Metalinguagens são, pois, instrumentos indispensáveis para podermos operar em nossa profissão. (GUEDES, 2000, p. 205)

No “Manual de Redação”, Guedes (2000) inicia com uma discussão sobre a escrita de texto, suas principais denominações ao longo dos últimos 60 anos e como elas se relacionam às ações de *olhar-imaginar-organizar-escrever* texto. Um texto é uma *composição, redação* ou *produção*, palavras sinônimas que significam “a ação de escrever textos”, quando histórica e economicamente têm a ver com “[ . . . ]teorias que expressam diferentes formas de considerar não só a ação de escrever textos, a ação de ensinar a escrever textos e a ação de exercitar a linguagem, mas a própria organização social do País.” (GUEDES, 2000, p. 205).

A palavra “composição”, para Guedes, remete à gramática tradicional que tem na linguagem um instrumento de organizar e expressar o pensamento dentro dos princípios da chamada “Lógica Formal”. Tem na linguagem de Rui Barbosa seu modelo inspirador. A preocupação com o texto

[ . . . ] é mais com a correção do processo de raciocinar do que com a finalidade com que o raciocínio é enunciado [ . . . ] e a ação de escrever textos é antes ‘por com’, juntar conceitos, imagens, figuras num texto cuja única originalidade pode ser a peculiar maneira de arranjar esse material que a tradição deixou disponível. (GUEDES, 2000, p. 205).

O termo “redação”, conforme Guedes, aparece nos anos 50, se fortalece durante o período desenvolvimentista do “milagre econômico” e esmorece com a crise econômica do final dos anos 70. Esta palavra quer expressar

[ . . . ] a eficiência tecnocrática dos engenheiros, economistas, administradores, politicólogos civis e militares que foram substituindo os bacharéis no comando dos negócios do País, eficiência que acabou por se tornar o emblema da sociedade brasileira nesse período. (GUEDES, 2000, p. 205).

A ação de “redigir” texto foi a que mais influenciou o ensino na época, e, até o presente, deixa entrever influências das teorias da informação e comunicação, e seus fundadores, Shannon (1948), Shannon e Weaver (1949) e da cibernética, criada por Wiener (1948) e dos formalistas lingüísticos inspirados no processo da comunicação verbal de Jakobson (1956). Essas teorias surgiram e foram desenvolvidas no período pós 2ª Guerra Mundial e influenciaram os estudos científicos no Brasil.

A expressão “produção de texto”, diferentemente de “compor” com brilho, “redigir” com organização e limpeza, abre espaço para o reconhecimento da

[ . . . ] ação de escrever textos como um trabalho entre outros trabalhos: cultivar a terra, pastorear cabras, consertar sapatos, dar aulas [ . . . ]. Nesse momento, ‘produzir’ textos escritos significa ‘transformar, mudar, mediante

uma ação humana, o estado da natureza com vistas a um interesse humano'.  
(GUEDES, 2000, p. 205)

*Produzir texto*, expressão surgida em meio à crise econômica da segunda metade dos anos 70, coloca o autor, aquele que escreve, seja ele professor, aluno, um trabalhador qualquer, a produzir alguma coisa mais concreta, como “[ . . . ] produtos tão úteis quanto queijos, cuias para chimarrão, bóias de pesca, caminhões, tratores, chapéus, feijão preto” (GUEDES, 2000, p. 206). São aspectos de uma transformação paradigmática pela qual passou “a ação de escrever” ao longo dos últimos 60 anos:

A linguagem já não é vista apenas como um instrumento para organizar o pensamento nem apenas como um meio de comunicação. Ela é reconhecida como uma forma de ação, um processo de estabelecer vínculos, de criar compromissos entre interlocutores (GUEDES, 2000, p. 2006).

Ao criar vínculos com nossos interlocutores, os alunos, nós, professores de professores em formação (na graduação e na educação continuada) de língua inglesa como língua estrangeira (LILE), nos colocamos diante de um desafio mútuo, o de ensinar a escrever na língua-alvo e o de escrever sobre tais vivências, como menciona Dysthe (2001), em palestra proferida na Conferência da EATAW/2001<sup>60</sup>, para uma congregação europeia de professores e pesquisadores de escrita acadêmica. Podemos ainda trabalhar com a escrita individual e esta em contato com outras escritas de modo conjunto e colaborativo. Emerge daí, então, um terceiro desafio, o de fazer coisas com a escrita em língua inglesa, a LILE: na verdade, ver pessoas realizando ações conjuntas, através da escrita de um texto qualquer, em qualquer estilo ou gênero, agindo em coordenação umas com as outras.

Se para Quine (1979, p ix): “A língua é uma arte social.”<sup>61</sup>, para Clark (1996) ela é uma arte social aplicada, é usada para fazer coisas, que podem incorporar tanto processos individuais como sociais:

Falantes e ouvintes, escritores e leitores precisam realizar ações como indivíduos se quiserem se dar bem em seu uso da língua. Mas eles também precisam trabalhar como participantes de unidades sociais que eu chamo de *ensembles*. Ataire and Rogers ambos desempenham ações individuais ao movimentar seus corpos, braços, pernas e ações conjuntas coordenando estes movimentos a medida que criam a valsa. (CLARK, 1996, p. 3-4, tradução nossa)<sup>62</sup>

<sup>60</sup> EATAW – *European Association for the teaching of Writing*. Na Conferência de 2001, a palestra de abertura da Prof.<sup>a</sup> Dysthe, Universidade de Bergen, Noruega, versou sobre *The mutual challenge of writing research and the teaching of writing*, isto é, “O desafio mútuo da escrita da pesquisa e o ensino de escrita”.

<sup>61</sup> Texto original: “*Language is a social art.*” (QUINE, 1979, p. ix).

<sup>62</sup> Texto original: “*Speakers and listeners, writers and readers, must carry out actions as individuals if they are to succeed in their use of language. But they must also work together as participants in the social units I have*

Nesses processos de desempenho individual e em conjunto, Costa (2001) se alinha a Clark (1996) ao comentar que:

Os graciosos bailarinos do cinema americano representam uma das situações do cotidiano das pessoas que Clark resgata para exemplificar sua noção de ‘ação conjunta – aquela que é desencadeada por um conjunto de pessoas atuando em coordenação umas com as outras’. (COSTA, 2001, p. 345)

Dos desempenhos individuais, em coordenação com o(s) do(s) outro(s), continua Costa (2001) acerca do estudo de Clark (1996) sobre o uso da linguagem em ação, respaldada em Winkin (1998):

[ . . . ] criam-se atividades conjuntas que se constituem nas negociações do cotidiano. O uso da linguagem dá, assim, maior significado às relações humanas em seus mais variados contextos individuais e sociais. A ponte construída entre estes dois extremos estabelece não uma conexão linear entre falante e ouvinte mas uma conexão mais próxima de um modelo orquestral da comunicação, onde o comum, a participação, a comunhão, soam mais alto. (COSTA, 2001, p. 344)

Com esse trabalho de fôlego, Clark (1996) privilegia a interação face a face sobre outras formas de comunicação, o que em princípio não nos interessaria aqui. No entanto, das seis proposições que o autor elege para esquematizar sua abordagem à linguagem, destacamos as três primeiras, como representativas também do nosso estudo da escrita em língua inglesa como língua estrangeira, LILE, da perspectiva da formação de professores:

- Proposição 1. *A linguagem é fundamentalmente usada com propósitos sociais.* As línguas não existiriam se não fosse pelas atividades sociais das quais elas são instrumento.
- Proposição 2. *O uso da linguagem é uma ação conjunta.* As ações conjuntas exigem a coordenação de ações individuais, estando os participantes conversando face a face ou escrevendo um ao outro em tempo e de espaço amplamente distintos.
- Proposição 3. *O uso da linguagem sempre envolve o significado do falante e o entendimento do interlocutor.* Embora o uso da linguagem seja bem mais do que querer dizer de um lado e entender do outro, estas noções são centrais, decisivas mesmo, para o uso da linguagem. (CLARK, 1996, p. 347, grifos do autor)

Nas três proposições acima listadas são enfatizados os aspectos: “social”, “ação conjunta” e as “relações de vontade” e “entendimento” entre as partes envolvidas na comunicação, elementos necessários a quem se dedica a trabalhar com a escrita em língua estrangeira no discurso construído em processo, em qualquer que seja o meio, circunstância ou parceria. Entretanto, como fazer com que esses processos fluam melhor em situação de

---

*called ensembles. Astaire and Rogers perform both individual actions, moving their bodies, arms, legs, and joint actions, coordinating these movements, as they create the waltz.”*

ensino (presencial e a distância), no âmbito da formação de professores de língua estrangeira, com o apoio da tecnologia informatizada?

Richards (2002), diante de um extenso trabalho de levantamento do estado da arte no ensino de LILE, no mundo, nos últimos 30 anos, para a elaboração da terceira edição do *Longman Dictionary of Language and Applied Linguistics* (RICHARDS; SCHMIDT, 2002)<sup>63</sup>; da nova edição do *Approaches and Methods in Language Teaching* (RICHARDS; RODGERS, 2001) e da preparação de uma nova antologia de práticas metodológicas de ensino de língua, *Methodology in TESOL: an Anthology of Current Practice* (RICHARDS; RENANDYA, 2002)<sup>64</sup>, este autor, em parceria com seus pares, se depara com três questões:

- 1) Quais são algumas das questões básicas sobre o ensino de língua com que temos nos preocupado?
- 2) No que acreditávamos e entendíamos sobre tais questões há trinta anos atrás?
- 3) No que acreditamos e entendemos sobre elas agora? (RICHARDS, 2002, p. 1, tradução nossa)<sup>65</sup>

Em resposta a essas indagações, Richards (2002) examinou exemplares de revistas profissionais da área como a *English Language Teaching Journal*<sup>66</sup> e o *English Teaching Forum*<sup>67</sup> dos últimos 10 anos. Das perguntas formuladas pelo autor sobre os resultados alcançados, selecionamos a última de uma série: “Como podemos preparar os professores de línguas?” (RICHARDS, 2002, p. 2, tradução nossa)<sup>68</sup>; e, acrescentaríamos: “Como podemos preparar os professores de línguas, brasileiros, e como fazer para desenvolver a escrita desses educadores, que têm na LILE importante ferramenta para ajudar a construir mais solidária” (LEFFA, 2006, p. 10-25), pacífica e humanitariamente o mundo, local e global, que a todos pertence? (MATOS, 2004, 2002).

Apostamos em uma ecologia da escrita que promova a sustentabilidade de um mundo o mais solidário possível, e vemos nos futuros professores dos muitos ingleses existentes uma

<sup>63</sup>Dicionário Longman de Língua/Linguagem e Lingüística Aplicada (RICHARDS; SCHMIDT, 2002, tradução nossa). *Métodos e Abordagens no Ensino de Língua* (RICHARDS; RODGERS, 2001, tradução nossa).

<sup>64</sup>*Metodologia em TESOL: uma antologia da prática corrente* (RICHARDS; RENANDYA, 2002, tradução nossa).

<sup>65</sup>Texto original: “1) *What are some of the key questions we have been concerned about in language teaching?* 2) *What did we believe and understand about these issues thirty years ago?* 3) *What do we believe and understand about them now?*”

<sup>66</sup>*Revista de Ensino de Língua Inglesa*. Versão eletrônica disponível em: <[http://www.asian-efl-journal.com/site\\_map\\_2007.php](http://www.asian-efl-journal.com/site_map_2007.php)> e acessado em: 03 dez. 2007.

<sup>67</sup>*Fórum de Ensino de Inglês*. Versão eletrônica disponível em: <<http://exchanges.state.gov/forum/journal/>> e acessado em: 03 dez. 2007.

<sup>68</sup>Texto original: “*What are the goals of teaching English? - What is the best way to teach a language? - What is the role of grammar in language teaching? - What processes are involved in second language learning? - What is the role of the learner? - How can we teach the four skills? - How can we assess students’ learning? - How can we prepare language teachers?*”



nova possibilidade para a construção de inteligências menos competitivas e mais participativas. Apostamos na escrita como uma ferramenta para aproximar pessoas, grupos, consciências que pensam, em conjunto, produzem sentidos para mover a aprendizagem em direção à paz entre os povos, preservando suas culturas locais. E apostamos nas mais novas tendências – nos letramentos digitais – para referendar a promoção da conquista do prêmio da vida, uma instituição digna de ser mantida com qualidade e equidade.

Contamos com o apoio de estudiosos e pesquisadores que sustentam nossa aposta, como Axt (1998), Axt e Maraschin (1997), Maraschin e Axt (1998), Leffa (2006), Matos (2002, 2004), Alonso *et al.* (2000, 2003), que, no ato da criação de suas teorias fundadas na prática, apostaram ética, estética e responsavelmente em propostas de trabalho que abrissem espaços para o surgimento de ferramentas/ambientes informatizados de aprendizagem, que possibilitam síncrona e assincronamente, preservadas suas peculiaridades teórico-procedurais, a produção de conhecimento sustentada em Piaget (1973, 1977), Vygostky (1994), Freire (2000), Jaffee (1997), e suas pedagogias da autonomia, da possibilidade, do respeito às diferenças e do trabalho em grupo, como apoio na construção textual em colaboração/cooperação, para o *EquiText*, também para o *Forchat*, este último, com especificidades teóricas próprias.

Em Axt (1998), podemos ver a linguagem, a língua escrita, como a componente de “um mecanismo construtor” que faz o processo de produção de sentido emergir e a vida andar, em contexto individual e coletivo. Com Maraschin e Axt (1998) vemos esse mecanismo construtor mover-se como um sistema orgânico, que se sustenta por uma ecologia cognitiva agenciando homens e máquinas, tendo na linguagem seu principal elo na comunicação. E, mais recentemente, com Maraschin e Axt (2005), somos convidadas a refletir sobre como as relações, a aprendizagem, os saberes podem ser afetados na convivência com as tecnologias. As autoras nos propõem a noção de “acoplamento tecnológico” como dispositivo teórico para pensarmos “[ . . . ] o efeito de constitutividade de uma determinada rede (ou Rede) de convivência, bem como de seus produtos.” (MARASCHIN; AXT, 2005, p. 39)

### 2.3 A LÍNGUA INGLESA ESCRITA EM AMBIENTE INFORMATIZADO

O uso crescente das tecnologias da comunicação nas relações cotidianas, desde a segunda metade do século XX, com o nascimento das novas forças organizativas no mundo, novos campos de pesquisa da língua se insurgem, como a *Comunicação Mediada pelo*

*Computador* – CMC<sup>69</sup>, e, mais especificamente, o campo da *Aprendizagem de Línguas Mediada pelo Computador* – ALMC, siglas utilizadas por Kramsch, Ness e Lam (2000).

Noutra perspectiva, a pesquisa referente ao ensino da língua estrangeira (ou aquisição da segunda língua) através do computador na *Web* toma um caráter de “apoio”, de “instrução assistida” e, em decorrência, as siglas passam a incluir essa conotação de “assistência”, não de “mediação”. Temos, então, o campo de pesquisa da *Aquisição da Segunda Língua Assistida ou Apoiada pelo Computador* – ASLAC<sup>70</sup>, que nos preocupa mais diretamente. Este, por sua vez, deriva do campo de estudos da *Aprendizagem Apoiada pelo Computador* e, mais especificamente, da área de estudos da *Aprendizagem de Língua Apoiada pelo Computador* – ALAC, conforme Chapelle (2000, 2001), Warschauer (2007, 2006, 2002, 2001, 2000).

Como os objetivos de pesquisa das áreas de domínio da ASLAC também interessam às áreas de estudos da Informática na Educação, Aprendizagem Colaborativa Apoiada pelo Computador, Inteligência Artificial, Lingüística Computacional, Lingüística de *Corpus*, Avaliação Assistida/Apoiada pelo Computador, considerando-se a perspectiva da abordagem comunicativa, apresentamos, a seguir, o Quadro 1, inspirado no quadro organizado por Chapelle (2001), que contém a pergunta principal das áreas referidas e seu correspondente em ASLAC. No final, incluímos nossa pergunta tendo em vista que o foco da nossa pesquisa está voltado ao trabalho com a escrita colaborativa em língua inglesa como língua estrangeira, em ambiente informatizado na *Web*, da perspectiva da formação de professores.

Se na área da...	...a questão principal é...	...na área da Aquisição da Segunda Língua / Língua estrangeira Apoiada pelo Computador a preocupação correspondente vem a ser...
Informática na Educação	Como podem os computadores ser melhor utilizados para desenvolver a aprendizagem?	Como os computadores podem ser melhor utilizados para desenvolver as habilidades comunicativas (ouvir, falar, ler e escrever) na L2 – LE <sup>71</sup> ?

<sup>69</sup> Em inglês: *Computer Mediated Communication* – CMC; *Computer Mediated Language Learning* – CMLL.

<sup>70</sup> Em inglês: *Computer Assisted Second Language Learning* – CASLA; *Computer Assisted Learning* – CAL; *Computer Assisted Language Learning* – CALL.

<sup>71</sup> A habilidade comunicativa na L2 (Segunda Língua, também Língua Estrangeira, neste trabalho) refere-se a uma ampla definição de competência comunicativa, que inclui o controle tanto na forma como na função na Segunda Língua (L2). Os aspectos aqui considerados, conforme afirma Chapelle (2001), são melhor desenvolvidos em Bachman (1990) e Bachman e Palmer (1996). Mais adiante, neste estudo, nós consideramos a teoria da “competência comunicativa”, na interpretação de Savignon (1972, 2002), Canale e Swain (1980), Swain (1983, 1998). A noção da “competência comunicativa”, conforme Canale e Swain (1980) não só inclui a competência gramatical, como também a competência contextual ou sociolingüística, atualizada como sociocultural, conforme releitura de Savignon (2002), em Costa *et al.* (2001a, b, c, 2002).

Aprendizagem Colaborativa Apoiada pelo Computador	Como podem ser projetadas as atividades auxiliadas pelo computador para promover a aprendizagem através da colaboração?	Como podem ser projetadas atividades colaborativas de aprendizagem auxiliadas pelo computador para promover o desenvolvimento da habilidade comunicativa em L2?
Inteligência Artificial	Como podem ser implementadas regras de lógica em programas computacionais para desempenhar funções que requeiram análise e julgamento com base no conhecimento?	Como podem programas de computação com capacidade para análise e julgamento com base no conhecimento ser usados para promover o desenvolvimento da habilidade comunicativa da L2 e reforçar a validade da avaliação na L2?
Linguística Computacional	Como podem as regras da língua e do processamento da língua ser usadas para escrever programas de computador para reconhecer e produzir a linguagem humana?	Como podem os programas de computador de reconhecimento e produção de linguagem promover o desenvolvimento da habilidade comunicativa em L2 e reforçar a validade da avaliação em L2?
Linguística de <i>Corpus</i>	O que revelam as descrições e análises de língua de grandes <i>corpora</i> de textos sobre padrões lexicais e estruturas gramaticais que as pessoas usam?	Como pode o uso de corpora dos aprendizes promover o desenvolvimento da habilidade comunicativa em L2?
Avaliação Apoiada pelo Computador	Como podem ser utilizados os computadores para aumentar a credibilidade das avaliações?	Como podem ser utilizados os computadores para aumentar a validade das avaliações na L2?
<b>Informática na Educação – PPGIE/LELIC – UFRGS*</b> <b>*Onde nós nos situamos neste estudo.</b>	<b>Como promover a autoria coletiva em língua estrangeira, em ambiente informatizado, com foco na formação de professores?</b>	<b>Como promover a autoria coletiva (escrita) em LI, na ferramenta de escrita colaborativa na Web, o EquiText, com foco na formação de professores em LILE?</b>

QUADRO 1 – Aquisição de Segunda Língua Apoiada pelo Computador – ASCLA / SLAC / *Computer Assisted Second Language Acquisition – CASLA*, em vista da nossa questão de pesquisa.

FONTE: Chapelle, 2001, p. 41.

Situamos nossa questão no âmbito de discussão na área de estudos da Aprendizagem de Segunda Língua / Língua Estrangeira Apoiada pelo Computador (ASCLA), última linha, no quadro acima. Ela volta-se à escrita na ferramenta *EquiText*<sup>72</sup>, como possibilidade alternativa de trabalho com a língua inglesa, em colaboração, no grupo. Nesta perspectiva, se enfatiza uma escrita livre, sem os exageros formalistas da norma gramatical e da avaliação

<sup>72</sup> Entendemos ambiente informatizado como “continente”, e a ferramenta *EquiText* de escrita colaborativa na Web, como “conteúdo” ou “[ . . . ] aquilo que ocupa, parcialmente ou totalmente, o espaço em algo. Obs.: p.opos. a continente” (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa). O ambiente informatizado comporta mais de uma ferramenta de trabalho com a escrita, como o Fórum, o Webfólio, o Chat, o Correio Eletrônico. Todavia, o *EquiText* encampa características de ambiente e de ferramenta, pois nele podemos agir como se fosse um espaço de bate-papo, fórum, e um espaço de intervenção direta ou indiretamente na produção escrita em andamento; e tudo é visível a todos.

institucional, ambas excludentes, que privilegiam a contagem do erro, o negativo, antes do acerto, o positivo.

### 2.3.1 A Atividade Escrita Realizada em Colaboração

A atividade escrita realizada em colaboração em grupo, em sala de aula ou mesmo como atividade extra-classe, em língua materna e na segunda língua ou língua estrangeira, é uma modalidade de trabalho corriqueira com estudantes do ensino fundamental à pós-graduação. Levar esta modalidade tradicional de trabalho para o ambiente informatizado, para ambientes e/ou ferramentas de apoio à aprendizagem, requer estratégias (MEHLECKE, 2005) e metodologias diferenciadas (AXT *et al.*, 2006). Essas diferenciações vão se constituindo no processo de convivência de seus integrantes, da necessidade de obtenção de metas e de cumprimento de prazos estipulados (HAETINGER *et al.*, 2005). Estruturam-se nos princípios da flexibilidade, adaptabilidade e da negociação dialógica: esses grupos, em geral, instauram novas formas de convivência no virtual a cada situação de trabalho na e com a tecnologia (MARASCHIN; AXT, 2005). Conhecer esses processos construídos nas relações dialógicas, em ações que os participantes dos grupos realizam com o computador, através da ferramenta ou ambiente virtual de aprendizagem e sua arquitetura, em interação com o(s) outro(s) integrante(s) do grupo, e com a produção escrita elaborada em conjunto, é um convite que fazemos ao leitor/interlocutor deste trabalho para seguir adiante conosco.

### 2.3.2 A Escrita Colaborativa Em Língua Inglesa Como Língua Estrangeira em Ambiente Informatizado

A escrita colaborativa em língua inglesa como língua estrangeira em ambiente informatizado, do campo de estudos da Aprendizagem Colaborativa de Língua Estrangeira Apoiada pelo Computador, tem metodologias de ensino/aprendizagem próprias para atividades em grupo, interativas e integradoras das habilidades de leitura e escrita. Ações dialógico-interacionais peculiares acontecem durante esses processos de escrita colaborativa entre estudantes de Letras, por exemplo, diferentemente das relações dialógico-interacionais dos participantes de equipes de trabalho de organizações nacionais e internacionais, que planejam, organizam e executam projetos de trabalho a distância. Os objetivos que os movem

são diferentes, mas em ambas as situações a produção textual coletiva, construída em colaboração e na confiança mútua, é o resultado final esperado<sup>73</sup>.

Diz-nos Axt sobre um texto escrito em um ambiente informatizado,

[ . . . ] parece que o texto escrito nesse meio [mediatizado pela tecnologia informatizada] se reconfigura, transfigurando-se e recolocando em jogo suas anteriores funções [ . . . ] o próprio mecanismo construtor – uma espécie de mecanismo coletivo por conta do qual o conhecimento se constrói. É como se cada escrito individual constituísse um nó de ligação na ampla rede de significações que vai sendo tecida gradualmente e em conjunto por todos os atores da interlocução: o conhecimento sendo então construído, a um só tempo, individual e coletivamente, implica que a totalidade textual não possa ser, ao final, identificada a um ou outro autor, nem ser fragmentada sob pena de perder seu o sentido. (AXT, 1998, p. 7)

No processo de reconfiguração e transfiguração, Axt (1998) sugere que o conhecimento construído será

[ . . . ] sócio-cognitivo em seu próprio mecanismo: em sendo **operador** das ligações de sentido, faz-se **exterior** na conexão em Rede para atualizar-se como um nó da rede textual que efetivamente amarra, cristalizando, pela escrita, as relações ou *ligações referenciais* efetuadas. Pela sua exterioridade, tal mecanismo construtor torna-se visível e acessível a todos os virtuais interlocutores: pode então ser multiplamente resgatado e reinterpretado, suportando amplamente movimentos meta-reflexivos do pensamento individual-coletivo sobre si mesmo. (AXT, 1998, p. 8, grifos da autora)

Contudo, na concepção desta autora,

Quando o esforço recorrente de reconstrução da pequena zona de intercompreensão que garante a intercomunicação é despendido por todo um grupo em busca da explicitação do não-dito nos discursos (seus e dos outros), [ . . . ], pode-se dizer que a Rede está sendo explorada na modalidade interativa, levando à cooperação e à construção partilhada dos saberes e conceitos em circulação (AXT, 1998, p. 16).

Nesse estudo de Axt (1998), encontramos subsídios teórico-reflexivos para tomar esta outra ferramenta, o *EquiText*, como um espaço alternativo e interativo de comunicação, e buscar nela o que ela explicita e visibiliza. Concretamente, olhar para as relações que nela acontecem, quando um grupo de pessoas integradas em torno de uma tarefa de escrita, de criação livre, em grupo, colaborativa, num espaço virtual de escrita, como o *EquiText*, na *Web*, usando a língua inglesa como língua estrangeira, a LILE. Em mais detalhe, ver o que três grupos, sendo dois compostos de estudantes da graduação em Letras, licenciatura em inglês, professores em formação, portanto, e um grupo de professoras, em formação

<sup>73</sup> *Computer Supported Collaborative Work - CSCW*.

continuada, em nível de extensão, no RS, se propõem a experimentar e a produzir textualmente no *EquiText*.

### 2.3.3 O *EquiText*

O *EquiText*<sup>74</sup>, ferramenta de *Groupware*, de escrita colaborativa na *Web*, criada e desenvolvida por uma equipe multidisciplinar oriunda do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação (PGIE), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Alonso *et al.*, 2000a), permite que quaisquer tarefas escritas, em grupo, sejam nele produzidas, em francês, espanhol, inglês, de acordo com experiência relatada por Costa *et al.* (2001a, b, c).

Por ser uma ferramenta de escrita colaborativa na *Web*, seu *lay-out* favorece a escrita e a reescrita de textos por todos os participantes, permite a constante edição e reedição do texto em construção, num dado tempo determinado pelo coordenador da tarefa, de modo acessível e de imediata visualização na tela do computador. No contexto deste trabalho, o *EquiText* pode ser utilizado como um recurso pedagógico de aprendizagem colaborativa apoiada pelo computador *on-line*, CSCL (*Computer Supported Collaborative Learning*), e/ou CSCW (*Computer Supported Collaborative Work*), conforme Tarouco (2001, 2005a, b); ainda, como um recurso em atividades CASLA (*Computer Assisted Second Language Acquisition*), segundo Chapelle (2001). Estudos mais recentes, nessas áreas, encontramos em Warschauer e co-autores (2008, 2005, 2004, 2003).

O manejo individual e coletivo no *EquiText*, que permite a realização de edições dos textos, por diferentes usuários (independentemente da posição ocupada – se professor, monitor, colega participante de uma determinada tarefa), teve inicialmente sua configuração pensada e executada a partir de um delineamento teórico sóciointeracionista, com base no entendimento de conceitos de Piaget (1977, 1973), Vygotsky (1993), Freire (1999), Demo (1999), Jaffee (1997). Sua funcionalidade inicial era possibilitar uma escrita construída colaborativamente a distância, de modo assíncrono. Na segunda versão em uso, sua configuração funcional favorece sua utilização por professores e alunos, na interação verbal escrita, tanto síncrona quanto assincronamente (SEIXAS, 2000a, ALONSO *et al.*, 2000a, b, ALONSO; RIZZI; SEIXAS, 2003). Possibilita a criação e experimentação de diferentes

---

<sup>74</sup> Conforme consta em sua *home page*: <<http://equitext.pgie.ufrgs.br>>, o *EquiText* foi concebido visando a sua distribuição gratuita aos interessados, desde que sejam referenciados os créditos de sua autoria e registro: Seixas, L.M.J., Rizzi, C.B., Alonso, C.M.M., Costa, J.S., Tamusiunas, F.R., Rosa, A. Direitos autorais: 219-224 Livro 383 Folha 384 Biblioteca Nacional; Produto Registrado no INPI sob o número 0004139-2, em 22/11/2001, para PGIE/UFRGS. Atualmente o *EquiText* está em fase de pesquisa e aperfeiçoamento em busca de financiamentos que possam dar suporte à sua distribuição e manutenção.

procedimentos metodológicos, que podem ser combinados antes da atividade começar como podem ser organizadas regras durante o processo interacional da construção coletiva do texto (AXT *et al.*, 2003, 2006).

Da sua criação em 2000 até o momento, o *EquiText* vem sendo utilizado por instituições de ensino, no Brasil, do ensino fundamental ao superior, conforme solicitações enviadas à equipe, em geral por *e-mail*. Este, por exemplo, é um *e-mail*-resposta de L.S., da equipe de administradores do *EquiText*, ao grupo *eadbr@googlegroups.com*, de 7 de novembro de 2007, às 18h34min, que em poucas palavras conta a história desta ferramenta e sua atual situação:

Subject: Re: [*EquiText*] texto colaborativo em plataformas:

Oi, pessoal,

tentando contribuir para o grupo, existe uma ferramenta editora de textos colaborativos on line, denominada *EquiText* (<http://equitext.pgie.ufrgs.br>), desenvolvida no PGIE, por um grupo do qual participei.

Não houve mais investimentos em termos de interface ou outras melhorias, mas funciona bem, e é muito utilizada, tanto em escolas e Universidades. Pode ser instalada em servidores locais (redes locais) ou ser utilizada na própria *Web*, por exemplo através de um *link*.

Para explorá-la basta se cadastrar para acessar o texto "Teste". Se desejar criar um texto próprio, deve ser enviado um mail, e alguém da equipe, normalmente eu mesmo, faço a liberação. O uso é livre.

Um abraço a todos,

1. S. – Equipe *EquiText*

Experiências coletivas de ensino e pesquisa com e no *EquiText* têm sido realizadas e atestam sua criação e utilização: estudos relatados em Maraschin *et al.* (2000); Costa *et al.* (2001a, 2001b); Maraschin, Costa e Pacheco (2002); Costa, Axt, Tarouco e Reichert (2004), Axt *et al.* (2003), na pós-graduação *stricto sensu*; na pós-graduação *lato sensu*, em trabalho de conclusão de curso de especialização<sup>75</sup>, Nardi (2006) relata sua experiência com crianças de quartas séries, de escola em Gravataí, RS, com a criação de histórias no *EquiText* e sua publicação no livro “Muitas Mãos, Muitas idéias, Muitas histórias... Colaborativas Via *Web*”; ainda, em dissertação de mestrado, Cybis (2000) e em tese de doutorado, Medina (2004),

---

<sup>75</sup> Curso de Especialização em Informática na Educação – ESPIE/2005, PGIE/UFRGS. Em contribuição a esta discussão, ver a proposta de "Construção de uma taxonomia e nomenclatura de escrita colaborativa para desenvolver a pesquisa e a prática interdisciplinar", em Lowry, P. B.; Curtis, A.; Lowry, M.R. (2004). Disponível em: <<http://job.sagepub.com/content/abstract/41/1/66.8>> Acesso em: 15 mar. 2008.

Martins (2005). No exterior, tem havido solicitação de uso do *EquiText* em Portugal e Uruguai, no ensino universitário. No Brasil tem sido utilizado com frequência por professores formadores de professores e as novas tecnologias informatizadas e na Educação a Distância<sup>76</sup>. Ainda, em experiência com um grupo de professores de informática educativa, da Europa e dos Estados Unidos, participamos da construção coletiva de um texto que posteriormente gerou um artigo para o Congresso ITTE/2001<sup>77</sup>, conforme relatado em Costa *et al.* (2001b).

Dadas suas peculiaridades programáticas de código de fonte aberto e de fácil usabilidade, o *EquiText* foi mencionado em estudo canadense, liderado por Noël e Robert (2003), Noël (2004), como a melhor ferramenta em seu gênero, *apesar de ser em português*. Os autores<sup>78</sup> apresentam o *EquiText* junto com 19 sistemas que foram desenvolvidos durante a última década para apoiar a escrita em colaboração através da *Web*. Neste artigo, os autores apresentam o estado da arte no uso da *Web* para escrita em colaboração e, desse modo, buscam “(1) ajudar os desenvolvedores a melhorarem os sistemas atuais e definir sistemas futuros; e (2) ajudar os usuários a escolherem o sistema mais apropriado para apoiar as suas necessidades”. Os autores apontam, também, a possibilidade que os grupos têm de selecionar as ferramentas para escrever um documento (*on*, *off-line*), retirar comentários de documentos, ou manter um *Site* da *Web*. Destacam, ainda:

A falta de dados experimentais a respeito de aplicativos baseados na *Web* força os desenvolvedores a usar outras fontes de informação para orientar as suas escolhas de desenho, como uma lista de funções que uma ferramenta de escrita em colaboração ideal deveria oferecer. Essa lista revelou vários pontos com potencial para melhoria (NOËL; ROBERT, 2003, p. 2).

O *EquiText*, no tocante ao potencial de melhoria, poderia apresentar outra interface com o usuário, em inglês, ampliando sua utilização por grupos que não dominam o português. A seguir, a Tabela 1 apresenta oito sistemas de escrita colaborativa na *Web*, estando o *EquiText* posicionado em primeiro lugar, como ferramenta que permite a escrita, edição e revisão de texto *on-line*, e que oferece a estratégia de escrita inclusiva na *Web*. Esta posição do *EquiText* qualifica sua criação por estudantes do PGIE/UFRGS, no final de 1999, início do ano 2000.

---

<sup>76</sup> Esses dados sobre a utilização do *EquiText* dentro e fora do Brasil podem ser solicitados com a administração da ferramenta, através do e-mail: [equiText@pgie.ufrgs.br](mailto:equiText@pgie.ufrgs.br).

<sup>77</sup> *Annual Meeting: ITTE: Annual meeting on Information Technology and Teaching Education*, Swansea, Wales, GB, jul. de 2001, ou, Encontro Anual de Informática na Educação e Formação de Professores, Swansea, País de Gales, GB, jul. de 2001.

<sup>78</sup> Conforme pesquisa realizada por Silvie Noël, da *Communications Research Center*, Ottawa, Canadá, e Jean-Marc Robert, *Ecole Polytechnique de Montréal*, Montreal, Canadá, (2003) sobre *How the Web is Used to Support Collaborative Writing*, ou, “Como a *Web* é Utilizada Para Dar Suporte à Escrita Colaborativa”, e Noël (2004).



TABELA 1 – Estratégias de Escrita Colaborativa na Web.

<b>Escrita</b>	<b>Edição</b>	<b>Revisão</b>	<b>Estratégia</b>	<b>Sistemas Disponíveis</b>
<i>On-line</i>	<i>On-line</i>	<i>On-line</i>	<b>Escrita inclusiva na Web</b>	<i>EquiText</i>
<i>On-line</i>	<i>On-line</i>	<i>Off-line</i>	Escrita exclusiva na Web	Wiki Wiki Web, SparrowWeb
<i>On-line</i>	<i>Off-line</i>	<i>On-line</i>	Edição <i>Off-line</i>	Nenhum
<i>On-line</i>	<i>Off-line</i>	<i>Off-line</i>	Autoria na Web	Gerador de Relatório em FX Palo Alto
<i>Off-line</i>	<i>On-line</i>	<i>On-line</i>	Edição inclusiva na Web	Nenhum
<i>Off-line</i>	<i>On-line</i>	<i>Off-line</i>	Edição exclusiva na Web	Nenhum
<i>Off-line</i>	<i>Off-line</i>	<i>On-line</i>	Revisão na Web	<i>Microsoft Office 2000, RevisorDoc</i>
<i>Off-line</i>	<i>Off-line</i>	<i>Off-line</i>	Escrita <i>Off-line</i>	BSCW

FONTE: Noël (2004, tradução e grifo nosso) Classificação de Sistemas de Escrita Colaborativa na Web, em: *Collaborative writing*, publicado na página do Network Media Laboratory, em 2004.

Os autores da ferramenta *EquiText* revisam com detalhe o estudo sobre a criação desta ferramenta, primeiramente publicado por Alonso *et al.* (2000a, b), após Seixas (2000a, b) e Alonso, Rizzi, Seixas (2003). Em Martins e Axt (2004), Martins (2004), o *EquiText* e suas especificidades é mencionado como ferramenta inspiradora do *Ecollogos*, que se especializa tanto na área da edição dos textos como na coordenação de ações da tarefa de produção coletiva de documentos. Medina (2004) apresenta o *EquiText* como um cenário de escrita colaborativa propício a um trabalho de avaliação crítica do pensamento, uma contribuição relevante para quem se volta à formação de professores, reflexiva, colaborativa e aberta ao diálogo.

A potência pedagógica do *EquiText*, além de possibilitar o uso de diferentes estratégias de trabalho em grupo, a serem construídas em colaboração uns com os outros, depende ainda do domínio que temos da utilização de suas funcionalidades, projetadas principalmente para trabalhos em equipe, em que o resultado textual final, bem como a autoria coletiva, se sobrepõe ao texto e à autoria individual. A equipe do *EquiText*, em vista

disso, elaborou um diálogo com 30 perguntas e respostas, entre um leitor imaginário, um usuário em potencial, que busca respostas às suas dúvidas, que a equipe elencou como sendo as mais frequentes. Este FAQ está organizado em quatro seções, a saber: I) a ferramenta; II) as funções e os comandos; III) a utilização; e IV) as características do ambiente. A organização deste texto informativo em quatro seções, constante da página de abertura do *site* da ferramenta, no *link* FAQ, visa a facilitar a compreensão de sua proposta de uso, enfatizando os aspectos relevantes do *EquiText*, para uma mais eficiente utilização.

Optamos por transportar as 30 questões e suas respostas, constantes do FAQ do *EquiText*, diretamente para este estudo, para facilitar a leitura desta seção da tese. A seguir, abaixo, os quatro blocos de perguntas (P) e suas respostas (R), de acordo com as quatro seções relativas à utilização do *EquiText*. Mantivemos a numeração original, seqüencial, tal como consta na página inicial da ferramenta. As seguintes perguntas e respostas são, como segue, quanto a:

### **I) A ferramenta *EquiText*:**

1. P.: O que é o *EquiText*? R. *O EquiText é uma ferramenta de trabalho em grupo, apoiado pelo computador, que visa auxiliar a escrita colaborativa/cooperativa de textos, de forma síncrona ou assíncrona, via Web.*
2. P. O que significa o termo *EquiText*? R. *O termo originou-se da união dos vocábulos 'equipe' e 'texto', que caracterizam a principal função do EquiText: auxiliar na elaboração de textos em equipe, via Web.*
3. P. No ambiente *EquiText* existem três personagens, o administrador, o proponente de temas e o colaborador. É possível ao participante exercer o papel de mais de um personagem? R. *Sim, o participante pode exercer até os três papéis ao mesmo tempo, mesmo sendo esta uma situação não usual.*
4. P. O que faz o administrador? R. *O administrador é aquele que trata de questões operacionais, tais como a instalação do sistema e sua manutenção. É necessário que o administrador tenha conhecimentos técnicos suficientes para responsabilizar-se pelo funcionamento do EquiText, o que inclui o manuseio de um sistema servidor Web, e administração de uma base de dados MySQL em sistema operacional Linux.*
5. P. O que faz o proponente de temas? R. *É o papel normalmente desempenhado pelo professor, mediador ou coordenador. Uma vez estando cadastrado no sistema e tendo sido autorizado, terá acesso à opção "criar um texto novo".*
6. P. O que faz o colaborador? R. *O colaborador no EquiText é qualquer participante cadastrado no sistema, que tem acesso ao tema proposto. Pode realizar qualquer operação no EquiText, ou seja, inserir, alterar, mover ou excluir parágrafos, seus ou de outros participantes.*

### **II) As funções e os comandos:**

7. P. *Qual a função do "Cadastro" ?* R. *Esta função permite ao participante, cadastrarem-se no ambiente do EquiText, através de um user name e uma senha, que servirá para identificá-*

lo em todas as atividades ali desenvolvidas. É importante frisar que a entrada do participante no ambiente só será permitida após o seu cadastramento.

8. P. Qual a função da "Identificação"? R. Este é o portal de entrada ao EquiText. Seu pré-requisito de ingresso é que o participante tenha sido cadastrado. Uma vez identificado, todas as operações realizadas pelo participante serão registradas pelo sistema.

9. P. Como proceder em caso de esquecimento ou perda da senha do ambiente EquiText? R. Neste caso, basta enviar um e-mail para a administração, que esta providenciará uma nova senha.

### III) A utilização do EquiText:

10. P. Como fazer para propor um novo texto? R. O participante deve dirigir-se ao administrador do EquiText, solicitando-lhe um cadastro como "proponente de temas". Obtida tal autorização, é possível entrar no módulo de criação de temas.

O módulo de criação de temas consiste em um formulário onde o proponente preencherá o identificador (grupo, turma, escola) e o nome do texto.

11. P. Como fazer para colaborar num texto já em andamento? R. Uma vez no ambiente EquiText (após o cadastramento e efetuada a identificação), o participante pode colaborar com um texto já iniciado, teclando sobre a opção "Participar de um texto", que mostrará a relação dos textos que este participante pode acessar. Depois disso, é selecionar o texto em que deseja fazer contribuições, clicando no "Colabora" ao lado do texto escolhido e bom trabalho!!

12. P. Posso participar em mais de um texto? R. Sim. É só ter autorização para isso. Em textos restritos, é necessário estar autorizado naqueles textos. Em textos abertos, qualquer participante pode contribuir.

13. P. Que atividades podem ser desenvolvidas em um parágrafo do EquiText? R. Ao lado de cada parágrafo mostrado no modo de edição, há a figura de um pequeno lápis identificado com a palavra "**Editar**" que, ao ser acionado, mostra um menu com os possíveis comandos de edição, referentes àquele parágrafo. Estas opções são: inclusão, alteração, exclusão e movimentação de parágrafos, assim como o cancelamento de cada uma destas ações.

14. P. Como fazer para incluir (inserir) um parágrafo em um texto? R. Para inserir um novo parágrafo, deve-se acionar inicialmente a função "**Editar**", existente ao lado de cada parágrafo. A seguir, escolher a opção "**inserir antes**" ou "**inserir depois**" de acordo com posição do parágrafo a ser incluído. Será aberto um formulário que permitirá a inserção do conteúdo do novo parágrafo, bem como observações que se fizerem necessárias.

15. P. Como fazer para alterar o conteúdo de um parágrafo? R. Para alterar o conteúdo de um parágrafo, deve-se acionar inicialmente a função "**Editar**", existente ao lado de cada parágrafo. A seguir, escolher a função "**Alterar conteúdo**": ao acionar esta opção, o conteúdo do parágrafo indicado é copiado para um formulário apropriado, permitindo que se efetuem as alterações desejadas. Também é possível realizar respectivos comentários e ou justificativas que contribuam para o esclarecimento da motivação de tal alteração, na coluna "**Observações**".

16. P. Como fazer para mover um parágrafo, alterando sua posição em um texto? R. Para mover um parágrafo, deve-se acionar inicialmente a função "**Editar**", existente ao lado do parágrafo e optar por "**mover para cima**" ou "**mover para baixo**".

17. P. Como fazer para excluir um parágrafo de um texto? R. Para excluir um parágrafo, deve-se acionar a função "**Editar**", existente ao lado do parágrafo. A seguir, escolher a

função "**Excluir o parágrafo**". Esta ação solicita uma confirmação da exclusão que, uma vez efetuada, irá atualizar o texto.

18. P. *É possível a um participante fazer a exclusão de todo o texto?* R. *Sim, mas deverá fazê-lo parágrafo por parágrafo. Esta ação ficará registrada no sistema, assim como todas as demais ações realizadas por qualquer participante. Deste modo, qualquer participante, ao consultar o "Histórico" das atividades, encontrará ali registrada a operação e a identificação de seu autor.*

19. P. *É possível já trazer parte de um texto doc ou html para colar no parágrafo?* R. *Sim. É só seguir o procedimento normal de "copiar" e "colar" do editor de textos ou do navegador.*

20. P. *Após ter escolhido uma ação, é possível cancelá-la?* R. *Sim, clicando o botão "Cancelar", desde que esta opção seja feita antes de confirmar a ação.*

21. P. *É possível fazer uma anotação qualquer que não faça parte do texto?* R. *Sim, através do link "Obs.". Este permite que sejam feitas observações e/ou discussões que não fazem necessariamente parte do texto em andamento.*

22. P. *Para que serve a coluna "Obs" no modo de edição do EquiText?* R. *Permite que sejam feitas observações, como justificativas, argumentações, explicações, que não fazem necessariamente parte do texto em andamento.*

23. P. *Como verificar se em um determinado parágrafo existe uma observação correspondente?* R. *Quando houver uma observação em um parágrafo, aparecerá a marcação de um "\*" na coluna OBS. Esta marcação se constitui em um link que permite acesso às observações.*

24. P. *Como fazer para ver o texto final?* R. *Ao clicar a opção "Texto Final", na parte superior direita da tela, todos os parágrafos existentes até aquele momento são organizados em um único texto. Isto permite que o texto seja desvinculado da ferramenta EquiText, podendo tornar-se uma página HTML como outra qualquer. Esta página pode ser aberta em qualquer ferramenta de elaboração de páginas HTML para alterações e melhorias, tais como inserção de figuras, alinhamento de parágrafos, utilização de cores, etc.*

25. P. *Para que serve a opção "Histórico"?* R. *Através da função "Histórico", o participante pode ver, em ordem cronológica, todas as contribuições efetuadas ao texto. Para cada contribuição é indicada a ação realizada (inclusão, alteração, movimentação, exclusão), seu autor, a data e a hora em que a ação foi efetivada.*

26. P. *Por quanto tempo o texto ficará disponível para trabalho?* R. *Isto dependerá do administrador do EquiText e do proponente do tema. Uma vez dado como concluído, o texto e todas suas contribuições podem ser totalmente removidas.*

#### **IV) As características do ambiente:**

27. P. *Existe limite de número de participantes em um texto?* R. *Do ponto de vista técnico, não há limite, porém o proponente do tema, ou o coordenador do grupo, pode sugerir um número máximo de colaboradores, no sentido de possibilitar a participação efetiva de todos os componentes do grupo.*

28. P. *Existe limitação de tamanho para um parágrafo?* R. *Do ponto de vista técnico, não há limitação. Entretanto, não é aconselhável a formulação/elaboração de parágrafos muito longos, pois podem ficar confusos e de difícil compreensão. Se for necessário, o colaborador pode escrever vários parágrafos seqüenciados para expor suas contribuições.*

29. P. *Existe limite quanto à extensão dos textos?* R. *O proponente do tema, ou o coordenador do grupo, pode sugerir um tamanho aproximado para o texto a ser construído, embora não haja limitações técnicas.*

30. P. *É possível editar o texto depois de concluído? Como fazer para incluir figuras, modificar o tipo de letra, inserir numeração e estruturar o texto escrito via EquiText?* R. *Depois de acionada a opção "Texto Final", um arquivo HTML é gerado com todos os parágrafos propostos para aquele texto, em sua última versão. Este arquivo poderá ser editado em qualquer ferramenta de edição de páginas Web, sendo possível a inclusão de figuras, alteração do tipo de letra, numeração do texto ou qualquer outra operação de efeito gráfico ou visual.*

O amplo cenário dialógico-informativo acima revelado, e que trazemos para dentro deste estudo, seria desnecessário se estivéssemos lendo estas perguntas e respostas (FAQ) diretamente das páginas do *EquiText*, na *Web*. Mas como no suporte papel isto é impossível, estes dados transportados para cá contribuem para facilitar as referências às peculiaridades do *EquiText*, ao longo do trabalho, principalmente durante a análise dos textos, na seção 4.

Nessa configuração do *EquiText*, o uso e produção textual individual e coletiva, em nosso entendimento, só pode ser pensada, compreendida e analisada no imbricamento do texto com a ergonomia da ferramenta. E esse acoplamento tecnológico é movimentado pelo combustível da linguagem escrita, e no caso específico deste trabalho, da língua inglesa conforme é ensinada e usada no Brasil, na perspectiva da formação de professores (graduação e extensão, na formação continuada).

Quando dessas relações humano-máquina resulta uma composição textual única, irrepitível, outras perguntas surgem com relação ao inusitado dessa experiência: como ficam os autores no final da atividade coletiva? O que foi feito da produção descartada e identificada por seus autores? Quem irá dar conta de quem escreveu o quê, se os parágrafos são abertos à inserção e modificação de qualquer um do grupo? É importante preservar a autoria individual? Essas e outras questões surgem a cada utilização do *EquiText*, e é com esse texto escrito que iremos trabalhar, onde a autoria, quando acontece, se dá no texto escrito coletivo, sim, mas preenche das singularidades de cada indivíduo que nele se envolveu, viveu, respondeu. Um texto escrito por todos os seus locutores e interlocutores, que é de todos, de cada um, embora individualmente de ninguém. É um texto coletivo, escrito em colaboração pelos coprodutores.

## 2.4 O PLANO DA TESE

O presente estudo põe em foco a problemática da escrita em língua inglesa como língua estrangeira com o suporte da tecnologia informatizada, na perspectiva da formação de professores, no contexto brasileiro. Mais especificamente, quando esta escrita é produzida em

ferramenta projetada para a escrita colaborativa na *Web*, o *EquiText*, criado para atividades em grupo, em que a autoria de um é sobreposta pela autoria do outro e do grupo, no final da tarefa realizada. Buscamos encontrar resposta para as nossas indagações acerca da postura autoral que professores de língua inglesa no Brasil, em geral, e nossos sujeitos da pesquisa, em particular, apresentam, em práticas de trabalho com a escrita na língua inglesa, e as relações que estabelecem com a tecnologia informatizada, com o outro e com o texto propriamente dito, em vista do domínio relativo que têm da língua inglesa.

**O problema** deste estudo consiste em verificar como a autoria coletiva se dá no texto produzido por professores de língua inglesa como língua estrangeira, em formação, graduação e extensão, no processo de realização de atividade escrita, de tema livre, não avaliativa, em grupo, numa ferramenta de escrita colaborativa na *Web*, com domínios da escrita nesta língua estrangeira diferentes, ou seja, mais ou menos proficientes.

**O objetivo geral** que planejamos atingir para responder à principal pergunta deste estudo é verificar como se dá a autoria no *EquiText* com professores de LILE, em formação (graduação e extensão), com diferentes proficiências nesta LE, ou seja, que relações esses participantes travam entre si, quando produzem colaborativamente um TECE, que apontem para indicadores de autoria coletiva.

**Os objetivos específicos** que traçamos para responder às questões que dizem respeito às relações dialógicas que os participantes das tarefas de escrita de textos colaborativos/coletivos, no *EquiText*, os TECE, realizaram com a tecnologia, entre si e com o texto, que mostrem especificamente posições de autoria na LILE:

- analisar, nas experiências selecionadas para esta pesquisa, ações que apontem às relações que os participantes da pesquisa estabeleceram com a ferramenta de escrita colaborativa, o *EquiText*, condição primeira para haver autoria nesta ferramenta;
- analisar, nas experiências selecionadas, as ações indicativas das relações interacionais dos participantes entre si, durante a realização da tarefa, outra condição indispensável à posição de autor;
- analisar, nas experiências selecionadas, as ações de construção textual, independentemente da correção gramatical na LILE, nas relações dos participantes com o texto em desenvolvimento, outra condição necessária para a produção de autoria coletiva na LILE, no *EquiText*.

As análises deste estudo fundamentam-se, principalmente, em ferramentas de análise que construímos com base nos enunciados dos participantes na elaboração dos TECE 1, 2 e 3,

na LILE, que apontam para posições de autoria, quando de suas relações dialógicas com a tecnologia utilizada, com o(s) outro(s) ou o grupo, e com o texto em trabalho coletivo/colaborativo, conforme os postulados teóricos de Mikhail Bakhtin. O enunciado, as relações dialógicas e o texto são os conceitos-chave desta tese; compõem a arquitetura teórica-metodológica da tese e da análise dos TECE à procura de autoria coletiva na LILE.

É necessário reconhecermos que as áreas de estudos da lingüística aplicada e do ensino de inglês como segunda língua/língua estrangeira, que se preocupam com a análise do erro, do tratamento da forma e do uso funcional da língua, não devem encontrar guarida neste estudo. Contudo, estas e outras áreas da Lingüística, Lingüística Aplicada, Análise do Discurso, Aquisição da Linguagem, Ensino e Aprendizagem de Primeira e Segunda Língua, Psico e Sociolingüística, Lingüística Textual, com seus métodos e objetos de análise próprios, contribuem, sim, dialogicamente, na composição teórico-metodológica deste estudo, de caráter qualitativo, em vista de nossa formação ter sido bastante fundada em suas teorias e práticas resultantes. E, ainda que não tenha sido nossa intenção estabelecer vínculos com os campos de estudos científicos da linguagem acima mencionados, e outros, esses são direta e indiretamente evocados no decorrer deste trabalho, pois fazem parte dos estudos que visam à língua e à formação integral, holística, do professor de língua inglesa, a ocupar uma posição docente autoral, criadora, responsável e responsável perante seu compromisso com a rede escolar brasileira, pública e privada. E, preferencialmente, com o que há de mais atualizado em termos teórico-metodológicos e de recursos tecnológicos, como presença das tecnologias informatizadas a apoiar e veicular trabalhos teóricos e práticos, de ensino da língua inglesa como língua estrangeira, neste caso, seja para a educação presencial seja a distância.

Abrimos o plano desta tese com a seção 2. Na seqüência, vêm a seção 3 (apresentação da teoria de referência e conceitos básicos utilizados nesta tese), a seção 4 (metodologia da pesquisa, da produção de dados e da análise) e a seção 5 (das considerações finais), à guisa de conclusão. Por último, seguem as Referências Bibliográficas e os Anexos.

Na seqüência, temos o Capítulo 3, em que damos destaque a Mikhail Mikhailovich Bakhtin, o principal teórico desta tese. Trazemos Bakhtin para o plano do diálogo, com aspectos de sua vida, do mundo e da obra, tendo por base nossas leituras de textos de autores que estudaram Bakhtin, com profundidade, como Clark e Holquist (1998a, b); Todorov (1978, 2000); Bakhtin, editado e traduzido por Emerson, Liapunov e Holquist (1993); Bakhtin, através de Voloshinov (2002); Bakhtin, através de Medvedev (1991); Bakhtin, através de Holquist e Emerson; Brait e outros autores (2006, 2005); Zandweiss e outros autores (2005). Da teoria de Bakhtin, propriamente dita, dessa multiplicidade de possibilidades de

interpretação de seus postulados, tão férteis de sentidos, destacamos alguns fragmentos ilustrativos de seu pensamento complexo e singular na multiplicidade de interpretações que dele podemos fazer. Os estudos de Bakhtin datados de 1952-1953, 1959-1961 e 1974, reunidos na obra traduzida para o português, edição de 2000, principalmente, acerca do **enunciado**, suas fases e princípios, das **relações dialógicas**, relações **entre objetos**, **entre sujeito e objeto**, **entre os sujeitos**, pensadas por Bakhtin, e do **texto**, propriamente dito, conforme Bakhtin (2000), constituem os três conceitos-chave deste estudo. Com base nestes conceitos, em vista das experiências realizadas em LILE, construímos ferramentas para trabalhar a análise dos textos TECE, produzidos no *EquiText*, o ambiente informatizado – ou a ferramenta de escrita colaborativa na *Web* – e as três experiências textuais selecionadas, que alimentam nossas análises dos TECE, em busca da autoria coletiva, no âmbito das relações dialógico-procedurais, interacionais e textuais, a serem mais meticulosamente observadas, com apoio das ferramentas teóricas por nós criadas, e trabalhadas na perspectiva da abordagem metodológica da interação dialógica, na seção 4.



### 3 BAKHTIN: TEORIA E PRÁTICA EM DIÁLOGO

Àqueles que desejam saber como pensar participativamente [ . . . ] (BAKHTIN, 1993, p. 19, tradução nossa).

Ou seja, àqueles que não separam o ato realizado de seu produto, mas, antes, como relacionar ambos ao contexto único e unitário da vida e que buscam determiná-lo naquele contexto como uma unidade indivisível. (HOLQUIST; LIAPUNOV; BAKHTIN, 1993, p. 19, tradução nossa)<sup>79</sup>

Nesta segunda seção, ensaiamos, primeiramente, um diálogo voltado a aspectos da vida, mundo e obra de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, filósofo da linguagem, russo, principal autor a inspirar teoricamente o estudo apresentado nesta tese. A seguir, reabrimos o diálogo com Bakhtin, desta feita com três de seus conceitos-chave, que, a nosso ver, são importantes sustentáculos teóricos neste estudo, com vistas à prática da análise, na próxima seção. Com esses conceitos e suas peculiaridades, organizamos a arquitetônica teórico-metodológica, apresentando as ferramentas teóricas criadas para proceder à análise do *corpus* extraído dos parágrafos que compõem os textos TECE, durante três experiências realizadas no *EquiText*, eventos esses produzidos em três ocasiões diferentes, no discurso da língua inglesa, escrita, viva, descritos e analisados na seção 4. Na seção 3, propomo-nos a fazer uma ponte entre a teoria bakhtiniana, com os conceitos-chave selecionados e as ferramentas de análise neles inspirados, mediante a arquitetônica construída, como uma possibilidade de estabelecer uma relação de diálogo entre teoria e prática da pesquisa.

Iniciamos, então, com a apresentação de aspectos biográficos, vivenciais e de produção autoral de Bakhtin, não necessariamente nesta ordem, o que, embora grande, não faz justiça à importância de seu trabalho na esfera da intelectualidade mundial. Seguimos com a apresentação dos três conceitos-chave trabalhados nesta tese, quais sejam, *o enunciado*, *as relações dialógicas*, *o texto* e suas peculiaridades, que nos forneceram os elementos para, em uma configuração de quadro, organizar e tornar mais visível o arcabouço teórico-metodológico principal desta tese, e que, de certa forma, constitui uma ponte a ligar a teoria bakhtiniana, nesta seção 3, com a metodologia e ferramentas de análise, com as quais trabalhamos na seção 4.

O processo de constituição da arquitetônica teórico-metodológica fundamenta-se, pois, nos três conceitos-chave: (I) *o enunciado*, o principal conceito-chave que abre o estudo da

---

<sup>79</sup> Textos originais: “*To those who wish and know how to think participatively [ . . . ]*”; “*That is, those who know not to detach their performed act from its product, but rather how to relate both of them to the unitary and unique context of life and seek to determine them in that context as an indivisible unity*”.

“autoria coletiva em língua inglesa, em ambiente informatizado, na perspectiva da formação de professores”, baseia-se, principalmente, em textos escritos por Bakhtin entre 1952–1953, não revistos pelo autor, cujo título original é *O problema dos gêneros do discurso*; (II) *as relações dialógicas*, segundo conceito-chave eleito por nós, apóiam-se principalmente em texto de arquivos datados de 1959 a 1961, não revisto por Bakhtin, que têm como título da edição original *O Problema do Texto nas Áreas da Lingüística, da Filologia, das Ciências Humanas: tentativa de uma análise filosófica*; e, (III) *o texto*, o terceiro conceito-chave trabalhado nesta tese, fundamenta-se teoricamente nesses mesmos textos mencionados acima. O texto *Apontamentos de 1970-1971*, de arquivos não revistos por Bakhtin, que são notas preparatórias para uma obra global, não realizada por Bakhtin, apresenta na sua parte final “[ . . . ] o projeto de um prefácio que o autor pretendia executar para a coletânea de seus artigos [ . . . ]”, como aponta Todorov (1978, p. 376-377), também compõem o manancial de idéias que alimenta este estudo<sup>80</sup>.

Outros textos consultados para a arquitetônica teórico-metodológica deste estudo são: *Observações sobre a epistemologia das ciências humanas*, datado de 1974, foi o último escrito por Bakhtin, inspirado nas notas de trabalho de um estudo seu, dedicado aos “fundamentos filosóficos das ciências humanas”, de 1940, conforme Todorov (1978), em Bakhtin (2000, p. 400). Outros estudos de Bakhtin, mencionados ao longo deste trabalho, vêm somar ao encapsulamento teórico-metodológico que construímos. Um desses estudos, entendido por bakhtinistas, com nossa concordância, como o coração da essência do pensamento da filosofia dialógica de Bakhtin, trata-se de um fragmento de sua primeira obra, *Toward a Philosophy of the Act*, recuperado em 1979, traduzido para o inglês, comentado, prefaciado e editado por Holquist e Liapunov, em 1993<sup>81</sup>. Nele, encontramos as bases filosóficas das conceitualizações teóricas que capturamos para compor a arquitetônica teórica e metodológica deste estudo, apresentada no item 2.3, que finaliza esta seção.

### 3.1 BAKHTIN EM DIÁLOGO COM A VIDA, O MUNDO, A OBRA

Bakhtin e suas relações de diálogo (de interação) com a vida, o mundo e a obra duraram 80 anos. Tiveram início no dia 16 de novembro de 1895, em Orel, pequena cidade ao

<sup>80</sup> A obra *Estética da criação verbal* é principal conjunto de produções de Bakhtin, a nos inspirar neste estudo. Contém obras e fragmentos de obras de autoria de Mikhail Bakhtin mencionadas em 3.1, nesta seção.

<sup>81</sup> Obra indisponível em português, “Por uma Filosofia do Ato”, publicada pela *University Texas Press*, em 1993, traduzida do russo para o inglês, prefaciada e editada por Vadim Liapunov, na ocasião Professor de línguas e literaturas eslavas, da Universidade de Indiana, e Michael Holquist, Professor de literatura comparada e de estudos eslavos, da Universidade de Yale.

sul de Moscou, com seu nascimento, e se encerraram em 07 de março de 1975, em Moscou, com sua morte. Do lado paterno, Bakhtin descendia de fidalgos, com linhagem desde o século XIV; de um trisavô colaborador na criação da Escola de Cadetes Bakhtin de Orel; de um avô fundador de um banco comercial; e de pai gerente de uma das agências desse banco. A veracidade ou não dessas informações não contradiz, porém, a formação cultivada, liberal, de acesso à cultura e ao pensamento europeu, usufruída por Bakhtin.

Suas relações com seus familiares eram em geral formais. Isso foi um tanto contraditório para quem teorizou sobre o “alternativo”, que era avesso ao formal, que postulava sobre as tensões espaço-tempo, sobre as forças centrífugas e centrípetas a regem as relações humanas, internas e externas, na ficção ou na vida real, nos embates entre o “eu” o mundo e o “outro”. Com Nikolai, seu irmão mais velho, entretanto, Bakhtin construiu as bases para sua “Teoria do Diálogo”, na comunicação humana, cerne de suas obras. Para os estudiosos bakhtinianos, Clark e Holquist (1998a, b, p. 44): “Um e outro se compraziam com o diálogo e o debate, e Nikolai foi a única pessoa com quem Mikhail se deparou, quando criança, com um intelecto capaz de enfrentá-lo.”

Durante seus anos escolares, viveu, além de Orel, em Vilnius, após, em Odessa, onde terminou o ensino médio e, em 1913, ingressou na Faculdade de História e Filologia, da universidade local. A seguir, se transfere para a Universidade de Petersburg, onde seu irmão Nikolai já estudava: um lugar especialmente estimulante para debates acirrados com estudiosos nas áreas de interesse de Bakhtin, como a filosofia e os estudos modernos da literatura comparada. Sua formação superior foi bastante influenciada por F. F. Zelinskij, especialmente com conceitos relacionados à tradição da oratória romana. Bakhtin também fundou seus conhecimentos de filosofia clássica e de pensadores alemães com seus professores, seguidores de pensamentos de Kant, Windelband e Wundt.

Em 1918, Bakhtin terminou a faculdade e mudou-se para Nevel (oeste da Rússia), para lecionar dois anos em uma escola, nessa cidade. Lá, Mikhail e outros estudiosos organizaram o primeiro “Círculo de Bakhtin”, com L. Pumpianskij (mais tarde tornara-se professor na Faculdade de Filologia, Universidade de Leningrado); V.N. Voloshinov, musicólogo e poeta, mais adiante um lingüista; M. V. Judina, que depois se tornou uma das maiores pianistas da Rússia; I. I. Sollertinskij tornou-se diretor artístico da Orquestra Filarmônica de Leningrado; e, B. M. Zubakin firmou-se como arqueólogo e maçom. Seu parceiro autoral, P. N. Medvedev, associou-se ao círculo em 1920, em Vitebsk. Havia outros participantes menos frequentes, mas igualmente apaixonados em traçar assuntos relativos à literatura, religião e política. Contam-nos Emerson e Holquist (1981/2004, p. xxii) que: “O tópico de discussão

mais freqüente, o assunto mais ardente de preocupação de maior parte do grupo – e para Bakhtin certamente – era a filosofia alemã.” Nesse “Círculo”, um dos principais interlocutores e amigos de Bakhtin, o então professor de filosofia, M. I. Kagan, recém chegado da Alemanha, após praticamente 10 anos de estudos neokantianos, com H. Cohen e E. Cassirer, tornou-se o segundo “outro” mais significativo de Bakhtin, que passou a ocupar a lacuna intelectual deixada por Nikolai, seu irmão. M. I. Kagan e sua paixão pelo neokantismo influenciaram Bakhtin, sobremaneira, o que fica perceptível em seu primeiro trabalho publicado, em 1919, “Arte e Responsabilidade”, conforme afirmam Emerson e Holquist, na obra “A Imaginação Dialógica”:

Podemos ver traços da influência de Kagan no interesse por preocupações neokantianas tais como a axiologia e a necessidade de repensar a oposição trabalho/mente que estão presentes no primeiro trabalho publicado por Bakhtin, ‘Arte e Responsabilidade’. Esse pequeno texto de 1919 é, na verdade, um preâmbulo de uma obra maior sobre filosofia moral [ . . . ] que nunca foi publicada (exceto em partes e somente 60 anos depois, em 1979) (EMERSON, HOLQUIST, 2004, p. xxiii, tradução nossa).<sup>82</sup>

A obra “Arte e Responsabilidade”, escrita entre 1917 e 1919, por Bakhtin, é parte de um projeto filosófico mais extenso. O primeiro fragmento é aparentemente a introdução de um tratado de moral filosófica, que deveria ser composto de várias partes, de acordo com o plano esboçado no final de sua introdução. Desse manuscrito incompleto, intitulado por Holquist e Liapunov de “Por uma Filosofia do Ato”<sup>83</sup>, destacamos a passagem abaixo, que diz do pensamento neokantiano de Bakhtin, que lhe acompanhou vida e obra afora:

Todo pensamento meu, e seu conteúdo, é um ato ou atitude que eu executo – atitude minha ou ato meu pelo qual sou individualmente responsável [ . . . ] É um desses atos todos que compõem a minha vida inteira como sendo uma sucessão ininterrupta de atos. [ . . . ] Sendo ato executado, um dado pensamento forma um todo completo: tanto o seu conteúdo/sentido como o fato de estar presente de fato na minha consciência – a consciência de um ser humano perfeitamente especificado – num belo momento e em belas circunstâncias, isto é, a historicidade concreta e completa dessa execução – estes dois momentos (o momento do conteúdo/sentido e o momento individual-histórico) são unitários e indivisíveis na avaliação desse pensamento como meu ato ou minha atitude responsável (BAKHTIN, 1993, p. 3, tradução nossa).<sup>84</sup>

<sup>82</sup> Texto original extraído da obra *The Dialogic Imagination*: “We can see traces of Kagan’s influence in the concern for such Neo-kantian preoccupations as axiology and the need to rethink the mind/work opposition that are present in Bakhtin’s first published work ‘Art and Responsibility’. This small 1919 piece is actually a précis of a major work on moral philosophy [ . . . ] that was never published (except in portions, and then only sixty years later, in 1979)”

<sup>83</sup> Fragmento escrito por Bakhtin entre 1917-1919, intitulado *Toward a Philosophy of the Act*, recuperado em 1979, traduzido, editado e publicado em inglês, pela primeira vez, em 1993, por Liapunov e Holquist.

<sup>84</sup> Texto original: “Every thought of mine, along with its content, is an act or deed that I perform – my own individually answerable act or deed [ . . . ]. It is one of all those acts which make up my whole once occurrent

Nesse texto de Bakhtin, estamos lidando com os primeiros escritos de sua carreira, mas que se constituíram na fonte original de muitas de suas idéias filosóficas e que continuariam a evoluir em sua atividade de pensador da linguagem por mais de 50 anos.

De 1920 a 1924, Bakhtin residiu na cidade culturalmente borbulhante de Vitebsk que era, nos relatos de Emerson e Holquist (2004, p. xxiii), “[ . . . ] uma ilha de luz nos tempos escuros da revolução e da guerra civil”, um refúgio de artistas, cientistas proeminentes e músicos famosos, que lá se reuniam para assistir a palestras e participar de discussões, mais abertamente. Dois eventos marcaram a vida de Bakhtin, nesse período: em 1921, o casamento com Elena A. Okolovic, companheira inseparável até a morte dela, em 1971; e, em 1923, o aparecimento de doença nos ossos, um tormento para o resto de sua vida, que levaria à amputação de uma perna, em 1938. Em 1924, Bakhtin retornou a Leningrado para trabalhar no Instituto Histórico e Filológico e na “Casa Publicadora Estatal”, como consultor. Seu trabalho começava então a ser publicado, embora num indesejável círculo vicioso, de ter manuscritos seus extraviados por desafetos, até mesmo perdidos, ou ainda guardados em depósitos, em precárias condições, afetando a legibilidade e a reedição.

Bakhtin, em sua extensa produção, refletia a crença na multiplicidade do homem como verdade do próprio ser do homem. E isso já vinha expresso bem antes de seu livro sobre Dostoievski (dos anos 1920) e vai até seus últimos apontamentos, nos anos 70: da sua convicção de que “[ . . . ] o inter-humano é constitutivo do humano [ . . . ]” (TODOROV, 1978, p. 14). Nesse pensamento bakhtiniano, que não se reduzia à ideologia individualista, como muitos pensavam, residia o princípio de sua teoria dialógica, a do enunciado concreto presente na comunicação verbal, resultante do encontro de duas consciências, do querer dizer, responder, na *ética e na estética da criação verbal*, movida pela energia da vida.

Aos olhos de Todorov<sup>85</sup> (2000), Bakhtin desenvolveu sua grande e incompleta obra ao longo de quatro grandes períodos, em quatro linguagens distintas, conforme a natureza do campo de observação de seu pensamento, além de um quinto e último momento, mais breve, não menos expressivo. Assim, em breves palavras e de um modo um tanto avesso ao caráter

---

*life as an uninterrupted performing of acts. [ . . . ] As a performed act, a given thought forms an integral whole: both its content/sense and the fact of its presence in my actual consciousness – the consciousness of a perfectly determinate human being – at a particular time and in particular circumstances, i.e., the whole concrete historicalness of its performance – both of these moments (the content/sense moment and the individual-historical moment) are unitary and indivisible in evaluating that thought as my answerable act or deed “.*

<sup>85</sup> Tzvetan Todorov, historiador e filósofo. Nascido em 1939 na Bulgária, Tzvetan Todorov mudou-se para a França em 1963, fugindo do comunismo. Desde 1987 dirige o centro de pesquisas para as artes e linguagens no CNRS [Centro Nacional de Pesquisas de Ciências Sociais da França]. Reconhecido internacionalmente como intelectual e teórico do estruturalismo, pertence à tradição dos pensadores humanistas. Traduzido de: <http://www.truthout.org/cgi-bin/artman/exec/view.cgi/67/24609> e acessado em: 13 maio 2008.

anti-formalista de Bakhtin, Todorov enfeixa suas produções nos períodos: I) o “fenomenológico”, ilustrado pelo primeiro livro de Bakhtin, consagrado à relação exotópica entre autor e herói, e entre o eu e seu outro; II) o “sociológico” e marxista encontra seu coroamento em três livros assinados pelos amigos e colaboradores, em que são estabelecidos, de um lado, caráter primordial do social, e de outro, o caráter intersubjetivo de linguagem e pensamento; III) o “lingüístico”, quando Bakhtin se empenha em lançar as bases de uma nova lingüística, a “translingüística”, com ênfase no estudo da interação verbal, na enunciação; e quando ele estabelece, mediante análises do romance de Dostoiévski, as propostas para o dialogismo e a polifonia, no contexto de uma pragmática; IV) o “histórico-literário”, de meados dos anos 1930, que comporta duas grandes obras: uma sobre Goethe, com o estudo do “cronotopo”, chegando ao leitor apenas em parte, e outra sobre Rabelais, onde Bakhtin constata que a literatura sempre jogou com a pluralidade de vozes, presente na consciência dos locutores, de duas formas: ou o discurso na obra é homogêneo ou a diversidade do discurso se encontra representada no interior do texto; esta última foi a que lhe atraía mais a atenção, tanto dentro como fora da literatura, daí o estudo das festas populares, do carnaval, da história do riso; e V) no decorrer de um quinto período (de 1970 a 1974), Bakhtin parece ter realizado uma síntese dessas diferentes linguagens, incluindo aí o início de uma obra maior sobre os “Gêneros do Discurso”, de apontamentos relativos a todos os assuntos que o teriam interessado durante sua vida, como que se ele próprio lhe estivesse devolvendo a palavra, novamente. Por fim, um texto de Bakhtin que mostra o autor preocupado com a questão do método científico, com a epistemologia das ciências humanas. Nesse texto, Bakhtin questionava o método das ciências humanas – que trabalha com a *interpretação*, com o sentido que um pesquisador produz frente ao seu objeto de estudo – confrontando-o com o método das ciências naturais, da *precisão* e da *explicação*.

A obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, publicada primeiramente em 1929, na então União Soviética, e assinada por Voloshinov, e as outras desta época do Círculo de Leningrado, já mencionadas, ainda hoje despertam pensamentos controversos sobre sua autenticidade. Questiona-se se foram de fato produzidas unicamente por Bakhtin, ou ao contrário, se foram unicamente trabalho de seus discípulos, ou, ainda, se foram uma mistura de ambos, na tentativa de preservar a vida de Bakhtin, durante os anos duros da era stalinista (1928–1939), que o assombraram até a morte de Stalin, em 1953, ano em que edita “O Problema dos Gêneros do Discurso”, fragmento de um estudo mais abrangente que se intitulava “Os Gêneros do Discurso”. Esse fragmento de texto reaparece como parte integrante da obra “Estética da Criação Verbal”, juntamente com outros escritos seus, editada

em Moscou em 1979<sup>86</sup>. Dentre esses outros estudos publicados na “Estética da Criação Verbal”, e utilizados no presente trabalho, destacamos “O Problema do Texto”, cujos arquivos datam de 1959-1961, “Os Estudos Literários Hoje”, publicado em 1970<sup>87</sup>, “Apontamentos 1970-1971” e “Observações Sobre a Epistemologia das Ciências Humanas”, texto de 1974, último texto escrito inspirado nas notas de trabalho de um estudo dedicado aos “Fundamentos Filosóficos das Ciências Humanas”, em 1940, além dos demais escritos contidos na obra “Estética da Criação Verbal”.

É inevitável que traços do pensamento bakhtiniano estejam entremeados em nossos escritos: é incontestável, pois, notar a presença autoral de Bakhtin e seus interlocutores europeus (filólogos e filósofos de língua alemã, já mencionados, da época de sua formação acadêmica na Rússia / União Soviética) em nosso discurso. Essa linha tênue entre a voz do autor e as vozes que corroboram o seu pensamento, ou seja, até onde vai o pensamento do autor principal e onde entra a interferência dos pensamentos de seus interlocutores, quando da escrita de uma obra, é um problema a que Bakhtin também se debruçava, principalmente por ocupar diferentes posições autorais ao longo da vida. Fosse na posição de escritor, professor, condutor de círculos de estudos, deslocando-se da posição de locutor (o “eu”) para a de interlocutor (o “outro”), para a de observador (o “terceiro”), próximo ou distante, no tempo e espaço, seu pensamento movia-se para o passado para pensar a linguagem em seu presente, projetando-a para o futuro, no vir-a-ser do locutor-autor no trabalho com seu texto.

Do texto literário e de contexto de vida de Rabelais, na Idade Média, com o qual Bakhtin retoma o conceito de *carnevalização*, ao texto neuropsicanalítico sobre Freud, problematizando a questão da psiquê humana, ao texto literário, romântico, do século XIX, de onde Bakhtin extrai a orientação espacial que Goethe construiu para compreender o funcionamento e a localização de uma cidade, Bakhtin chega ao texto religioso, na interlocução com Buber, da relação do “eu” com o “tu”, na “teoria do encontro”, essencialmente presencial<sup>88</sup>. As teorias dialógicas de Buber e Bakhtin diferenciavam-se na perspectiva da presencialidade oral, essencial para um e para o outro. Estas se estendiam ao

<sup>86</sup> Título original: *Estetika Slovesnogo Tvortchestva*, Iskustvo, Moscou, 1979. Convém mencionar que a obra utilizada para este estudo é a tradução do francês, por Maria Ermantina Galvão, Martins Fontes, 3. ed., SP, 2000. Também tivemos contato com a tradução de Paulo Bezerra, do original em russo, Martins Fontes, 4. ed., SP, 2003. Entretanto, optamos pela tradução de Maria Emantina Galvão.

<sup>87</sup> Título traduzido da edição original: *Resposta ao Novy Mir*. Texto primeiramente publicado na revista *Novy Mir*, 1970, n. 11.

<sup>88</sup> Buber (1974-2001) e sua obra-chave *Eu e Tu*. Sua filosofia do diálogo, da “ontologia da relação (da palavra como diálogo) está presente como fundamento de todos os outros temas... orientados por uma ética do inter-humano”, conforme nos traduz Von Zuben (2001, p. v-lxxviii). Pela via do pensamento alemão, Buber e Bakhtin, ambos, filosofavam a partir do núcleo do diálogo: o encontro na relação do “eu” e “tu” (Buber), na comunicação em presença, e do “eu” com o “outro” (Bakhtin), na comunicação oral e escrita.

texto escrito, com seus muitos estilos e gêneros discursivos, incluindo o texto científico, tão dialógico quanto um texto literário, técnico ou religioso. Essa posição contrariava o monologismo positivista do pensamento científico predominante fora das ciências humanas.

Desde os momentos mais comuns do cotidiano, Bakhtin dispõe o ser humano, o indivíduo, na posição de “ser evento”, um ser que se movimenta dinamicamente numa arquitetônica concreta, fundada em valores emotivo-volitivos que lhe são centrais nos momentos mais básicos das relações do “eu para mim”, do “outro para mim” e do “eu para o outro”. Nesse mundo concreto e tridimensional das interações dialógicas arquitetonicamente concentradas em valores científicos, estéticos, políticos, religiosos, afirma Bakhtin (1993), não há contingência: o “eu”, em qualquer posição que ocupar, é um ser “sem álibi” na existência. Daí advém a singularidade do “eu”, de sua participação nesse mundo:

O mundo em que o ato ou feito realmente continua, em que é realmente alcançado, é um mundo unitário e único que é experimentado concretamente: é um mundo que é visto, ouvido, tocado e pensado, um mundo permeado em sua totalidade por tons emotivo-volitivos de validade de valores confirmada. A singularidade unitária desse mundo (sua singularidade emotivo-volitiva, densa, admirável e não sua singularidade com respeito ao conteúdo/sentido) tem uma garantia de realidade pelo reconhecimento de minha participação única nesse mundo, por eu não ter um *álibi* na existência (BAKHTIN, 1993, p. 56–57, tradução nossa)<sup>89</sup>.

Na madrugada de 8 de março de 1975, Bakhtin, após longa e dolorida luta contra a enfermidade óssea que o afligia, profere estas últimas palavras: “Eu vou ter contigo”. A quem foram dirigidas essas palavras, é uma interrogação que continua a ecoar nas mentes de seus interlocutores. Remetem, de certo modo, a novos efeitos de sentido que emergem de seus textos a cada nova leitura, sejam de obras completas, fragmentos, ou mesmo de anotações, uma complexa produção realizada ao longo de aproximadamente 60 anos. Essas obras condizem com essa sua visão também no momento final, de incompletude, de retorno, de continuidade no encontro com o “outro” (“contigo”). A quem essa frase foi dirigida, se ao seu primeiro e mais importante interlocutor na família, o irmão Nikolai, se a seu amigo neokantiano, Kagan, que ocupou a vaga de Nikolai, ou à esposa, Elena, que falecera antes dele, parece-nos ser uma questão irrelevante. Suas palavras certamente encerram uma vida constituída em bases liberais, que, em seu tempo, modificou-se por ruidosos movimentos sociais e políticos em seu país e no mundo. Provavelmente impediram-no de autorar

<sup>89</sup> Texto original: “*The world in which an act or deed actually proceeds, in which it is actually accomplished, is a unitary and unique world that is experienced concretely: it is a world that is seen, heard, touched, and thought, a world permeated in its entirety with the emotional-volitional tones of the affirmed validity of values. The unitary uniqueness of this world (its emotional-volitional, heavy, compellent uniqueness, and not its uniqueness with respect to content/sense) is guaranteed for actuality by the acknowledgement of my unique participation in that world, by my non-alibi in it.*”



abertamente, por vezes, tendo que buscar no “outro”, no alternativo, a possibilidade de tornar visível a sua resposta ao mundo acadêmico. Contudo, sua obra continua a ter em muitos de nós a continuidade que tanto apregoava em suas teorizações sobre as relações entre sujeitos e o mundo, entre si e o texto, no contexto da história e das culturas em contato, inegavelmente diferentes.

Segundo suas próprias palavras, precisamos dele, de sua autoridade de autor, “[ . . . ] não como uma pessoa, como o outro, como um herói, mas como um *princípio* ao qual cumpre adequar-se [ . . . ]” (BAKHTIN, 2000)<sup>90</sup>. Temos, nas palavras de Bakhtin, extraídas de suas obras, interpretadas segundo nossas possibilidades, um *princípio* a ser “[ . . . ] compreendido, acima de tudo, a partir do acontecimento da obra, em sua qualidade de participante, de guia autorizado pelo leitor. Compreender o autor no mundo histórico de sua época, compreender seu lugar na sociedade, sua condição social [ . . . ]” (BAKHTIN, 2000, p. 220).

Bakhtin em relação de diálogo com a vida, o mundo e a obra, na verdade, constituiu-se em um esforço grandioso, de mais de 60 anos de vida e trabalho voltados a questões filosófico-literárias, na linguagem do cotidiano e na literatura, nas ações que marcam as relações travadas na interação verbal humana. Embora tenha sofrido severas restrições políticas e de respeitabilidade autoral, como ainda tenha lutado – sem trégua – contra uma doença óssea, Bakhtin pôde deixar importante contribuição ao pensamento humano. Suas obras, inteiras ou fragmentadas, transbordam ainda hoje novos sentidos e possibilidades de compreensão acerca do que é mais humano nas relações: a linguagem verbal, oral e escrita, que se constrói no sentido produzido nas relações de diálogo entre sujeitos, com o texto da vida. Nas ações de responsabilidade, presentes tanto no simples diálogo entre o “eu” e o “outro” como em complexos trabalhos científicos, o que pontuou a carreira de Bakhtin como filósofo da linguagem até hoje lido e respeitosamente respondido foi o valor da presença do “outro” na produção textual, escrita, individual e coletiva.

A individualidade para Bakhtin só faz sentido na consciência do outro, e essa relação dialógica independe de formalismos lingüísticos, sociais, culturais. E, foi nessa variada convivência dialógica, expressa em diferentes estilos de texto, produzidos por diferentes indivíduos e seus contextos, amalhados dos diferentes pensamentos europeus, onde buscou, na Idade Média, em Rabelais, o motivo do riso, da carnavalização, da ruptura das hierarquias em praça pública, que reaparecia, de certa forma, no romance polifônico de Dostoievski.

---

<sup>90</sup> Título da edição original: *O Autor e o Herói na Atividade Estética*. Texto de arquivos (1920-1930), não retomado pelo autor e deixado inacabado. O manuscrito não tem título e encontra-se mutilado de sua parte inicial (BAKHTIN, 2000).

O Bakhtin do *enunciado*, das *relações dialógicas* e do *texto*, se atualiza mais uma vez neste estudo. E, mais outra vez, “[o] *self* morre; a outridade prossegue”, proferem Clark e Holquist (1998, p. 265), nos oportunizando a participação no reviver de aspectos da sua *Arquitetônica da Responsabilidade*<sup>91</sup>, complexo conjunto de obras de Bakhtin.

### 3.2 BAKHTIN EM DIÁLOGO COM OS CONCEITOS-CHAVE: ENUNCIADO, RELAÇÕES DIALÓGICAS, TEXTO

Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975) é o autor principal da arquitetônica teórica e metodológica deste trabalho, a sua “Arquitetônica da Responsabilidade”: ela foi-nos apresentada e traduzida pelos estudiosos da sua obra Clark e Holquist (1998a, b), que a traduziram para o inglês (posteriormente foi traduzida para o português), facilitando sua aproximação de leitores e pesquisadores ocidentais<sup>92</sup>. Três de seus principais conceitos-chave,

<sup>91</sup> Segundo Clark e Holquist (1998, p. 89), nota de rodapé nº 1: “Estão incluídas sob este título as obras publicadas como “Arte e Responsabilidade” e “O Autor e o Herói na Atividade Estética”, obras perdidas ou inéditas como “A Estética da Criação Verbal” (não o livro de 1979 com este título, editado por Bocarov e Averincev) e o texto, sem título, sobre filosofia moral e outros trabalhos que Bakhtin estava produzindo no campo da filosofia da religião durante o período de 1918-1924”. Esse fragmento de uma obra maior, “Arte e Responsabilidade”, está traduzido por Paulo Bezerra, em “Ética e Estética da Criação Verbal”, Bakhtin (2003, p. xxxiii).

<sup>92</sup> Apenas na Pós-Graduação em Informática na Educação da UFRGS, PGIE, Bakhtin inspirou, nos últimos sete anos, autores de várias teses de doutorado, incluindo o presente estudo. Destacamos as teses de: Biazus, 2001, um estudo sobre “Ambientes Digitais e Processos de Criação: gerando a produção de sentidos”; Mehlecke, 2006, sobre a “Formação de Professores a Distância: um estudo no contexto brasileiro e português”; Biancamano, 2007, com a tese intitulada “Compreensão, Autoria, Ética: seus movimentos e suas possibilidades em curso de gestão pública a distância”, como realizações de pesquisa nas áreas da linguagem, focalizando a interação, a cognição, a autoria coletiva, com base no entendimento de suas conceitualizações teóricas em situações de ensino, principalmente a distância, através de ferramentas e/ou ambientes informatizados. Disponível em: <<http://www.pgie.ufrgs.br/>> novo Site <<http://www.pgie.ufrgs.br/prot/navegacao.php?secao=TESES%20DEFENDIDAS>>. Acesso: 10 maio 2008. Outros exemplos de trabalho com a teoria de Bakhtin vêm do pesquisador norueguês, Ivar T. B. Ørstavik, da Faculdade de Informática e *E-Learning* da Faculdade Universitária de *Sør-Trøndelag, Trondheim*, Noruega, que desenvolveu um trabalho na área de programação, interação e cultura intitulado “Como a Linguagem de Programação Pode Amoldar a Interação e a Cultura”. Em resumo, este artigo ilustra como a morfologia em linguagens de programação amolda os padrões interacionais entre os programadores. Baseado em dados empíricos de um estudo experimental e usando ferramentas analíticas da filosofia de informática e teoria dialógica, este artigo mostra como dois diferentes sistemas de tipos em programação orientada ao objeto podem estabelecer diferentes estruturas de força, culturas e democracia em sociedades programadoras. Há um outro seu trabalho sobre “Formas de Tempo e Cronotopo em Programação Para Computadores: hora de rodar sendo a hora da aventura?”. Nesse Estudo, o autor discute como os programas de computador e os processos fundamentais de programação para computadores são originados do discurso social e cultural. Utilizando o conceito de Bakhtin de “cronotopo” e a análise dele da relação entre o “herói” e a “hora da aventura” nos romances gregos antigos, analisamos como os programadores criam suas percepções de um “programa” e do respectivo “ambiente da hora de rodar”. Como as construções artificiais no romance e a comunicação em geral, as construções do programador de “programa” e da “hora de rodar” na programação moderna são orientadas fundamentalmente ao redor de uma fusão bem arranjada de tempo e espaço, isto é, alguma noção de cronotopo. Com esta abordagem interdisciplinar tentamos ilustrar como podemos perceber e podemos criar programas novos e ambientes de sistemas que explorem percepções diferentes de tempo e de espaço. O artigo

o *enunciado*, as *relações dialógicas* e o *texto* foram escolhidos para realizar este estudo, determinando a organização teórica principal e a composição das ferramentas de análise. Os termos “arquitetônica” e “responsabilidade” nos são caros, e dão destaque aos três conceitos escolhidos, à medida que tocam diretamente no tema principal da obra, que, nas palavras de Clark e Holquist, é:

[ . . . ] a responsabilidade que temos por nosso lugar único na existência e dos meios pelos quais relacionamos essa singularidade com o resto do mundo que é outro para ela. Bakhtin supõe que cada um de nós ‘não tem alibi na existência’. Nós próprios precisamos ser responsáveis ou respondíveis, por nós mesmos. Cada um de nós ocupa um lugar e um tempo únicos na vida, uma existência que é concebida não como um estado passivo, mas ativamente, como um acontecimento (CLARK; HOLQUIST, 1998, p. 90).

Se somos responsáveis e respondíveis por nós próprios, o somos no que dizemos ou escrevemos, ou seja, nos textos que produzimos em vista de um “outro”, de algo que fazemos e acreditamos e de um outro enunciado. O *enunciado*, o primeiro e, a nosso ver, o mais essencial dos conceitos selecionados, movimenta (-se) as *relações dialógicas* e faz-se concretamente perceptível no *texto*. Um enunciado, quando em movimento dialógico com outro enunciado, numa interação verbal, escrita, concretiza-se na alternância de dois sujeitos (pelo menos), no encontro de sentidos, constituindo, assim, mais um elo na complexa cadeia da comunicação. Os movimentos dialógicos entre o sujeito “eu” e o sujeito “outro”, ou entre “eu e tu”, na teoria da relação de Buber (2001), estão em relação mútua (em interação). Quando há alternância de sujeitos, há intenção, há um querer dizer algo, um motivo para dizer esse algo, quando da participação responsável pelo papel assumido, num ritual de interação social, em processo, como diria Goffman (1967), ou, antes, Bakhtin (1993). Há, por traz disso, a escolha ética (valores sociais), que acompanha a estética (a forma, estilo, gênero), àquilo que acabou de surgir desse encontro: o *sentido*, a resposta ao enunciado do outro, o embrião do diálogo, na aproximação da vida com a arte e vice-versa. Como diria Bakhtin (2003, p. xxxiv): “Arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade [ . . . ]”.

---

mostra a programação de computadores como uma nova arena útil para procurar perspectivas dialógicas, explorando assim a sua validade como uma estrutura teórica geral para comunicação e estudos de tecnologia.

Bakhtin é considerado um dos principais estudiosos da filosofia da linguagem, da dialógia<sup>93</sup>, da comunicação verbal, oral, escrita, da interação do “eu” com o “outro” na vivência com a língua escrita, do texto no discurso. Reside aí nosso interesse pelos postulados de Bakhtin, que analisam os componentes de uma língua como universo discursivo, não como sistema de normas. Nem *prescritivos*, como os estudos dos gramáticos, nem *descritivos*, como os estudos dos seguidores da lingüística saussuriana, Bakhtin e seus estudos acerca da filosofia da linguagem se distanciam desses formalismos e se situam noutra esfera, a das relações dialógicas, da ação nas interações entre “eu” e “outro”, no discurso vivo, ativo, participativo, da língua escrita (oral, também). Essas pessoas, indivíduos, sujeitos (termos aqui usados indiferentemente) se encontram em atos comunicacionais, ou seja, na interação verbal, no diálogo. Na comunicação, no diálogo, no enunciado, no texto escrito, os indivíduos alternam posições, firmam estilos, emitem valores, produzem sentidos. Nesses processos comunicacionais, ao mesmo tempo tão simples e tão complexos, as *relações dialógicas* acontecem quando enunciados, seus interlocutores, interagem, trocam dados, concretizando ações no discurso. Uma ação, em nível da semântica da língua natural, está contida no “verbo”, que indica estado, processo. O *verbo*, em gramática, é o núcleo de um dos dois termos essenciais da oração: o predicado. O sujeito e o predicado, na língua, compõem uma oração. Mas no discurso, o enunciado é unidade da comunicação: transborda a noção de oração, pois contém o sujeito e a ação que esse pratica, e que se encontra em relação dialógica, no discurso. O verbo (a ação) dá vida e movimento ao enunciado, pondo o texto em movimento. O verbo, que contém a ação, torna-se visível no *texto*, no processo e no produto final, através de recursos lingüísticos<sup>94</sup>, discursivos e tecnológicos<sup>95</sup>, utilizados na interação verbal escrita. Esses meios expressos no verbo, no enunciado, no parágrafo, no TECE<sup>96</sup>, como

---

<sup>93</sup> Bakhtin encontrava inspiração e interlocução com pensadores alemães além dos neokantianos, já mencionados, também nos religiosos, como Buber (1878-1965), com seu pensamento primordial focalizado na relação, no diálogo existencial do face a face, do encontro do EU com o TU (ZUBEN, 2001). Também com estudiosos austríacos, como Jaspers (1883-1969), filósofo existencialista, que, em estudo de Horn (1993), Jaspers traz à luz o conceito de *all-embracing*, que se estrutura no processo da reflexão. Primeiro como “ser”, ele mesmo, que é tudo no qual e pelo qual fazemos em nossa existência, a que Jaspers denomina de “o mundo e o transcendental”; e, segundo, como o “ser” que nós mesmos somos e que experimentamos através de toda e qualquer forma de existência. Jaspers representa o *all-embracing* como “ser”, pura consciência, espírito e existência possível.

<sup>94</sup> Elementos segmentais (letras, palavras e acentuação, orações) e os elementos supra-segmentais, próprios do discurso, geralmente não visíveis, vêm sobrepostos ao que é segmentável: a entonação, a tonalidade, o sotaque.

<sup>95</sup> São os meios onde o texto, escrito, se apresenta: no papel, quadro de giz, tela do computador, com o apoio de ferramentas na *Web*, como o *EquiText*, síncronas ou assíncronas, como o *Forchat*, ou ambas, oferecidas em ambientes de aprendizagem virtual, como o Fórum, *Chat*, o *webfólio*, o Correio Eletrônico, etc.

<sup>96</sup> Relembrando, **TECE** é o acrônimo para um **T**exto **E**scrito (ou **E**laborado) **C**olaborativamente no *EquiText*.

veremos mais adiante, na seção 2.3, nesta seção, participam da composição teórica que dá fundamento à criação das ferramentas de análise, trabalhadas na seção 4.

Estudos científicos (qualitativos, principalmente) acerca das noções teóricas retomadas, atualizadas e criadas nas obras de Bakhtin, estão sendo realizados em diferentes instituições universitárias<sup>97</sup>, onde há centros de pesquisa, núcleos e grupos de estudos, laboratórios de estudos da linguagem, oral e escrita, natural e artificial, presencial e a distância, em tempo real e de modo assíncrono. Nas mais diversas fontes de informação científicas, em publicações nas áreas de ensino de línguas e as tecnologias, formação de professores em língua estrangeira, informática educativa<sup>98</sup>, o nome de Mikhail Bakhtin está citado, e desponta como teórico estudado nas mais distintas áreas do conhecimento: das ciências da computação às sociais, biológicas, entre outras. Algo semelhante, que Bakhtin e seus companheiros realizavam nos “Círculos de Bakhtin”, em que pessoas de áreas distintas costumavam se reunir para debater questões concernentes à linguagem e às relações humanas nela expressas. Hoje, grupos de estudos, além de discutirem problemáticas semelhantes, incluem, também, questões relativas à presença do computador na formação cognitiva dos estudantes e professores. A presença do computador nas relações interpessoais deslizam, hoje, do presencial-físico, para o presencial-virtual-*Web*. Dos grupos em presença para os grupos em comunidades virtuais de aprendizagem, de relacionamento, e vice-versa, imprime-se novo vigor às relações dialógicas, constituindo uma nova presencialidade, mais complexa, talvez, mas que pode prescindir do encontro face a face e, ainda assim, produzir novos efeitos de sentido no discurso escrito. Os traços dessas interações dialógicas na linguagem escrita e como são visibilizados pelo código da língua escrita, LILE<sup>99</sup>, neste caso, nos espaços virtuais de ambientes informatizados, é uma problemática que também passa pelo enunciado, motivo deste estudo. Do meio presencial e/ou das páginas de um livro para também atuar no meio virtual, digital, informatizado, havemos de concordar que as relações textuais se

---

<sup>97</sup> Como é o caso de um grupo de estudiosos vinculados a Universidades e Centros de Estudos de Língua(gem) de várias partes do mundo, como Inglaterra, Austrália, Finlândia, Canadá, Hong Kong, Estados Unidos, presentes na obra *Dialogue with Bakhtin on Second Language Learning: new perspectives*, sob a organização de Hall, Vitanova e Marchenkova (2005). Disponível em: <<http://tesl-ej.org/ej36/r6.html>> e acessado em: 09 maio 2008.

<sup>98</sup> Em revistas especializadas, como: *Language Learning and Technology*; *Second Language Learning*; *TESOL*; *D.E.L.T.A.*; *Linguagem & Ensino*; *RENTE*; *Informática na Educação: teoria & prática*. O portal de periódicos e outros materiais pedagógicos *ERIC – Education Resources Information Center*, do governo Americano, que provê acesso gratuito a mais de 1.200 milhões de dados bibliográficos de artigos de revistas científicas e outros materiais relacionados com educação. Disponível em: <<http://www.eric.ed.gov/ERICWebPortal/Home.portal>> e acessado em 10 maio 2008.

<sup>99</sup> Lembrando: LILE é o acrônimo para Língua Inglesa como Língua Estrangeira, usada-ensinada-aprendida em escolas das redes pública e privada no Brasil. Esta sigla é criação nossa.

transformaram, fazendo emergir novas formas de comunicação, novos gêneros do discurso – algo talvez impraticável nos contextos em que vivia Bakhtin.

Contudo, as obras de Bakhtin, publicadas integralmente ou em fragmentos de originais encontrados em precárias condições de acondicionamento, com falhas importantes de legibilidade, anotações suas e de alunos, além das obras atribuídas à Voloshinov, Medvedev, Ivanov – não sem controvérsias – constituem parte integrante do atual patrimônio intelectual da humanidade. As questões que Bakhtin debate em sua filosofia da linguagem, especialmente a questão da dialogia, as interações entre sujeitos no discurso vivo, cotidiano, nos levam a pensar tanto sincronicamente – questões próprias deste século XXI – , como diacronicamente, com questões de gênero que acompanham as relações humanas através dos tempos, indo dos épicos da antigüidade clássica greco-romana à Idade Média, ressurgidos no Renascimento, passando pela Modernidade com o romance e a poesia, chegando até nós, a época da Pós-Modernidade, com gêneros diferenciados, cada vez mais complexos e fugazes. Uma das questões que mais ocupavam o pensamento de Bakhtin e que ainda hoje é motivo para densos estudos acerca da natureza humana é a linguagem. O autor pensa a linguagem na dinâmica dos encontros dialógicos entre sujeitos, na interação verbal oral e escrita, que habita tanto a novela como o conto – narrativa de ficção cada vez mais curta – a crônica, o ensaio, as obras de aprimoramento pessoal, o plano virtual, mistos deles todos entrelaçados na prosa dialogada. Na base de toda a interação concreta, real, virtual, está a comunicação entre humanos, indivíduos<sup>100</sup> que se valem de uma dada língua e outras tecnologias para conviver, simplificando e complexificando sua existência. As tecnologias apenas acompanham a inesgotável variedade da atividade verbal humana, que se modifica a cada nova relação de sentido com o outro, no discurso vivo do texto, neste caso, escrito, *on-line*<sup>101</sup>.

### 3.2.1 O Enunciado

O pensamento de Bakhtin volta-se aos processos do discurso cotidiano, em suas formas mais variadas, da mais simples réplica do diálogo (gênero primário) ao tratado

---

<sup>100</sup> Ou mesmo *personas*, termo usado na psicologia, na teoria de C.G. Jung, que significa a personalidade que o indivíduo apresenta aos outros como real, mas que, na verdade, é uma variante às vezes muito diferente da verdadeira. Pode significar, ainda, um personagem literário em que o autor se encarna, cf. o Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, DEHLP.

<sup>101</sup> Etimologia: inglês *on-line* (DEHLP) “conectado a, servido por ou disponível através de um sistema, especialmente um sistema de computador ou de telecomunicações; feito enquanto conectado a um sistema”.

científico mais denso (gênero secundário)<sup>102</sup>, sendo que o elemento primordial de seus estudos da linguagem é o **enunciado**, concreto, vivo, o combustível que ativa a comunicação verbal humana. Nele encontramos, conforme Bakhtin (2000), o cerne, o dispositivo que dinamiza toda a interação verbal humana, nos mais diferentes estilos, gêneros, tonalidades, onde quer que a linguagem/língua seja utilizada, de forma oral e escrita.

O enunciado é a essência vital do discurso, o núcleo único e irreprodutível, que atua como elo na complexa cadeia da comunicação humana. Em sua constituição, está pressuposta uma dada ação entre dois ou mais sujeitos, próximos, distantes, que se encontram na produção de sentido, quando o enunciado do locutor ou escritor ou autor, um sujeito “eu”, obtiver uma resposta de um interlocutor ou leitor ou autor, um “outro” sujeito. Nesse momento, para o enunciado de um locutor ser de fato um elo na comunicação, é imprescindível que seu interlocutor, seu parceiro nessa interação verbal, em presença ou a distância, lhe conceda a prerrogativa de lhe dar uma resposta, um sinal de que um novo sentido se produziu, de que o discurso andou<sup>103</sup>. O gênero textual escolhido – seja uma troca de turno num diálogo, um parágrafo numa narrativa de ficção, um artigo científico –, em uma língua natural qualquer (russo, português, inglês) utilizada por ambas as partes envolvidas no discurso, portanto de conhecimento mútuo. O local, o horário e o meio de veiculação da mensagem, da

---

<sup>102</sup> Essa é uma área de categorização que Bakhtin faz para acomodar as diferenças textuais, de acordo as peculiaridades de gênero, que é coletivo, isto é, representa as diversas formas típicas do discurso; e de estilo, que vem a ser o enunciado, individual, que reflete a individualidade de quem fala ou escreve, na ótica de Bakhtin (2000), os textos e suas transformações em vista das novas relações que o sujeito (um locutor) estabelece com a tecnologia em uso, em interação dialógica com seu(s) interlocutor(es) (um destinatário) e com o texto, propriamente dito, uma construção individual/coletiva, diante dessas relações. Para Bakhtin (2000), a divisão dos gêneros do discurso entre gêneros primários (simples) e secundários (complexo), é, em essência, uma categorização de todo e parte: um simples diálogo entre professor e alunos estaria na categoria “simples”, e, um artigo científico, na categoria “complexo”. Na verdade, um pode conter o outro: por exemplo, uma análise teórico-metodológica de um diálogo em LILE, por exemplo, pode estar contida numa obra científica, como esta tese, ou em uma publicação científica: ambos têm em seu interior a possibilidade de obter uma resposta, de alguém e/ou de uma instituição de ensino ou de pesquisa, por exemplo. Diz-nos Bakhtin (2000, p. 283): “O vínculo indissolúvel, orgânico, entre estilo e o gênero mostra-se com grande clareza quando se trata de problema de um estilo lingüístico ou funcional. De fato, o estilo lingüístico ou funcional nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana.”

<sup>103</sup> Na argüição da Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carime Rossi Elias, da Unisinos, participante da banca de defesa desta tese, com respeito ao conceito de enunciado, de Bakhtin, anota as seguintes questões não consideradas por nós, neste estudo, com base em Bakhtin (2003), a saber: “1) a questão da ‘grande temporalidade’, discutida em Bakhtin ao tratar do diálogo entre discursos, entre textos; 2) a ‘compreensão silenciosa’, e, 3) ‘os três diferentes tipos de compreensão (ativamente responsiva, responsiva silenciosa e responsiva de efeito retardado), nos remete aos gêneros de discurso estabelece uma rápida relação gêneros de discursos e tipos de compreensão, logo de respostas Bakhtin” (ELIAS, 2008, p. 4). Ainda, que nesta tese, estou me referindo ao que Bakhtin chama de “enunciado concreto”, “diálogo real”, “[ . . . ] próprio da conversa entre interlocutores (e, não, por exemplo, ao texto acadêmico, que seria um enunciado que muitas vezes produz diálogos entre discursos, em uma outra temporalidade que não a imediatamente visível)” (ELIAS, 2008, p. 4). A seguir, a Prof<sup>a</sup> Carime traz em seu arrazoado, conforme Bakhtin (2003), a questão da “[ . . . ] alternância dos sujeitos do discurso [ . . . ] é de natureza diferente e assume formas variadas” (ELIAS, 2008, p. 4). Às intervenções acima, respondemos que serão contempladas em estudo próximo, tendo em vista sua contribuição ao tema investigado.

interlocução, são especificidades que dão concretude e visibilidade ao enunciado, ficando esse novamente disponível à interação.

Bakhtin (2000) expõe seu pensamento sobre a problemática e definição dos gêneros do discurso em textos que datam de 1952-1953. Ainda que sejam fragmentos apenas de um projeto maior, supostamente não realizado, conforme anuncia Todorov (BAKHTIN, 2000), na seção 2, da “Problemática e Definição”, nesse texto, principalmente, o autor aponta, com clareza, os componentes e peculiaridades teórico-funcionais do enunciado. E é pela problemática e definição dos gêneros do discurso, na essência do enunciado, que pontuamos a parte teórica propriamente dita, deste estudo, ressaltando o vigor teórico do enunciado:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas das atividades humanas [ . . . ] A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. (BAKHTIN, 2000, p. 279)

É desse amplo cenário antro-po-sócio-psico-lingüístico que nós nos deparamos com a problemática da utilização da língua, viva, no discurso, através da “unidade da comunicação”, o enunciado, essência do discurso que movimenta a produção escrita de um determinado texto, trazendo consigo aspectos cognitivos, emotivo-volitivos, espaço-emporais. Em outros termos, é em torno dessa potência conceitual existente no enunciado, conforme Bakhtin (2000), que os integrantes de uma instância comunicacional se configuram. Assim, independentemente de quem, onde, quando, com quem, o que, para que, para quem escrevemos, num dado contexto de significação e historicidade, numa dada língua-iscurso, com tema, gênero e estilo escolhidos pelos envolvidos, na interação verbal, é nesse núcleo de produção que o enunciado habita e transita, movendo as relações de diálogo, por meio de ações que nelas se realizam, dando origem a um texto.

Quanto à problemática e definição dos princípios constitutivos a complexa natureza verbal do enunciado, diante da extensa heterogeneidade dos gêneros do discurso disponível a um locutor, leitor, escritor, em vista dos estudos de lingüistas europeus (Escola de Saussure), americanos (behavioristas) e russos (seguidores de Vossler)<sup>104</sup> não irem além de “[ . . . ] pôr em evidência a especificidade do discurso cotidiano oral, operando no mais das vezes com

---

<sup>104</sup> Nesta obra sobre “Os Gêneros do Discurso”, Bakhtin discutia o escopo limitado ao sistema da língua, dos estudos de lingüistas vinculados à Escola de Saussure, seus seguidores mais recentes, os estruturalistas, os behavioristas americanos, os discípulos de Vossler, no tocante à “[ . . . ] extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a conseqüente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado.” (BAKHTIN, 2000, p. 281).



enunciados deliberadamente primitivos [ . . . ]” (BAKHTIN, 2000, p 281). Bakhtin define, então, o caráter genérico do enunciado, em vista da multiplicidade de gêneros discursivos existentes nas muitas esferas ativas da comunicação humana, em que o enunciado é sua unidade mínima. Assim,

[ . . . ] da heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente a curta réplica do diálogo cotidiano (com a diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas), o relato familiar, a carta (com suas variadas formas), a ordem militar padronizada, em sua forma lacônica e em sua forma de ordem circunstanciada, o repertório bastante diversificado dos documentos oficiais (em sua maioria padronizados), o universo das declarações públicas (num sentido amplo, as sociais, as políticas). E é também com os gêneros do discurso que relacionaremos as variadas formas da exposição científica e todos os modos literários (desde o ditado até o romance volumoso) (BAKHTIN, 2000, p. 280).

Diante desse cenário tão amplo, aparentemente infundável, segundo o pensamento de Bakhtin (2000), desconsiderar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero “[ . . . ] que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo lingüístico, leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida.” (BAKHTIN, 2000, p. 280) E o que talvez seja crucial em sua teoria dos gêneros discursivos e do enunciado, é o fato de que: “A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.” (BAKHTIN, 2000, p. 280) O enunciado situa-se no cruzamento de uma problemática excepcionalmente importante: sua indissolubilidade do *estilo* e das formas típicas do enunciado, e onde há estilo, há gênero. Portanto, as mudanças históricas dos estilos da língua repercutem nas mudanças dos gêneros do discurso. E, diante dessa problemática, Bakhtin afirma que:

Os enunciados e os tipos a que pertencem [ . . . ] são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua. Nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode entrar no sistema da língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento estilo-gênero (BAKHTIN, 2000, p. 285).

Da perspectiva das mudanças na língua escrita, Bakhtin a apresenta com traços dos gêneros do discurso, sejam eles primários ou secundários, e dá destaque à sua ampliação quando incorpora diferentes camadas da língua popular:

Em cada época de seu desenvolvimento, a língua escrita é marcada pelos gêneros do discurso e não só pelos gêneros secundários (literários, científicos, ideológicos), mas também pelos gêneros primários (os tipos de diálogo oral: linguagem das reuniões sociais, dos círculos, linguagem familiar, cotidiana, linguagem sociopolítica, filosófica, etc.) A ampliação da língua escrita que incorpora várias camadas da língua popular acarreta em

todos os gêneros (literários, científicos, ideológicos, familiares, etc.) a aplicação de um novo procedimento na organização e conclusão do todo verbal e uma modificação do lugar que será reservado ao ouvinte ou ao parceiro, etc., o que leva a uma maior ou menor reestruturação e renovação dos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2000, p. 285).

Com o estudo da natureza do enunciado e dos gêneros do discurso, Bakhtin (2000) dá início à segunda parte do estudo intitulado “O Enunciado, Unidade da Comunicação Verbal”. Nosso intuito, doravante, é pontuar alguns aspectos conceituais que Bakhtin pressupõe para o enunciado, que entendemos serem relevantes à arquitetura teórico-metodológica deste estudo, a começar por conhecê-lo como:

- a unidade real da comunicação verbal, no discurso;
- do discurso molda-se à forma do enunciado, que pertence a um sujeito falante, e não poder existir fora dessa forma; e,
- o enunciado se constituir entre fronteiras claramente delimitadas, com qualquer volume, conteúdo, composição, características estruturais essas comuns a todos os enunciados. (BAKHTIN, 2000, p. 293)

No tocante à delimitação dessas fronteiras do enunciado, compreendido como uma unidade da comunicação verbal, determinadas pela alternância dos sujeitos falantes (locutores), todo e qualquer enunciado,

[ . . . ] desde a breve réplica (monolexêmica) até o romance ou o tratado científico – comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato – resposta baseado em determinada compreensão). O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. (BAKHTIN, 2000, p. 293)

Em seu todo orgânico, o enunciado apresenta particularidades próprias. **A alternância dos sujeitos falantes** é a primeira delas, pela posição de unidade da comunicação que o enunciado ocupa no discurso e que o distingue de uma unidade da língua, a oração, por exemplo. A segunda particularidade, indissociável da primeira, é o **acabamento específico**; é a alternância de sujeitos falantes (escreventes) vista do interior do enunciado; “[ . . . ] essa alternância ocorre precisamente porque o locutor disse (ou escreveu) *tudo* o que queria dizer num preciso momento e em condições precisas.” (BAKHTIN, 2000, p. 299)

O enunciado, para Bakhtin (2000, p. 294), “[ . . . ] não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra do outro, por algo como um mudo *dixi* percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou.”

Todavia, para determinar o acabamento específico do enunciado, para tornar possível uma reação ao enunciado, Bakhtin (2000) aponta para o critério da *possibilidade de responder* – o principal – como a possibilidade de adotar uma atitude responsiva para com o enunciado. Esse critério vale tanto para uma simples pergunta (“Que horas são?”), como para uma exposição científica (com a qual podemos concordar ou discordar), ou para um romance (no âmbito das artes). Essa totalidade acabada do enunciado, que possibilita a sua compreensão responsiva é determinada por três fatores, ligados ao seu todo orgânico, quais sejam: um, o tratamento exaustivo do objeto do sentido (relativo ao tema); dois, o intuito, o querer-dizer do locutor; e, três, as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento (referente à escolha da forma do gênero). Esses fatores relativos ao principal critério da possibilidade responsiva do enunciado levam à terceira particularidade constitutiva, concernente à relação do enunciado com *o próprio locutor* (com o autor) e *com os outros parceiros* da comunicação verbal. Ainda, há a questão da “[ . . . ] relação com o enunciado do outro, que não pode ser separada nem da relação com a coisa (que é objeto de uma discussão, de uma concordância, de um encontro), nem da relação com o próprio locutor.” (BAKHTIN, 2000, p. 351). Essa relação de diálogo, que vai além da língua como sistema, se concretiza no encontro com os enunciados de interlocutores, na tentativa de construir uma totalidade de sentido, calcada em valores, pretensamente corretos, verdadeiros, belos. Conforme Bakhtin:

Esses valores do enunciado não se determinam por sua relação com a língua (enquanto sistema), mas pelas formas de sua relação com a realidade, com o sujeito falante, com os outros enunciados – com os enunciados alheios – (em particular com aqueles que os colocam como valores da verdade, da beleza, etc.) (BAKHTIN, 2000, p. 352)

Diante da estrutura do enunciado acima exposta, das particularidades do enunciado (alternância dos sujeitos falantes, acabamento específico e relação do enunciado com o próprio locutor e com seus outros parceiros da comunicação verbal); do critério principal da possibilidade de responder (valendo tanto para uma simples pergunta como para uma exposição científica); e da atitude de compreensão responsiva do enunciado determinada pelos fatores do tratamento do sentido (tema), do querer dizer do locutor e da escolha das formas do gênero de acabamento, tivemos apenas uma breve apresentação do conceito do enunciado. Suas especificidades vão ser abordadas, com mais detalhe, à medida que o estudo das análises dos textos, na seção 4, for assim exigindo.

### 3.2.2 As Relações Dialógicas

**Na relação dialógica**, o “eu” movimenta-se nessa relação através das ações que realiza com o mundo, que aqui encapsulamos nas ações que o sujeito realiza (I) com a tecnologia, que abarca *a linguagem* (proficiência no uso da língua inglesa escrita), *a aprendizagem* (conhecimento no saber realizar a atividade escrita) e *o meio* (o ambiente da relação, o informatizado, neste caso); (II) com o outro, o grupo, os grupos, ou seja, a instância social em que relações dialógicas são travadas; e, (III) com o texto, neste caso escrito, na língua inglesa como língua estrangeira, LILE, apoiado pela tecnologia informatizada, na *Web*, o *EquiText*.

Há, pois, um mínimo dialógico para que as relações entre as pessoas se constituam. Na concepção bakhtiniana, há dois tipos de produções verbais, dois enunciados confrontados um com o outro que entabulam uma relação específica de sentido a que chamamos dialógica. Tal relação entre enunciados pode estabelecer-se entre as línguas, dialetos (dialetos territoriais, sociais, jargões), estilos (funcionais) da língua (da língua falada à linguagem científica). Quanto à questão sobre se e como esses dois tipos de produção verbal, tão diferentes entre si, dialogam, o autor afirma isto ser apenas possível mediante uma abordagem não lingüística, ou seja, mediante uma transformação que os torne uma “visão de mundo”, um tipo de percepção de mundo realizada pela língua ou pela fala; em outras palavras, um “ponto de vista”, uma “voz social”. E esse percurso, por dentro e por fora do enunciado, compete ao seu caráter metalingüístico<sup>105</sup>. Assim,

A relação dialógica entre os enunciados, cujo percurso também passa por dentro do enunciado considerado isoladamente, compete à metalingüística. Essa relação difere, por natureza, das relações lingüísticas existentes entre os elementos dentro do sistema da língua ou dentro do enunciado isolado. Caráter metalingüístico do enunciado (produto do discurso). (BAKHTIN, 2000, p. 342)

Entretanto, só pode haver relação dialógica nas palavras da língua. Esta relação se estabelece entre as coisas ou entre as categorias lógicas, como os conceitos, juízos. A relação dialógica pressupõe, pois, a existência de uma língua, mas essa relação não acontece no interior do sistema da língua. Como diria Bakhtin (2000, p. 345): “A relação dialógica é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal. Dois

---

<sup>105</sup>*Metalingüística*, vocábulo usado pela primeira vez pelo lingüista Roman Jakobson (1929), refere-se à linguagem (natural ou formalizada) que serve para descrever ou falar sobre uma outra linguagem, natural ou artificial. As línguas naturais podem ser usadas como sua própria metalingüagem.

enunciados quaisquer, se justapostos no plano do sentido (não como objeto ou exemplo lingüístico), entabularão uma reação dialógica.”

Essas relações pressupõem um “eu” e um “tu” dialógicos autênticos. Elas acontecem na dinâmica do discurso vivo, através de ações de sujeitos em relação de diálogo. As relações dialógicas constituem uma relação marcada por aspectos de originalidade no texto, que não pode ser resumida meramente a uma relação de ordem lógica, lingüística, psicológica ou mecânica, ou ainda a uma relação de ordem natural. Na verdade, estamos diante de uma relação específica de *sentido* cujos elementos constitutivos só podem ser enunciados completos, ou considerados completos, ou ainda potencialmente completos, por trás dos quais está (e pelos quais se *expressa*) um sujeito real ou potencial, o autor de determinado enunciado, um texto, numa determinada esfera de comunicação.

### 3.2.3 O Texto

O terceiro conceito-chave que compõe nossa arquitetura teórico-metodológica, junto com o *enunciado* e as *relações dialógicas*, é o *texto*. Bakhtin assim o apresenta:

O texto (oral ou escrito) como dado primário de todas essas disciplinas [lingüística, filologia, literatura], e, de um modo geral, de qualquer pensamento filosófico-humanista (que inclui o pensamento religioso e filosófico em suas origens), o texto representa uma realidade imediata (do pensamento e da emoção), a única capaz de gerar essas disciplinas e esse pensamento. Onde não há texto, também não há objeto de estudo e de pensamento. (BAKHTIN, 2000, p. 329)

Vocábulo originário do latim *téxtus*, significa “narrativa, exposição”; do verbo latino *téxo*, significa “tecer, fazer tecido, entrançar, entrelaçar; construir sobrepondo ou entrelaçando”; também aplicado às coisas do espírito, como “compor ou organizar o pensamento em obra escrita ou declamada”. Significa, ainda, conforme o Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, um conjunto das palavras de um autor, em livro, folheto, documento, etc.; redação original de qualquer obra escrita; conjunto de palavras citadas para provar alguma idéia ou doutrina; trecho ou fragmento de obra de um autor; parte principal de livro ou outra publicação, com exclusão dos títulos, subtítulos, epígrafes, gravuras, notas, etc.; conteúdo de um telegrama, telex etc., excluídos os endereços do remetente e do destinatário<sup>106</sup>. Todas estas acepções do verbete ‘texto’ nos interessam, à medida que enriquecem o conceito bakhtiniano, trabalhado por nós neste estudo.

<sup>106</sup> Conforme consta, parcialmente, no DEHLP.

Interessa-nos trabalhar com o conceito de texto que dá conta de abarcar uma produção viva, individual e coletiva; que engloba processo e produto; que visibiliza as relações dialógico-interacionais por onde se entrelaçam enunciados; e que revela seus elementos composicionais novos, assimilados, além, é claro, dos já dados, em enunciados anteriores. O texto, uma produção verbal entre humanos, é a própria realização da existência verbal na ação, “a individualidade criadora” no cotidiano dialógico, para Bakhtin (2000, p. 348). Essa individualidade criadora é o próprio enunciado – a unidade viva da comunicação verbal humana –, que surge de um projeto, ganha corpo no encontro com o outro e, nesse movimento, se entrelaça em outra unidade criadora, formando um texto novo, uma execução nova, criada do já dado e do assimilado, imprimindo elementos novos, graças às tecnologias que o homem tem sabido criar, transformar, reaproveitar e fazer funcionar, no cotidiano, na língua que a necessidade se lhe impõe, da forma que lhe é mais possível para a obtenção de uma resposta.

### 3.3 BAKHTIN EM DIÁLOGO COM A TEORIA NESTA PRÁTICA

Os deslizamentos da teoria para a prática que fazemos durante nossos exercícios acadêmico-científicos não desconsideram o movimento oposto, ou seja, o da vivência construída na prática do fazer pedagógico como fonte inspiradora para entender a teoria (de uma filosofia da linguagem, por exemplo) e dela extrair o ferramental necessário para analisar eventos do cotidiano, do uso de uma determinada língua, em situação de ensino/aprendizagem, como pretendemos considerar neste estudo.

Movimentos teórico-vivenciais percorrem este estudo assim como a compreensão que temos dos conceitos (ou aspectos deles) aqui empregados. Entendemos, diante desses movimentos, que não faria sentido, neste estudo acerca da autoria coletiva em LILE, em ambiente informatizado na *Web*, o *EquiText*, da perspectiva da formação de professores (graduação e extensão), nos apropriarmos dos conceitos-chave que elegemos para sustentar teoricamente este trabalho (ele próprio uma prática, um exercício, uma ação, uma resposta), o *enunciado*, as *relações dialógicas* e o *texto*, se não tivéssemos em vista o motivo principal deste trabalho: as produções textuais construídas individual/coletiva e colaborativamente em experiências no/com o *EquiText* como possibilidade de vivência e aprimoramento na língua inglesa escrita e, sobretudo, alternativa à construção autoral.

Entendemos, neste sentido, ser procedente tratar, nesta seção 3, dos efeitos de sentido, motivo e visibilidade que o estudo das particularidades destes conceitos bakhtinianos – o

*enunciado*, as *relações dialógicas* e o *texto* –, emprestam, teoricamente, às ações que nossos sujeitos da pesquisa praticaram, durante as relações de diálogo que precisaram entabular, entre si, com o texto uns dos outros e seu próprio, com a língua inglesa, e, inquestionavelmente, com esta tecnologia digital, informatizada, a ferramenta de escrita colaborativa na *Web*, o *EquiText*, quando da construção dos TECE, o sustento empírico desta tese.

As relações entre os enunciados dos participantes dos TECE, professores em formação, que consideramos serem de natureza dialógica, portanto sustentadas pela teoria bakhtiniana acima apresentada, tomam proporção concreta ao serem operadas por ações realizadas nos parágrafos dos TECE, por esses sujeitos da pesquisa. Entendemos que essas relações dialógicas, em vista dos *corpora* analisados na seção 4, são materializadas em ações, visíveis e passíveis de serem observadas, metodologicamente, se concentram em torno de três dimensões diferentes, mas ligadas entre si, quais sejam: *procedural*, *interacional* e *textual*.

A dimensão das relações procedurais, em exame neste estudo, diz respeito ao conjunto de procedimentos com os quais um indivíduo trabalha quando se encontra diante de uma tecnologia e que precisa saber operá-la satisfatoriamente para obter o que necessita. Estamos, nesse momento, diante de uma relação de diálogo entre humano e máquina, que pode ser verbalizada, também em texto escrito, além de outras formas de comunicação não observadas por esta pesquisadora, quando dos processos de apropriação de suas funcionalidades. É o que pretendemos mostrar nas análises das ações das relações procedurais que os sujeitos constroem para poderem trabalhar com a tecnologia *EquiText*, além das outras tecnologias intelectuais em jogo, como a escrita, a língua inglesa e as novas relações de convivência com as quais necessitam saber lidar, nesse outro ambiente de relacionamentos.

A dimensão das relações interacionais, em teoria, têm justamente a ver com essas relações entre colegas, entre componentes de um grupo de trabalho, que no *EquiText* precisam agir diferentemente de uma relação em sala de aula, presencial, entre quatro paredes. No *EquiText*, conforme suas funcionalidades detalhadas no Capítulo I, subseção 1.3.3, esses participantes interagem através de ações individuais, embora realizadas na perspectiva da construção de uma tarefa coletiva, aberta à intervenção do outro, num esforço diferente daquele negociado em presença. Nessa ferramenta, o grupo necessita exercitar modos de conviver com a impermanência do texto individual, em outras situações escolares fechado, pronto e não modificado por quem quer que seja, exceto o professor a quem a Instituição confere o poder de avaliar. E, no final, saber lidar com o resultado dessa produção, ou seja, dessa vivência na construção de um texto com a participação de todos, sem identidade única,

mas do grupo. E, se possível, continuar convivendo amorosamente, fora da experiência, na compreensão da instabilidade, da diferença, do trabalho individual fundido no trabalho coletivo, do(s) outro(s), onde um e outro se encontram num novo enunciado, uma nova produção, que carrega consigo um pouco de cada um, haja vista as influências visíveis, expressas, e aquelas não expressas, mas presentes no silêncio do não dito por escrito.

A dimensão das relações textuais, em teoria, diz respeito às relações que os participantes dos TECE realizam com o texto propriamente dito. Quando praticam ações de produção textual, em vista do combinado antes da experiência começar, até mesmo durante o decorrer da experiência. As regras de procedimento textual, diferentemente das regras de uso da tecnologia (*EquiText*), estão mais restritas à construção coletiva do texto, tomara colaborativa, que, em nome do trabalho em grupo, prescinde de valores individuais de preservação textual, de atavismos estilísticos ou idiossincráticos. A negociação entre participantes e seus textos deve acontecer antes e durante todo o percurso da construção da tarefa de composição de texto no *EquiText*. Essas relações textuais estão imbricadas nas relações interacionais e procedurais, e vice-versa. A separação das relações textuais em três dimensões, a procedural, interacional e textual, entendemos ser necessária para melhor compreender os processos que envolvem uma construção de texto (quicá de autoria) numa ferramenta informatizada como o *EquiText*.

Com esse diálogo entre a teoria bakhtiniana (que traz consigo acoplados aspectos de vida e obra de Bakhtin), através dos conceitos-chave do *enunciado*, *relações dialógicas* e *texto*, e a prática da construção de texto, no *EquiText*, os TECE, por professores em formação (graduação e extensão), em língua inglesa como língua estrangeira, a LILE, buscamos anunciar um outro diálogo que entabulamos, no Capítulo 4, desta feita com a metodologia, os procedimentos utilizados no levantamento dos dados, dos *corpora*, deste estudo, e a análise de textos TECE. Para tal, e com base na teoria que foi apresentada neste capítulo, a análise será processada mediante uma abordagem teórico-metodológica de cunho dialógico-interacional, condizente com o presente estudo. O Capítulo 4 é o espaço da transformação da teoria em ferramenta de análise, em vista do contexto empírico, os TECE, construídos em três experiências diferentes, pelos sujeitos acima mencionados, coletivos autorais e de caráter intertextual<sup>107</sup> que nós nos dispusemos a analisar, conforme mostramos a seguir.

---

<sup>107</sup> A noção de intertextualidade, embora relevante ao estudo em voga, não será aprofundada nas análises do próximo capítulo. Deverá compor novos estudos, oportunamente.



#### 4 METODOLOGIA, PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DE TEXTOS EM DIÁLOGO

Nosso pensamento e nossa prática, não a técnica, mas a moral (nossos atos responsáveis), exercem-se entre dois extremos: entre a relação com *a coisa* e a relação com *a pessoa* (BAKHTIN, 2000, p. 411)<sup>108</sup>.

*TECE-E 21(V): Olá, queridos colegas. Acho boa a idéia de pensarmos situações práticas de uso do EquiText com os alunos. Por exemplo: provavelmente trabalharei uma disciplina, no Curso de Letras, chamada Leituras Orientadas II, que funcionará na modalidade semipresencial. O tema de discussão será a leitura - o seu processo, níveis, fatores de implicação, etc. Parece-me que uma discussão sobre a leitura, num suporte virtual, não poderá se limitar a uma bibliografia tradicional sobre o tema, ou seja, necessariamente deverá refletir sobre a leitura no meio eletrônico, que na certa possui diferenças em relação à leitura do velho, bom e insubstituível livro. Vejo que o uso da tecnologia acaba acarretando uma reavaliação do próprio conceito que temos das coisas - o que sempre é positivo. Ainda não sei exatamente como vou operacionalizar o trabalho da disciplina via EquiText, mas pressinto que o uso desta ferramenta insere-se no próprio tema a ser debatido. Aceito sugestões dos "experts"! Rej ( I ) --- - 17/01/2003-05:16109*

Neste capítulo, pretendemos aproximar autores, proposta teórico-metodológica e meios procedimentais, para, dialogicamente, apresentar uma análise de textos produzidos por professores em formação, graduação e extensão, numa língua estrangeira em que sua proficiência se encontra em construção, num espaço informatizado, o *EquiText*. Buscamos, através das relações dialógicas neles operadas, as ações que apontem para os movimentos procedurais (dos sujeitos da pesquisa com a tecnologia); interacionais (dos sujeitos da pesquisa entre si, a professora e pesquisadora, quando pessoas diferentes); e textuais (dos sujeitos da pesquisa com seus textos, o texto propriamente dito). O operador teórico-conceitual-metodológico principal que, de certa forma, abarca todos os outros e sobre os quais exerce sua dinâmica de ação, é o enunciado.

---

<sup>108</sup> Em: "Epistemologia das Ciências Humanas", 1974, contida na coletânea de produções de Bakhtin (2000), "Estética da Criação Verbal".

<sup>109</sup> O acrônimo **TECE-E21(V)** contém as seguintes informações: é o texto escrito colaborativamente no *EquiText*, (TECE) "Escrevendo Texto Coletivo", tema de nossa responsabilidade; é o parágrafo ou Enunciado, E, 21º, na função Visualizar (V), área de trabalho do texto no *EquiText*. No final do texto, vemos a autoria de Rej, Prof.<sup>a</sup> da IES 1, seguida da ação (I), de inserir parágrafo, enviada em 17 de janeiro de 2003, às 05:16.

**Em tempo:** Entende-se colaboração como ato ou efeito de colaborar; trabalho feito em comum com uma ou mais pessoas; cooperação, ajuda, auxílio; e trabalho, idéia, doação, etc., que contribui para a realização de algo ou para ajudar alguém; auxílio. (DEHLP)

Neste Capítulo 4, começamos por apresentar a metodologia da interação dialógica, abordando sua constituição teórico vivencial, sua aplicação na pesquisa, em geral, e na que vivenciamos e falamos da implicação desta estudante-professora-pesquisadora por entre as ações experimentadas ao longo do trabalho com o *EquiText*. Num segundo momento, deste capítulo, tratamos dos procedimentos empregados: sobre o histórico, sujeitos da pesquisa, e das experiências em três momentos: 2000, 2001, 2006. Em terceiro e último momento, procedemos às análises propriamente ditas, das ações nas relações procedurais, interacionais e textuais e suas ênfases nos TECE 1, 2 e 3, respectivamente. No parágrafo final, fazemos breve menção às nossas considerações finais, à guisa de conclusão do estudo apresentado nesta tese, apresentadas no Capítulo 5.

Nosso estudo caracteriza-se por desenvolver uma pesquisa com ênfase no modelo qualitativo, de análise de textos produzidos no *EquiText*, os TECE, segundo o ferramental teórico criado para esta tese, buscado no que organizamos e passamos a chamar de arquitetura teórico-metodológica, extraída da teoria bakhtiniana, principalmente, em vista das nossas observações dos movimentos das relações dialógicas entre pessoas e tecnologias, pessoas entre si e pessoas e seus textos. Das nossas observações, pudemos constatar que esses três âmbitos de movimentos textuais são os que emergem das produções textuais no *EquiText*, com maior recorrência: primeiro, pelas marcas deixadas nas escritas dos parágrafos, como os traços informativos de tempo da ação realizada, como a data e o horário de envio do parágrafo (dia/mês/ano: horário); o espaço ocupado na seqüência de parágrafos pela ação textual realizada no TECE (o histórico com a seqüência de todos os parágrafos produzidos no TECE), suas identificações, no espaço destinado a ela e mesmo dentro do parágrafo em composição; as ações realizadas conforme as opções possibilitadas pela ferramenta, elementos indicativos do lugar de realização da ação (de que computador o TECE foi trabalhado, se dentro ou fora da IES, se em horário reservado pela(os) professora(es) para a realização da experiência no laboratório de informática, ou nesse mesmo local, mas fora desse horário, ou ainda de casa, etc.); da posição impermanente do parágrafo no TECE, e das alterações nele realizadas por outros participantes, movimentos esses claramente visíveis em pelo menos duas das funções do *EquiText* (Histórico e Visualizar), que tanto apontam para relações de diálogo (questionamento, indecisão, sugestão, etc.) dos participantes entre si com respeito à nova tecnologia *EquiText* (de ordem procedural e interacional), como para outras relações de interação entre participantes, como a elaboração de texto na LILE, que implica tanto em relações com a língua estrangeira (dificuldades ortográficas, sintáticas, vocabulário, etc.) (saber expressar-se por escrito na LILE, em vista da tarefa) como com o texto propriamente

dito, tecido em conjunto com outros componentes do grupo; da retomada de parágrafos, através da leitura, para revisão do texto em andamento, ou para nova composição de texto, outro envio de parágrafo (de ordem textual, interacional e procedural). Esses e outros movimentos no *EquiText*, para a composição de TECE, na LILE, vão necessariamente passar pelas vivências dos participantes com o computador, a ferramenta (ações de saber usar), com a língua no discurso livre (saber dizer em LILE, na tarefa em construção) e com as intersubjetividades, decorrentes das interações num espaço informatizado, na *Web*, que envolve processos diferentes das interações travadas nas arenas de uma sala de aula, em que as tecnologias predominantes ainda são o lápis ou a caneta, o caderno, o livro didático (ou cópias xerox), e onde identidades se sobrepõem, textos se misturam, são excluídos, até, liberando, no final da atividade, um texto em linguagem HTM, com o apagamento total de identidades. Que autorias são essas e como serão metodologicamente analisados esses esforços autorais em meio ao coletivo, é o que vem a seguir.

A arquitetônica teórico-metodológica para análise dos TECE, conforme o Quadro 2, a seguir, em vista da autoria coletiva em LILE, constitui-se principalmente de aspectos conceituais do *enunciado*, *relações dialógicas* e *texto*, os conceitos-chave eleitos para este trabalho, conforme anotado no Capítulo II. São conceitos trabalhados por Bakhtin (2000), em textos datados dos anos 1950 em diante, até 1974 (seu último), reunidos na obra “Estética da Criação Verbal”, conforme mencionamos no Capítulo II. Esses conceitos têm suas bases postulares na filosofia da linguagem, trazidas no texto “Por uma Filosofia do Ato”, um fragmento da obra maior “Arte e Responsabilidade”, escritos de 1917 a 1919. Seguem, com a teoria do dialogismo e do romance polifônico, dos anos 1920 em diante, dos tempos dos círculos de Bakhtin, conforme dito no capítulo anterior. São conceitos cujas especificidades Bakhtin foi construindo, retomando, recriando, ao longo de mais de 50 anos de trabalho reflexivo com a linguagem, no plano do discurso. Essa historicidade dá-nos lastro para melhor examinarmos as composições nos TECE, as relações nelas travadas, as ações marcadas no texto, nas três dimensões mencionadas acima, além dos traços indelévels deixados pelos movimentos dos participantes nos espaços do *EquiText*. É inegável afirmar serem os TECE em estudo um rico manancial de eventos procedurais, interacionais e textuais, que se separam e se entrelaçam, nas fronteiras móveis de um enunciado, num parágrafo de um TECE, justamente por buscarmos compreendê-los à luz da teoria da dialogia bakhtiniana.

O Quadro 2, a seguir, resultante da arquitetônica teórico-metodológica por nós organizada especificamente para analisar os textos selecionados no *EquiText*, escritos em língua inglesa como língua estrangeira, põe em relação de diálogo os três conceitos-chave (o

enunciado, as relações dialógicas e o texto), as três experiências realizadas no *EquiText*, TECE 1, 2, 3, nos anos de 2000-2001 e 2006, em vista dos planos de análise com ênfase nas ações em relação procedural, interacional, textual, respectivamente. Temos, em decorrência, os conceitos escolhidos e suas peculiaridades, as três experiências e suas especificidades e as ações, nos três planos de análise, que lhes caracterizam, formando um conjunto complexo de operadores que dão movimento e concretude às análises dos textos e parágrafos que compõem os TECE 1, 2 e 3. Constituem, por assim dizer, as ferramentas de análise especialmente criadas para este estudo em tese. Esses operadores estão em sincronia, conforme dispostos no quadro acima, construídos de acordo com o nosso entendimento e seleção de suas especificidades. De um viés qualitativo, dialógico-interacional, procuramos construir essas ferramentas de análise conforme uma cadência triádica, procurando quebrar o ritmo binário de algumas polarizações conceituais. Na condução metodológica das análises textuais, buscamos manter coerência, precisão e visibilidade.

ENUNCIADO (cf. Bakhtin, 2000, com textos publicados primeiramente em 1952 e 1953)	FASES Fase 1	DO Fase 2	ENUNCIADO Fase 3	RELAÇÕES DIALÓGICAS (engloba fases, princípios e ações e as ferramentas para a análise)
<b>Fases (F) /Ações</b>	<b>F1 – ação de alternar</b>	<b>F2 – ação de responder</b>	<b>F3 – ação de transformar</b>	- Relações entre objetos - Relações entre o sujeito e o objeto - Relações entre sujeitos
<b>Princípios (P) – Fase 2</b>	- <u>Alternância dos sujeitos falantes</u> , os participantes da comunicação	- Responsividade/ <u>responsabilidade</u> : Acabamento do enunciado, reação-resposta, de acordo com <b>3 princípios</b> : <b>P1- sentido</b> : abertura ao sentido do outro; <b>P2 - intenção</b> : o querer dizer ao outro; <b>P3 - escolha do gênero</b> : em vista do outro.	O texto do “eu”, locutor, dirigido para o “outro”, interlocutor, e, por sua vez, <u>transformado</u> pela presença do outro, retorna a “si mesmo”, diferente.	1. <b>Plano procedural</b> – TECE1 2. <b>Plano interacional</b> – TECE2 3. <b>Plano textual</b> -TECE3
<b>Plano das Relações procedurais</b> (ações do “eu” e a tecnologia <i>EquiText</i> ): <b>Ações de como proceder: Inserir (I) alterar (A) excluir (E)</b>		<b>1º princípio</b> Sentido, o tratamento exaustivo do objeto do sentido (a questão do símbolo e sua representatividade, <u>abertura ao sentido do outro</u> )		<b>Análise das ações verbais procedurais</b> - extraídas das colaborações (os parágrafos, enunciados) do <b>TECE 1</b> . - Ênfase nas relações procedurais, na <b>experiência de 2000</b> .
<b>Plano das Relações Interacionais</b> (ações do “eu” com o outro): <b>Ações de como</b>		<b>2º Princípio</b> - intenção: intuito, o querer dizer do locutor (a comunicação verbal p.d.)		Análise das ações verbais – <b>interacionais</b> : extraídas das colaborações (os parágrafos, os enunciados) do <b>TECE 2</b> - Ênfase nas relações (ações) interacionais:

<b>interagir: propor algo-aceitar; sugerir fazer-querer fazer; entrar-sair.</b>		<b>experiência de 2001.</b>	
<b>Relações textuais</b> (ações do “eu” com o texto)  Ações de como <b>produzir texto:</b> repetir, assimilar, criar.		<b>3º Princípio</b>  Escolha <b>nas formas estáveis do gênero do discurso</b> (o gênero escrito, do formal ao informal; do primário ao secundário; e suas misturas)	Análise das ações verbais – <b>textuais:</b> das colaborações (os parágrafos, enunciados) dos participantes do <b>TECE 3.</b> Ênfase nas relações textuais, na <b>experiência de 2006.</b>

QUADRO 2 – Arquitetônica Teórico-Metodológica Para a Análise das Ações das Relações Dialógicas Procedurais, Interacionais, Textuais.

O Quadro 2 resume, noutro formato, o que precisamos ter em mente e à mão para sustentar a pesquisa, em trabalho de análise neste capítulo. Esta arquitetura teórico-metodológica por nós construída e de onde forjamos as ferramentas teóricas para efetivar a análise dos TECE fornece os procedimentos realizados para dar corpo e vida ao plano da análise, que se organiza conforme a proposta metodológica da interação dialógica, apresentada em Axt *et al.* (2006). Nessa metodologia (ou proposta), a autora, com o apoio parcial de outros autores, recupera experiências que datam de 1996, em cursos que utilizaram ambientes virtuais de aprendizagem e ferramentas informatizadas, principalmente em eventos educacionais a distância.

Noutro estudo de Axt (2006), a autora dá um acabamento mais filosófico a essa metodologia, adentrando o conceito de interação dialógica nas relações travadas em comunidades virtuais, eixo de sustentação da interação, desde o plano das políticas de convivência ao plano das afecções, da linguagem verbal aos novos planos das tecnologias da linguagem, e, desse plano, tratar das comunidades virtuais de aprendizagem. É nesse espaço de múltiplas e cambiantes possibilidades de comunicação com pessoas, linguagens e tecnologias, que habitantes de uma tal comunidade vivem uma temporalidade fugaz. Nesses novos modos de viver, as *personas*<sup>110</sup> que convivem nessas comunidades virtuais, com pares temporários, recriam elementos nos rituais de interação, no mundo dos encontros sociais, determinando eventos que acontecem durante a co-presença e em virtude da co-presença, diria Goffman (1967). As interações em processos sociais dos encontros face a face, em situações

<sup>110</sup> Conforme Capítulo 3, nota de rodapé nº 2, cf. Jung, que significa a personalidade que o indivíduo apresenta aos outros como real, mas que, na verdade, é uma variante às vezes muito diferente da verdadeira. Pode significar, ainda, um personagem literário em que o autor se encarna. (DEHLP)

naturais, cumprem certos rituais em diversas “formas egocêntricas de territorialidade<sup>111</sup>”; por outro lado, com Bakhtin, a interação (e suas ritualísticas) só faz e produz sentido durante e em virtude de formas de territorialidades não completamente alocêntricas<sup>112</sup>, mas na convivência, ou mesmo embate, com e no espaço do outro. No *EquiText*, essas territorializações e desterritorializações deixam marcas nos espaços-presenças no virtual dos parágrafos que compõem um trabalho com o esforço nem sempre fácil da convivência na alteridade, no dialogismo, em presença do outro e suas ritualísticas.

Nos encontros no *EquiText*, todos os participantes da tarefa têm, em princípio, a oportunidade de compor seu texto e de descompor o texto do outro, assim como de ter seu próprio texto alterado, até excluído pelo outro, em nome das negociações feitas entre todos, anteriormente ao início do trabalho em grupo. Essas intervenções nos textos uns dos outros (em espaços e nas presenças tornadas visíveis nas operações realizadas pelos participantes na ferramenta), ao longo do processo, assim como nos textos lá trabalhados, são em princípio uma regra de trabalho de composição de texto para todos. A interação, mais ou menos dialógica, é decorrência dessas interpenetrações de espaços e presenças no texto em desenvolvimento. As marcas deixadas nos parágrafos dos TECE são registros de sentidos produzidos pelas mesmas pessoas, que também trazem em suas memórias vivências de sentidos já construídos anteriormente.

Essas novas vivências no virtual, tornadas visíveis e recuperáveis pelas funcionalidades dos ambientes informatizados utilizados nas interações cotidianas, mais ou menos ritualizadas (todas as interações começam nas relações que locutor e interlocutor travam entre si, com as tecnologias que utilizam e com o texto-linguagem), se desenvolvem e terminam, ou são interrompidas....

Nesse particular, a noção de “presencialidade”, na perspectiva teórica-vivencial de Axt (2006), difere da noção de “presença”, e vem reforçar a discussão das novas posturas na formação de educadores, em geral, e em formação (graduação e extensão), na LILE, com as TIC:

A noção de *presença* deve seguir o dicionário [ . . . ] significando ‘o estar uma pessoa ou coisa em lugar determinado’, estar à vista. No processo

<sup>111</sup> O conceito de “formas egocêntricas de territorialidade”, no contexto de estudo da interação face a face, em ambientes naturais, conforme Goffman (1967, p. 1), consta na introdução de seu estudo sobre “Rituais de Interação” no seguinte excerto: *There is a close meshing with the ritual properties of persons and with the egocentric forms of territoriality.* Traduzindo: “Há uma harmoniosa proximidade entre a propriedade dos rituais das pessoas e as formas egocêntricas de territorialidade”.

<sup>112</sup> Inspirados em Goffman (1967, p. 1), nas “formas egocêntricas de territorialidade”, transformamos essa noção, por oposição, para a noção de “territorialidades não completamente alocêntricas”. Alocêntrico, na psicologia, refere-se à tendência de o indivíduo ter os outros como seu centro de interesse. (DEHLP)

ensino-aprendizagem, as presenças do aluno e do professor significariam, então, estarem ambos à vista um do outro, de corpo presente no local da aula. Já a noção de *presencialidade*, em seu sentido dicionarizado de ‘qualidade ou estado de presencial’, parece conotar um sentido mais filosófico de participação do ser da consciência, do que é evidente ao espírito ou ser da consciência. (AXT, 2006, grifos da autora)

Axt (2006), inspirada em Lavelle, citado por Lalande (1996), adota a acepção da noção de *presença* (do objeto, revelada pela percepção), que pode ser posta em paralelo à noção de *ausência*. Na noção de ausência, um objeto pode ser conhecido por uma outra *presença*, englobando objetos possíveis de *pensamento*, deixando de ter uma dimensão espacial para tornar-se de natureza temporal; “[ . . . ] assim, na ordem do tempo, *em vez de ser uma conversão da ausência em presença*, ou vice-versa, seria, antes, *a conversão de uma das formas de presença em uma outra*”, em Axt (2000b). Para Axt (2006) e Lavelle (1996), enquanto a primeira conversão supõe um sentido de passividade (apenas estar ou não estar presente), a segunda conversão coloca-se inteiramente na atividade: “[ . . . ] aquilo que tornamos atualmente presente através de um ‘ato de atenção’” (AXT, 2006); ou, de outro modo, aquilo que age como “[ . . . ] uma força de que disponho e que posso imediatamente transformar em ato.” (AXT, 2006). Nessa última acepção, a que incorpora em sua compreensão as dimensões de tempo e de atividade (ou de participação), a autora dá um acabamento à noção de *presencialidade* como uma qualidade de presença, independente de uma forma espacial.

Com a noção de *presencialidade*, construída por Axt (2006), os conceitos-chave bakhtinianos, o *enunciado*, as *relações dialógicas* e o *texto*, ganham uma nova qualidade nos quesitos participação e visibilidade, incluindo nessa visibilidade o registro do tempo, data e hora, de sua ação na construção textual, num espaço virtual, manejável a várias mãos e cérebros. Estes conceitos-chave que abraçam, interagindo entre si, a teoria, a prática e a metodologia empregadas neste estudo, enriquecidos da noção de *presencialidade*, qualificam a análise trabalhada no Capítulo 4, a seguir, emprestando-lhe um caráter mais efetivo de realidade, em vista das especificidades das ações desenvolvidas no *EquiText*. Estes conceitos ganham outro vigor com a noção de *presencialidade*, quando incorporam, ou retomam de outra perspectiva, os atributos *atividade* e *tempo* (Axt, 2006), capazes de reconhecer marcas de tempo nas ações praticadas, no espaço de trabalho da ferramenta (Função Visualizar), expondo as relações que delas resultam, e deixando transparecer o modo e opções de uso de cada participante, suas interações, o próprio processo de produção do texto (Função Histórico) e a produção final (Função Texto Final).

No próximo capítulo, o quarto, passamos a falar da metodologia da interação dialógica propriamente dita, da arquitetura teórico-metodológica que sustenta este estudo das relações dialógicas, nos planos procedural, interacional e textual, e, por último, da pesquisa das ações que remetem a esses três planos, nos TECE 1, 2 e 3, em LILE, onde destacamos excertos com traços de autoria coletiva. Entremeeamos teoria e prática textual ao longo de nossas exposições e vivências, através dos TECE, apoiados pela metodologia da interação dialógica.

#### 4.1 A METODOLOGIA DA INTERAÇÃO DIALÓGICA

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra, e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2000).

TECE1-E18(H) 18/11/2000-09:18 *Hi folks! Your ideas are all very interesting, and I liked the idea of writing about more than one topic, but I'm not sure we can, since we are participating in a research project. I will ask Jan and let you know as soon as possible. Keep writing!! sil ( I ) \* It's saturday morning and I am talking to you from my home. Isn't that amazing?? I do think so!*<sup>113</sup> (Texto: Collaborative writing).<sup>114</sup>

A metodologia da interação dialógica, proposta formalmente em Axt *et al.* (2006) e Axt (2006), é uma contribuição à discussão teórico-prática-metodológica, no âmbito da educação a distância (EAD). Segundo a autora, uma proposta de caráter interacional-dialógico, “[ . . . ] não pode deixar de pensar sua prática articulada ao suporte tecnológico no qual se inscreve.” (AXT, 2006, p. 2)

Este trabalho entretetece teoria, metodologia e suporte tecnológico a partir de uma proposta de ensino-aprendizagem dialógico-interacional, voltada a grupos que se transformam em comunidades que convivem temporariamente em ambientes informatizados<sup>115</sup>, tendo por

<sup>113</sup> Em português: 18/11/2000-09:18. Oi gente! Suas idéias são todas muito interessantes, e eu gostei da idéia de escrever sobre mais de um tópico, mas eu não tenho certeza se podemos, uma vez que estamos participando de um projeto de pesquisa. Eu vou perguntar à Janete e eu os informo assim que der. Continuem a escrever! Sil ( I ) \* É sábado de manhã e eu estou falando com vocês de minha casa. Isto não é incrível?? Eu realmente acho que é!

<sup>114</sup> Esta e outras intervenções da prof.<sup>a</sup> Sil e de outros participantes dos TECE 1 e 2, além dos enunciados das professoras-participantes da experiência vivenciada no TECE 3, no contexto de produção das narrativas ficcionais, podem ser enriquecidas teoricamente se a elas agregarmos mais explicitamente os conceitos de “temporalidade”, “grande temporalidade” e “cronotopo”, propostos e discutidos em Bakhtin (2000). Trata-se de relevante contribuição conjunta das Professoras componentes da banca examinadora desta tese ao estudo proposto. Estas solicitações serão contempladas em futuro artigo acerca da autoria coletiva em LILE, em ambiente informatizado, na *Web* e *Web2*, em resposta às sugestões apresentadas pelas componentes da banca.

<sup>115</sup> Ou nos AVA, acrônimo para Ambiente Virtual de Aprendizagem, que consideramos incluir ferramentas e sistemas de trabalho via linguagem escrita, que podem promover aprendizagens em diferentes conteúdos ou



base experiências que vêm se produzindo desde 1996, construídas na prática da experimentação, como já relatado em Costa *et al.* (2004), Mehlecke *et al.* (2005, 2006), Axt *et al.* (2006), Axt (2006), Costa, Elias e Axt (2007). Também o interacionismo simbólico em sua aplicação à educação (ensino/formação), conforme apontado por Woods (2001, p. 2-4), nos tem dado sua contribuição para determinar elementos de análise qualitativa, tais como:

(I) o foco no ambiente (neste caso, em que nossos dados vêm de experiências no *EquiText* – ambiente virtual, na *Web* –, consideraremos o virtual<sup>116</sup> como espaço alternativo de uso e portanto de vivência da língua através da escrita, no cotidiano da comunicação:

A pesquisa qualitativa tem a ver com a vida como se vive, as coisas como ocorrem, as situações como são construídas na seqüência de acontecimentos do dia-a-dia, de momento a momento. Os pesquisadores qualitativos buscam as experiências vividas em situações concretas [ . . . ] os dados e a análise espelharão de perto os acontecimentos (WOODS, 2001, p. 3, tradução nossa)

<sup>117</sup>.

(II) o interesse em sentidos, perspectivas e compreensão<sup>118</sup>:

O pesquisador qualitativo portanto busca descobrir os significados que os participantes atribuem ao comportamento deles, como interpretam as situações e quais os seus pontos de vista em questões específicas. [ . . . ] tem que estar perto dos grupos, andar com eles, enxergar o mundo com os olhos deles, empatizar com eles, levar em consideração as incongruências, as ambigüidades e as contradições dos comportamentos deles, explorar a natureza dos interesses deles, entender-lhes os relacionamentos. (WOODS, 2001, p. 3, tradução nossa)

áreas do conhecimento, em uma língua de uso e conhecimento dos participantes da atividade em desenvolvimento. Além do *EquiText*, o *Forchat* e o *Cartola* são ferramentas/AVA criados para o trabalho dialógico-interacional, síncrona e assincronamente, com grupos, de diferentes interesses, objetivos de aprendizagem e faixas etárias. Suas produções com e no texto escrito podem resultar em composições autorais coletivas, para seu próprio deleite, ou para fins institucionais, como o estudo dessas produções por pesquisadores do Laboratório de Linguagem, Interação e Cognição / Criação, LELIC/FACED/UFRGS.

<sup>116</sup> *Role-playing* é uma das atividades no ensino de línguas estrangeiras que visa trabalhar a desenvoltura na língua estrangeira, em duplas, trios de alunos, na conversação oral, através da encenação de papéis, em situações simuladas da vida real. Faz parte da instrução em sala de aula para o desenvolvimento da proficiência na língua estrangeira (HADLEY, 1993). A noção de proficiência na língua, na perspectiva do ensino da língua em contexto, conforme Hadley (1993), em tempo, não é uma teoria de aquisição de língua (estrangeira, neste caso), não é um método de ensino de língua, não é um esboço curricular ou programa de ensino e não tem implícita uma preocupação com a gramática ou com o erro; na verdade, a proficiência está, em princípio, em todas essas instâncias, visto que pertence à questão da aquisição ou aprendizagem global das habilidades lingüísticas, necessárias à comunicação em qualquer que seja a situação, necessidade ou interesse.

<sup>117</sup> Texto original: “*Qualitative research is concerned with life as it is lived, things as they happen, situations as they are constructed in the day-to-day, moment-to-moment course of events. Qualitative researchers seek lived experiences in real situations [ . . . ] data and analysis will closely reflect what is happening*”

<sup>118</sup> Texto original: “*The qualitative researcher therefore seeks to discover the meanings that participants attach to their behaviour, how they interpret situations and what their perspectives are in particular issues. [ . . . ] have to be close to groups, live with them, look out at the world through their eyes, empathise with them, appreciate the inconsistencies, ambiguities and contradictions in their behaviour, explore the nature of their interests, understand their relationships.*”

(III) a ênfase no processo<sup>119</sup>:

A vida social continua, desenvolve-se, oscila, modifica-se. Nunca chega a algum lugar nem termina. Algumas formas de comportamento podem ser razoavelmente estáveis, outras variáveis, outras emergentes. Algumas formas de interações avançam em estágios ou fases (WOODS, 2001, p. 4, tradução nossa).

(IV) a análise indutiva, com base na teoria<sup>120</sup>:

Os pesquisadores qualitativos de um modo geral não lançam uma teoria que almejam testar e confirmar ou refutar, embora não exista motivo para não fazê-lo caso desejem. Principalmente trabalham de um modo diferente, buscando gerar teoria a partir dos dados (WOODS, 2001, p. 4, tradução nossa).

Desde esse olhar da diversidade metodológica de Woods (2001), encontramos na proposta dialógico-interacional uma alternativa de análise qualitativa que entendemos ser condizente com a análise de textos, para dar luz à autoria. Desta feita, o conceito da *interação dialógica* (ou dialogia interacional) que é a base de sustentação teórica dessa metodologia e que possibilita ver o texto em movimento respalda, em última instância, nossa arquitetônica teórica-metodológica, composta do *enunciado*, *relações dialógicas* e *texto*, enriquecida da noção de *presencialidade*, dando à realidade textual, em análise, uma qualidade de estar junto na ação de escrever em processo. Para Axt, a interação dialógica

[ . . . ] ampara-se no dialogismo bakhtiniano, em que toda relação dialogal implica necessariamente a alteridade e em que a toda expressão enunciativa (mesmo quando de efeito retardado em relação a uma expressão anterior) corresponde sempre uma atitude responsiva ativa prévia, dando conta de um contexto pragmático, interacional e enunciativo-responsivo, enquanto pressuposto de linguagem e de sujeitos de linguagem em relação. A amplitude desse contexto é sempre variável e inclui tanto um diálogo real entre dois interlocutores concretos quanto um diálogo entre teorias, obras, épocas, culturas, paradigmas... A escuta ativa e compreensiva leva, mais cedo ou mais tarde, a réplicas multifacetadas, plurais, que integrarão o fluxo dialógico, participando de sua composição (AXT, 2006, nota de rodapé n. 1).

A constituição teórico-vivencial com a qual operávamos e nos inspirávamos durante as experiências iniciais com o *EquiText* e a LILE partia dos pressupostos básicos utilizados na concepção do *EquiText*, tais como: aspectos conceituais de Freire (2000) e Demo (1999), na educação autônoma e aberta ao diferente; Piaget (1973, 1977), na psicologia, com a idéia da

<sup>119</sup> Texto original: *Social life is ongoing, developing, fluctuating, becoming. It never arrives or ends. Some forms of behaviour may be fairly stable, others variable, others emergent. Some forms of interactions proceed in stages or phases.*

<sup>120</sup> Texto original: *Qualitative researchers do not, on the whole, start with a theory which they aim to test and prove or disprove, though there is no reason why they should not do that if they wished. They mainly work the other way round, seeking to generate theory from data.*

construção de conhecimento do indivíduo em vista da consciência das regras de convivência, transformadas em contratos de aprendizagem em cooperação com o grupo; e, com Vygotsky (1993), na sociologia interacional, da aprendizagem em colaboração e nas diferenças, tendo a linguagem como instância mediadora principal, além de outras tecnologias de trabalho (e da inteligência) utilizadas durante seus processos, dentro e fora da ferramenta.

Assim, *grossu modo*, vimos das teorias da aprendizagem calcadas no trabalho psicossociointeracional, cooperativo e/ou colaborativo, compartilhado e naturalmente diferente dos membros de uma comunidade (virtual), à teoria das competências comunicativas de Canale e Swain, Savignon e Ridley, na lingüística aplicada, trazendo de modo incipiente a noção de interação no texto escrito, no discurso, produzida por Bakhtin, para juntarem-se a elas os conceitos de enunciado, relações dialógicas e texto. Esses engrossam o caldo teórico do motivo do presente estudo: adentrar um pouco mais os processos da comunicação humana, em contexto estrangeiro, para verificar as ações indicadoras de produção de autoria em ambientes informatizados, tornando visível movimentos de autoria em LILE, nos TECE. E quem dá o tom nessa investigação é a proposta teórico-metodológica, de natureza dialógico-interacional, que dá vida ao dado empírico na espera de uma resposta.

#### 4.1.1 Sobre a Constituição Teórico-Vivencial da Professora-Estudante-Pesquisadora

Nossa vivência com o *EquiText* vem desde a sua criação, no final de 1999, em resposta ao desafio lançado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Liane Tarouco, ao grupo de estudantes do Curso de Doutorado em Informática na Educação, PGIE/UFRGS<sup>121</sup>, professores vindos de várias partes do Brasil, vinculados a diferentes Instituições de Ensino Superior, públicas e privadas, participantes presenciais da disciplina “Laboratório de Informática na Educação”<sup>122</sup>. Com o desafio aceito, a 1ª versão do *EquiText* (SEIXAS, 2000a, 2000b) foi colocada em experimentação, em curso de extensão de qualificação de professores em Informática na Educação, realizada satisfatoriamente, embora requerendo aperfeiçoamento; surge, um ano depois, a 2ª versão do *EquiText*, para ser usada na disciplina de “Fundamentos e Técnicas de *Groupware*”, uma das primeiras disciplinas a compor o 1º módulo do 1º Curso de

<sup>121</sup> Pós-Graduação em Informática na Educação, com o primeiro doutorado nesta área, no Brasil. Ver mais no *link* Histórico do PPGIE, disponível em: <<http://www.pgie.ufrgs.br/>> e acessado em: 10 jun. 2008.

<sup>122</sup> Relembrando, naquele momento, éramos aluna PEC do PGIE, com vínculo oficial no doutorado do PPGLET/UFRGS, e na Universidade de Caxias do Sul, na condição de professora de inglês, português, lingüística, prática de ensino e estágio supervisionado, dentre outras, desde 1981.

Especialização em Informática na Educação, ESPIE-2001 (SEIXAS, 2000a, 2000b, ALONSO *et al.*, 2000a, TAROUCO *et al.*, 2001).

A disciplina tratava de questões educacionais e o uso das TIC, unindo teoria e prática, propiciando a construção do conhecimento, o saber fazer e o experimentar fazendo e usando em ações práticas de ensino, na negociação conjunta, em pequenos grupos. Éramos, na ocasião, uma das integrantes do grupo de professores ministrantes, colegas de doutorado, participantes da referida disciplina. Em se tratando de um conjunto de ações pioneiras, constituiu, na ocasião, uma iniciativa única, um marco na Educação brasileira e ao Ensino a Distância (EAD), no Brasil, pois participaria com destaque, no ESPIE-2001, como ferramenta, basicamente assíncrona, de *groupware*, que abria possibilidades a usuários, dispersos no Brasil e exterior, um espaço de encontro para em grupo e em colaboração realizarem trabalhos de qualquer natureza. Das experiências nele e com ele construídas, produções científicas foram produzidas e apresentadas dentro e fora do Brasil, conforme Costa *et al.* (2001a, 2001b), Maraschin *et al.* (2000), Maraschin, Costa e Pacheco (2003). Em vista de vivência em conferências internacionais do SITE (AACE) e ITTE (COSTA *et al.*, 2001c)<sup>123</sup>, a colaboração de Cly,<sup>124</sup> no texto *Global Writing*, criado após esses encontros para dar seguimento aos vínculos afetivos e profissionais construídos, ilustra seu interesse pela ferramenta, assim como de outros professores, no texto *Global Writing*, criado especificamente para continuarmos a conversa iniciada no SITE 2000 e retomada no SITE 2001, abrindo para outros professores interessados em discutir o uso das tecnologias telemáticas educacionais na educação e na formação de professores:

**TECE-E- (H):** 18/04/2001-16:23 It is wonderful to know that EquiText will be available not just in Portuguese. I think you made a good impression during the conferences you have attended and it is about time to make this tool available to educators to try. Let me know when you have the English version so I can start making some contacts here especially with the Literacy

<sup>123</sup> Nesse período, vínhamos participando de eventos referentes às áreas da informática educativa, as TIC e a formação de professores, em conferências internacionais da SITE (*Society for Information Technology and Teacher Education*, <<http://site.aace.org/conf/>>), ligada a AACE (*Association for the Advancement of Computing Education*, <<http://www.aace.org/>>), nos Estados Unidos; o encontro anual da ITTE, (*The Association for Information Technology in Teacher Education*, <<http://www.itte.org.uk/>>) na Grã-Bretanha, além de ter convivido com professores da Irlanda, graças, em parte, aos auspícios da bolsa AL-DO/CNPq. Indiretamente, através de vivências de colegas, participantes de eventos no Brasil, Chile, Cuba. Ainda, do compartilhar de vivências de colegas do PPGIE e PPGEDU, em Portugal, onde a EAD, através da Universidade Aberta, é uma referência, conf. Mehlecke *et al.* (2006), em estudo sobre as estratégias de ensino de professores e as TIC, utilizando a ferramenta *Forchat/LELIC*, por exemplo. Sabemos das iniciativas de uso do *EquiText*, em Portugal, comprovadas pelas solicitações de uso via *e-mail* (*EquiText@pgie.ufrgs.br*) à equipe criadora e administrativa da ferramenta.

<sup>124</sup> Cly é abreviação da identificação de uma participante do texto “Escrita Global”, vinculada ao Departamento de Informática na Educação, da Universidade de Iowa, Estados Unidos, nessa ocasião. Encontramo-nos, em 2000, pela primeira vez, numa das conferências internacionais do SITE, quando da primeira apresentação do *EquiText*.

people. After you read this please delete it. I just want to tell you how important is to have the right language when you want to reach beyond frontiers. Cly ( A ) \* The English version will be powerful!<sup>125</sup>.

Esta colaboração da Cly, na ocasião vinculada ao Programa de Doutorado de Informática na Educação, da Universidade de Iowa (EUA), responde, da sua ótica e na ótica dos organizadores do SITE, a impressão que esta ferramenta deixou aos que a conheceram desde sua primeira apresentação, em 2000. Obviamente, novos tons emergem nas discussões em torno do hoje (2008) já consagrado e sempre presente tema da importância do trabalho pedagógico com ações de aprendizagem colaborativa, no uso de ferramentas/ambientes informatizados, quando associado a metodologias inspiradas em teorias sociointeracionais (RIBEIRO; GARCEZ, 2002) dialógico-interacionais (AXT; MARASCHIN, 1997, AXT *et al.*, 2006, AXT, 2006, MARASCHIN; AXT, 2005), que contemplem trabalho com grupos, em presença, a distância, nas modalidades síncrona ou assincronamente. E, desse complexo contexto de ensino/aprendizagem, de uso e trabalho com a LILE, em grupos, talvez se possa pensar a questão da autoria coletiva, com professores em formação (graduação, extensão), como ganho positivo em seus processos de construção docente.

Desde então, junto aos colegas mentores da teoria e da programação do *EquiText*<sup>126</sup>, nossa participação nos estudos do *EquiText* seguiram acontecendo nos âmbitos da observação, da divulgação, não necessariamente nesta ordem, da utilização em situações de ensino e trabalho com a língua inglesa e portuguesa. Dessas ações de ensino e trabalho com a LILE, no *EquiText*, demos início à pesquisa, que, desde 2000, tem nos fascinado e de onde nós nos constituímos para concretizar o presente estudo.

O uso crescente do *EquiText*, possivelmente, tem acompanhado par a par a questão do trabalho com o ensino colaborativo, da pesquisa com ferramentas desse tipo, que facilitam, de certa forma, a análise dos textos produzidos em seus parágrafos, e outros movimentos lá marcados por recursos próprios da ferramenta. A visibilidade e a simplicidade com que esta ferramenta se apresenta aos usuários têm motivado seu uso em trabalhos tanto no ensino

---

<sup>125</sup> Do texto *Global Writing*, criação nossa, extraímos, literalmente, da função “Histórico”, o seguinte parágrafo, por nós assim traduzido: **TECE-E11 (H)**: 18/04/2001-16:23 “É maravilhoso saber que o EquiText vai estar disponível não só em português. Eu penso que deixaste uma boa impressão durante as conferências em que participaste e já está na hora de tornar essa ferramenta disponível para educadores [estrangeiros] experimentarem. Informa-me quando tiveres a versão em inglês para eu poder começar a fazer alguns contatos aqui principalmente com as pessoas da Alfabetização [Letramento]. Depois de ler isto por favor deleta. Eu só quero te dizer o quão importante é ter a língua certa quando queres atingir além das fronteiras. Cly A \* A versão em inglês vai ser potente!”

<sup>126</sup> Especialmente as colegas Cláudia Rizzi, Louise Seixas, Cleuza Alonso e o programador Fabrício Tamusiunas. Posteriormente, com importante trabalho realizado na 2ª versão, por Ademir Martins e esta acadêmica, em sua utilização em atividades com a língua inglesa, também em vista do interesse por professores de outros países, na versão para a língua inglesa. Observação constante do estudo de Noël, 2005.

presencial como a distância, propiciando uma maior visibilidade dos letramentos digitais e lingüístico-discursivos, em processo, na construção compartilhada de conhecimentos, que, em nossa sociedade, passa necessariamente pela linguagem escrita, materna ou estrangeira. Nessas experiências, todos os envolvidos, professores, alunos, demais atores do cenário escolar<sup>127</sup> podem encontrar oportunidades interessantes ou estranhamentos, na experimentação de modos diferentes de trabalhar a educação em espaços informatizados, como temia uma professora, durante reunião de lançamento e discussão da EAD e as TIC, em uma instituição de ensino superior de nossa região, em registro deixado no TECE “Escrevendo Texto Coletivo”, ao mesmo tempo em que inaugurava o uso do *EquiText*: 10/01/2003-10:45 *Eu tenho receio de que o EquiText resulte em brincadeira, portanto vou trabalhar da maneira mais tupiniquim, pois, como disse Mário de Andrade: “Sou um tupi, tangendo um alaúde”. reg ( I ) ----*

Outras experiências aconteceram, com alunos e professores da instituição, além das selecionadas para a análise, em especial o *workshop* com o *EquiText*, pró-formação de professores e as TIC, e as atividades no *EquiText* com alunos das disciplinas de Língua Inglesa, Língua Portuguesa e Lingüística, na IES 1. Noutra instituição de ensino superior, a convite do professor do curso de pós-graduação *lato sensu* para professores de inglês da região de Canoas, RS, na disciplina de metodologia de ensino de línguas estrangeiras, tivemos a oportunidade de apresentar e desenvolver uma breve experimentação com o *EquiText*, onde os professores participantes experimentaram criar uma narrativa sobre professores e suas resistências com o uso de recursos e metodologias alternativas em sala de aula<sup>128</sup>. Nessa narrativa, intitulada “A LE na Internet”, um dos participantes, com o nosso *log-in*, a finaliza, aparentemente com bom-humor:

**TECE-E21 (V):** *Afterwards the teacher found out about the EquiText and tried to use it in order to improve their English and write better. And they were happy forever and ever... THE END Jan (A) ---- 17/05/2002-21:52*<sup>129</sup>

<sup>127</sup> Realizamos, em 2000, uma experiência no *EquiText*, no PGIE, reunindo uma profesora universitária, uma aluna universitária e bolsista do Programa e uma secretária desta instituição, em inglês.

<sup>128</sup> Em trabalhos acadêmico-científicos, como em teses de doutorado, o *EquiText* é mencionado, examinado, contraposto, como na tese de A.R. Martins, “ECCOLOGOS: editor web para criação coletiva de documentos”, Informática na Educação, UFRGS, 2005; e, em pesquisa quali-quantitativa sobre a qualidade do pensamento crítico construído em experiência no *EquiText*, na tese de doutorado de N.O. MEDINA, “Avaliação do Pensamento Crítico em um Cenário de Escrita Colaborativa”, 2004, Engenharia de Produção, UFSC.

<sup>129</sup> No 21º parágrafo, ultimo da função Visualizar (V), em uma ação de alteração (A), um dos participantes assim conclui, em tradução nossa: “Mais tarde, a professora descobriu sobre o *EquiText* e tentou usá-lo para melhorar o seu inglês e escrever melhor. E eles foram felizes para todo o sempre... FIM”

Essas e outras experiências realizadas, ou em andamento, de cursos de graduação e pós-graduação ao ensino fundamental, médio, têm dado ao *EquiText* uma posição de destaque em sua utilização para fins pedagógicos, e de formação de professores e outros profissionais em formação.

Da nossa implicação no ensino de língua inglesa e formação de professores, graduação, pós-graduação, que nasceu e, à medida da concretização de experiências, vem se consolidando a vontade de pesquisar, cientificamente, na modalidade qualitativa de análise, textos elaborados no *EquiText*, os TECE, em LILE.

Esses textos, vivências, experimentações, que resultaram nas três experiências em estudo nesta tese, são denominadas de TECE1, TECE2 e TECE3, por terem sido Escritas Colaborativamente no *EquiText* (TECE), como já dissemos anteriormente. Nesses TECE se encontram as experimentações que realizamos com dois grupos de 10 alunos cada, voluntários do Curso de Letras, de uma instituição de ensino superior (IES 1) da região, denominadas de TECE1 (2000) e TECE2 (2001); a terceira experiência, TECE3 (2006), aconteceu com três professoras de inglês das redes pública e privada, em uma oficina de escrita colaborativa na *Web*, em língua inglesa, promovido por outra IES (2), e por nós, todos, de algum modo, aprendizes da LILE e do uso da tecnologia *EquiText*, que compreende todo o seu entorno, desde a sala do laboratório de informática, o computador e seus complementos, ao acesso à Internet, compartilhando letramentos e conhecimentos.

De modo síncrono, os participantes interagem numa ferramenta-ambiente qualquer, na *Web*, em tempo real, em horário comum a todos; de modo assíncrono, os participantes interagem nesse espaço, ou outro qualquer, na *Web*, em datas, locais, horários diferentes. Os encontros nos mesmos dias, mesmo local, horário aproximado, nestes estudos com o *EquiText*, não são mera casualidade, em vista, principalmente, da impossibilidade dos participantes acessarem o computador de outro lugar, dia e hora. Embora esses eventos tenham acontecido em 2000, se repetido em 2001, na IES 1, de certa forma em 2006, e até o presente, continuamos a vivenciar realidades semelhantes em outras IES, onde a maioria dos participantes de uma atividade no *EquiText*, por exemplo, ainda prefere interagir sincronamente, de alguma sala de laboratório de informática da IES. O acesso universal, de qualquer lugar e a qualquer hora, em grande parte, é ainda idealizado, ou mesmo, projeto político em processo de execução.

## 4.2 PROCEDIMENTOS EMPREGADOS: ASPECTOS DIVERSOS

As três experiências selecionadas não seguiram parâmetros rígidos de construção textual, tampouco havia um planejamento antecipado de utilizar as produções textuais, nesta tese. Os *corpora* advindos das duas primeiras experiências com o *EquiText*, TECE 1 e TECE 2, em 2000 e 2001, respectivamente, foram, na ocasião, resultado de um acordo nosso com os professores das disciplinas de língua inglesa, dos participantes das experiências TECE 1 e TECE 2, na IES 1, de promovermos uma experiência no *EquiText* com estudantes de Letras, das disciplinas de língua inglesa, tendo por objetivo principal promover a melhoria da produção escrita em LILE. Entretanto, houve negociação de regras na condução dessas duas experiências de livre produção de texto, em grupo, colaborativamente, sem preocupação com o erro e com a avaliação, conforme a proposta pedagógica de desenvolvimento da língua inglesa, com ênfase na habilidade escrita, em produção científica, já apresentada. As duas experiências resultantes, abaixo mencionadas em mais detalhe, aconteceram em ambiente acadêmico, na graduação.

A terceira experiência com produção de texto em colaboração, no *EquiText*, aconteceu com três professoras, participantes de uma oficina de escrita colaborativa na *Web*, em nível de extensão em vista da necessidade de qualificação dessas professoras de inglês para o uso pedagógico das tecnologias informatizadas, tanto para o ensino presencial como a distância. Em ambas as Instituições de Ensino Superior, nossa proposta de trabalho com o *EquiText*, como modo alternativo de trabalho com a língua escrita, em inglês, foi aceita favoravelmente, após conversas espontâneas que tivemos com ambas as coordenações e os professores.

### 4.2.1 Sobre o Histórico da Pesquisa

Tudo começou com o surgimento do *EquiText* e de nossa iniciativa em experimentá-lo com alunos que desejassem trabalhar sua escrita em língua inglesa, a LILE. Relembrando o exposto no Capítulo I, seção 1.3.3, o *EquiText* trabalha com o conceito de parágrafo: uma palavra, título, linha ou várias linhas são considerados parágrafos individuais, cada parágrafo inserido no texto recebe um identificador cuja função é permitir posteriores referências a ele<sup>130</sup>. Nós, neste estudo, expandimos o conceito de parágrafo para além dos elementos da

---

<sup>130</sup> O conceito de parágrafo vigente neste estudo se aproxima mais do conceito discursivo-interacional bakhtiniano de parágrafo e menos da acepção dicionarizada de parágrafo como divisão de um texto escrito, indicada pela mudança de linha, cuja função é mostrar que as frases aí contidas mantêm maior relação entre si



língua. Um parágrafo, nesta tese, equivale a um enunciado, segundo suas particularidades de alternância de sujeitos, responsabilidade e acabamento (estilo, gênero), conforme detalhamos no Capítulo II, seção 2.2. Os parágrafos inseridos no espaço de trabalho do *EquiText*, ou seja, no modo Visualizar (V), dependendo das relações dialógicas que os participantes realizam através de ações concretas, com a ferramenta, com seus colegas interagentes, e com o texto que vai sendo produzido dessas relações, teremos, ao fim e ao cabo, um TECE. Assim, um parágrafo, depois de inserido (I), antes ou depois de outro já existente, em função da arquitetônica da ferramenta, pode ser alterado (A), excluído (E), movido para cima (C) ou para baixo (B), essas duas últimas ações, neste estudo, não têm maior expressão na análise. Todas essas ações ficam registradas na função Histórico (H), do *EquiText*, de modo cronológico, permitindo que qualquer usuário ou participante (estudante, professor, pesquisador, observador) possa acompanhar a evolução de um texto, verificando quem efetuou a ação, em que parágrafo, em que momento (data, hora). Esses traços podem ser acompanhados, abaixo, na Figura 3, ou ainda no Anexo F.

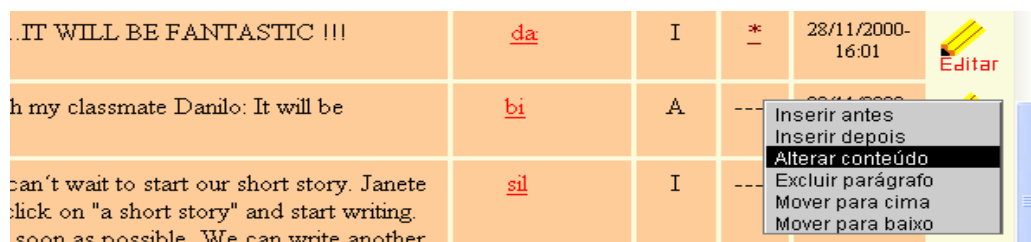


FIGURA 3 – Menu de Opções do *EquiText*. Em destaque a opção Alterar conteúdo (A).

Quando outra das funções do *EquiText*, “Texto Final”, é acionada, todos os parágrafos existentes até aquele momento são mostrados em um só texto, em linguagem HTML, sem a demarcação em parágrafos, conforme descrito no manual de funcionamento da ferramenta, na página da ferramenta. Todavia, este estudo das ações procedurais, interacionais e textuais, realizadas em relação dialógica com os enunciados constituintes, enfatiza principalmente as colaborações dos participantes registradas no “Histórico” e não na função Visualizar (em edição), nem na versão final, em HTML.

---

do que com o restante do texto. Bakhtin problematiza tal conceito em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, ao referir-se à composição sintática dos parágrafos como extremamente variada: “[ . . . ] podem conter desde uma única palavra até um grande número de orações complexas.” (BAKHTIN, 2002, p. 141) Em vista da noção lingüística de “[ . . . ] que um parágrafo deva conter a expressão de um pensamento completo, para o autor, esta conceituação não leva a nada. [ . . . ] é preciso uma definição do ponto de vista da linguagem. Em nenhuma circunstância pode a noção de “pensamento completo” ser considerada como uma definição lingüística. Os parágrafos [ . . . ] são análogos às réplicas do diálogo [ . . . ], onde encontra-se o ajustamento às reações previstas do ouvinte ou do leitor (BAKHTIN, 2002, p. 141)

Entendemos que é na função “Histórico” que a participação individual corrobora a do conjunto, espaço este que expõe ao usuário, em ordem cronológica, todas as contribuições efetuadas no texto. Assim, para cada contribuição é indicada a ação realizada, ou seja, se inclusão, alteração, exclusão, seu autor ou autores, a data e a hora em que a ação foi efetivada, podendo ser resgatada toda e qualquer participação individualmente feita. O produto final é coletivo, mas é na função “Histórico” que fica registrado o processo todo de constituição do texto, ou seja, todas as contribuições individuais ou em duplas, trios, lá feitas, contendo um rico manancial de peculiaridades lingüístico-discursivas dos participantes do grupo que realizou a tarefa de escrita colaborativa dos textos citados. Um espaço rico em processos metacognitivos (RIDLEY, 1997) e metalingüísticos (SWAIN, 1998), conforme estudo de Maraschin, Costa e Pacheco (2002), podendo ser claramente observáveis. Contudo, o que nos chama a atenção, nesta tese, são as condições de possibilidade de autoria em meio a esses processos observados e analisados pelos lingüistas.

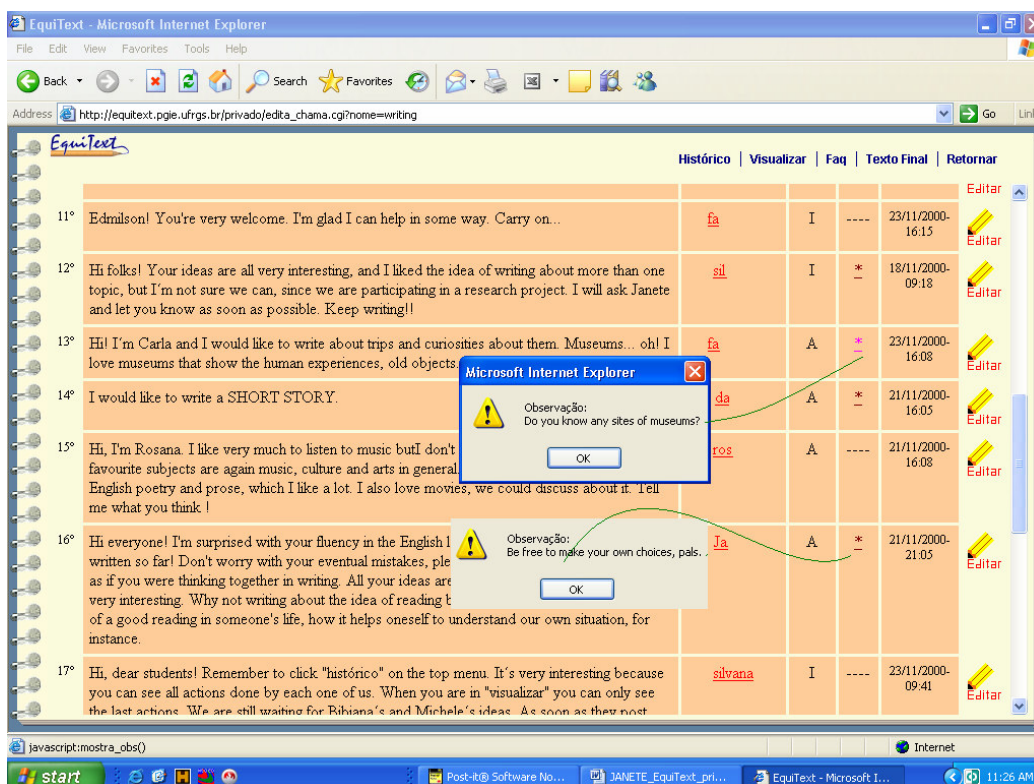


FIGURA 4 – Excerto do TECE 1, *Collaborative writing*. Em tela capturada no *EquiText*, na função Visualizar (V). Em destaque, dois textos da janela de texto \* Observação, um recurso extra ao texto em trabalho.

A Figura 4 apresenta uma tela de uma parte do TECE 1, *Collaborative writing*, do parágrafo 11º ao 17º, no *EquiText*, que visibiliza parte de um texto em trabalho, na função Visualizar, com destaque ao pequeno texto complementar, inserido na opção \* Obs. Um parágrafo, desta feita, pode ser enriquecido de algum comentário adicional, elaborado nessa pequena janela textual. Esse texto eventual não irá aparecer na Versão Final, em HTML. Ele serve como apoio ao texto em trabalho, funciona como um *link*, só abrindo quando nele clicado. Este é um recurso que pode se mostrar relevante para uma análise de texto paralela, um “para-texto”, que pode desencadear ações de diferentes manifestações. Mostramos alguns exemplos dos efeitos do TECE 2-E42 (H), logo abaixo, nas análises das ações da 2ª experiência.

Para exemplificar, o TECE 2-E42, na função “Histórico” (H), um parágrafo (I) da prof.<sup>a</sup> Sil chama a atenção de todos e, a seguir, sugere o uso da \* Obs para chamar a atenção de todos para as correções gramaticais nos textos e dá a sua posição sobre essa norma, ao dizer acreditar que isso pode melhorar a habilidade da escrita. E pede a confirmação de todos, falando alto (com o uso de maiúsculas): “VOCÊS NÃO ACHAM?”

**TECE2-E42 (H):** 14/05/2001-10:53 *Hi everybody! I suggest that we use Observação to call everybody's attention to the language corrections that should be made in the text. I believe we can improve our writing skills in this way, DON'T YOU? Sil ( I ) \* THIS MESSAGE WILL BE REMOVED SOON!*

#### 4.2.2 Sobre os Sujeitos da Pesquisa

Três grupos participaram de três experiências realizadas no *EquiText*: a primeira experiência aconteceu entre novembro e dezembro de 2000, e passa a ser denominada de TECE 1; a segunda experiência, realizada entre dezembro de 2000 a junho de 2001, é TECE 2; e, a terceira experiência, desenvolvida de março a maio de 2006, é TECE 3.

O grupo TECE1 era composto de 10 estudantes universitários, voluntários, matriculados nas disciplinas de Língua Inglesa I, II e IV, do Curso de Letras, na “Licenciatura em português e inglês e respectivas literaturas”, da IES 1, Jor, Dan, Ed, Rod, Fab, Da, Bib, Ros, Car, Mic, a prof<sup>a</sup> Sil (a mesma para as três disciplinas) e esta pesquisadora, Jan, totalizando 12 pessoas. Além de nós (bolsista do CNPq), os demais participantes, vinculados a IES 1, eram voluntários nessa experiência. Mantivemos as três primeiras letras do nome próprio do participante ou como ele se identificava, através do *link* de identificação com o e-

*mail* cadastrado. Em alguns casos, usamos apenas as duas primeiras letras do nome, para simplificar<sup>131</sup>.

O grupo TECE 2 também era composto de 10 estudantes universitários, voluntários, matriculados nas disciplinas de Língua Inglesa II, III e V, do Curso de Letras: português e inglês e respectivas literaturas, da IES 1. Essa segunda experiência realizou-se de dezembro de 2000 a junho de 2001, contando com os participantes: Soa, Ed, Sha, Fab, Da, Bib, Rod, Car, Mic e Mag. Os alunos Mag, Sha e Soa entraram no TECE 2, para suprir as vagas deixadas por Fab, Jor e Ros, participantes do TECE 1.

Dois outros professores de LILE, Vic e Mar, deram apoio aos seus alunos, que passaram a fazer parte do grupo TECE 2. Vic colaborou com as ações simbólico-procedurais de (I) e (E), com orientações a respeito do uso de letras maiúsculas, assim como de uso dos pronomes possessivos *his/her* x *its*, da ordem do trabalho com a forma e a correção de uso da língua, tornado explícito no texto do parágrafo e no texto das \*Obs.:

**TECE2-E31(H):** 03/05/2001-16:29 *Nice beginning, but you might check for the use of CAPITAL LETTERS, as well as "his/her" x "its". Vic ( I ) \* This is a grammatical observation only. Please delete this paragraph after you do the corrections.*

A prof.<sup>a</sup> Mar, junto com os alunos Soa, Rast, Sha e Ros, esta última participante do TECE 1, deixou marcas de sua participação no texto apenas em algumas janelas \* Obs., em parágrafos do TECE2, no momento da edição final do texto, como a que mostramos no parágrafo TECE 2-E131(H), a seguir, no texto sublinhado, dando ênfase, também, à correção da língua.

**TECE2-E131(H):** 13/06/2001-15:04 *...to run, to run was not enough, the creature approached of me. Then I stopped. I decided to face the beast and for my surprise I understood that that strange creature was trying to help me with myself . Then I noticed that I fought against myself - it would be the largest battle of my life, because I would have to face my interior demons, dream or not, I would have to face them... soa (A) \* We correct it. Soa, Ros, Rast, Mar e Sha*

Dos três professores que participaram do TECE2, apenas a Sil acompanhou e coordenou todos os procedimentos que envolveram as duas experiências, a elaboração da respectiva proposta de projeto pedagógico (Anexo D) e as co-autorias nos trabalhos apresentados no exterior. Foi, pois, quem efetivamente participou dessas duas experiências, na IES 1, na articulação junto a alunos, professores, coordenação do curso, motivando as idas à

<sup>131</sup> Essa medida tem o objetivo de preservar as identidades das pessoas envolvidas nas três experiências, embora tenha havido consentimento verbal de todos, tal como se apresentam no *EquiText*. Os nomes de participantes dos grupos TECE 1 e TECE 2 já foram mencionados em trabalhos apresentados e publicados no exterior (COSTA *et al.* 2001a, 2001b, 2002, 2003, 2007).

sala de informática, em diferentes horários, dentro e fora da Instituição, como podemos ver através de registros de data, horário, nos TECE 1 e 2, a exemplo do TECE 1-E18(H), citado na subseção da metodologia dialógico-interacional, acima.

O grupo TECE 3, terceiro grupo, referente à terceira experiência, na IES 2, era composto principalmente de professoras de inglês, uma de Canela (rede privada), uma de Taquara (curso livre de inglês), uma de Três Coroas (rede pública), Tan, Nik e Mar, respectivamente, com uma participação de Men (também professora de curso livre de Porto Alegre e da IES 2), e esta pesquisadora, na condição de professora ministrante da oficina (ver Anexo E), interlocutora em presença e a distância, dentro e fora da narrativa no *EquiText*. Além dos encontros livres no *EquiText*, de três encontros presenciais na IES 2, aconteciam encontros semanais no ambiente *EduLine*, do Núcleo de Educação *On-Line*, para discussão de dúvidas, sobre as leituras recomendadas, dando um formato mais abrangente à experiência de escrita colaborativa em ambientes/ferramentas informatizadas.

#### 4.2.3 Sobre as Experiências em Três Tempos: 2000, 2001, 2006

Em mais detalhe, em novembro de 2000, após tratativas com a professora<sup>132</sup> das disciplinas de inglês do Curso de Letras e com a coordenadora do curso, criamos o texto *Collaborative writing*, que passou a ser de nossa responsabilidade, conforme consta da lista de *temas ou assuntos*, no *EquiText*. O 1º parágrafo do TECE 1, na função Histórico (H), que é de fato seu primeiro enunciado (E1), criado por nós, responsável na administração e na condução de seu desenvolvimento, é também o parágrafo que, de algum modo, vai gerar respostas, de aproximação ou afastamento, de produção ou não de sentido, nos movimentos das relações dialógicas, que, finalmente, resultam em ações que compõem um TECE; neste caso, o TECE 1, *Collaborative writing*, que assim começa: **TECE1-E1 (H): 13/11/2000-16:13** *Welcome friends! Writing is fun. Writing together is even funnier! What would you like to write about? Jan (I) \* Be creative and have fun together!*

A seguir, vem o enunciado TECE 1-E2, da Sil, a professora de todos os participantes, em três disciplinas de inglês (I, III e V), já citadas, reforçando nossas tratativas de dar início ao TECE 1: **TECE1-E2 (H): 13/11/2000-16:42** *What would you like to write about? Write*

---

<sup>132</sup> Na ocasião, a Prof.<sup>a</sup> Sil, como a identificaremos doravante, tinha mestrado na área de ensino de língua inglesa e as tecnologias educacionais informatizadas, nos Estados Unidos. Nossa aproximação com a Sil para a concretização deste projeto foi muito oportuna e positiva, principalmente em vista das áreas de interesse comum, da sua muito bem-intencionada e amorosa atuação e, também, da generosa facilitação da realização das experiências TECE 1 e 2, pela coordenação do curso, na IES 1.

*some suggestions of topics, and let's make an election. The winner is.... Sil ( I ) \* Give your suggestion for our collaborative writing project.*

O resultado final deste TECE 1, que encaminha ao TECE 2, ficou posto no TECE 1-E3, pela Sil, nestes termos:

**TECE1-E3 (H):** 05/12/2000-12:41 *HI MY FRIENDS! Some of you haven't voted yet. I can't wait to start our short story. Janete has already started a text for us, so I suggest that you click on "a short story" and start writing. Those of you who haven't voted yet, please do that as soon as possible. We can write another text, besides the short story. It depends on your choices. Sil ( I ) ----*

Nesse momento, início de dezembro de 2000, final de semestre e ano letivo, fica o grupo de certo modo motivado a dar um fechamento ao TECE1, o *Collaborative writing*, com a escolha do tópico ou tema, *A short story*, que significa conto, em inglês, pela maioria dos estudantes. Ainda em dezembro de 2000, no período de 05 a 17, inicia-se o desenrolar do texto *A short story*, outra criação desta pesquisadora, a Jan.

O grupo do TECE 1, após o intervalo das férias, no 1º semestre de 2001, retorna modificado pela saída de três participantes e a entrada de outros três, e passa a se denominar de TECE2, com a tarefa de dar andamento e finalização ao conto iniciado em 05 de dezembro de 2000. O TECE 2, ou seja, *A short story*, surgiu em resposta ao TECE 1, mais especificamente ao TECE 1-E3, acima citado, o parágrafo que faz o fechamento da experiência com o *Collaborative writing*, um exercício de ação procedural, dialógica, dentre outras, de manifestação simbólica, em grupo, numa ferramenta com espaços para produção verbal colaborativa. A finalização do *Collaborative writing* cataliza o início de *A short story*; são duas redes complexas de enunciados, tecidas na tensão dialógica do poder fazer com o outro, no espaço virtual, tarefa que no presencial também é um evento complexo: o trabalho em grupo.

O TECE 2, na IES 1, dá início à segunda experiência escolhida para ser analisada neste estudo, com o 1º parágrafo, o enunciado TECE 2-E1, criado por esta pesquisadora: **TECE2-E1 (H):** 05/12/2000-14:25 *Walking in the woods is one of my favorite passtimes. One day, Jan ( I ) \* Foi só para começar. Por favor, podem exclui-lo. Jan.*

Com este começo, a pesquisadora (neste estudo, também observadora e participante) Jan, enuncia, ao que corresponde em português: “Caminhar no mato é um de seus passatempos preferidos. Um dia,” interrompendo o parágrafo nesta frase, abrindo ao desejo de alguém dar continuidade à narrativa iniciada, ou não, conforme menciona na janela \* Obs., Os enunciados – TECE 2-E2 e TECE 2-E3 – que seguem ao primeiro, são retomados

(repetindo o dado), alterados (A), com elementos novos, em acréscimo ao texto do TECE 2-E1. São, na verdade, enunciados em relação de resposta ao TECE 2-E1, de Jan, o que poderia não ter acontecido, caso o tivessem ignorado, conforme Jan orientou (em português):

**TECE2-E2 (H):** 06/12/2000-16:33 *Walking in the woods is one of my favorite passtimes. da (A) \* Foi só para começar. Por favor, podem exclui-lo. Jan.*

**TECE2-E3 (H):** 06/12/2000-16:48 *Walking in the woods is one of my favorite passtimes. In a cold December night I was walking when I got stuck. A amasing thing happenned in front of me. Bib (A) ----*

Os TECE 1-E2 e E-3, duas respostas dadas ao TECE 1-E1, acima, até praticamente o último parágrafo a ser considerado nesta experiência, ou seja, até a metade de junho/2001, o texto andou e modificou-se na interação dos participantes em diálogo uns com os textos dos outros, novos sentidos foram produzidos. Para ilustrar, os dois parágrafos (enunciados), o TECE 2-Ea e o TECE 2-E3b, apontam duas tendências que nortearam o desenrolar do texto: uma, com teor religioso explícito (ou de como Deus achou um modo de lhe fazer despertar de um terrível pesadelo), e a outra, mais genérica, de que tal fato representou apenas uma experiência de aprendizagem na vida (da personagem), e, de modo incerto, que outras coisas virão para serem aprendidas. O que ficou claro, desde o começo, é que em resposta ao nosso enunciado “Caminhar no mato é um dos meus passatempos preferidos.”, vários enunciados-resposta foram dados, a história seguiu com repetições, assimilações e criações textuais. De outro modo, em vista do parágrafo TECE 2-E1 não ter sido excluído por uma ação (E), acreditamos ter ele pelo menos servido para contextualizar uma história (ou mais de uma) e motivado os participantes a quererem contar algo construído em seu imaginário, em diálogo com os imaginários de outros participantes, através dos principais movimentos que o *EquiText* permite realizar, como incluir parágrafos com idéias novas (I), por vezes, repetir parágrafos e/ou alterá-los em algumas partes (A), e até excluir (E), deixando-se envolver no imaginário do outro, por vezes, ao longo do desenrolar dialógico-interacional, nem sempre explícito do *Short story*. Os dois últimos parágrafos, para a data prevista de encerramento do TECE 2<sup>133</sup>, em vista do TECE2-E1, ficaram assim:

**TECE2-E3a (H):** 13/06/2001-15:14 *I think that the end of the story can be considered as a terrible nightmare. But this was the way that God found to wake up that human being for the reality, for the life. That man was the best,*

<sup>133</sup> O texto continuou a ser acessado e nele produzidos alguns parágrafos isolados, até 15/03/2002, de Rod. Houve a inclusão de outra narrativa no texto em construção e dentro do prazo, de autoria de Ed, *The Macabre Ritual*, em torno de sete parágrafos contíguos, em agosto de 2001, que, após essas ações, mudou a configuração do *A short stor*”, na função Visualizar, conseqüentemente, na Versão Final, em HTML. Daí nós nos ocupamos principalmente de parágrafos do Histórico, para esta análise.

*he was always debauching of the people and disbelieving of the superior forces. So, God gave it a lesson. He was very afraid and only when it was gotten to turn humbler he realized. Today I am a new man, he said. Thank you God, for having nailed me that fright. Then, I woke up and I could live as a person worthy of this prosperous universe with own light that serves me daily, where there is not place for fears and that I ignored. Today I am more me and happier, very happy. I came the page of the life, I found a new book that I will write everyday, in this beast won't exist but pages that will play his heart, his soul and it will change his life. Soa (A) \* Soa and Ros.*

**TECE2-E3b (H):** 20/06/2001-13:25 ...this is was a just experience in his life, he will be another things, to teach what he had been learning... Ed (I)

----

Esses movimentos de escolha individual, em princípio, para processar o texto, em conjunto com outros integrantes do grupo, determinam a natureza do texto produzido, em análise. Dessa escolha, podemos verificar as peculiaridades das ações dos participantes, na atividade em curso no *EquiText*, presentes nas fronteiras dos enunciados e em suas relações dialógicas. Retomando, a área de trabalho do *EquiText* está, num clicar no *mouse*, na função Visualizar; e, na função Histórico, o espaço de armazenamento cronológico de todas as ações textuais realizadas no processo de produção de um TECE, além dos registros de login, data e horário, *link* para a janela \* Obs., e outras configurações identificatórias.

Se as ações forem de natureza predominantemente procedural, temos no TECE 1 (*Collaborative writing*) o principal *corpora* de análise. As ações que nos interessam estudar, neste trabalho, são aquelas que se constituem nas relações de uso de manifestação simbólica da ferramenta pelos participantes de uma atividade, em detrimento de outras ações de ordem mais mecânica, de acessibilidade ao sistema, ou ainda da sua arquitetura de programação, de importância semelhante.

Se as ações estiverem no âmbito das relações interacionais, analisamos ações nas relações de interação dos sujeitos entre si, ou seja, com os outros participantes do grupo em trabalho de composição textual. Assim, um locutor qualquer, em posição responsiva, pode estabelecer, nas trocas dialógicas, relações de pergunta-resposta, asserção-objeção, afirmação-consentimento, oferecimento-aceitação, ordem-execução, etc. Essas trocas dialógicas, em meio as ações interacionais, nos interessam analisar, da ótica de Bakhtin (2000, p. 294, grifo nosso), preferencialmente no TECE 2.

Se as ações nas relações dialógicas tiverem um caráter mais fortemente voltado à produção textual (processo e produto), temos então ações de trabalho coletivo de composição de texto, no próprio TECE. Dessas ações, damos preferência, na experiência com o TECE 3, àquelas que mostram elementos textuais dados anteriormente no texto, elementos assimilados,



isto é, o dado transformado, e ações de criação, que trazem o elemento novo, dando um novo rumo à construção coletiva.

Os dois parágrafos finais do TECE 2 *A short story*, na função Visualizar (V), do texto em processo de trabalho, após combinações mais ou menos explícitas, sobre quais parágrafos ficariam e com que alterações, para atender à solicitação de encerramento até 15 de junho de 2001, por Jan e Sil, são duas, conforme segue:

**TECE2-E53 (V):** *Fortunately, I woke up. That dream was really nightmarish. When I woke up, I was in my house. I took a shower and my family called me for having breakfast, all was perfect. I looked by the window, I saw the birds singing and the nature smiling at me, I stayed very happy. Then, I said for my husband, today I will not sleep because that nightmare lasted a eternity, I love the life and want to be of eyes open to every second. Sha (A) \* If accept my end, this text be important. 13/06/2001-14:05*

**TECE2-E54 (V):** *The woods was only a dream, but I found a solution: I am a begin human with fault and quality, but I am only. I translation this informations, procecuted and the product was my person. Mag ( I ) \* End of history? Mag 06/06/2001-07:57*

Duas finalizações na função Visualizar (V) retomam os rumos da história e a resumem investindo na idéia de um sonho (*a dream*) com uma solução, a de acordar vivo e com qualidade, de Mag (06/06), e a do sonho, na verdade, tipo um pesadelo (*really nightmarish*), que, depois de um banho, o vivo, a natureza, ficou ainda mais sorridente (*smiling*) à Sha (13/06). No Histórico, a seqüência cronológica prevalece, invertendo a ordem acima. Essa é uma questão interessante de se pensar, a desses movimentos do *EquiText* que rompem com a linearidade espaço-temporal, mas que garantem a presencialidade dos participantes através de seus enunciados (parágrafos).

O grupo do TECE 3, das professoras de inglês Tan, Nik e Mar, com uma breve presença de Men, e que trabalharam na terceira experiência em análise, em 2006, após muitos processamentos textuais, de buscar informações nas suas comunidades sobre um personagem e sua família, assimilaram essas informações, incorporando a elas outros fatos, inclusive inventando episódios e detalhes que, nos parece, deram ao texto uma coerência não tão redonda, antes, relativa, que deve fazer mais sentido às participantes e a nós, que também colaboramos no desenrolar da história, do que a leitores externos que nunca ouviram falar dos eventos trazidos no TECE 3 e não conhecem as potencialidades desestruturantes do *EquiText*, desconstrutoras de regras de coerência textual mais tradicionais (como aquelas que Jor menciona no TECE 2-E15(H), acima, que devem ter começo, meio e fim), sem considerar as diferentes fontes de imaginário que cada participante traz em uma experiência dessa natureza

(de escrita livre, negociada no processo, sem uma autoria vinculada diretamente à identidade do usuário, que praticou a ação textual). Em 1º de abril de 2006, Nik insere (I) este parágrafo, que oficialmente abre o TECE 3, na função Visualizar e/ou Versão Final:

**TECE3-E1(V):** 01/04/2006-15:52 *The girls were frightened! Denise was sure that it was Tiradentes. However Liane was in doubt. She knew her friend wasn't crazy so she started thinking about it. -"What could it be? Was it a spirit? Or was it Denise's imagination?", she thought. "I need to figure it out?".Afterwards the girls went to their hotel room to rest. They were still thinking and trying to figure out the event.Two hours later, Liane decided to go for a walk to find an old lady they've met before at a small store. This lady is an old resident of Ouro Preto. Liane thought the woman would help them.The old lady, called Joana, is the owner of the small store that sells craftwork of Ouro Preto. Liane went to the store but the lady wasn't there at the moment. So she asked the gilrs who was there where she could find Joana. The lovely girls said she might have been home and explained how to get there.Liane went there immediately. When she arrived the lady said:- "I was expecting you here", Joana said. "We have a lot to talk about. This is a misterious city." "But I know you will love the things I have to tell you about." Nik I Nik I ----<sup>134</sup>*

E assim termina a história, sem título, que foi começada por Nik, depois de vários movimentos dialógicos que afastaram as personagens do parágrafo TECE-E1(V), acima, e que introduziram outros, conforme o enunciado abaixo, uma ação (A) de Tan:

**TECE3-E25 (V):** *Who would believe in that story?! An American doctor came from a far place to treat Mr. Sander with the same powder that Dr. Fritz used many years ago. Is it a coincidence?!... Tan A ---- 27/05/2006-10:20*

Com o intuito de ver como essas relações entre diálogos acontecem no *EquiText*, em LILE, nos três TECE, traçamos planos de análise e categorias, de acordo com os nossos pressupostos teóricos. As categorias de análise advêm de três planos, *procedural*, *interacional* e *textual*, e podem ser vistas nas três experiências com o *EquiText*. Observamos em qual delas há maior ênfase de ações características de uma ou de outra. As experiências não classificadas nas análises das outras duas categorias contribuem periféricamente às duas outras, pois há sempre uma mistura presente em cada texto, ou, como diria Bakhtin (2000), não existe texto puro, nunca dantes lido, ouvido, mas sempre reeditado, parafraseado, cotizado. Mas textos que resultam de uma composição não repetível de elementos dados, assimilados e criados, que se renovam a cada novo enunciado, a cada nova resposta, a cada nova produção, individual e coletiva, a cada novo acoplamento tecnológico-cognitivo, a cada nova presença, se em espaço

<sup>134</sup> Cometário nosso sobre o parágrafo E1-V, no TECE 3, acima: aqui houve um problema com o sistema, aparecendo duplamente o link com o log-in da participante, seguido da ação (I), fazendo desaparecer a janela  
\* Obs., embora a marcação (----) seja indicativa desse espaço estar vazio.

virtual informatizado<sup>135</sup>. As ações que dão vida e movimento às relações dialógicas tramadas entre os enunciados que compõem os espaços dos TECE 1, 2 e 3 são, pois, de onde provêm nossas categorias de análise textual. Com elas iremos proceder às análises nos planos *procedural, interacional e textual*.

#### 4.3 COM A ANÁLISE DAS AÇÕES NAS RELAÇÕES DIALÓGICAS DAS TRÊS EXPERIÊNCIAS

Nesta seção, do terceiro capítulo, selecionamos parágrafos dos TECE 1, 2 e 3, para procedermos às análises nos três planos: no plano das ações construídas nas relações procedurais, damos ênfase à primeira experiência, o TECE 1; no plano das ações vivenciadas nas relações interacionais, empregamos ênfase na segunda experiência, o TECE 2; e, no plano das ações concretizadas nas relações textuais, o foco recai na terceira experiência, o TECE 3.

O Quadro 2, a seguir, reúne as três experiências, os TECE 1, 2 e 3, as principais características de cada grupo, o período de realização das experiências, a metodologia dialógico-interacional e a noção de presencialidade.

As noções específicas que definem a arquitetura desta tese encontram-se sumarizadas no Quadro 3, no final do capítulo.

---

<sup>135</sup>Está em discussão a questão do plágio, da cópia criminosa de um texto, sem referenciar o autor que deu ao texto seu estilo pessoal, localizado no tempo (data de publicação) e no espaço (local da publicação do original e/ou da tradução). Nós, porém, não consideraremos o plágio, a cópia, desse ponto de vista. Tratamos da repetição (cópia) textual ora da perspectiva da ação procedural, da experimentação da ferramenta, ora da perspectiva da composição textual, que pressupõe a ação de repetir, junto com a de assimilar e criar, na composição de um enunciado, ou parágrafo, como os elegemos considerar, neste estudo.

TECE	TECE 1	TECE 2	TECE 3
<b>- Experiências</b>	1ª Experiência “Collaborative writing”	2ª Experiência “A short story”	3ª Experiência “About good things”
<b>- Identificação do grupo</b>	1º grupo:  10 estudantes voluntários de Letras – Licenciatura em Português e Inglês e Literaturas, uma professora de inglês, IES Ritter, esta pesquisadora (UFRGS - CNPq).	2º grupo:  10 estudantes voluntários de Letras – Licenciatura em Português e Inglês e Literaturas, professores de inglês, IES Ritter, esta pesquisadora (UFRGS - CNPq).	3º grupo:  3 professoras de inglês da rede pública e privada de Taquara (1), Três Coroas (1) e Canela (1).
<b>- Período</b>	Novembro de 2000 a março de 2001.	Março a junho-julho de 2001.	Março a maio de 2006.
<b>- A arquitetônica teórico-metodológica</b>	O enunciado, as relações dialógicas e o texto: Bakhtin (2000), com textos produzidos em 1952-1953, 1959-1961)	O enunciado, as relações dialógicas e o texto: Bakhtin (2000), com textos produzidos em 1952-1953, 1959-1961)	O enunciado, as relações dialógicas e o texto: Bakhtin (2000), com textos produzidos em 1952-1953, 1959-1961);
<b>- Relações Dialógicas nas ações com a tecnologia, com o outro, com o texto: ferramenta teórico construído para a análise dos TECE 1, 2 e 3.</b>	A metodologia dialógico-interacional e a noção de presencialidade (qualidade de tempo e atividade), Axt (2006)  <b>Ênfase nas relações das ações procedurais</b>  Ações procedurais - simbólicas de:  - Inserir (I) parágrafo * - Alterar (A) parágrafo * - Excluir (E) parágrafo *  (*Obs.: com observações).	A metodologia dialógico-interacional e a noção de presencialidade - (qualidade de tempo e atividade), Axt (2006)  <b>Ênfase nas relações das ações interacionais</b>  Ações interacionais de:  - perguntar- responder; - assertar-objetar - oferecer-aceitar; - sugerir-consentir;	A metodologia dialógico-interacional e a noção de presencialidade, (qualidade de tempo e atividade) Axt (2006)  <b>Ênfase nas relações das ações textuais</b>  Ações textuais de:  - repetir o dado; - assimilar, transformar o dado; e, - criar texto novo.

QUADRO 3 – Os TECE 1, 2 e 3 (três experiências, três textos, três períodos).

Vejamos, a seguir, como esta análise procede à luz da metodologia de interação dialógica, que, neste estudo, se vê enriquecida das noções de acoplamento tecnológico-cognitivo, de Maraschin e Axt (2005), e presencialidade, de Axt (2006), mencionadas no Capítulo I, dando uma qualidade diferente a esses movimentos textuais, realizados individualmente e no grupo. A qualidade da presença dos participantes (locutores e interlocutores), de um TECE, neste momento priorizada pelas ações de trabalho com a

ferramenta *EquiText*, reveste-se de um novo valor à medida que as relações com a tecnologia, afetam os usuários e o conhecimentos (textos) que produzem em interação dialógica, nessa convivência, ainda que temporariamente.

Em suma, no contexto do acoplamento humano-máquina-conhecimento, numa qualidade de presença ativa, o enunciado, a unidade da comunicação discursiva e nosso operador conceitual principal na análise, ganha um novo tônus conceitual, nas relações que estabelece com o mundo, ou a “coisa” bakhtiniana, deixando-se por ela afetar no complexo processo vivencial que Maraschin e Axt (2005) denominam de “acoplamento tecnológico-cognitivo”. No cenário deste estudo, o enunciado se atualiza em uma outra presencialidade no dado empírico das experiências em análise, conforme mostramos a seguir, nos três planos, nos três TECE.

#### 4.3.1 No Plano das Ações nas Relações Dialógico-Procedurais e a 1ª Experiência

As ações de procedimentos ou rotinas que os participantes de um TECE realizam com a tecnologia *EquiText*, durante as etapas envolvidas no processo de produção textual em grupo, compreendem, principalmente, manifestações das operações de ordem mecânica, de sensibilidade ao sistema e de natureza simbólica. As operações de natureza simbólica, representadas pelas ações que dão movimento ao ato do processamento textual no *EquiText*, prevalecem neste estudo<sup>136</sup>. As duas outras operações, a de ordem mecânica (do acesso ao computador, à Internet, à página do *EquiText*, etc.) e de sensibilidade do sistema (problemas de *log-in*, superlotação de usuários quando atuando de modo síncrono, etc.), igualmente merecedoras de análise, não serão diretamente contempladas neste estudo.

Isso posto, podemos focalizar as ações que um participante do TECE 1 pratica nos domínios do *EquiText*, tanto na posição de locutor como de interlocutor, quando faz escolhas procedurais de manifestação simbólica, com o auxílio do menu (Figura 4), para fazer um TECE andar, tornando-a visível a todos e disponível para re-ações (ações em resposta):

- ação de inserir parágrafo/enunciado-E ( I );
- ação de alterar parágrafo/enunciado-E ( A );
- ação de excluir parágrafo/enunciado-E ( E ).

<sup>136</sup>A autora Koch (2007, p. 34) utiliza esta expressão “processamento textual”, no ato da criação verbal, escrita.

As ações de mover texto para cima ( C ) e para baixo ( B ), conforme mostra a Figura 4, acima, são importantes movimentos no texto, especialmente no momento de edição final, de dar um contorno mais coerente e coeso ao texto coletivo. Não serão observadas neste estudo<sup>137</sup>.

Esses movimentos, vale observar os movimentos procedurais de escolha de uma modalidade de colaboração com o texto em construção, o ato de clicar no menu na opção Inserir (I) parágrafo, após o primeiro enunciado visível no texto em trabalho (Visualizar), por exemplo o E1, do TECE 1, ou TECE 1-E1, formaliza a ação de inserir texto (I), selada pelo texto que lá ficou armazenado e visibilizado, com hora e dia em que a ação (I) foi realizada. Não há como apagá-la, não há como negá-la, pois está armazenada no “Histórico” da ferramenta. Já no texto em trabalho, na função “Visualizar”, a colaboração por inserção (I) pode ser modificada (editada) por outro(s) colega(s), alterando o texto original e sua autoria, tantas vezes quantas forem possíveis ou necessárias durante o período de fazimento do texto. Vejamos como a prof.<sup>a</sup> Sil anuncia essas funcionalidades para os alunos:

*TECE1-E41 (H): 23/11/2000-09:41 Hi, dear students! Remember to click "histórico" on the top menu. It's very interesting because you can see all actions done by each one of us. When you are in "visualizar" you can only see the last actions. We are still waiting for Bib's and Mic's ideas. As soon as they post their ideas, we can choose 3 topics to write about. Please, choose a topic different than yours. We are going to write about the first three choices, ok? I would like to write about.... Sil ( I ) ----*

O acrônimo TECE, seja ele acrescido do numeral 1, 2 ou 3, refere-se, neste estudo, tanto à primeira experiência em análise, como ao grupo de participantes que a realiza, e à produção do **T**exto **E**scrito **C**olaborativamente no *EquiText*, o **TECE** propriamente dito. O título do TECE1, *Collaborative writing*, que significa ‘escrita colaborativa’, em português, foi o tema escolhido por nós para darmos início às negociações do tópico/tema para desenvolvimento no TECE 2 [textos nas três versões, no Anexo A].

Os participantes do TECE 1, o **grupo 1**, retomando, é composto de 10 alunos, estudantes de Letras-Licenciatura em Inglês e Português e Literaturas, da “Ritter”, período de novembro-dezembro de 2000, a saber: Jor, Dan, Ed, Rod, Fab, Da, Bib, Ros, Car, Mic, e sua professora em disciplinas de Língua Inglesa, Sil, e, Jan, esta pesquisadora, na ocasião, vinculada ao PPGLT/UFRGS-CNPq. Todos eram voluntários nessa experiência. Mantivemos as três primeiras letras do nome próprio do participante ou como ele se identifica

<sup>137</sup> Maiores detalhes sobre a operacionalidade do *EquiText* no tocante a essas operações de manifestação simbólica, estão descritas na seção 1.3 do Capítulo 1. Constam, nos Anexos, os TECE 1, 2 e 3.

por ocasião do cadastro, o *link* de identificação com o *e-mail* cadastrado. Em alguns casos, usamos apenas as duas primeiras letras do nome, para simplificar<sup>138</sup>.

Vejam, a seguir, parágrafos que atestam as relações procedurais dos participantes com a tecnologia, que entendemos também serem de natureza dialógica, à medida que ao experimentarem a ferramenta, no processo da produção textual (neste caso pela primeira vez), nossos participantes se encontram em companhia de colegas e professora. Os encontros são principalmente síncronos, e acontecem, quase sempre, em uma das salas do Laboratório de Informática, da IES 1.

É bem possível, que tenha havido relações verbais, orais, dialógico-interacionais, em vista da proximidade física entre eles, pela distribuição dos computadores em mesas contíguas, naquela sala do laboratório de informática<sup>139</sup>, estabelecendo relações de diálogo pela linguagem, oral ou escrita, ou ainda através dos traços deixados nos espaços da ferramenta, o que nos foi brevemente relatado pela prof.<sup>a</sup> Sil. Nossa participação, neste TECE 1, no desenrolar do texto *Collaborative writing*, está mais próxima da noção de *presencialidade*, segundo Axt (2006), acima discutida. Ficamos, porém, mais na observação e nas combinações metodológicas com a Sil, como explicitamos, a seguir.

A seqüência TECE 1-E3, E-4, E-5, extraída tal como está armazenada na função Histórico, do TECE 1, apresenta três parágrafos, contendo a mesma oração (enunciado, se a considerarmos respondida), com uma pequena alteração ortográfica (o G maiúsculo), nos E-4 e E-5; contudo, o que observamos ser mais significativo, do ponto de vista da análise procedural, é a natureza da opção, das ações realizadas (I), (A) e (E), todas no mesmo dia, com intervalo de 1min cada. Fica, pois, visível (em vista da formação da prof.<sup>a</sup> Sil, anteriormente mencionada) que há uma exposição da Sil sobre as escolhas que o menu do *EquiText* oferece, ações de manejo do menu de opções, meramente procedurais, mas que têm uma importância crucial para o desenrolar de um TECE qualquer (entre outras). De outro modo, se estes três parágrafos da Sil forem tratados como enunciados (E)<sup>140</sup> - e acreditamos

<sup>138</sup> Essa medida visa a preservação de suas identidades, embora tenha havido consentimento verbal de todos os envolvidos nas três experiências, para o uso de suas identidades completas. Os participantes dos grupos TECE1 e TECE2 foram inclusive mencionados em trabalhos apresentados e publicados no exterior (Costa *et al.* 2001a, 2001b, 2002, 2003).

<sup>139</sup> Essas e outras informações mais específicas provém de vivências nossas com essas três experiências. Nossas suposições são, muitas vezes, fundadas em memórias de conversas que tivemos com a professora, os alunos, a coordenação de Letras, em horários diferentes daqueles ocupados para o trabalho nos TECE.

<sup>140</sup> O termo “enunciado”, no contexto desta tese, não alterna sentido com o termo “oração”, pois condiz com a base conceitual-constitucional da comunicação dialógica, de Bakhtin (2000), especialmente discutida pelo autor em seus estudos sobre “Os Gêneros do Discurso” e “O Problema do Texto”, da obra “Estética da Criação Verbal”. Consideramos, conforme Bakhtin (2000), que o enunciado organiza-se no discurso concreto da comunicação viva, sendo dialógico, responsivo-ativo, ligado a outros enunciados na cadeia da fala; a

que sejam - eles suavizam a experiência, criando, de saída, um clima de trabalho mais afetivo, amoroso, não só de manejo da ferramenta como de uso da LILE, ao reforçar as boas vindas ao grupo TECE 1 e afirmando que “escrever é divertido!”.

**TECE1-E3 (H):** 16/11/2000-14:24 *Hi everybody, writin is fun! Sil ( I ) ---*

**TECE1-E4 (H):** 16/11/2000-14:25 *Hi everybody, writinG is fun! Sil ( A )*

----

**TECE1-E5 (H):** 16/11/2000-14:26 *Hi everybody, writinG is fun! Sil ( E )*

----

A próxima seqüência, TECE 1-E7, 8, 15, nos dois primeiros parágrafos-enunciados, temos a apresentação da Dan, com uma ação (I), sua primeira colaboração, seguida da retomada do parágrafo, numa ação (A), com uma pequena correção ortográfica: de *readea*, no TECE-E-7, para *read*, no TECE-E8. Em vista desse movimento, agrupamos o TECE-E15, de Fab, talvez como uma resposta aos movimentos de correção ortográfica de Dan, também em sua primeira colaboração ao TECE 1, se apresentando e se oferecendo a colaborar com os colegas na correção de seus textos, “se necessário”.

**TECE1-E7 (H):** 16/11/2000-15:07 *hi!I am liking this activity. I want write a terror or thrilling short story with your help.I like Steven king and watched his films and readea his short stories.I will be waiting for your opinion and colaboration. Dan ( I ) \* surch about Steven King.Watche a film*

**TECE1-E8 (H):** 16/11/2000-15:09 *hi!I am liking this activity. I want write a terror or thrilling short story with your help.I like Steven king and watched his films and read his short stories.I will be waiting for your opinion and colaboration. Dan ( A ) \* surch about Steven King.Watche a film*

**TECE1-E15 (H):** 16/11/2000-16:44 *Hi!My name is Fabiana and I just loved this idea. I enjoy writing very much and I wonder if somebody likes poetry. I also love movies and music. I like to write just about anything and I think it would be nice to write about some interesting current event. I hope to “hear” oppinions from all of you soon. Fab ( I ) \* I teach English and wonder if any of you would like to have the texts corrected if necessary. See you!*

---

oração, por seu turno, é a unidade da língua, desvinculada de uma ressonância dialógica, e não necessariamente remete a enunciados anteriores, como num contexto de fala viva, concreto, numa relação de diálogo com o outro (o interlocutor). Diz-nos Bakhtin (2000, p. 297) que: “A oração representa um pensamento relativamente acabado, diretamente relacionado com outros pensamentos do mesmo locutor, dentro do todo do enunciado; [ . . . ] uma vez terminada a oração, o locutor faz uma pausa, antes de passar para o pensamento que dá seguimento ao seu próprio pensamento [ . . . ]. O contexto da oração é o contexto do discurso de um único e mesmo sujeito falante (do locutor); a relação existente entre a oração e o contexto transverbal da realidade (a situação, as circunstâncias, a pré-história) e os enunciados de outros locutores não é uma relação direta ou pessoal, é intermediada por todo o contexto que a rodeia, ou seja, pelo enunciado em seu todo. [ . . . ] A oração passa então à categoria de enunciado completo, implica uma atitude responsiva: pode-se concordar com ele ou discordar dele, pode-se executar, julgar, etc. A oração enquanto tal, em seu contexto, não tem capacidade de determinar uma resposta; adquire essa propriedade (mais exatamente: participa dela) apenas no todo de um enunciado”.



Na seqüência abaixo, observamos os TECE 1-E19, uma ação de Inserir (I) parágrafo, de Da e, no E-22, uma ação de Excluir (E) de Bib: fica claro que aí temos um teste, pela própria menção da palavra ‘teste’, em português, na janela \* Obs. O curioso na interpretação desses dois movimentos de (I), em E-19, e de (E), em E-22, ou seja, de apagamento da ação textual de um participante por outro, é que ambos, E-19 e E-21, explicitam: ações procedurais, pela palavra *teste*, na \* Obs; interacionais, pelas marcas identificatórias de seus *e-mails*, em dias diferentes e pelo E-21 ser uma resposta direta, sem negociação explícita, no texto, à ação do outro, o E-19; e textuais, por não condizer com a proposta amigável de trabalho em grupo, de experimentação de construção de um texto escrito, colaborativamente, no *EquiText*, clima esse que vinha sendo construído pela Sil (também nos bastidores, em combinação com esta pesquisadora), e pela própria natureza voluntária de sua presença no projeto com o *EquiText*.

**TECE1-E19 (H):** 20/11/2000-14:58 *I don't want to write now !!! Da ( I )*  
\* *Teste*

**TECE1-E20 (H):** 21/11/2000-15:25 *Too bad I don't have much time to write. I would like to know what you people think about my ideas and about making corrections or not. I liked very much Rod's idea of writing about visiting exotic places or about an interesting trip. Waiting for news from you... Fab ( I ) ----*

**TECE1-E21 (H):** 21/11/2000-15:59 *I would like to write a SHORT STORIE. Da ( I ) \* SHORT STORIE*

**TECE1-E22 (H):** 21/11/2000-16:02 *I don't want to write now!!! Bib ( E )*  
\* *Teste*

**TECE1-E23 (H):** 21/11/2000-16:05 *I would like to write a SHORT STORY. Da ( A ) \* SHORT STORIES*

Vejam, a seguir, a chegada de Fab, no E-20, entre as ações acima comentadas. Em seu inglês bastante bom, Fab inicia sua segunda colaboração referindo-se à falta de tempo para escrever. Gostaria de saber sobre o que seus colegas acham de suas idéias e sobre fazer ou não fazer correções. Apóia a idéia de Rod de escrever a respeito de fazer visitas a lugares exóticos e sobre fazer uma viagem interessante. Por fim, despede-se, ficando no aguardo de notícias dos colegas participantes. Não diz nada na janela \* Obs. Trata-se de uma ação de inserir (I) parágrafo correta, em vista da proposta feita ao grupo, de fazerem uma escolha conjunta e democrática, sobre o que gostariam de escrever no TECE 2. Em seguida, no Histórico do TECE 1, aparece o registro de Da, feito no dia seguinte, o E-21, um parágrafo de ação (I), que visibiliza uma outra postura de Da diante do desafio lançado no TECE 1: nesse momento, ele diz que gostaria de escrever um conto. E, no espaço \* Obs., Da repete, em

maiúsculas, a palavra conto em inglês, *SHORT STORIE*, 03min antes da ação de exclusão (E), de seu parágrafo E-19, por Bib.

Na última seqüência da análise das ações nas relações procedurais no TECE 1, temos oito parágrafos-enunciados, os TECE 1-Es, em resposta ao parágrafo-enunciado da prof.<sup>a</sup> Sil, o TECE 1-E51-59 (H), no intervalo de três dias, em diferentes horários, em vista da urgência em terminar essa parte da tarefa, da escolha de um tópico de interesse comum ao grupo, para seguir, no semestre seguinte, com a produção do grupo sobre a escolha feita, conforme nosso planejamento. Esses oito “Es”, no Histórico (H), mostram, pelo menos, três instâncias nas ações praticadas pelos participantes, no plano das relações dialógico-procedurais: uma, torna visível o melhor conhecimento do uso da ferramenta pelos participantes, Jo, Da, Ed, Bib, nas respostas dos alunos em vista do enunciado apelativo da Sil; outra, mostra que é chegado o momento de seguir regras, conforme combinação prévia, de cumpri-las no rigor do tempo; e, uma terceira, diz respeito ao uso repetido de uma oração, na LILE, para a resolução final dessa primeira experiência, ou seja, um “falou e disse” (a finalização do enunciado, uma nova relação dialógica que se completou, se entendermos o TECE 1, todo ele, como um enunciado e este no contexto de experiências TECE já realizadas) todas elas da ordem do procedural, em sua acepção mais ampla, não apenas do nível do “saber usar” a ferramenta, como também no “relativo a procedura; que diz respeito ao prazo processual”, conforme consta no dicionário eletrônico Houaiss (2001) da língua portuguesa. Vejamos, pois, estes nove parágrafos:

**TECE1-E51 (H):** 26/11/2000-18:01 *Hi folks!Let’s make up our minds!! I mean, let’s choose the topics and start the fun. Be very objective; USE CAPITAL LETTERS TO FILL THIS SENTENCE: I would like to write about... Here goes my choice: I WOULD LIKE TO WRITE A SHORT STORY. Sil ( I ) ----*

**TECE1-E52 (H):** 28/11/2000-00:52 *I would like to write a small tale ou a short history Jor ( I ) ----*

**TECE1-E53 (H):** 28/11/2000-01:02 *I WOULD LIKE TO WRITE A SMAL TALE OR A SHORT HISTORY ABOUT REAL FACTS OR NOT. Jor ( I ) ----*

**TECE1-E54 (H):** 28/11/2000-16:01 *SO, LET’S START TO WRITE A SHORT STORY...IT WILL BE FANTASTIC !!! Da ( I ) \* MY VOTE!*

**TECE1-E55 (H):** 28/11/2000-16:08 *I WOULD LIKE TO WRITE A SMAL TALE Ed ( I ) ----*

**TECE1-E56 (H):** 28/11/2000-16:09 *I WOULD LIKE TO WRITE A SMAL TALE. Ed ( A ) ----*

**TECE1-E57 (H):** 28/11/2000-16:12 *I WOULD LIKE TO WRITE A SHORT STORY. Ed ( A ) ---*

**TECE1-E58 (H):** 29/11/2000-16:03 *Hi! I also would like to write a short story too. I agree with my classmate Danilo: It will be fantastic! Bib ( I ) ----*

**TECE1-E59 (H):** 29/11/2000-16:04 *Hi! I also would like to write a short story . I agree with my classmate Danilo: It will be fantastic! Bib ( A ) ----*

Desta seqüência acima, extraída do Histórico (H), apenas três parágrafos-Es, restaram no espaço de trabalho Visualizar (V), na mesma posição de finalização do texto *Collaborative writing*, em trabalho de produção e de edição. São os enunciados TECE1-E21-22-23, a seguir:

**TECE1-E21 (V):** *I WOULD LIKE TO WRITE A SHORT STORY. Ed ( A ) ---- 28/11/2000-16:12*

**TECE1-E22 (V):** *SO, LET'S START TO WRITE A SHORT STORY...IT WILL BE FANTASTIC !!! Da ( I ) \* MY VOTE 28/11/2000-16:01*

**TECE1-E23 (V):** *Hi! I also would like to write a short story . I agree with my classmate Danilo: It will be fantastic! Bib ( A ) ---- 29/11/2000-16:04*

As duas colaborações de Jor, não constantes na seqüência acima, desapareceram, dessa posição, no espaço Visualizar, porque ocuparam as posições de 5º e 7º parágrafos, do TECE1, embora tenham sido elaboradas após o chamamento da Sil, na seqüência cronológica dos nove parágrafos, visíveis apenas no Histórico. Estes e outros movimentos dão uma dinâmica procedural diferente daquela processada na linearidade com que tradicionalmente vínhamos sendo ensinados a proceder com a leitura e a produção de textos, principalmente no papel.

#### 4.3.2 No Plano das Ações nas Relações Interacionais e a 2ª Experiência

Na dinâmica das relações dialógicas que acontece durante as ações entre os participantes de um grupo, no processo de realização de uma tarefa conjunta, é dialógica e interacional, na medida em que pressupõe mais de uma pessoa em ação comum (em comunicação), fisicamente presente ou ausente, próxima ou distante, em tempo real ou em tempos diferentes, no face a face, ou na presencialidade do virtual da tecnologia informatizada. Dos encontros na comunicação verbal, escrita, em diferentes relações dialógicas travadas no cotidiano, independentemente de suporte, em havendo resposta, há diálogo, há interação, há produção de sentido.

O TECE 2 é a 2ª experiência em análise nesta tese, tendo por texto referência *A Short Story*, da nossa responsabilidade, na qualidade de proponente de temas, para o *EquiText* [textos nas três versões, no Anexo B]. Nele, concentramos a análise das ações das relações

dialógico-interacionais, entre o “eu” e o “outro”. Há ainda contribuições dos TECE 1 e 3, em vista da interpenetração de planos, isolados apenas para fins de análise.

As ações praticadas nas relações dialógicas interacionais, nos enunciados dos participantes da segunda experiência deste estudo, o TECE 2, inspiradas em Bakhtin, acima, destacamos aquelas que visibilizam movimentos duplos, nas relações entre os participantes, como: perguntar-responder, assertar-objetar, solicitar-consentir, oferecer-aceitar, e, em lugar de ordenar-executar, conforme Bakhtin, propomos sugerir-realizar, em vista das experiências no TECE 2, com contribuições dos TECE 1 e 3. Assim:

- Ações interacionais de perguntar-responder

**TECE2-E20 (H):** 23/04/2001-16:01 *After a long walk and far away from the danger, I sat down on the grass to relax for a while. As I was getting calmer I could hear the amazing sounds of the nature that surrounded me. I heard things I had never heard before. And that made me see a world that I had never seen before, either. For an instant, I caught myself watching a beautiful bird singing happily in a flash of sunlight. And for what? Maybe to thank something or somebody (maybe God) for this magical thing called life. This life that for many of us is only a hidden treasure that keeps the happiness under seven keys. Rod ( I ) ----*

**TECE2-E21 (H):** 23/04/2001-16:03 *After a long walk and far away from the danger, I sat down on the grass to relax for a while. As I was getting calmer I could hear the amazing sounds of the nature that surrounded me. I heard things I had never heard before. And that made me see a world that I had never seen before, either. For an instant, I caught myself watching a beautiful bird singing happily in a flash of sunlight. And for what? Maybe to thank something or somebody (maybe God) for this magical thing called life. This life that for many of us is only a hidden treasure that keeps the happiness under seven keys. Rod ( A ) \* Please, if it doesn't fit on the context, put it out!!!*

Nesses dois parágrafos-enunciados E20-E21, do (H), temos uma coleção de enunciados, que, ao serem parcialmente desmembrados, mostram uma relação dialógica de pergunta e resposta de Rod para Rod (ele mesmo). Temos assim, no E20, a pergunta “E para quê?”. Em seguida, sublinhada com dois traços, o que entendemos ser a resposta: “Talvez para agradecer alguma coisa ou alguém (talvez Deus) por esta coisa mágica chamada vida”. Embora pareça um monólogo, puro e simples, contestamos em vista do contexto da construção deste parágrafo-enunciado ter sido emitido num espaço coletivo de escrita, onde pelo menos mais 11 pessoas estão lá interagindo. O E-21, a ação (A), de Rod, dois minutos depois, copia seu parágrafo anterior, mas acrescenta um comentário na janela de texto menor, a \* Obs, com o seguinte texto: Por favor, se ele [o E-20] não cabe neste contexto, elimina-o. A sublinha é dupla, indicativa de resposta, um enunciado, na verdade, finaliza esse enunciado

maior [o E21], que é exposto pelo seu criador à ação de outros participantes, seus interlocutores. É um convite aberto a quem quiser modificar o E-21, excluir até! Há, a primeira vista, um movimento dialógico-interacional de Rod para consigo mesmo, no E20; no entanto, ao se dar conta do contexto coletivo/colaborativo em que se encontra, não modifica o texto inicial, mas o dispõe à vontade de qualquer um apresentar a sua resposta diante da questão levantada por Rod: deixar ou não deixar os dois parágrafos, TECE 2-E20 e 21.

- Ações interacionais de assertar (afirmar, asseverar)-objetar (alegar em sentido contrário)

Para exemplificar as relações dialógicas interacionais, em vista de ações de assertar-objetar, que podem se movimentar num enunciado, ou mesmo numa seqüência de enunciados, trazemos, a seguir, a seqüência dos TECE 2-E15, 16, 17 (H), do participante, dissidente, Jor, e as ações interacionais de “assertar-objetar”, que resultaram na saída de Jor, do TECE 2<sup>141</sup>:

**TECE2-E15 (H):** 07/12/2000-15:08 *Walk ikn the wood it's a very silly way to write something that a fell sick when a see this kind of writing.It sounds as a child story, story to make babys sleep. U propose to write a real short story, a text with begins, midle and end. this is my story, the tale of a enry man, a person who is lost in this sick world, seaching a window to see and participate of goods things that exist on hearth. So my friends, lets start to be creative. Jor ( I ) ----*

**TECE2-E16 (H):** 07/12/2000-15:11 *Walk ikn the wood it's a very silly way to write something that a fell sick when a see this kind of writing.It sounds as a child story, story to make babys sleep. U propose to write a real short story, a text with begins, midle and end. this is my story, the tale of a enry man, a person who is lost in this sick world, seaching a window to see and participate of goods things that exist on hearth. So my friends, lets start to be creative. Jor ( I ) ----*

**TECE2-E17 (H):** 07/12/2000-15:11 *TECE2-E (H): Walk ikn the wood it's a very silly way to write something that a fell sick when a see this kind of writing.It sounds as a child story, story to make babys sleep. U propose to write a real short story, a text with begins, midle and end. this is my story, the tale of a enry man, a person who is lost in this sick world, seaching a window to see and participate of goods things that exist on hearth. So my friends, lets start to be creative. Jor E ----*

---

<sup>141</sup> No semestre seguinte, Jor, noutra disciplina de LILE, em atividade de discussão em grupo de questões relativas ao ensino de língua estrangeira, no TECE “*Learning to learn with fun*”, mostrou-se mais integrado na tarefa e no espaço de interação *EquiText*. Disse Jor, numa de suas muitas participações: **TECE-E16 (V):** *Hi, here I am again, this time I,m going to send a little message to Ms Ruth Vilmi,an English teacher at Helsinki University of Techonology. At first, I agree with the teacher when she says that the Web is a new and important tool to introduce the learning of a foreign language. But at first it is necessary to teach students how to use a computer machine. This teaching takes time, but works at the end. Jor (A) ---- 09/11/2001-14:36.* Considerando sua formação e trabalho com o jornalismo, de retornar aos bancos universitários, na meia-idade, concordamos com Jor, e assim agimos.

No **TECE2-E15 (H)**, Jor afirma, traduzindo para o português, que

[ . . . ] caminhar no bosque é um jeito muito bobo de escrever alguma coisa, que eu me sinto mal quando vejo esse tipo de texto. Soa como uma história infantil, história para fazer bebês dormir. Vocês propõem [ou eu proponho] escrever um conto de verdade, um texto com começo, meio e fim. A minha história é essa, um conto de um homem ressentido, uma pessoa que está perdida neste mundo doente, buscando uma janela para ver e participar das coisas boas que existem na terra. Então meus amigos vamos começar a ser criativos.

Nessa ação de interação dialógica de Jor, no TECE 2, não encontramos um tom suave na escolha de suas palavras, nem vimos um cuidado maior com a forma de escrever. Há, por exemplo, problemas com a ortografia, nas expressões: *goods things* (*good things*, coisas boas); *engry man* (*angry man*, homem ressentido); *a text with begins, midle and end* (*a text with a beginning, a middle, and an ending*, um texto com começo, meio e fim); *that a fell sick when a see* (*that I fell sick when I see*, neste último caso, o “a”, estaria em lugar de “I”, para dar um efeito de oralidade, assim como em U, em lugar de *you*, você, vocês ou simplesmente um erro de digitação). Essas questões formais da língua, em nível gramatical, do sistema da língua, não impedem de compreendermos a sua mensagem, nem de percebermos sua irritação com o desenrolar da história, “uma história pra fazer bebês dormirem”. Para Jor, seu pensamento a respeito de que um conto de verdade devesse ter começo, meio e fim e que seus colegas devessem começar a ser criativos, deixa transparecer claramente a relação de asserção e objeção dele, com o grupo e com o rumo que sua opção de escrever uma *short story* tomou (no TECE 1).

Olhando objetivamente para essa ação (I) de Jor, numa relação de trabalho que pretendia ser colaborativa, interativa e o mais amigável possível, conforme vimos no tom utilizado no TECE 1, através dos exemplos de enunciados (Es) da prof.<sup>a</sup> Sil, Jan, e de quase todos os envolvidos, parece que a ação de excluir (E) seus TECE-E15-16, num intervalo de três minutos, através do TECE-E17, está coerente com sua posição pessoal assim como a atitude de excluir-se do TECE2, não mais participando da *Short story*. Jor, ele próprio, realizou as ações de asserar-objetar, no texto e fora dele. Foram suas únicas aparições, no TECE 2, interação sua visível somente no (H), por ter sido deletada do texto em edição, no (V), mas que certamente causou efeitos de sentido interessantes. Um deles foi nossa ação procedural (A), logo após a seqüência de Jor, acima. Jan responde à ação (I) de Jor, retomando um parágrafo anteriormente trabalhado por Sil, acrescentando apenas uma pequena mensagem na \* Obs. Vejamos:

**TECE-E18 (H):** 17/12/2000-13:15 *As a person who is lost in this sick world, that could well be compared to a dark forest, searching for a window*

*to see and participate of the goods things on hearth, I decided to turn myself into a more creative and sensible human being. Jan A \* Let's avoid being overcritical. This is a nice place for joint cooperative writing actions. Merry Christmas to all!*

Neste texto, em sublinhas, respondemos (aqui falamos também em nome da prof.<sup>a</sup> Sil), assim: “Vamos evitar sermos críticos demais. Este é um lugar legal para ações escritas em cooperação conjunta. Feliz Natal para todos!” Também uma ação de asserção-objeção, pois não só retomamos parte do próprio texto que Jor contestava, recuperado por Sil, numa ação (A) e por nós repetido, também numa ação (A), mas indo além, ao fazer um pedido, em tom assertivo, lançados a quem interessar possa, mas obviamente para Jor, para evitarem a crítica excessiva ao trabalho em andamento, mas sem antes finalizar com um Feliz Natal para todos!! Nesse contexto de aproximação do Natal, término das aulas do 2º semestre/2001, férias de verão, dentre outras questões não passíveis de registro neste espaço-ambiente, de interação textual, podem ter contribuído para o afastamento de Jor. A tensão resultante da ação de Jor com os participantes do TECE 2 deixou marcas indelévels, mostradas no Histórico. Fechou-se aí uma interação, que reabre novamente na análise de ações dialógico-interacionais, praticadas por Jor, nas relações entre seus enunciados. Houve como que um “dixit” bakhtiniano, graças ao espaço (H), “sem álibi na existência” (BAKHTIN, 1993), mediante o TECE 2-E17, enviado dia 07/12/2000, às 15h11min. Com este E17, fecha-se a primeira parte do TECE 2 *A short story*, logo após o registro em (A), parágrafo de Jan, datado de 17/12/2000, portanto dez dias depois, fechando parcialmente esta experiência no *EquiText*, um conto que jamais faria parte dos contos de *Mother Goose*, ou melhor, da “Carochinha”, no folclore brasileiro. Talvez, se entrássemos na “onda” de Jor, fosse algo do tipo “conversa mole pra boi dormir!”.

- Ações interacionais de oferecer-aceitar

A própria resposta ao parágrafo inicial, criado por esta pesquisadora, já encerra em si uma relação interacional de oferecer-aceitar. Por exemplo, o TECE 2-E1, conforme citado em 3.2.3, acima, inicia com uma ação procedural, afirmativa (I), de Jan, sobre um de seus passatempos preferidos que é caminhar no mato. Sobre este parágrafo, o primeiro da série abaixo, esperávamos principalmente que fosse excluído, conforme a nota inserida nas \* Obs., com sublinha nossa. O que aconteceu, em resposta, foi uma seqüência de retomadas, como as de Da e de Bib, por exemplo. A participante Da repete o parágrafo TECE 2-E2 (H), com uma ação (A), removendo a expressão *One day*, deixando-o terminar em *passtimes*. Manteve as mesmas \* Obs, até porque elas ainda não estavam sendo vistas como possibilidade dialógico-interacional, textual, de importância ao desenrolar do texto, da tarefa de produzir uma *Short story*, um conto. A participante Bib, todavia, foi mais além no parágrafo de Da

(aparentemente). No texto por nós sublinhado, Bib, segue a idéia do passatempo preferido de Jan, de passear na floresta (texto este que poderia ser descartado), situando a história numa noite fria de dezembro, quando caminhava e, de repente, teve que parar. Bib, nesse momento, posiciona-se como narradora e personagem (I = eu). Sua personagem parou porque uma coisa incrível acontecera na sua frente.

**TECE2-E1 (H):** *05/12/2000-14:25 Walking in the woods is one of my favorite passtimes. One day, Jan ( I ) \* Foi só para começar. Por favor, podem exclui-lo. Jan.*

**TECE2-E2 (H):** *06/12/2000-16:33 Walking in the woods is one of my favorite passtimes. Da ( A ) \* Foi só para começar. Por favor, podem exclui-lo. Jan.*

**TECE2-E3 (H):** *06/12/2000-16:48 Walking in the woods is one of my favorite passtimes.In a cold December night I was walking when I got stuck. A amasing thing happenned in front of me. Bib ( A ) ----*

Essas duas contribuições em ações (A), ao TECE2-E1 de Jan, dão andamento à história, motivando outros colegas a vincularem-se a ela, o que acontece 25min depois, com a ação de (I) de Da, com o TECE2-5, parágrafo que dá uma guinada na história, primeiro, dizendo que na verdade o detesta (seria o passatempo preferido de Jan?); segundo, traz uma outra figurante à história, *The old witch ... laughing ...* (A velha bruxa ...rindo ...); em terceiro, deixa um recado nas \* Obs, em português, como confirmando sua idéia contrária ao que vinha vindo e, ao mesmo tempo, nos parece, querendo motivar os colegas a concordarem com sua mudança no rumo da história: **TECE-2-E5 (H):** *06/12/2000-16:58 I mean...Actually I hate it,but I always go where my legs order.So,I just was walking like a lost again when a saw her.The old witch was laughing... Da ( I ) \* É ISSO AÍ!!!*

A aceitação desta sua oferta ao conto pode ser notada no TECE 2-E9 do (H), uma colaboração do tipo (A), identificada por Mic, no dia seguinte, dia 07/12/2000, fazendo uma costura de idéias: desde o caminhar na floresta, de Jan, o não gostar de Da, a localização no tempo e no clima, frio, com um pouco de suspense, na história, com a coisa incrível em frente da narradora, personagem que é revelada por Da, a velha bruxa que ri, mas com uma surpresa para quem clicou e leu a mensagem na \*Obs: “BY BIB & DA.” Mic era, na verdade, os colegas Bib e Da, que já vinham interagindo na história desde o primeiro dia, isto é, 06/12/2000:

**TECE2-E9 (H):** *07/12/2000-14:44 Walking in the woods is one of my favorite passtimes.I mean...Actualy I hate it,but I always go where my legs order.In a cold December night I was walking when I got stuck. An amazing*



*thing happened in front of me. The old witch was laughing. Mic ( A ) \* BY BIB & DA.*

Para auxiliar nas análises deste TECE 2, com ênfase nas ações das relações dialógico-interacionais entre enunciados, encontramos no TECE 1 (H) uma seqüência interessante de ações oferecer-aceitar. As ações em resposta aos enunciados de Fab, TECE 1-E15 e TECE 1-E20, já citados acima, em que a participante Fab se dispõe a colaborar com os colegas de experiência, na correção de seus textos. A seqüência de enunciados TECE 1-E30, 32, 35 e, depois, o TECE 1-E 44, apresentam ações que aceitam a ajuda de Fab, para a correção dos enunciados na produção colaborativa do TECE 1, mesmo que tenhamos combinado, previamente, com a prof.<sup>a</sup> Sil, de que esse não seria o foco da experiência. Os enunciados (TECE 1-Es), abaixo, compreendem uma série de aceitações às ofertas da Fab, de correção de texto, por Ed, Car, Dan. O participante Ed, no E-30, agradece, *humildemente, a disponibilidade de Fab*, a que essa estudante e professora de inglês, a Fab, no TECE 1-E44, responde para Ed, com gentileza, dizendo sentir-se feliz por poder ajudar de alguma forma. E, mais, oferece ajuda para Ed, como que aplicando uma injeção de ânimo, dizendo para Ed continuar...

**TECE1-E30 (H):** 21/11/2000-16:29 *Yes Fab. I would like that you help me correcting my simple work. Thank you very much. Ed ( A ) ----*

**TECE1-E32 (H):** 21/11/2000-16:31 *Fab, I would like to correct my mistakes - Car ( I ) ----*

**TECE1-E35 (H):** 21/11/2000-16:38 *FAB I will like that you correct my text. thanks. KISSES. Dan ( I ) ----*

**TECE1-E44 (H):** 23/11/2000-16:15 *Ed! You're very welcome. I'm glad I can help in some way. Carry on... Fab ( I ) ----*

- Ações interacionais de sugerir-consentir (em lugar de ordenar-executar, proposto por Bakhtin)

**TECE2-E86 (H):** 28/05/2001-11:13 *We suggest that you use the window "observação" for comments, sharing difficulties, doubts and ideas. As you know we are supposed to finish this project by June 16. So, we have to make some decisions: How are we going to edit the final version? What should we keep, get rid of? Insert? Remember that you should start thinking about a conclusion for the story. The story should be understood by any reader. Sil ( I ) \* Please, answer these suggestions sharing your opinions with the group.*

Temos, neste TECE 2-E86, uma ação (I) de Sil, a prof.<sup>a</sup> de inglês do grupo 2, a mais atuante, que nos parece ser um conjunto de enunciados, com ações interacionais, que desencadeiam ações textuais, conforme veremos em 3.3.3, a seguir. A Sil sugere, literalmente,

“que vocês usem a janela ‘observação’ para comentários (apesar do adiantado do TECE 2, e do grupo, em sua maioria, também ter participado do TECE 1) para comentários, compartilhar dificuldades, dúvidas, idéias.” A seguir, seu enunciado passa a apresentar ações de chamar a atenção do grupo para a data de finalização do projeto (essa experiência, o TECE 2) e para a tomada de decisão dos participantes para as questões de: “Como vamos editar a versão final? O que vamos manter e o que vamos descartar? Inserir?” Lembrando, ainda, que o grupo devesse pensar numa conclusão para a história. E, como não podia deixar de ser, a Sil, na posição de professora responsável e pela sua implicação nesse trabalho<sup>142</sup>, alerta para o fato de que o texto deve ser compreendido por qualquer um. Sua intenção é bem pontual no sentido de movimentar a experiência *A short story*, com mais participações, implicando em mais ações procedurais (com mais movimento textual) por parte de todos; e, para isso acontecer, mais interações deveriam resultar entre os componentes do grupo, e, como resultado dessas relações entre os participantes e suas ações no TECE 2, fazer emergir, através das relações textuais, “uma história que pudesse ser entendida por todos”, obviamente, uma produção com uma composição textual, final, o mais clara e coerente possível.

Essas ações, em resposta, em aceitação por parte dos integrantes presentes, ficam marcadas nos espaços de trabalho do *EquiText*, o Visualizar (V) e de armazenamento das colaborações, o Histórico (H). Contudo, há participações postas nos espaços das \* Observações, conforme a própria prof.<sup>a</sup> Sil acima sugere fazer, que dão um outro estilo ao TECE 2. Além da composição no *EquiText*, de um TECE, que não mais obedece a uma linearidade cronológica, apenas, mediante as ações procedurais, interacionais e textuais, marcadas no tempo e no espaço, em duas realidades concretas, em vista das movimentações cronológicas (no plano vertical, sintagmático) e de edição (no plano horizontal, paradigmático), movimentando para cima e para baixo e mudando a ordem dos parágrafos, alterando (A) as ações de inserção (I), também excluindo (E), como vimos com alguns exemplos do TECE 2. Esse outro espaço, a janela \* Obs., que não entra diretamente nessa composição, mas que marca presença se acionado, movimenta o texto e seus enunciados diferentemente. Como se quisesse, numa outra dimensão de *presencialidade*, fazer valer suas intervenções textuais para também contribuir no estilo múltiplo e no gênero da produção final do TECE2. Este que resulta em um gênero discursivo muito próximo de uma narrativa

---

<sup>142</sup> Nesse momento, essa atividade já estava contemplada na proposta de projeto de pesquisa do núcleo de estudos de língua inglesa/estrangeira, da IES 1, sob nossa responsabilidade (pesquisadora da UFGRS/CNPq) e de Sil (professora do Curso de Letras, Licenciatura em Língua Inglesa, na IES 1), conforme o Anexo D.

ficcional, um conto, observa e faz observações que tornam esta experiência textual única, nos remetendo ao plano das ações nas relações textuais e a 3ª experiência.

#### 4.3.3 No Plano das Ações nas Relações Textuais e a 3ª Experiência

O plano das ações textuais e a 3ª experiência, com ênfase no TECE 3 – *About good things...* [textos nas três versões, no Anexo C] visa mostrar algumas das ações que modificam as relações dialógicas textuais no TECE 3 e que nos remetem teoricamente a Bakhtin (2000, p. 348). São elas: - ações de repetir (copiar), idéias (textos, enunciados); - ações de assimilar (transformar) idéias (textos, enunciados); e - ações de criar idéias (textos, enunciados).

Estas três ações escolhidas para serem analisadas no TECE 3 não eliminam a existência de outras possibilidades de manifestação à análise de relações textuais. Estão teoricamente ligadas à questão do problema do texto, de Bakhtin (2000, p. 348): “O dado e o criado no enunciado verbal. [ . . . ] O *dado* se transfigura no *criado*”.

Iniciamos o trabalho com o TECE 3 pelo parágrafo final da Versão Final (VF), em linguagem HTM, ou seja, sem as marcações espaço-temporais dos parágrafos e suas ações procedurais, acrescidas, ou não de \* Obs., como vínhamos trabalhando nas análises acima. Trata-se de um misto de repetição de histórias de antepassados do Sr. Sander (antigo morador da região das três professoras e desta pesquisadora); alguma coisa de assimilação, de transformação de fatos ditos como verídicos e muito mais de criação, de dado novo, de invenção sobre o conhecido. Vejamos como termina o TECE 3, uma história que foi construída a partir do imaginário das três professoras participantes da oficina sobre escrita colaborativa, no *EquiText*:

As professoras Tan, Mar e Nik<sup>143</sup>, em acordo mútuo, em vista de ser o último dia de interações presenciais da oficina de escrita colaborativa, na “IES 2”, que gerou este texto, apresentaram o seguinte final à narrativa de ficção, o TECE 3:

**TECE3-EVF** *Who would believe in that story?! An American doctor came from a far place to treat Mr. Sander with the same powder that Dr. Fritz used many years ago. Is it a coincidence?!...* (Extraído da Versão Final (VF), sem autoria nominada).

O último parágrafo (ou enunciado) da Versão Final (VF), do TECE 3, acima, o TECE3-Eu (VF), não traz nenhuma identificação de autoria, como é o caso de um texto no *EquiText*, na Versão Final, isto é, uma página em HTML, sem as marcações espaço-temporais

<sup>143</sup> Relembrando, o TECE 3 aconteceu, de março a maio de 2006, na “IES 2”. Estas professoras de LILE são da rede pública de Três Coroas, a Mar, da rede privada de Canela, a Tan, e, de um curso livre em Taquara, a Nik.

dos parágrafos, os dados identificadores, além da janela das Obs. Assim, no final, as autoras desse texto abrem o parágrafo com a pergunta “Quem iria acreditar nessa história?” que, em síntese, conta que “[ . . . ] um médico americano veio de um lugar distante para tratar o Sr. Sander com o mesmo pó que o Dr. Fritz tinha usado há muitos anos atrás”. E essas autoras do TECE3 fecham com outra pergunta: “Isto é uma coincidência?”

Coincidência ou não, vamos precisar voltar, ao primeiro texto inscrito no TECE 3, a chave ou o dispositivo responsivo que deflagrou o TECE 3. A seguir, saltamos por sobre alguns parágrafos, para buscarmos aqueles enunciados que trazem informações conhecidas das comunidades de duas das participantes, fatos esses que motivaram a continuação da história por esse caminho. Por último, destacamos episódios novos, de outros parágrafos, ou seja, enunciados que direcionam a história para o final acima, conforme o TECE3-VF. Neste processo, vamos atentar para elementos novos, desconhecidos das participantes, observando, nesse percurso, processos de assimilação de informações, que corroboram numa mistura de elementos dados, assimilados e criados, não necessariamente, nesta ordem, que constitui o TECE 3: uma construção textual, com indícios de um conto, uma narrativa de ficção.

Retomando a sistemática adotada para os TECE 1 e 2, os parágrafos nesta 3ª experiência também são considerados enunciados (E), ou um conjunto deles, ou não; o texto *About good things...* é o TECE 3; os enunciados em análise os (Es) são manifestações textuais na função “Histórico” (H), ou seja, no armazenamento cronológico do processo de construção. E foi assim que abrimos nossa 3ª experiência em análise (textual), com o 1º parágrafo (I) de Jan, distribuído em quatro partes (a, b, c, d), para apresentar, em mais detalhes, o que a professora, nós, desejávamos com esta experiência de escrita colaborativa no *EquiText*, nesse 1º encontro presencial na “IES 2”.

Demonstrando entusiasmo, Jan, em: a) abre o parágrafo com o título do texto “Sobre Coisas Boas na Vida”, deseja a todas muita inspiração, criatividade e alguma transpiração, também. Acrescenta, direcionando sua locução diretamente às participantes, com um comentário sobre o fato de ninguém ser perfeito, que “Eu” preciso do outro/a e vice-versa (como ele/a é) com todas as “minhas” qualidades e incompletudes; b) Jan faz um chamamento amoroso para começarmos esta tarefa ou texto aventureiro, ao tentar compor um texto coletivo de um modo colaborativo, suspende sua fala aqui para, entre parênteses, levar a dúvida sobre essa conceitualização; c) Jan diz que este título é uma mera sugestão. Afirma que as participantes são as autoras e que ela (a Jan) é uma mera observadora, e pede confirmação disso. Em seguida, pede gentilmente que levem suas dúvidas ao ambiente Eduline, onde o grupo terá encontros semanais pelo *chat* e/ou ainda por *e-mail*; d) por fim,

Jan pede que elas aproveitem o mais possível ou desejável, deixando aí sua fala em suspenso. Agradece muito de modo informal, referindo-se a elas como meninas. Na janela para-textual, a \* Obs., Jan procura motivar as participantes a fazerem quaisquer mudanças no título ou em seus propósitos de escrita, nesse ambiente de autoria, o *EquiText*. A seguir, no original:

**TECE3-E1 (H):** 24/03/2006-11:09<sup>144</sup>

*a) About good things in life I wish you all lots of inspiration, creativity and some perspiration as well. Plus, as you know pretty well, nobody is perfect: I need the other (as s/he is) as well as the other needs me (as I am) with all my qualities and incompletenesses.*

*b) So dearest girls let's star this adventurous task or text, trying to compose a collective text in a collaborative way... (whatever does that mean).*

*c) By the way, this title is a mere suggestion. You are the authors and I am just an observer, ok? Please do ask questions in the Eduline environment, during our chat meetings once a week or any other time by its e-mail.*

*d) Please enjoy it as much as you can and desire... :-)Thanks a million for your cooperation, girls.Jan Jan ( I ) \* Please do make any changes you may want to do in the title, in your writing proposals here in this authoring environment.*

Há um pouco de teoria do dialogismo filosófico de Bakhtin (o já dado e já assimilado, também), como na afirmativa de Jan quando da abertura do TECE3: “*I need the other (as s/he is) as well as the other needs me (as I am) with all my qualities and incompletenesses*”, ou seja, “Eu preciso do outro (como ele/a é) assim como o outro precisa de mim (como eu sou) com todas as minhas qualidades e incompletudes”, inspirada no texto “Os gêneros do discurso”, de Bakhtin (2000). No enunciado a seguir: “*By the way, this title is a mere suggestion. You are the authors and I am just an observer, ok? Please do ask questions in the Eduline environment, during our chat meetings once a week or any other time by its e-mail.*” Há tratativas estabelecidas pela ministrante do curso, Jan, como no estabelecimento de papéis: as três prof.<sup>as</sup> são autoras e Jan, observadora, (algo também já experimentado por Jan, nas experiências com o TECE 2 e 3, além do trabalho com a prof.<sup>a</sup> Tan e o TECE “Nas Esporas de Rodrigo”, acima apresentado). Há, contudo, em termos metodológicos, marcas no fazer pedagógico de Jan da experiência desenvolvida um semestre antes, na disciplina AC-AVA, do ESPIE-2005, conforme acima relatado, com a utilização de outras ferramentas e um ambiente virtual de interação e aprendizagem, para movimentar essa experiência TECE 3, por exemplo, quando Jan solicita às participantes: “Por favor, perguntem, mesmo, no ambiente *Eduline*, durante nossos encontros no *chat*, uma vez por semana e em trocas por *e-mails*”, conforme

<sup>144</sup> Este parágrafo, o TECE 3-E1(H), pela sua extensão e composição ficou dividido em quatro partes, **a**, **b**, **c** e **d**, para efeitos de análise.

planejado para esse evento de extensão (Anexo E). E o aspecto novo, que é deixar as participantes livres para mudar o que quisessem, desde o título da tarefa, e de dar-lhes de saída o privilégio de serem autoras de seu próprio inventar em grupo. Não havia modelo dado, nem um resultado fixo esperado, mas vivências nossas de experiências anteriores.

Na seqüência dos TECE 3-E8, E9 e E10, as participantes Tan e Nik fazem um esforço inicial para combinarem sobre o que escrever. Tan sugere alguns temas e, enfaticamente (em maiúsculas) sugere pensarem em escrever sobre viajar no Brasil (E-8). Nik, a seguir, em (E-9), acha maravilhoso, retomando o espírito animado de Tan... e acrescenta que quando viajamos, nós aprendemos... entramos em contato com a outras culturas... algo que ninguém pode roubar de nós, nosso conhecimento e coisas que aprendemos e sentimos quando viajamos. Tan, no dia seguinte, dá um alô, pergunta como vamos e comenta sobre o plano de trabalho que a Jan enviou. Aqui fica posto a proposta de trabalho de Jan a que Tan logo inicia com a clássica expressão dos contos de fadas: “Era uma vez...”, já cria uma personagem à história, a Denise, a localiza em Minas Gerais, na cidade de Ouro Preto, criando uma situação de *suspense*.

Curiosamente, muito semelhante aos processos iniciais do *A short story*, na experiência TECE 2, acima, temos no parágrafo TECE 3-E8, primeiramente, expressões de animação à atividade, como *Let's start the writing* (Vamos começar a escrita?); a apresentação de possibilidades de temas, onde Tan estabelece uma relação com o título do texto (dado) *About good things...*, ao afirmar: *I'm sure that those activities are good things in life...* (tenho certeza que essas atividades são coisas boas na vida...), uma assimilação de Tan, nesta composição textual. E, por fim, Tan diz, bem alto, da sua sugestão de escreverem sobre *VIAJAR NO BRASIL*, o que poderíamos considerar o elemento novo, sua criação, uma contribuição para o desenrolar da atividade.

**TECE3-E8(H):** 28/03/2006-12:58 *Hello! Let's start the writing? What do you think about travelling... or movies... or books... or children...? I like very much all of it. And I'm sure that those activities are good things in life...I'm very curious about the EquiText, but I'm not very creative. Anyway, just as a suggestion, what do you think about TRAVELLING IN BRAZIL? Tan I*  
\*

No TECE 3-E9, a seguir, Nik também em alusão ao título do TECE 3 “*good things in life*” (uma mera formalidade nossa, na abertura do texto, já pontuado acima), o dado, a repetição literal, entre aspas. Sua contribuição à atividade em arrancada inicial, em fase de negociação de tema ou tópico, passa por uma declaração sua sobre a vida e como deveríamos nos portar diante dela: *I love life and I think we should enjoy each moment of it.* (Eu adoro a

vida e penso que deveríamos aproveitar cada momento dela). Uma assimilação de Nik sobre o significado genérico do título e uma criação sua ao expressar seu pensamento. Ela retoma a idéia de viajar, trazida por Tan, no parágrafo anterior, o elemento dado, no enunciado *Travelling, as you said before, is great.* (Viajar, como você disse antes, é ótimo.) faz uma transformação ao trazer uma afirmativa de Tan para o seu enunciado, à sua interlocução, o que na verdade não foi dito...ela assim o compreendeu. E acrescenta o que se pode fazer quando se viaja, o valor que isso representa, o contato com outras culturas, esses e outros elementos que Nik traz neste parágrafo são novos, contribuições novas ao assimilado (das viagens, de Tan) e ao dado (o título, de Jan).

**TECE3-E9(H):** - 28/03/2006-13:44 *Hi Girls, talking about "good things in life", I think life is wonderful...friends, family, leisure and many other things make our lives wonderful. I love life and I think we should enjoy each moment of it. Travelling, as you said before, is great. When we travel we learn and we are in touch with other cultures. And that is something nobody can steal from us, our knowlegde and things we learn and feel when we travel. Nik I ----*

No TECE 3-E10, no Histórico, no dia seguinte, Tan retoma o diálogo, cumprimentando as colegas. Uma comunicação fática, sem nenhuma criação, mas que, neste contexto, cria uma presencialidade simpática à interação, que pouco a pouco vai se constituindo, e que ainda se encontra em estágio de relação muito frágil, em se tratando de atender ao planejamento de Jan. Tan menciona a minha proposta de trabalho e, dialógicamente, vai trazendo o dado e sobre ele vai imprimindo seu estilo elegante, amigável e convidativo... *let's try to write a little story this week... just to try?... Well, let me see...* (...vamos tentar escrever uma pequena história esta semana...só para experimentar?...Bem, deixe me ver...). A seguir, Tan traz a expressão que mais caracteriza um conto de fadas, uma narrativa de ficção das mais antigas, que remonta à tradição oral: *Once upon a time...* Daí em diante, Tan dá asas à imaginação e ... situa sua personagem Denise em uma viagem à Ouro preto, em Minas Gerais, para vivenciar um episódio de suspense (o elemento novo) introduzido pela palavra *suddenly...* (repentinamente)... e vai conduzindo o leitor a um momento de tensão, quando a personagem vira-se e grita...*(Denise looked behind her and shouted...)*. As reticências, marcas de uma ação em suspenso, é um convite às interlocutoras do TECE 3 a embarcarem em sua proposta de conto, que se abre para muitas possibilidades de gênero e tonalidades discursivas, do policial à ficção científica. Assim, Tan, no E-10, a seguir, dialógicamente, retoma a conversa iniciada no dia anterior, saudando as colegas, retoma o

dado por Jan, o planejamento para esta atividade, e inicia sua criação da narrativa, deixando entrever sua postura incentivadora, colaborativa e pontual:

**TECE3-E10(H):** 29/03/2006-10:44 *Hello! How are you? I was reading the plan that Jan sent us. Her idea is write the text 1 this week and begin the text 2 next week. I don't know if Mag and Ang will begin, but... let's try to write a little story this week... just to try?... Well, let me see...Once upon a time... Denise was travelling to(?) historical cities in Minas Gerais with her friend Liane. They were in Ouro Preto when suddenly Denise looked behind her and shouted... Tan I ----*

Como contribuição às análises das ações textuais acima no TECE 3, trazemos uma seqüência de parágrafos do TECE 2-E1-8, deixando à vista os movimentos de construção deste conto *A short story*, envolto em processos muito conhecidos, de narrativas de contos infantis, que envolvem ações de repetição, assimilação e criação, tanto no plano da temática, quanto da linguagem. Contudo, o modo como Da e Bib fazem esta construção textual andar, desde a retomada da idéia inicial de Jan de “caminhar na floresta” (*Walking in the woods*), que ganha local e clima próprios, “numa noite fria de dezembro”, (*In a cold December night*), “de parar subitamente” (*I got stuck*), talvez por causa de um fato “incrível” (*Amazing!*) que aconteceu, de Bib, em E-3, com o surgimento de *uma velha bruxa gargalhante* (*The old witch was laughing...*), de Da, criam um bailado textual interessante: vão e voltam e vão outra vez e voltam, avançando pouco mas com efeito de sentido (novo):

**TECE2-E1 (H):** 05/12/2000-14:25 *Walking in the woods is one of my favorite passtimes. One day, Jan ( I ) \* Foi só para começar. Por favor, podem excluí-lo. Jan.*

**TECE2-E2 (H):** 06/12/2000-16:33 *Walking in the woods is one of my favorite passtimes. Da ( A ) \* Foi só para começar. Por favor, podem excluí-lo. Jan.*

**TECE2-E3 (H):** 06/12/2000-16:48 *Walking in the woods is one of my favorite passtimes.In a cold December night I was walking when I got stuck. A amasing thing happenned in front of me. Bib ( A ) ----*

**TECE2-E4 (H):** 06/12/2000-16:56 *Walking in the woods is one of my favorite passtimes.In a cold December night I was walking when I got stuck. A amazing thing happenned in front of me. Bib A ----*

**TECE-2-E5 (H):** 06/12/2000-16:58 *I mean...Actually I hate it,but I always go where my legs order.So,I just was walking like a lost again when a saw her.The old witch was laughing... Da ( I ) \* É ISSO AÍ!!*

**TECE2-E6 (H):** 06/12/2000-17:03 *Walking in the woods is one of my favorite passtimes.I mean...Actualy I hate it,but I always go where my legs order.In a cold December night I was walking when I got stuck. A amazing thing happenned in front of me. Da A ----*



**TECE2-E7 (H):** 06/12/2000-17:06 *Walking in the woods is one of my favorite passtimes.I mean...Actualy I hate it,but I always go where my legs order.In a cold December night I was walking when I got stuck. A amazing thing happenned in front of me.The old witch was laughing. Da A \* BY BIB e DA.*

**TECE2-E8 (H):** 06/12/2000-17:06 *I mean...Actually I hate it,but I always go where my legs order.So,I just was walking like a lost again when a saw her.The old witch was laughing... Da E \* É ISSO AÍ !!!*

Em síntese, as ações tramadas nas relações do eu com a tecnologia *EquiText*, da ordem do procedural simbólico, das relações com o outro, da ordem da interação dialógica, tendo por base a organização do enunciado, responsivo, ativo, e, das relações com o texto, em processo de criação, a partir do dado e do assimilado, apresentamos, apoiados em uma estrutura teórico-metodológica, dialógica interacional, nosso instrumental de análise construído para verificar movimentos de autoria coletiva nas relações dialógicas, em três planos: das ações procedurais, interacionais e textuais.

Verificamos, em três experiências vividas entre os anos de 2000 e 2001, na IES 1, e, em 2006, na IES 2, através da ferramenta de escrita colaborativa, o *EquiText*, na condição de estudante, pesquisadora e professora envolvida que éramos e somos com a formação de professores em língua inglesa (graduação e extensão), apoiada pelas tecnologias informatizadas, evidências que apontam à autoria coletiva nesta língua estrangeira, em dois espaços-tempo: um tecnológico e outro pedagógico.

As telas capturadas do *EquiText*, dos TECE 1, 2 e 3, os Apêndices de 1 a 7, ilustram, de modo complementar, esses movimentos de autoria coletiva presentes nos enunciados dos TECE 1, 2 e 3, destacados no desenvolvimento das análises realizadas.

O Quadro 4, abaixo, encerra este quarto capítulo, apresentando, mais especificamente, as experiências textuais no *EquiText*, denominadas de TECE 1, 2 e 3, os respectivos grupos de autores, os períodos de realização, os planos de análise e as ênfases das ações analisadas, acompanhadas de notações e acrônimos criados para este estudo.

TECE	PERÍODO DE REALIZAÇÃO	AÇÕES EM ANÁLISE	PARTICIPANTES
<b>TECE1</b> <i>Collaborative writing</i> TECE 1-E1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10... sucessivamente, cf. o n° de parágrafos criados, alterados	novembro a dezembro (primeiros dias) de 2000	<b>Plano procedural*:</b> Ênfase nas ações procedurais, nos parágrafos – Enunciados (E1, 2, 3...): <u>inserir</u> (I), <u>alterar</u> (A),	<b>Grupo 1 IES 1</b> 1 prof. <sup>a</sup> – <u>Sil</u> ; 10 estudantes: Jor, Dan, Ed, Rod, Fab, Da, Bib, Ros, Car, Mic 1 pesq.: Jan

excluídos, no Histórico (H) e no Visualizar (V).		<u>excluir</u> (E) parágrafo ou enunciado – E *Com contribuições dos TECE 2 e 3	
<b>TECE 2</b> <i>Short story</i> TECE 2-E1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10..., cf. o nº de parágrafos criados, alterados excluídos, no Histórico (H) e no Visualizar (V).	dezembro (primeira semana) de 2000; abr. a jun. (primeira semana) de 2001.	<b>Plano interacional*:</b> Ênfase nas ações interacionais, nos parágrafos – Enunciados (E1, 2, 3...): <u>perguntar-responder</u> ; <u>asserar-objetar</u> ; <u>oferecer-aceitar</u> ; <u>sugerir-consentir</u> *Com contribuições dos TECE 1 e 3.	<b>Grupo 2 IES 1</b> Prof. <sup>a</sup> Sil (atuante); Prof. Vic (2 colaborações) ; Prof. <sup>a</sup> Mar (nas Obs)*. 10 participantes ( <b>estudantes de Letras – LILE – graduação</b> ): Soa, Ed, Sha, Fab, Da, Bib, Rod, Car, Mic e Mag. <b>Obs.:</b> Entram Mag, Sha e Soa, no grupo TECE 2; saem Fab, Jor e Ros, participantes do TECE 1. Esta pesq: Jan * Participantes extra-oficiais (só nas Obs.): além de Mar, também Ros (do TECE 1) e Rast.
<b>TECE 3</b> <i>About good things</i> TECE 3-E1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10..., cf. o nº de parágrafos criados, alterados excluídos, no Histórico (H) e no Visualizar (V).	março a maio de 2006	<b>Plano Textual*</b> Ênfase nas ações textuais nos parágrafos – Enunciados (E1,2, 3...): <u>repetir</u> (copiar o dado); <u>assimilar</u> (transformar o dado); <u>criar</u> (trazer idéia nova) *Com contribuições dos TECE 1 e 2	<b>Grupo 3 IES 2</b> A prof <sup>a</sup> de LILE e pesquisadora: Jan 3 participantes ( <b>professoras de LILE-extensão</b> ): Nik, Tan e Mar

QUADRO 4 – Os TECE, períodos de realização, planos de análise e os três grupos.

O Capítulo 5, a seguir, conclui o presente trabalho ao abraçar, nas considerações finais, o que foi aqui analisado em vista da arquitetura teórico-metodológica da interação dialógica. Esta metodologia, atualizada a partir da leitura dos conceitos por nós estudados, sustentou as análises acima, tendo em vista a problemática da proficiência na escrita em língua inglesa como língua estrangeira de professores em formação, graduação e extensão, desta feita apoiada pelo *EquiText*.

## 5 À GUIA DE CONCLUSÃO

*Autor é quem, a cada texto que escreve, ensina-se a escrever o texto que está escrevendo.*  
(GUEDES, 2008) <sup>145</sup>

*Não há uma palavra que seja a primeira e a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento.*  
(BAKHTIN, 2000) <sup>146</sup>

O presente estudo trouxe à luz a problemática da escrita em ambiente informatizado, na perspectiva da formação de professores (graduação e extensão) em língua inglesa como língua estrangeira, a LILE, como instância de produção de autoria. Mais especificamente, na escrita produzida no *EquiText*, uma ferramenta de escrita colaborativa na *Web*, podendo constituir um ambiente virtual de aprendizagem (AVA). Nossas indagações advem da postura autoral que professores de língua inglesa apresentam, no Brasil, em geral, e em nossos sujeitos da pesquisa, em particular, em experiências de produção textual coletivas, nas relações que estabelecem com a tecnologia informatizada utilizada, com o outro e com o texto, propriamente dito, em vista do relativo domínio que têm da língua inglesa, escrita. O problema deste estudo consistiu em verificar como se dá a autoria em textos escritos colaborativa/coletivamente no *EquiText*, o TECE, produzidos por professores de LILE, em formação, graduação e extensão, durante a realização das três experiências, com três grupos, ou seja, TECE 1, 2 e 3, de tema livre, não avaliativa, em duas Instituições de Ensino Superior: na IES 1, com participantes, voluntários, do curso de Letras, dez alunos e um professor, principalmente, nas duas primeiras experiências; na IES 2, com participantes em oficina de escrita colaborativa na *Web*, três professoras de inglês, principalmente, na terceira experiência. Nas três ocasiões, em 2000 e 2001, na IES 1, em 2006, na IES 2, os participantes apresentavam diferenças de proficiência na escrita em LILE. Tivemos por objetivo geral responder à questão de como se dá a autoria no *EquiText*, com professores de LILE, em formação (graduação e extensão), com diferentes proficiências na LILE, durante a construção

<sup>145</sup> Do curso de Paulo Coimbra Guedes: Autoria: para aprender a ensinar-se a escrever. *Encarta*, de mar. a jul. 2008.

<sup>146</sup> Do texto de 1974, *A Propósito da Metodologia das Ciências Humanas*. Último escrito do autor, inspirado nas notas de trabalho de um estudo que era dedicado (em 1940) aos “[...] fundamentos filosóficos das ciências humanas [...]” (BAKHTIN, 2000, p. 414).

de um TECE. Para tal, os objetivos específicos visaram analisar, através dos enunciados produzidos pelos sujeitos da pesquisa, nos TECE, nas três experiências selecionadas para esta pesquisa: ações que apontassem às relações que os participantes da pesquisa estabeleceram com o *EquiText*, condição primeira para haver autoria nesta ferramenta; ações indicativas das relações interacionais dos participantes entre si, durante a realização da tarefa, outra condição indispensável à posição de autor; e, por último, ações de construção textual, independentemente da fidelidade gramatical à Língua Inglesa, nas relações dos participantes com o texto em desenvolvimento, outra condição necessária para a produção de autoria na LILE, no *EquiText*.

O plano desta tese iniciou-se com a Apresentação, situando este estudo nos contextos da linha de pesquisa “Interfaces Digitais em Educação, Arte, Linguagem e Cognição”, do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, PPGIE, e do ensino de línguas da perspectiva da formação de professores, nas questões da autoria coletiva em ambiente virtual de aprendizagem, sob o aporte metodológico dialógico-interacional, desenvolvidas pelo grupo de estudos do Laboratório de Estudos em Linguagem, Interação e Cognição, LELIC, no contexto acadêmico de inserção desta autora. Contemplou ainda nosso contexto de atuação profissional, na área da formação de professores de língua inglesa, nível superior, e do ensino, na instância escolar, mencionando a problemática deste estudo, isto é, a autoria escrita em LILE apoiada pelo *EquiText*, e os pressupostos teóricos compostos pelo conceitos de *enunciado*, *relações dialógicas* e *texto*, acoplados à concepção da *presencialidade*, em vista dos espaços virtuais de aprendizagem. A seguir, vem o Capítulo 2, acerca da língua inglesa, escrita e apoiada pelas tecnologias, especificamente com o *EquiText*, evidenciando o problema, os objetivos geral e específicos, limitações e possibilidades de contribuição. A seguir, temos o Capítulo 3, com a apresentação do autor, da teoria de referência e dos conceitos básicos utilizados nesta tese. O Capítulo 4 trouxe a metodologia da pesquisa, da produção de dados e da análise. Por último, o Capítulo 5 traz as considerações finais, à guisa de conclusão. Para encerrar, vêm as Referências Bibliográficas e os Anexos, de A a F.

As análises dos textos, TECE 1, 2 e 3, foram conduzidas com o auxílio das ferramentas teóricas criadas com base na arquitetura teórico-metodológica, organizada para este estudo, tendo como conceitos-chave, o *enunciado*, as *relações dialógicas* e o *texto*, segundo Bakhtin (2000). Estes conceitos foram atualizados, para o presente estudo, pela noção de *presencialidade*, construída por Axt (2006), em vista do contexto de produção dos eventos textuais terem acontecido nos espaços virtuais do *EquiText*. Tendo esses conceitos como pressupostos, procedemos, inicialmente, a uma análise mais ampla dos principais

movimentos de construção textual nos TECE, o que nos possibilitou percebê-los em três grandes planos, envolvendo os enunciados dos participantes em relação de diálogo com a tecnologia, com o outro e com o texto. Num segundo momento, e em vista desses três planos, percebemos suas manifestações através de especificidades das ações que moviam o cenário da pesquisa, ou seja, desde a chegada dos participantes ao computador, o acesso ao *EquiText*, a escolha para a composição dos parágrafos, até o produto final, o TECE, e as implicações dessa experiência para o desenvolvimento da escrita em LILE, na formação de professores. Organizamos as ações em vista das relações dialógicas de manifestação procedural, que, por sua vez, podiam ser da ordem do funcionamento e acessibilidade do sistema; do manejo operacional do computador e este na *Web*; e as ações simbólicas. As ações nas relações dialógicas de manifestação procedural-simbólica (de: Inserir (I), Alterar (A), Excluir (E), possibilitadas pelo menu de escolhas do *EquiText*) foram o foco das análises do TECE 1, o texto *Collaborative writing*, principalmente (as outras categorias de análise procedural, mencionadas, não foram estudadas, neste trabalho); as ações nas relações dialógicas de manifestação interacional (como: perguntar-responder; oferecer-aceitar; assertar-objeter, consentir-sugerir) foram analisadas, com mais ênfase no TECE 2, o texto *A short story*; e, as ações nas relações dialógicas de manifestação textual (repetir, assimilar, criar), foram estudadas no TECE 3, o texto *About good things*, preferencialmente.

Neste estudo da autoria coletiva nos TECE, com professores em formação, em LILE, em nenhuma instância pretendeu ser exaustivo<sup>147</sup>. Desenvolvido no andar teórico-

---

<sup>147</sup> Segundo o parecer descritivo da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carime R. Elias, apresentado por ocasião da defesa desta tese, em 04 de ago., 2008, a questão da autoria, constante do título deste trabalho, “[ . . . ] só aparece na conclusão do trabalho. Momento em que funciona, muito bem, como um nó que amarra, que configura o trabalho como um todo.” (ELIAS, 2008, s/p) Todavia, diz a Prof.<sup>a</sup>, “[ . . . ] não é discutido, deixando ao leitor a impressão de que, para ser autor, é necessário saber usar a ferramenta, saber participar em grupo, se dispor a escrever um texto em conjunto.” (ELIAS, 2008, s/p) Respondemos a esta arguição afirmando que a discussão do conceito de autoria coletiva em língua inglesa como língua estrangeira, LILE, foi sendo construída ao longo das análises das relações das ações vividas pelos participantes e esta pesquisadora, além da Prof.<sup>a</sup> Sil., principalmente, mas não exclusivamente, nos TECE 1, 2 e 3, apoiadas no construto teórico-metodológico construído para este estudo. A conceitualização acerca da autoria coletiva em ambiente informatizado na perspectiva da formação de professores de língua inglesa, na nossa ótica, possibilitou ao leitor a posição de co-autor, co-criador, ao longo do processo desenvolvido neste estudo. “Autoria coletiva” é este próprio estudo: é processo dialógico-interacional (a própria escrita desta tese) e é produto (o todo deste estudo, assim como o provisoriamente fechamos, à guisa de conclusão); é a relação entre estes dois momentos, estado esse que permeia todo o estudo, desde as experiências selecionadas, os recortes teóricos, a metodologia empregada nas análises propostas às experiências denominadas de TECE 1, 2 e 3, realizadas em três tempos diferentes (2000, 2001 e 2006) e em duas IES, a 1 e a 2, tendo em vista as relações das ações procedurais, interacionais e textuais, construídas pelos participantes (professores de inglês em formação na graduação, e/ou em serviço, na formação continuada), ao longo de suas produções coletivas, no *EquiText*. Nesse particular, “autoria coletiva” é o próprio “enunciado” em relação de comunicação com outro enunciado, conforme suas especificidades conceituais que abordamos (limitadamente) no Capítulo 2. “Autoria coletiva”, continente e conteúdo, é processo e produto dialógico, que se produz na comunicação verbal escrita, neste caso, a cada resposta, a cada sentido produzido na interação com o texto do outro, em língua inglesa como língua

metodológico, dialógico-interacional, em vista dos três planos de análise, com os TECE 1, 2 e 3, sustentados pelos pressupostos teórico-metodológicos do *enunciado, relações dialógicas, texto e presencialidade*, e suas peculiaridades composicionais, temos a considerar que:

No plano **das ações nas relações dialógico-procedurais, de manifestação simbólica**, podemos pensar em manifestações de autoria e coletiva, quando, no TECE 1, *Collaborative writing* (textos no Anexo A), a proposta de trabalho de escrever um texto no *EquiText*, em grupo, o mais respeitosa, entusiástica e colaborativamente possível, foi bem aceita pelo grupo da IES 1, pela maioria deles. À medida que iam experimentando as funcionalidades da ferramenta para construir parágrafos, escolhendo entre as ações de Inserir (I), Alterar (A), Excluir (E), as respostas ao nosso parágrafo-desafio inicial, *pari pasu* às orientações de uso e metodológicas da Prof.<sup>a</sup> Sil e nossa (negociadas antes e durante a realização desta experiência), iam ficando visíveis a todos, na função Visualizar (V). Nesse espaço, em razão das análises neste plano serem de natureza procedural-simbólica, toda a produção autoral acontecia ali, sendo sua apresentação textual atualizada a cada nova ação de (I), com idéias novas; com ação de (A), com repetições e alterações de parágrafos; ou com ações de (E), na exclusão de parágrafos em vista ou da inadequação ao texto em andamento, ou por ser um teste. Essas ações se constituíram, elas próprias, por processos dialógicos, podemos afirmar, em vista da teoria e das análises no Capítulo III, na medida em que as operações I, A, E, foram sistematicamente tensionadas, negociadas: assim, uma ação procedural de inserir gerava efeitos também procedurais que se atualizavam continuamente em outras (novas) ações de confronto, ou de exclusão, ou de alteração, mas também em ações de correspondência com novas inserções, num movimento contínuo de responsividade ativa (dialógica), neste plano procedural, garantindo a possibilidade de interação entre os participantes em outro plano. Houve, assim, movimentos de autoria coletiva, uma vez que todos os participantes, com maior ou menor participação, com diferentes domínios na LILE (isso ficou explicitado em suas manifestações nos parágrafos e nas \* Obs.), puderam, ao final, escolher que ações contribuiriam, em nível procedural, para um processo dialógico que levasse adiante a definição do tema *A short story*, a ser produzido, a seguir, no TECE 2.

---

estrangeira, conforme a aprendemos e a ensinamos a usar no Brasil, em situação escolar, principalmente. Frisamos a necessidade de retomar mais esta questão, em estudo posterior, juntamente com a ampliação das análises textuais. Esta questão da “autoria coletiva” que requer uma definição mais enfática sobre a sua conceitualização e do que seja esse sujeito-autor de seu texto. Essas questões e uma discussão ampliada do que seja esse novo gênero textual produzido nas experiências vivenciadas nos TECEs 1, 2 e 3, serão motivo de produção de artigos científicos, em co-autoria com as professoras orientadora e co-orientadora, respectivamente, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Margarete Axt e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Liane Tarouco. Estas sugestões também foram apresentadas pelas demais Professoras da banca examinadora desta tese, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Mutti e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Christina Biazus.

No **plano das ações nas relações dialógico-interacionais**, também aqui podemos apostar em manifestações de autoria coletiva, em vista dos intensos movimentos no conto *A short story* (textos no Anexo B), com quase 150 parágrafos, produzidos em menos de quatro meses. Por entre ações interacionais de *perguntas e respostas, asserções e objeções, oferecimentos e aceitações, sugestões e consentimentos*, os participantes do TECE 2, construíram uma narrativa de ficção, conforme os cânones de uma elaboração ficcional com começo, meio e fim, envolvendo, inclusive, outros participantes que não estavam oficialmente no grupo inicial (e que só pudemos capturá-los em suas pequenas mensagens nas \* Obs.). Desta feita, as interações que pudemos observar apenas parcialmente, dão conta de uma autoria rica na diversidade discursiva, proficiência na LILE e espírito colaborativo. O grupo trabalhou tanto individualmente quanto em duplas, motivados pelo otimismo e determinação da prof.<sup>a</sup> Sil, dedicada em apontar ao grupo as diferentes possibilidades de se trabalhar no *EquiText*, chamando a atenção, no próprio processo de conversação, para regras em jogo, observância das datas de finalização do conto, também pequenos erros linguísticos, idéias e possibilidades de continuidade do conto, etc. Enfim, observamos que principalmente na experiência com o TECE 2, vista desse plano de análise, apresentaram-se momentos autorais individuais, os quais, possibilitados por uma atividade livre do controle de avaliação, de criação aberta ao novo, ao alternativo, negociada e conduzida com flexibilidade, fizeram avançar uma produção cujo efeito foi de autoria coletiva, enquanto mediada por relações que foram acontecendo no próprio andar do texto, nas produções de sentidos, observadas em atitudes, valores, escolhas de estilo, negociações de alternativas de continuidade, expressas durante a composição do conto, no discurso em LILE, no espaço privilegiado das \* Obs.

No plano **das ações nas relações dialógico-textuais**, observamos episódios de autoria coletiva em todo o desenrolar do trabalho textual das três professoras, em especial no TECE 3. Consideramos os elementos de composição textual que as participantes traziam, dos fatos conhecidos, do dado, os quais, deslizando para o assimilado, acabavam por transformar o real dos fatos históricos com elementos inventados, do seu imaginário, chegando, pois, à criação totalmente nova, ao dado novo na história, ao criado. As professoras, autoras do *About good things* (textos no Anexo C), um título pretexto nosso para desencadear a experiência, em algum momento, pretenderam criar uma narrativa tipo relato, de caráter eminentemente descritivo. Todavia, no desenrolar das interações, das escolhas e das movimentações textuais, entre o fato real e o fictício, inventado, rumos se bifurcaram, até que, no final da história, no último dia da atividade, as três principais narradoras, fizeram escolhas sobre onde juntar e colocar as personagens, chegando a um final inesperado, nos moldes do conto, uma

transformação qualitativa do gênero textual, que, a nós parece, um importante efeito de criação, pela condição de autoria coletiva instaurada através da metodologia de interação dialógica. É absolutamente relevante, na nossa ótica da formação de professores LILE, que se possa investir, ao mesmo tempo, na fluência na escrita, e nos processos conversacionais em língua estrangeira, articulando-os a processos de criação que potencializem o uso da língua estrangeira, assim ultrapassando os limites estreitos dos processos de comunicação padrão, de frases feitas. Considera-se, com este estudo, que tais resultados, ou efeitos na produção em LILE, dos participantes (professores em formação), foi possível pela constituição de um autêntico espaço-tempo de produção de autoria coletiva, a partir da conjunção feliz de, pelo menos, duas condições: *um espaço-tempo tecnológico* de escrita colaborativa (o *EquiText*); *um espaço-tempo pedagógico* constituído pelos princípios da interação dialógica, simultaneamente atualizável, nos três planos das manifestações procedurais, das interações entre os participantes, e das relações com o próprio texto colaborativo em construção.

Sobre **as suas limitações**, em primeiro lugar, atentamos para o fato de que as áreas de estudos da lingüística aplicada e do ensino de inglês como segunda língua/língua estrangeira, que se preocupam com a análise do erro, do tratamento da forma e do uso funcional da língua, não vão encontrar guarida neste estudo. Reconhecemos, contudo, que estas e outras áreas da Lingüística, Lingüística Aplicada, dentre elas a Aquisição da Linguagem, Ensino de Línguas Estrangeiras, Psico e Sociolingüística, Lingüística Textual, com seus métodos e objetos de análise próprios, contribuem, ou subjazem, dialogicamente, na composição teórico-metodológica deste estudo, de caráter qualitativo, em vista da nossa formação ser fundada em suas teorias e práticas delas resultantes. Embora não tenha sido nossa intenção estabelecer vínculos com os campos de estudos científicos da linguagem acima mencionados, e outros, esses são, direta e indiretamente, evocados no decorrer deste trabalho, pois fazem parte dos estudos que visam a língua e a formação integral do professor de língua inglesa. Contudo, e acima de tudo, considera-se a importância de promover práticas de ensino mais amorosas e positivas, que respeitem os processos do aprender no viver, em múltiplos contextos culturais, educacionais, com as tecnologias disponíveis, sociais, intelectuais, digitais..., em presença ou a distância, mesmo na língua inglesa com lacunas de proficiência, mas que possibilitem a criação, a autoria dialógica com o outro, a autoria coletiva.

Acreditamos nas possibilidades de continuidade deste estudo em suas várias dimensões teórica, metodológica e especialmente na retomada de aspectos conceituais e teórico-metodológicos construídos para a análise, de modo mais aprofundado, contando também com a contribuição de análises de cunho quantitativo, como pistas para análises



qualitativas. Há, ainda, perspectivas de projeção futura para este estudo, no tocante a outras ferramentas com proposta de trabalho calcada na autoria coletiva, ou ainda em cruzamentos de experiências advindas de outras ferramentas e/ou ambientes virtuais, com outros públicos-alvo, podendo também incluir outras conceitualizações.

Estudos como este, marcados por uma teoria dialógica, com base na filosofia da linguagem de Bakhtin, mais especificamente no enunciado, nas relações dialógicas e nas ações que se modificam no andar da comunicação verbal apoiada pelas TIC, que se constitui em meio a uma metodologia dialógica-interacional, representa um diferencial nos estudos qualitativos desenvolvidos pelos pesquisadores do Laboratório de Linguagem, Interação e Cognição, LELIC, vinculado aos Pós Graduação de Educação e Informática na Educação, da UFRGS. A ênfase na análise de textos produzidos em ambientes informatizados, na perspectiva da formação de professores, em nível de graduação, extensão (formação continuada), pós-graduação, *lato sensu* e *stricto sensu*, pode, neste estudo, ganhar em funcionalidade quando da utilização da *Web2* e as possibilidades que esse novo espaço virtual e informatizado oferece aos professores em e da formação que se aventuram a navegar em novos e mais potentes espaços de atuação para o trabalho com o ensino, a extensão e a pesquisa, especialmente na construção da habilidade lingüística da escrita em LILE e esta integrada à leitura. E essa integração, através da língua estrangeira, vem somar esforços em prol da inclusão digital, na perspectiva da formação de professores, com o diferencial de estar promovendo movimentos de autoria coletiva em ambiente informatizado na *Web*.

O desenvolvimento da escrita em LILE, com ênfase na autoria coletiva em um dado ambiente informatizado, da perspectiva da formação de professores, é, pois, potencializada quando integrada à prática da leitura e compreensão de textos em língua inglesa como língua estrangeira, uma vez que mais ações coletivas de construção de conhecimento podem emergir nesses processos. Esses professores que praticam ações de autoria coletiva em LILE, entre si e com seus alunos, estão abrindo novas frentes de construção de conhecimentos, mais humanas, positivas e colaborativas. Estão fazendo parte de um grupo de profissionais que se preocupa com outros modos de pensar a gestão do conhecimento para um mundo sem fronteiras, mas não por isso menos responsável pelas ações locais que pratica. Este novo espaço autoral constituído em ambientes informatizados, como o *EquiText*, ao mesmo tempo que visibiliza a ação individual inspira e expõe o participante ao grupo, um coletivo que constitui uma comunidade real e/ou virtual, mais ou menos permanente, mais ou menos atuante. Esse processo, que começa em nível local, grupal, real e/ou virtual, pode ampliar-se para outros espaços, como o espaço nacional, podendo chegar a interagir em nível internacional, uma vez

que as fronteiras do diálogo e da interação - via língua inglesa, neste caso – podem romper diferentes barreiras territoriais. E, sendo a língua inglesa um território cada vez maior e com fronteiras flexíveis e adaptáveis, também sujeito às influências de outros povos que a utilizam para mover a comunicação no mundo, em qualquer uma de suas manifestações (seja mundial, internacional, americana, inglesa, etc.), fica o uso desta língua ainda mais potencializado quando do apoio das TIC. A formação nesta instância educacional é, pois, co-responsável na construção de pedagogias de ensino colaborativas, que, preferencialmente, privilegiem o acerto e não o erro, respeitando a ecologia das identidades locais para, sobretudo, promover a paz entre os modos diferentes de se vivenciar realidades expressas coletivamente em texto.

Este trabalho desbravou mais uma trilha na questão da autoria coletiva em língua inglesa como língua estrangeira. Novas investidas interdisciplinares, seja com pesquisa qualitativa, quantitativa ou na pesquisa com métodos mistos, são necessárias. Estudos nas áreas das ciências da linguagem, incluindo o ensino de línguas estrangeiras e a informática na educação<sup>148</sup>, precisam manter acesa a dinâmica da discussão que profissionais comprometidos com currículos, cursos, disciplinas da graduação, extensão e pós-graduação realizam na perspectiva da formação de professores de língua estrangeira.

---

<sup>148</sup> Além das considerações de cunho formal e teórico-metodológicas apontadas pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carime Elias, em parecer avaliativo deste estudo, consideradas ao longo deste trabalho, destacamos também a importância das questões trazidas pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Mutti, do PPGEDU/UFRGS, outra integrante da banca, que serão consideradas com mais profundidade em produção científica, em co-autoria com as orientadoras deste trabalho, oportunamente. Ressaltamos as questões mencionadas pela Prof.<sup>a</sup> Regina Mutti e que se referem: 1. às singularidades deste novo gênero telemático, que ressalta neste estudo, caracterizado pela ênfase na interação e participação no grupo de escrita coletiva, no tocante a modos de coesão, coerência e intertextualidade, marcados nesse texto heterogêneo, considerando-se “... o funcionamento da figura do narrador em primeira pessoa na narrativa produzida...”; 2) ao conceito de autoria, demarcando melhor a concepção empregada, em especial a passagem entre o individual e o coletivo e a definição de autor, sujeito, e esses interligados às análises realizadas; 3) aos efeitos de sentido específicos à posição em que se encontram os participantes e que emergem da prática proposta, como: a) o saber do usuário da língua estrangeira; b) o saber sobre essa língua (metalinguagem); e, c) ao saber sobre ensinar/aprender a língua estrangeira de acordo com a pedagogia interativa de ensino de inglês posta em prática, ao mencionar o fato de que “De usuário se passa ao desenvolvimento de uma metodologia da escrita de inglês.”, esta Professora apresenta o enfoque da tese, que “...acentua a prática da língua no grupo, o que é favorecido pelas características da ferramenta (*EquiText*); esta por si só também já manifesta a sua posição sobre a escrita, à medida que enseja a produção coletiva, valoriza o uso da língua, visibiliza o processo detalhadamente.”; e, 4) a “Como dar ênfase, na análise das formulações do corpus, ao modo como apareceu o saber sobre como aprender/ensinar o inglês, língua estrangeira?” Essas e outras questões apontadas pela banca, parcialmente comentadas na sessão de defesa desta tese, dia 04 de agosto de 2008, servirão de reflexão e retomada deste estudo em futuras publicações.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, C.M.; RIZZI, C.B.; SEIXAS, L.J. Software EquiText: uma ferramenta para escrita colaborativa na Web. In: TALLER INTERNACIONAL DE SOFTWARE EDUCATIVO, 8., 2003, Santiago. *Anais...* Santiago, Chile: Universidade de Chile, 2003. Disponível em: [http://www.tise.cl/archivos/tise2003/software\\_equitext.pdf](http://www.tise.cl/archivos/tise2003/software_equitext.pdf). Acesso em 15 mar. 2008.

ALONSO, C.M. *et al.* Collaborative Writing via Web – EquiText. 7mo. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE INFORMATICA EN EDUCACION, 2000, Habana. *Anais...* Habana, Cuba: [s.n.], 2000b. Disponível em: <http://www.pgie.ufrgs.br/webfolioead/biblioteca/artigo3.html>. Acesso em: 10 abr. 2008.

ALONSO, C.M. *et al.* EquiText: a helping tool in the elaboration of collaborative texts. In: INTERNATIONAL CONFERENCE SOCIETY FOR INFORMATION TECHNOLOGY & TEACHER EDUCATION, 11, 2000a, San Diego, CA. *Proceedings of SITE 2000*. San Diego: SITE, 2000. P. 2314-2319.

ASSIS-PETERSON, A.A.; PAPA, S.B.I. Atos de Fala: investigando o uso da língua materna e da língua estrangeira em duas turmas de inglês da 8ª série. *Intercâmbio*, São Paulo, v. 8, 1999. P. 327-340.

AXT, M. Comunidades Virtuais de Aprendizagem. *Informática na Educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 111-116, jan./jun. 2004.

AXT, M. *Comunidades Virtuais de Aprendizagem e Interação Dialógica: do corpo, do rosto e do olhar*. São Leopoldo: [s.n.], 2006. Palestra proferida no IX Colóquio de Filosofia, Unisinos, 18 ago. 2006. Tema do evento: O olhar e o rosto.

AXT, M. A Escola Frente às Tecnologias: pensando a concepção ético-política. In: SCHOLZE, L.; MORAES, S.C. (Org.). *Caderno Temático: multimeios e informática educativa*. Porto Alegre: SMED/POA, 2002. P. 35-38.

AXT, M. Linguagem e Telemática: tecnologias para inventar-construir conhecimento. In: PELLANDA, N.; PELLANDA, E.C. (Org.). *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000a. P. 68-89.

AXT, M. Linguagem e Telemática: tecnologias para inventar-construir conhecimento. *Revista Educação Subjetividade & Poder*, Ijuí, v. 5, n. 5, p. 20-30, 1998.

AXT, M. Problematizando a Re-ligação Criadora de Mundos Paralelos, Pela Função Simbólica-Semiótica-Imagética. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO – REGIÃO SUL, 3, 2000, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS, 2000c. 1 CD-ROM.

AXT, M. Tecnologia na Educação, Tecnologia Para a Educação: um texto em construção. *Revista Informática na Educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 51-61, 2000b.

AXT, M.; COSTA, J.S. Oral traces in written L1 and FL interactions. In: SOCIETY FOR INFORMATION TECHNOLOGY AND TEACHER EDUCATION INTERNATIONAL CONFERENCE, 2003, Chesapeake, VA. *Proceedings of...* Chesapeake, VA: AACE, 2003. P. 2482-2487. Disponível em:

[http://www.edilib.org/index.cfm?fuseaction=Reader.ViewAbstract&paper\\_id=18478](http://www.edilib.org/index.cfm?fuseaction=Reader.ViewAbstract&paper_id=18478). Acesso em: 14 abr. 2008.

AXT, M.; ELIAS, C.R. Autoria Coletiva, Ambientes Virtuais e Formação: de quando a aprendizagem reverbera o acontecimento. In: MARASCHIN, C. *et al.* (Org.). *Psicologia e educação: multiversos, sentidos, olhares e experiências*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. P. 259-277.

AXT, M.; MARASCHIN, C. Prática Pedagógica Pensada na Indissociabilidade Conhecimento-Subjetividade. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 1, 1997. P. 57-80.

AXT, M.; MARTINS, A.R. da. EccoLogos: autoria coletiva de documentos. *Informática na educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 39-49, 2004.

AXT, M.; MARTINS, M. *Coexistir na Diferença*: de quando a formação em serviço pensa modos de habitar a sala de aula. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007. No prelo.

AXT, M. *et al.* Era uma vez... : uma narrativa em co-autoria no espaço virtual – co-autoria em narrativas coletivas interseccionadas por tecnologias digitais. In: Simpósio de Informática em Educação, 11., 2001, Vitória. *Anais...* Vitória: [s.n.], 2002. P.136-144.

AXT, M. *et al.* Interação Dialógica: uma proposta teórico-metodológica em ambientes virtuais de aprendizagem. *Renote*, Porto Alegre v. 4, n. 1, jul. 2006. Disponível em: <[http://www.cinted.ufrgs.br/renote/jul2006/artigosrenote/a32\\_21197.pdf](http://www.cinted.ufrgs.br/renote/jul2006/artigosrenote/a32_21197.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2008.

AXT, M. *et al.* Rede de Desassossegos: problematizações acerca de uma experiência pedagógica no ensino superior na intersecção com ambientes virtuais. *Contrapontos*, Governador Valadares, v. 3, n. 2, p. 243-254, maio/ago. 2003.

BACHMAN, L.F.; PALMER, A.S. *Language testing in practice*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

BAKHTIN, M.M. Arte e Responsabilidade. In: BAKHTIN, M.M. *Estética da Criação Verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. P. 32-34.

BAKHTIN, M.M. *The Dialogic Imagination: four essays*. 15. ed. Editado por Michael Holquist. Austin, TX: University of Texas Press, 2004a.

BAKHTIN, M.M. *Estética da Criação Verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M.M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, Annablume, 2002.

BAKHTIN, M.M. O Problema do Texto. In: BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. P. 327-358.

BAKHTIN, M.M. *Rabelais and His World*. London: The M.I.T. Press, 1968.

BAKHTIN, M.M. *Speech Genres & Other Late Essays*. 9. ed. por Caryl Emerson e Michael Holquist. Austin, TX: University of Texas Press, 2004b.

BAKHTIN, M.M. *Toward A Philosophy Of The Act*. Editado e traduzido por M. Holquist e V.M. Liapunov. Austin, TX: University of Texas Press, 1993.

BAKHTIN, M.M.; MEDVEDEV, P.N. *The Formal Method in Literary Scholarship*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1991.

BAKHTIN, M.M.; MEDVEDEV, P.N.; VOLOSHINOV, V.N. *The Bakhtin Reader: Selected Writings of Bakhtin, Medvedev, Voloshinov*. New York: Oxford University Press, 1994.

BENEVIDES, A. S. Memorial de leituras: conhecendo o/a estudante de Letras e suas leituras. In: XXI Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste - GELNE, 2006, João Pessoa. XXI Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste - GELNE, 2006.

BENSON, P. Autonomy in language teaching and learning. *State of the Art Article. Language Teaching*, 40(1), 2007.

BENSON, P. The multiple meanings of autonomy: Responsibility, ability and right. In: DICKINSON, L. (Ed.), *Autonomy 2000: The development of learning independence in language learning*. Conference Proceedings. Bangkok: King Mongkut's Institute of Technology Thonburi, 1997/2000.

BENSON, P. The philosophy and politics of learner autonomy. In: BENSON, P.; VOLLER, P. (Eds.), *Autonomy and independence in language learning*. London: Longman, 1997. P. 18-34.

BOLTON, K. World Englishes. In: DAVIES, A; ELDER, C. (eds.) *The Handbook of Applied Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2004.

BORN, J. Plurilingüismo e bilingüismo na Europa e na América do Sul: a União Européia é um modelo para o MERCOSUL? In: ZILLES, A.M.S. (Org.). *Estudos de Variação Lingüística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005. P. 117-141.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). *BAKHTIN: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. P. 9-31.

BRAIT, B. (Org.). *BAKHTIN: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23. dez. 1996. Seção I.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de Educação a Distância. *Orientações Curriculares Para as Línguas Estrangeiras*. Brasília, DF, 2006. Cap. 3: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

BRIGHT, J.A; MCGREGOR, G.P. *Teaching English as a Second Language*. London: Longman, 1970.

BROWN, D. Forty years of language teaching. *Language Teaching*, Cambridge, n. 40, p. 1-15, 2007. Disponível em: [journals.cambridge.org/production/action/cjoGetFulltext?fulltextid=642464](http://journals.cambridge.org/production/action/cjoGetFulltext?fulltextid=642464). Acesso em: 05 maio 2008.

BRYSON, B. *Mother Tongue*. London: Penguin Books, 1990.

BUBER, M. *Eu e Tu*. 8. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

CAMPOS, Á., pseud. Ode Marítima. *Orpheu*, Lisboa, n. 2, abr./jun. 1915. A. Campos é pseudônimo de Fernando Pessoa.

CANALE, M. From communicative competence to communicative language pedagogy. In: RICHARDS, J.; SCHMIDT, R. (Ed.). *Language and communication*. London: Longman, 1983.

CANALE, M.; SWAIN, M. Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing. *Applied Linguistics*, Cambridge, n. 1, p. 1-47, 1980.

CELANI, M. A.A.; MAGALHÃES, M.C. Representações de Professores de Inglês Como Língua Estrangeira Sobre suas Identidades Profissionais: uma proposta de reconstrução. In: MOITA LOPES, L.P.; BASTROS, L.C. (Org.). *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. P. 319-337.

CHAPELLE, C.A. *Computer applications in Second Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CHOMSKY, N. A. *Syntactic Structures*. New York: Mouton, 1957.

CLARK, H.H. *Using Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. Arquitetônica da Responsabilidade. In: CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998b. P. 89-116.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998a.

COSTA, J.S. Using Language: resenha. *DELTA*, São Paulo, v. 17, n. 2, 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502001000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000200009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 29 mar. 2008.

COSTA, J.S.; AXT, M.; ELIAS, C. R. Oral traces in written L1 and L2 interactions: Affective gifts of oral in written language production in learning virtual environment-tools. In: X Simpósio Internacional de Comunicación Social, 2007, Santiago de Cuba. *Actas II do X Simpósio Internacional de Comunicación Social*. Santiago de Cuba: Centro de Lingüística Aplicada, 2007. P. 735-738.

COSTA, J.S.; AXT, M.; TAROUCO, L.; MEHLECKE, Q.T.C. Oral traces in written L1 and L2 interactions: affective gifts of informal language styles in virtual learning communities. *Renote*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, nov. 2005. Disponível em: [http://www.cinted.ufrgs.br/renote/nov2005/artigosrenote/a73\\_oral\\_traces.pdf](http://www.cinted.ufrgs.br/renote/nov2005/artigosrenote/a73_oral_traces.pdf). Acesso em: 04 jul. 2006.

COSTA, J.S.; AXT, M.; TAROUCO, L.; REICHERT, C.L. Oral traces in written L1 and L2 interactions: Affective gifts of informal language styles in virtual learning communities. *E-Learn 2004*, World Conference on E-Learning in Corporate, Government, Healthcare & Higher Education. Washington, DC, USA, November 1-5, 2004.

COSTA, J.S.; MEHLECKE, Q.; REICHERT, C.L. Movimentos da Oralidade nas Interações Escritas em um Ambiente Virtual de Aprendizagem: novos efeitos de sentido e autoria. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EAD, 12., 2005, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: ABED, 2005.

COSTA, J.S. *et al.* An IT Collaborative Project: Improving Writing Skills of Brazilian Future EFL Teachers. Session 2, S3, Room B03, 17/07/01; Short paper 3, p.15; ITTE/2001 - *Information Technology & Teacher Education*: Annual Conference, University of Wales, Swansea, 17 -19 jul. 2001, 2001b.

COSTA, J.S. *et al.* Improving writing skills of Brazilian Undergraduate Languages EFL students/teachers-to-be via the EquiText - collaborative writing tool in the web. In: SITE2001 - International Conference - Annual Conference of the Society for Information Technology Teacher Education, 12., 2001, Orlando, Florida. *Proceedings of SITE 2001*. [S.l.]: SITE, 2001a.

COSTA, J.S. *et al.* International Collaborative Writing Using EquiText: joined up thinking to define a mission or the distraction of creative endeavour? *Learning and interactive with video conferencing*: in search of the new pedagogy. ITTE/2001 - *Information Technology & Teacher Education*: Annual Conference, University of Wales, Swansea, 17-19 jul. 2001, 2001c.

COX, M.I.P., ASSIS-PETERSON, A.A. de. Critical Pedagogy in ELT: Images of Brazilian Teachers of English. *TESOL Quarterly*, eric.ed.gov, 1999.

COX, M.I.P.; ASSIS-PETERSON, A.A. de. O professor de inglês: Entre a alienação e a emancipação. *Linguagem & Ensino*, v. 4, n. 1, p. 11-36, 2001.

CRYSTAL, D. *English as a global language*. Cambridge: CUP, 2003.

CRYSTAL, D. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

DAVIES, B.L. Grice's Cooperative Principle: Meaning and rationality *Journal of Pragmatics*, Volume 39, Issue 12, December 2007. P. 2308-2331. Disponível em: <http://www.leeds.ac.uk/linguistics/WPL/WP2000/Davies.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2008.

DEMO, P. *Educação e Desenvolvimento: mito e realidade de uma relação possível e fantasiosa*. Campinas: Papirus, 1999.

DOMINUS, M.J. *Short guide to DBI* (The Perl Database Interface Module), October 22, 1999. Disponível em: <http://www.perl.com/pub/a/1999/10/DBI.html>. Acesso em 24 mar. 2008.

DYSTHE, O. Keynote address at the First Conference of *EATAW: The European Association for the Teaching of Academic Writing & EWCA: The European Writing Center Association*. University of Groeningen, Nederland, 2001.

ELLIS, R. *The study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

FIEDLER, M.C. Relatório Sobre Posicionamento de Professores e Dirigentes de Universidades Gaúchas, Públicas e Privadas. In: SEMINÁRIO DE INTEGRAÇÃO DA CIAPLEM/RS E INSTITUTO GOETHE, 4., 2005, Porto Alegre. *Formação do Professor de Língua Estrangeira Moderna e sua Inserção no Sistema de Ensino*. Porto Alegre: APIRS, 2005. Disponível em: [http://www.apirs.com.br/home/press.php?id\\_press=14](http://www.apirs.com.br/home/press.php?id_press=14). Acesso em: 04 mai. 2008.

FIRTH, A.; WAGNER, J. On Discourse, Communication, and (Some) Fundamental Concepts in SLA Research *The Modern Language Journal*, Vol. 81, No. 3. Oxford: Blackwell Publishing, 1997. P. 285-300.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GOFFMAN, E. *Encounters: two studies in the sociology of interaction*. New York: Ed. Cornell University, 1966.

GOFFMAN, E. *Interaction Ritual*. Garden City, N.Y.: Anchor Books, 1967.

GOFFMAN, E. *The Presentation of Self in Everyday Life*. Harmondsworth: Penguin, 1969.

GRADDOL, D. *English Next*. London: British Council. Disponível em: <http://www.britishcouncil.org/learning-research-englishnext.htm>. 2006. Acesso em: 18 dez. 2008.

GRADDOL, D. (Ed.). *Applied Linguistics for the 21st Century*. 2001. Disponível em: <http://edocs.ub.uni-frankfurt.de/volltexte/2005/3011/pdf/Aila14.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2008.



GREENBERG, J.H.; FERGUSON, C.A.; MORAVCSIK, E.A. *Universals of Human Language*. Stanford: Stanford University Press, 1978.

GRICE, H.P. Logic and Conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. (Ed.) *Syntax and Semantics*. New York: Academic Press, 1975. V. 3, p. 41-58.

GUEDES, P.C. Autoria: para aprender a ensinar-se a escrever. In: ECARTA: um degrau para a cidadania. Porto Alegre: ECARTA, 2008. Disponível em: [http://www.fundacaoecarta.org.br/cap/linguagem\\_cursos.asp](http://www.fundacaoecarta.org.br/cap/linguagem_cursos.asp). Acesso em: 17 maio 2008.

GUEDES, P.C. *Manual de Redação*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

GUY, G.R. A questão da crioulização no português do Brasil. In: ZILLES, A.M.S. *Estudos de Variação Lingüística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005. P. 15-38.

HADLEY, A. *Teaching Language in Context*. Boston: Heinle & Heinle Publ., 1993.

HAETINGER, D. *et al.* TWiki uma ferramenta de co-autoria livre. *RENOTE*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, nov. 2005. VI Ciclo de Palestras Sobre Novas Tecnologias na Educação, CINTED, Porto Alegre, 16/11 a 18/11/2005.

HALL, J.K; VITANOVA, G.; MARCHENKOVA, L. (Org.). *Dialogue with Bakhtin on Second Language Learning: new perspectives*. London: L. Erlbaum, 2005. Disponível em: <http://tesl-ej.org/ej36/r6.html>. Acesso em: 09 maio 2008.

HALLIDAY, M.A.K.; MCINTOSH, A.; STREVEENS, P. *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

HILL, J.H. Styling locally, styling globally: What does it mean? *Language in Society*, v. 28 n.3. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. P. 439-443.

HUGHES, A. *Testing for Language Teachers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

HUTCHINSON, T.; WATERS, A. *English for specific purposes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

HYLAND, K. Genre: Language, Context, and Literacy. *Annual Review of Applied Linguistics*, v. 22, p. 113-135, 2002.

HYLAND, K. *Second Language Writing*. New York: Cambridge University Press, 2007.

JAFFEE, D. Asynchronous Learning: Technology and Pedagogical Strategy in a Distance Learning Course. *Teaching Sociology*, U.S.A., v. 25, n. 4, p. 262-277, Oct. 1997. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/1319295>. Acesso em: 04 fev. 2008.

JAKOBSON, R. *Lingüística Poética Cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

- JAKOBSON, R. *Remarques sur l' évolution phonologique du russe*. [S.l.: s.n.], 1929.
- JAKOBSON, R. Two Aspects of Language and Two Types of Aphasic Disturbances. In: JAKOBSON, R.; HALLE, M. *Fundamentals of Language*. The Hague: Mouton, 1956. P. 69-96.
- JENKINS, J. *Current Perspectives on Teaching World Englishes and English as a Lingua Franca*. London: King's College, 2006. Disponível em: <http://www2.hawaii.edu/~cmhiggin/PDFs/Jenkins%20TQ%202006.pdf>. Acesso em: 24 maio 2008.
- KACHRU, B.B. Models for non-native Englishes. In: KACHRU, B.B. (Ed.), *The other tongue: English across cultures*. 2. ed. Urbana: University of Illinois Press, 1992a. P. 48-74.
- KACHRU, B.B. Standards, codification and sociolinguistic realism: The English language in the outer circle. In: QUIRK, R.; WIDDOWSON, H. (Eds.), *English in the world: Teaching and learning the language and literatures*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. P. 11-30.
- KACHRU, B.B. Teaching world Englishes. In: KACHRU, B.B. (Ed.) *The other tongue: English across cultures*. Urbana: University of Illinois Press, 1992b. P. 355-365.
- KACHRU, B.B.; NELSON, C. World Englishes. In: MCKAY, S.; HORNBERGER, N. (Ed.) *Sociolinguistics and language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. P. 71-102.
- KACHRU, Y. Notes on discourse markers in Hindi. *South Asian Language Review*, n. 3, p. 85-97, 1. jan. 1993.
- KACHRU, Y. World Englishes and linguistic research. *Journal of Pragmatics*, n. 24, p. 305-308, 1995. Discussion: On new/non-native Englishes: a gamelan.
- KOCH, I.G.V. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- KOCH, I.G.V. *O Texto e a Construção de Sentidos*. São Paulo: Contexto, 2007.
- KRAMSCH, C. Beyond the second vs. foreign language dichotomy: The subjective dimensions of language learning. In: MILLER, K.S.; THOMPSON, P. (Ed.) *Unity and Diversity in Language Use*. London: Continuum, 2002. P. 1-21.
- KRAMSCH, C. *Context and culture in language teaching*. New York: Oxford University Press. 1993.
- KRAMSCH, C. Embracing conflict versus achieving consensus in foreign language education. *ADFL Bulletin*, v. 26, n. 3, p. 6-12, 1995.

KRAMSCH, C. Identity, role and voice in cross-cultural (mis)communication. In: HOUSE, J.; KASPER, G.; ROSS, S. (Ed.) *Misunderstanding in Social Life*. London: Longman, 2003. P. 129-153.

KRAMSCH, C.; A'NESS, F.; LAM, W.S.E. Authenticity and Authorship in the Computer-Mediated Acquisition of L2 Literacy. *Language Learning & Technology*, Rugby, GB, v. 4, n. 2, p. 78-104, sept. 2000.

KRAMSCH, C.; LAM, W.S.E. Textual identities: the importance of being non-native. In: BRAINE, G. (Ed.) *Non-Native Educators in English Language Teaching*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1999. P. 57-72.

KRISTEVA, J. *História da Linguagem*. Lisboa: Ed. 70, 1969.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pensilvania Press, 1976.

LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LEFFA, V.J. Aprendizagem Mediada por Computador à Luz da Teoria da Atividade. *Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 3, n. 1, p. 21-30, 2005a.

LEFFA, V.J. Constructing meaning with an electronic dictionary. In: WorldCALL-2003, 2003, Banff, Canadá. *WorldCALL-2003*. [S.l.: s.n.], 2003. V. 1, p. 137.

LEFFA, V.J. O Ensino de Línguas Estrangeiras no Contexto Nacional. *Contexturas*, São Paulo, n. 4, p. 13-24, 1999.

LEFFA, V.J. Língua Estrangeira Hegemônica e Solidariedade Internacional. In: KARWOSKI, A.M.; BONI, V.F.C.V. (Org.). *Tendências Contemporâneas no Ensino de Inglês*. União da Vitória, PR: Kayganguê, 2006. P. 10-25. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/trabalhos/Lingua\\_hegemonia\\_solidariedade.htm](http://www.leffa.pro.br/trabalhos/Lingua_hegemonia_solidariedade.htm). Acesso em: 18 mar. 2008.

LEFFA, V.J. Quando Ler é Fazer: texto, hipertexto e evento em ambiente virtual In: HIPERTEXTO 2005. Recife: UFPE, 2005b. V. 1, p.1.

LEFFA, V.J. Texto autêntico e interdisciplinaridade em língua instrumental: utopia ou realidade? *Letras*, Santa Maria, n. 4, p. 33-40, jul./dez. 1992.

LEFFA, V.J. (Org.). *O Professor de Línguas Estrangeiras: construindo a profissão*. Pelotas: Educat, 2001.

LÉVY, P. *As Tecnologias da Inteligência*. São Paulo: Editora. 34, 1993.

LOWRY, P.B.; CURTIS, A.M.; LOWRY, M.R. Building a taxonomy and nomenclature of collaborative writing to improve empirical research, writing practice, and tool development. *Journal of Business Communication*, v. 41, n. 1, p. 66-99, 2004.

LUFT, C.P. *Língua e Liberdade: por uma nova concepção da língua materna*. Porto Alegre: L&PM, 1982.

MARASCHIN, C.; AXT, M. Acoplamento Tecnológico e Cognição. In: VIGNERON, J.; OLIVEIRA, V.B. (Org.). *Sala de Aula e Tecnologias*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2005. P. 39-51.

MARASCHIN, C.; AXT, M. O Enigma da Tecnologia na Formação Docente. In: PELLANDA, N.M.C.; PELLANDA, E.C. (Orgs.). *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 2000. P. 90-105. Disponível em: <http://www.url.edu.gt/sitios/tice/docs/trabalhos/209.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2008.

MARASCHIN, C.; COSTA, J.; PACHECO, S. Developing EFL collaborative and communicative writing skills on the Web: an evaluation strategy proposal. In: SOCIETY FOR INFORMATION TECHNOLOGY AND TEACHER EDUCATION INTERNATIONAL CONFERENCE, 2002, Chesapeake, VA. Proceedings of... *Education and Information Technology Library*, Chesapeake, VA, n. 1, p. 1942-1946, 2002. Disponível em: [http://www.editlib.org/index.cfm?fuseaction=Reader.ViewAbstract&paper\\_id=17546](http://www.editlib.org/index.cfm?fuseaction=Reader.ViewAbstract&paper_id=17546). Acesso em: 12 abr. 2008.

MARCKWARDT, A.H. *Linguistics and the Teaching of English*. London: Indiana University Press, 1968.

MARCUSCHI, L.A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 2007.

MARCUSCHI, L.A. *Da Fala Para a Escrita*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCUSCHI, L.A. O Hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino*. Pelotas - RS, v.4, n.1, 2001a. P. 79 - 112.

MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. (Org.). *Hipertexto e Gêneros Digitais: novas formas de construção de sentido*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2004. V. 1.

MARTINS, A.R. *EccoLogos: autoria coletiva de documentos*. Orientadora: Margarete Axt. 2005. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, BR-RS, 2005.

MARTINS, A.R. *EccoLogos: editor Web para criação coletiva de documentos*. Orientadora: Margarete Axt. 2005. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

MARTINS, A.R.; AXT, M. *EccoLogos: autoria coletiva de documentos*. *Informática na educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 39-49, 2004.

MATOS, F.C.C. Apresentação. In: RIVERS, W.M. *A Metodologia do Ensino de Línguas Estrangeiras*. [S.l.: s.n.], 1975. P. xi-xiii.

MATOS, F.C.C. *Comunicar Para o Bem: rumo à paz comunicativa*. São Paulo: Ave Maria, 2002.

MATOS, F.C.C. *Linguística Aplicada ao Ensino de Inglês*. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.

MATOS, F.C.C. Linguística da Paz: uma experiência brasileira. *GLOSAS DIDÁCTICAS*, 2004. Disponível em: <http://www.um.es/glosasdidacticas/doc-es/16matos.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2008.

MATOS, F.C.C. Teaching Vocabulary for Peace Education. *ESL Magazine*, p. 22-24, 20 fev. 2004.

MEDINA, N. *Avaliação do Pensamento Crítico em um Cenário de Escrita Colaborativa*. 2004. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, BR-SC, 2004.

MEHLECKE, Q.T.C. *Relações Dialógicas no Ambiente de Suporte à Aprendizagem On-Line: um estudo das estratégias no contexto de falantes da língua portuguesa de Portugal*. Tese (Doutorado) - Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, BR-RS, 2006.

MEHLECKE, Q.T.C. *et al.* Estratégia de Interação *On-Line*: um estudo no contexto de falantes da língua portuguesa de Portugal. *Renote*, Porto Alegre v. 4, n. 1, jul. 2006. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/renote>. Acesso em: 10 jul. 2007.

MEHLECKE, Q.T.C. *et al.* Produção de Sentido e Autoria em Curso de Qualificação de Professores na Construção de Projetos Interdisciplinares de Aprendizagem Mediados Pelo Computador. *Renote*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, nov. 2005. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/renote>. Acesso em: 04 jul. 2007.

MENTI, M. *et al.* *Pesquisa com Professores de Inglês do RS, sob os Auspícios da APIRS – Associação dos Professores de Inglês do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: APIRS, 2005.

MODIANO, M. Standard English(es) and educational practices for the world's lingua franca. *English Today*, v. 15, n. 4, p. 3-13, 1999b.

MOITA LOPES, L.P. A Contribuição da Linguística Aplicada na Formulação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Línguas Estrangeiras: a questão dos temas transversais. *Intercâmbio*, São Paulo, v. 7, p. 17-24, 1999.

MOITA LOPES, L.P. Linguística Aplicada no Brasil: um olhar retrospectivo e prospectivo. *Boletim da ANPOLL*, n. 21, p. 67-77, 1994.

MOITA LOPES, L.P. *Oficina de Linguística Aplicada*. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.

MOITA LOPES, L.P. Yes, Nós Temos Bananas ou Paraíba não é Chicago não. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 12, n. 2, p. 113-129, 1982.

MORAES *et al.* Sociologia. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – SEB. Departamento de Políticas de Ensino Médio. *Orientações Curriculares do Ensino Médio*. Brasília, 2004.

MOTTA ROTH, D. Being an e-fly on the wall, observing an EFL computer-mediated teacher. In: TOMITCH, L.M.B.; ABRAHÃO, M.H.V.; DAGHLIAN, C.; RISTOFF, D.I. (Org.). *A Interculturalidade no Ensino de Inglês*. Florianópolis, SC: PGI/UFSC, 2003. (Série ARES) Trabalho apresentado na Mesa-redonda 2: A Tecnologia e a Cultura no Ensino de Língua e Literatura Estrangeiras, XVII ENPULI, Florianópolis, SC, ABRAPUI/UFSC, 09 abr. 2003.

NARDI, L. *Muitas Mãos, Muitas Idéias, Muitas Histórias: colaborativas via Web*. 2006. Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Informática na Educação, Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, BR-RS, 2006.

NELSON, C. My language, your culture: Whose communicative competence? In: KACHRU, B. (Ed.) *The other tongue: English across cultures*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 1992. P. 327-339.

NÖEL, S. *Collaborative writing: Networked Media Laboratory*. 2004. Disponível em: [http://www.sylvienoel.ca/links\\_cw\\_e.html](http://www.sylvienoel.ca/links_cw_e.html). Latest review 21 jun. 2007. Acesso em: 12 jun. 2008.

NOËL, S.; ROBERT, J.-M. How the *Web* is used to support collaborative writing. *Behaviour & Information Technology*, v. 22, n. 4, p. 245-262, 2003.

NUNAN, D. *Collaborative Language Learning and Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

PAIVA, V.L.M.O. Avaliação dos Cursos de Letras e a Formação do Professor. *Revista do GELNE*, João Pessoa, v. 5, n. 1/2, p. 193-200, 2004. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/rgelne.htm>. Acesso em: 22 abr. 2008.

PAIVA, V.L.M.O. Derrubando Paredes e Construindo Comunidades de Aprendizagem. In: LEFFA, V. (Org.). *O Professor de Línguas Estrangeiras*. Pelotas: ALAB & Educat/UCPel, 2001a. P. 193-209. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/paredes.htm>. Acesso em: 29 abr. 2008.

PAIVA, V.L.M.O. Entrevista. In: CONVERSAS com Lingüistas Aplicados. 2005. P.1-7. No prelo. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/conversa>. Acesso em: 17 mar. 2008.

PAIVA, V.L.M.O. Feedback em Ambiente Virtual. In: LEFFA, V. (Org.). *Interação na Aprendizagem das Línguas*. Pelotas: EDUCAT, 2003a. P. 219-254. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/feedback.htm>. Acesso em: 22 abr. 2008.

PAIVA, V.M.O. A Formação do Professor de Línguas Estrangeiras. [S.l.: s.n.], 1996. Trabalho apresentado no I Encontro Nacional sobre Política de Ensino de Línguas Estrangeiras, 1996, promovido pela ALAB, Santa Catarina, de 28 a 30 nov. 1996. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/formacao.htm>. Acesso em: 07 jan. 2008.

PAIVA, V.M.O. A Identidade do Professor de Inglês. *APLIEMGE: ensino e pesquisa*, Uberlândia, n. 1, p. 9-17, 1997. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/identidade.htm>. Acesso em: 07 jan. 2008.

PAIVA, V.L.M.O. A LDB e a Legislação Vigente Sobre o Ensino e a Formação de Professor de Língua Inglesa. In: STEVENS, C.M.T; CUNHA, M.J. *Caminhos e Colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil*. Brasília: UnB, 2003b. P. 53-84. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/ensino.htm>. Acesso em 12 mar. 2008.

PAIVA, V.L.M.O. Linguagem, Gênero e Aprendizagem de Língua Inglesa. In: ALVAREZ, M.L.O; SILVA, K.A. *Linguística Aplicada: múltiplos olhares*. Brasília: UnB/Finattec; Campinas: Pontes Ed., 2007. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/ligeap.htm>. Acesso em: 17 abr. 2008.

PAIVA, V.L.M.O. Memórias de Aprendizagem de Professores de Língua Inglesa. *Contexturas*, n. 9, p. 63-78, 2006. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/narprofessores.htm>. Acesso em: 07 mar. 2008.

PAIVA, V.L.M.O. Multimedia language learning histories. In: KALAJA, P.; MENEZES, P.; BARCELOS, A.M.F. *Narratives of Learning and Teaching EFL*. London: Palgrave-Macmillan, 2008. No prelo. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/multinarratives>. Acesso em: 27 jul. 2008.

PAIVA, V.L.M.O. O Novo Perfil dos Cursos de Licenciatura em Letras. In: TOMICH, *et al.* (Org.). *A Interculturalidade no Ensino de Inglês*. Florianópolis: UFSC, 2005b. P. 345-363. (Advanced Research English Series). Disponível em: <http://www.veramenezes.com/perfil.htm>. Acesso em: 07 mar. 2008.

PAIVA, V.L.M.O. Reflexões Sobre Ética na Pesquisa. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 43-61, 2005a. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/etica.htm>. Acesso em: 27 jun. 2008.

PAIVA, V.L.M.O. A Sala de Aula Tradicional X a Sala de Aula Virtual. In: CONGRESSO DE ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA DO ESTADO DE MINAS GERAIS, 3., 2001, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: [s.n.], 2001b. P. 129-145. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/virtual.htm>. Acesso em 05 mai. 2008.

PAIVA, V.L.M.O.; VIEIRA, L.I.C. A Formação do Professor e a Autonomia na Aprendizagem de Língua Inglesa no Ensino Básico. 2005. No prelo. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/enpuli2005.htm>. Acesso em: 10 mar. 2008.

PALMER, H.E. Conversational English and How to Learn It. 1925a. In: SELECTED Writings of Harold E. Palmer. 2. ed. Tokyo: IRLT, Hon-no-Tomosha, 1999. V. 4. Disponível em: <http://www.warwick.ac.uk/~elsdr/WritingsofH.E.Palmer.pdf>. Acesso em 08 jun. 2008.

PALMER, H.E. *The Oral Method of Teaching Languages*. Cambridge: Heffer, 1921. Donated by S.P.Corder, 1983.

PEDERSEN, H. *The Discovery of Language*. London: Indiana University Press, 1972.

PENNYCOOK, A. *The Cultural Politics of English as an International Language*. London: Longman, 1994.

PENNYCOOK, A. English and Capital: some thoughts. *The Language Teacher*, v. 21, n. 10, p. 55-57, 1997.

PENNYCOOK, A. Global noise and global Englishes. *Cultural Studies Review*, v. 9, n. 2, p. 192-200, 2003.

PENNYCOOK, A. Language and linguistics/Discourse and disciplinarity. In: BARRON, C.; BRUCE, N.; NUNAN, D. (Ed.). *Knowledge and Discourse: towards an ecology of language*. London: Longman, 2002.

PENNYCOOK, A. Uma Lingüística Aplicada Transgressiva. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.). *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Ed., 2006. P. 67-84.

PENNYCOOK, A. The Myth of English as an International Language. *English in Australia 139 & Literacy Learning: The Middle Years*, v. 12, n. 1, p. 26-32, 2004. P. 26-32.

PERIN, J.O.R. Políticas Educacionais e Formação de Professores de Língua Estrangeira: algumas considerações de uma formadora de professores em formação. *Revista Teoria e Prática da Educação*, v. 9, n. 1, p. 91-97, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.dtp.uem.br/rtpe/volumes/v9n1/ART%2008.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2008.

PHILLIPSON, R. *Linguistic imperialism*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

PIAGET, J. *Psicologia da Inteligência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

PIAGET, J. *Estudos Sociológicos*. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

PORTER, R.; SAMOVAR, L. An introduction to intercultural communication. In: SAMOVAR, L.; PORTER, R. (Ed.). *Intercultural communication*. Belmont, CA: Wadsworth, 1993. P. 4-25.

QUINE, W.V.O. *Word & Object*. 11. ed. Cambridge, MA: The M.I.T. Press, 1979.



RAJAGOPALAN, K. A Geopolítica da Língua Inglesa e seus Reflexos no Brasil. In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (Org.). *A Geopolítica do Inglês*. São Paulo: Parábola, 2005a. P. 135-159.

RAJAGOPALAN, K. O Grande Desafio: aprender a dominar a língua inglesa sem ser dominado por ela. In: GIMENEZ, T. *et al.* (Org.). *Perspectivas Educacionais e o Ensino de Inglês da Escola Pública*. Pelotas: EDUCAT, 2005b. P. 37-48.

RAJAGOPALAN, K. Línguas Nacionais Como Bandeiras Patrióticas, ou a Lingüística que nos Deixou na Mão. In: RAJAGOPALAN, K.; SILVA, L. (Org.). *A Lingüística que nos Faz Falhar*. São Paulo: Parábola, 2004. P. 119-124.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma Lingüística Crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

RAMPTON, B. Dichotomies, difference and ritual in second language teaching and learning. *Applied Linguistics*, v. 20, n. 3, p. 316-340, 1999.

RAMPTON, B. Politics and change in research in Applied Linguistics. *Applied Linguistics*, v. 16, n. 2, p. 233-256, 1995.

RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P.M. (Org.). *Sociolingüística Interacional*. 2. ed., rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2002.

RICHARDS, J.C. Teaching and Learning in the Language Teacher Education Course Room: a critical sociocultural perspective. *RELC Journal*, Singapore, v. 37, n. 2, p. 149-175, ago. 2006. Disponível em: <http://www.professorjackrichards.com/pdfs/materials-development-making-connection.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2008.

RICHARDS, J.C. 30 Years of Tefl/Tesl: a personal reflection. *RELC Journal*, Singapore, v. 33, n. 2, p. 1-35, 2002. Disponível em: <http://rel.sagepub.com/cgi/reprint/33/2/1>. Acesso em: 22 maio 2008.

RICHARDS, J.C.; FARRELL, T. *Professional Development for Language Teachers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

RICHARDS, J.C; RENANDYA, W.A. *Methodology in Language Teaching: an anthology of current practice*. New York: Cambridge, 2002.

RICHARDS, J.C.; RODGERS, T. *Approaches and Methods in Language Teaching*. Cambridge: Cambridge Language Teaching Library, 2001.

RICHARDS, J.C.; SCHMIDT, R. *Longman Dictionary of Language Teaching and Applied Linguistics*. 3. ed. London: Longman, 2002.

- RIDLEY, J. *Developing Learners Thinking Skills*. Dublin: Authentik, 1997.
- RIVERS, W. *A Metodologia do Ensino de Línguas Estrangeiras*. São Paulo: Pioneira, 1975.
- RODRIGUES JÚNIOR, A.S. A Educação Continuada do Professor de Língua Inglesa. *Meio de Divulgação*, v. 6, p. 79-96, 2006.
- RODRIGUES JÚNIOR, A.S. Metodologia Sócio-Interacionista em Pesquisa com Professores de Línguas: revisitando Goffman. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 8, n. 1, p. 123-148, 2005.
- ROJO, R.H.R.; MOITA LOPES, L.P. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. In: BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. *Orientações Curriculares do Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEB, 2004.
- SAMOVAR, L.A.; PORTER, R.E. (Ed.). *Intercultural Communication: a reader*. 11. ed. Belmont, CA: Wadsworth, 1993.
- SAVIGNON, S. *Communicative Competence: an Experiment in Foreign Language Teaching*. Philadelphia: Center for Curriculum Development, 1972.
- SAVIGNON, S. *Communicative Competence: theory and practice*. Reading, M.A.: Addison-Wesley, 1983.
- SCHLATTER, M. *et al. Padrão Referencial de Currículo, Língua Estrangeira Moderna*. Porto Alegre: Secretaria da Educação do Estado, Departamento Pedagógico, Divisão do Ensino Médio, 1998.
- SEIXAS, L. Avaliação de Ambientes Colaborativos Textuais em Rede. In: CONGRESSO RIBIE 2000, 5, 2000, Viña del Mar. *Anais...* Viña del Mar: RIBIE, 2000b. Disponível em: <http://www.c5.cl/ieinvestiga/actas/ribie2000/papers/285/index.html>. Acesso em: 14 abr. 2008.
- SEIXAS, L. *Avaliação de Ambientes Colaborativos Textuais em Rede*. Porto Alegre: PGIE/UFRGS, 2000a. Disponível em: <http://www.niee.ufrgs.br/cursos/topicos2000/alunos2000/louise/louise1.htm>. Acesso em: 14 abr. 2008.
- SELINKER, L. *Rediscovering Interlanguage*. London: Longman, 1992.
- SHANNON, C.E. A mathematical theory of communication. *Bell System Technical Journal*, v. 27, p. 379-423, 623-656, jul./oct. 1948.
- SHANNON, C.E.; WEAVER, W. *A Mathematical Model of Communication*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 1949.
- SOARES, M. Novas Práticas de Leitura e Escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, dec. 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302002008100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002008100008&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 18 mar. 2008.

SWAIN, M. *Focus on form in classroom second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

TAROUCO, L.M.R. [*Tecnologia e Interação Social*] [S.l.: s.n.], 2005a. Material pedagógico em .pdf sobre Tecnologia e Interação Social.

TAROUCO, L.M.R. [*Trabalho apresentado*] Porto Alegre: PPGIE/UFRGS, 2005b. Trabalho em pps. apresentado em aula, sobre a interação e a comunicação mediada pelo computador, na Disciplina de Comunicação Mediada pelo Computador do PPGIE/UFRGS, 1. sem. 2005.

TAROUCO, L.M.R. *et al. Fundamentos e Técnicas de Groupware*. 2001. Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Informática na Educação, Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, BR-RS, 2001. Disponível em: <http://penta.ufrgs.br/pgie/groupware/>. Acesso em: 24 jun. 2008.

TODOROV, T. *Simbolismo e Interpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

TODOROV, T. *CNRS* [Centro Nacional de Pesquisas de Ciências Sociais da França]. 2000. Disponível em: <http://www.truthout.org/cgi-bin/artman/exec/view.cgi/67/24609>. Acesso em: 13 abr. 2008.

TRUSCOTT, J. The Case Against Grammar Correction in L2 Writing Classes. *Language Learning*, Ann Arbor, v. 46, p. 327-369, 1996. Disponível em: [http://frenchgateway.coh.arizona.edu/F05/FREN579/truscott\\_grammar\\_writing.pdf](http://frenchgateway.coh.arizona.edu/F05/FREN579/truscott_grammar_writing.pdf). Acesso em: 14 jan. 2008.

UNESCO. *Declaração de Direitos Lingüísticos da UNESCO*. Washington, DC, 1996. Disponível em: <http://www.unesco.org/cpp>. Acesso em: 16 dez. 2007.

UNESCO. *Portal UNESCO*. Washington, DC, 2002. Disponível em: <http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php>. Acesso em: 10 dez. 2007.

VILMI, R. Collaborative Writing Projects on the Internet: more than half a decade of experimentation. Presented at the *BALEAP* conference at Leeds University, UK, 1999. Disponível em: <http://www.writeit.fi/ruth/publications/baleap.html>. Acesso em: 29 maio 2008.

VYGOSTKY, L.S. *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento de processos psicológicos superiores*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WARSCHAUER, M. The changing global economy and the future of English teaching. *TESOL Quarterly*, Washington, DC, n. 34, p. 511-535, 2000. Disponível em: [http://www.gse.uci.edu/person/markw/markw\\_papers.php](http://www.gse.uci.edu/person/markw/markw_papers.php). Acesso em: 24 jun. 2008.

WARSCHAUER, M. Computer Assisted Language Learning: an Introduction. In: FOTOS, S. (Ed.) *Multimedia language teaching*. Tokyo: Logos International, 1996. P. 3-20. Disponível em: <http://www.ict4lt.org/en/warschauer.htm>. Acesso em: 21 jun. 2008.

WARSCHAUER, M. A developmental perspective on technology in language education. *TESOL Quarterly*, Washington, DC, v. 36, n. 3, p. 453-475, 2002a. Disponível em: [http://www.gse.uci.edu/person/markw/markw\\_papers.php](http://www.gse.uci.edu/person/markw/markw_papers.php). Acesso em: 24 jun. 2008.

WARSCHAUER, M. *Electronic literacies: language, culture and power in online*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1999.

WARSCHAUER, M. Language, identity, and the Internet. *Mots Pluriels*, n. 19, oct. 2001b. Disponível em: [http://www.gse.uci.edu/person/markw/markw\\_papers.php](http://www.gse.uci.edu/person/markw/markw_papers.php). Acesso em: 24 jun. 2008.

WARSCHAUER, M. Languages.com: the Internet and linguistic pluralism. In: SNYDER, I. (Ed.). *Silicon literacies: communication, innovation and education in the electronic age*. London: Routledge, 2002b. P. 62-74. Disponível em: [http://www.gse.uci.edu/person/markw/markw\\_papers.php](http://www.gse.uci.edu/person/markw/markw_papers.php). Acesso em: 24 jun. 2008.

WARSCHAUER, M. Literacy and technology: bridging the divide. In: GIBBS, D.; KRAUSS, K.-L. (Ed.). *Cyberlines 2: languages and cultures of the Internet*. Albert Park, Australia: James Nicholas, 2006a. P. 163-174. Disponível em: [http://www.gse.uci.edu/person/markw/markw\\_papers.php](http://www.gse.uci.edu/person/markw/markw_papers.php). Acesso em: 24 jun. 2008.

WARSCHAUER, M. Millennialism and media: language, literacy and technology in the 21st. century. In: GRADDOL, D. (Ed.) *AILA Review 14: Applied Linguistics for the 21st century*. London: AILA, 2001a. P. 49-59. Disponível em: [http://www.gse.uci.edu/person/markw/markw\\_papers.php](http://www.gse.uci.edu/person/markw/markw_papers.php). Acesso em: 24 jun. 2008.

WARSCHAUER, M. *Sociocultural Perspectives on CALL*. In: EGBERT, J.; PETRIE, M. (Ed.). *CALL Research Perspectives*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2005. P. 41-51.

WARSCHAUER, M. Technology and writing. In: DAVISON, C.; CUMMINS, J. (Ed.). *The International Handbook of English Language Teaching*. Norwell, MA: Springer, 2007. P. 907-912. Disponível em: [http://www.gse.uci.edu/person/markw/markw\\_papers.php](http://www.gse.uci.edu/person/markw/markw_papers.php) Acesso em: 24 jun. 2008

WARSCHAUER, M.; DE FLORIO-HANSEN, I. Multilingualism, identity, and the Internet. In: HU, A.; DE FLORIO-HANSEN, I. (Ed.). *Multiple identity and multilingualism*. Tübingen: Stauffenburg, 2003. P. 155-179. Disponível em: [http://www.gse.uci.edu/person/markw/markw\\_papers.php](http://www.gse.uci.edu/person/markw/markw_papers.php) Acesso em: 24 jun. 2008.

WARSCHAUER, M.; WARE, M. Learning, change, and power: competing discourses of technology and literacy. In: COIRO, J.; KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C.; LEU, D.J. (Ed.) *Handbook of research on new literacies*. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2008. P. 215-240.

WEIGLE, S.C. *Assessing Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002

WIDDOWSON, H.G. *Learning purpose and language use*. Oxford: Oxford University Press, 1983.

WIENER, N. *Cybernetics: or Control and Communication in the Animal and the Machine*. Cambridge, MA: The M.I.T. Press, 1948.

WINKIN, Y. O Telégrafo e a Orquestra. In: A NOVA Comunicação: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papirus, 1998. P. 21-83.

WOODS, P. *Successful writing for qualitative researchers*. New York: Routledge Falmer, 2001.

XAVIER, A.C.; CORTEZ, S. (Org.). *Conversas com Lingüistas: virtudes e controvérsias da lingüística*. São Paulo: Parábola, 2005.

YOUNG, R. *Personal autonomy: beyond negative and positive liberty*. London: Croom Helm, 1986.

ZANDWEISS, A. (Org.). *Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2005.

ZILLES, A.M.S. *Estudos de Variação Lingüística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A

The screenshot shows the EquiText web application interface. The main content is a table with the following data:

ID	Message Content	Author	Role	Status	Date	Action
11°	Edmlson! You're very welcome. I'm glad I can help in some way. Carry on...	fa	I	----	23/11/2000-16:15	Editar
12°	Hi folks! Your ideas are all very interesting, and I liked the idea of writing about more than one topic, but I'm not sure we can, since we are participating in a research project. I will ask Janete and let you know as soon as possible. Keep writing!!	sil	I	*-	18/11/2000-09:18	Editar
13°	Hi! I'm Carla and I would like to write about trips and curiosities about them. Museums... oh! I love museums that show the human experiences, old objects	fa	A	*-	23/11/2000-16:08	Editar
14°	I would like to write a SHORT STORY.	da	A	*-	21/11/2000-16:05	Editar
15°	Hi, I'm Rosana. I like very much to listen to music but don't favourite subjects are again music, culture and arts in general. English poetry and prose, which I like a lot. I also love movies, we could discuss about it. Tell me what you think!	ros	A	----	21/11/2000-16:08	Editar
16°	Hi everyone! I'm surprised with your fluency in the English I written so far! Don't worry with your eventual mistakes, please as if you were thinking together in writing. All your ideas are very interesting. Why not writing about the idea of reading to of a good reading in someone's life, how it helps oneself to understand our own situation, for instance.	Jan	A	*-	21/11/2000-21:05	Editar
17°	Hi, dear students! Remember to click "histórico" on the top menu. It's very interesting because you can see all actions done by each one of us. When you are in "visualizar" you can only see the last actions. We are still waiting for Ribiana's and Michele's ideas. As soon as they post	sil	I	----	23/11/2000-09:41	Editar

Two 'Observação' (Observation) dialog boxes are overlaid on the page:

- The first dialog box points to the entry for user 'da' (row 14) and contains the text: "Observação: Do you know any sites of museums?"
- The second dialog box points to the entry for user 'Jan' (row 16) and contains the text: "Observação: Be free to make your own choices, pals."

Excerto do TECE 1, *Collaborative writing*, capturado na função Visualizar (V), do EquiText. Produzido pelo Grupo 1, da IES 1, põe em destaque dois textos do campo Observação, recurso de texto adicional, para recados, comentários, uma conversa paralela. Uma contribuição às análises da seção 3.3.1, das relações procedurais-simbólicas.

## APÊNDICE B

The screenshot shows the EquiText web interface. At the top, there is a browser address bar with the URL: [http://equitext.pgie.ufrgs.br/privado/edita\\_chama.cgi?nome=EnglishRREIS](http://equitext.pgie.ufrgs.br/privado/edita_chama.cgi?nome=EnglishRREIS). Below the address bar is the EquiText logo and navigation links: [Histórico](#) | [Visualizar](#) | [Faq](#) | [Texto Final](#) | [R](#). The main heading is "Texto: A Short Story". Below this is a table with the following columns: #, Conteúdo do Parágrafo, Colaborador, Ação, Obs, and Data.

#	Conteúdo do Parágrafo	Colaborador	Ação	Obs	Data
1°	A STORY	<u>Si</u>	I	----	17/05/2001-15:19
2°	Walking in the woods is one of my favorite passtime. We mean... Actually I hate it, but I always go where my legs order. In a cold December night I was walking when I got stuck. An amazing thing happened in front of me a huge animal ... like a dog, BUT BIGGER, VERY HIGH. HIS BREATH COULD BE HEARD FROM A LONG DISTANCE. IT WAS A VERY TERRIBLE EXPERIENCE, THAT I WILL Tell YOU NOW...	<u>Ja</u>	A	* -	17/07/2001-12:08
3°	But wait! Oh my goodness! I couldn't believe in what my eyes was seeing.. That HUGE animal... a mix of a man and a dog... quickly changed himself in a bad smelling shape of a witch!!!	<u>so</u>	A	* -	13/06/2001-14:18
4°	I saw her ...The crazy old witch... She was laughing and stiring something in her cauldron. Suddenly, she stopped, stared and asked me, "Who is Lancaster?"	<u>so</u>	A	* -	13/06/2001-14:23
5°	"Lancaster?!" I'm Lancaster. But why are you looking for me? Who are you?!- She just laught and got out. And there was me, standed alone in the woods...but not so alone, because she left (hu!huecg!)her so bad smell with me for some moments...	<u>so</u>	A	* -	13/06/2001-14:29

*A Short Story*, tela capturada na Função Visualizar (V), do *EquiText*. Nesse momento, inicia-se a edição final do texto TECE 2. Com uma inserção (I) de Si, seguidas de quatro alterações (A) de Ja (ou Jan) e So (ou Soa), temos, nesses movimentos de ações textuais, principalmente relações dialógico-textuais, uma colaboração às análises apresentadas na seção 3.3.3.



## APÊNDICE C

6°	It was a dark Friday night and her eyes shined, her smile was terrible. But what did she doing there? What was she going to do? I was like a stone but I kept calm.	<u>so</u>	A	* -	13/06/2001-14:34
7°	As a person who is lost in this sick world, that could well be compared to a dark forest, searching for a window to see and participate of the goods things on hearth, I decided to turn myself into a more creative and sensible human being.	<u>so</u>	A	* -	13/06/2001-14:41
8°	...in middle this forest key?... Observação: goods things??? Do we use plural with adjectives? Could anybody correct this? Hearth or Earth??? We understand this paragraph can be excluded.so ros e rastaman		A	----	30/05/2001-14:24
9°	After a long walk and was getting calmer I could hear the... that I had never heard before. And it made me see a world that I had never seen before, too. For an instant, I cought myself watching a beautiful bird singing happily in a flash of sunlight. And for what? Maybe to thanks something or somebody (maybe God) for this magical thing called life. This life that for many of us is only a hidden treasure that keeps the happiness under seven keys.		A	* -	25/03/2002-14:12
10°	I'm afraid,but I took a piece of wood and I waited for the beast. In his bestial form, he was looking at me,what I was doing. When he was near me,I beated him, then he fell in front of me.But the beast was strong and he stood up,so I run,run,run for to survive.	<u>so</u>	A	* -	13/06/2001-14:59
11°	...to run,to run was not enough,the creature approached of me. Then I stopped. I decided to face the beast and for my surprise I understood that that strange creature was trying to help me with myself. Then I noticed that I fought against myself - it would be the largest battle of my life,because I would have to face my interior demons,dream or not,I would have to face them...	<u>so</u>	A	* -	13/06/2001-15:04

A *Short Story*, TECE 2, com a janela \* Obs. em relevo, relativa ao 7° par., na Função Visualizar (V). Traduzindo: coisas boas??? Nós usamos plural com adjetivos? Alguém pode corrigir isso? Hearth ou Earth (= Terra)??? Nós entendemos que este parágrafo pode ser excluído.so ros e rast. São movimentos de ações dialógico-interacionais, principalmente.

## APÊNDICE D


38°	...I had been there,deeply lost,no easy way out,but when I saw at myself in the mirror,my shade was big,my negative shade.- What to do? I though. I had had good ideas and good dreams,but my soul needed more,the hell,go to have wait,because,nobody accepts its own condition,everybody wants to move,but we need a lot of interior force. then,few really gets and the demon becomes its own shade,forever...	<u>Ed</u>	A	----	10/05/2001-15:17
39°	By the way, you are , maybe, thinking with yourself"what's happening with this guy?! ", ok! but "don't you know?", He's seeing his life with another eyes... Now, yes, he's living 'Cause the meaning of the life is you see your mistakes and repara it.	<u>sha</u>	A	* -	07/06/2001-12:41
40°	We decided to look at <u>us</u> and to < > saw that there are two ways.All < > us have the good and bad side, but we show only the good side. We <u>hidden</u> the bad side. Then we <u>get living</u> in society. When we <u>lost</u> the reason, the bad side stay in evidence and we meet with our beast.	<u>Sil</u>	A	* -	17/05/2001-11:56
41°	Hi everybody! I suggest that we use Observação to call everybody's attention to the language corrections that should be made in the text. I believe we can improve our writing skills in this way, DONT YOU?	<u>Sil</u>	I	* -	14/05/2001-10:53
42°	Hi students! Your text is improving beautifully. I'm very proud of your efforts in this short story. Please go on and pay attention to the observation notes next to your paragraphs.  Could you please check the following Web site for our short paper at the ITTE, in Swansea, Wales.  <a href="http://ted.newport.ac.uk/itte/Papers/janete_sander_costa.htm">http://ted.newport.ac.uk/itte/Papers/janete_sander_costa.htm</a>	<u>Ja</u>	A	* -	14/05/2001-11:24

A *Short Story*, TECE 2, Função (V), deixa visíveis relações de manifestação dialógico-interacionais (par. 39°), procedurais (par. 41 e 42°) e textuais (par. 40°), conforme as análises na seção 3.3.

## APÊNDICE E

50°	Sometimes... everybody cries. Sometimes everybody gets hurt...then you have to do something to improve your life. Remember you have to be your best friend!	<u>Ed</u>	A	*	22/11/2001-14:25
51°	I think that the end of the story can be considered as a terrible nightmare. But this was the way that God found to wake up that human being for the reality, for the life. That man was the best, he was always debauching of the people and disbelieving of the superior forces. So, God gave it a lesson. He was very afraid and only when it was gotten to turn humbler he realized. Today I am a new man, he said. Thank you God, for having nailed me that fright. Then, I woke up and I could live as a person worthy of this prosperous universe with own light that serves me daily, where there is not place for fears and that I ignored. Today I am more me and happier, very happy. I came the page of the life, I found a new book that I will write everyday, in this beast won't exist but pages that will play his heart, his soul and it will change his life.	<u>so</u>	A	*	13/06/2001-15:14
52°	<b>Edmilson, Magda, Shane, Rodrigo and Danilo we are about to end our story. We encourage you to reread and review the whole story paying attention to the following aspects: delete irrelevant words, sentences or paragraphs (even teachers' comments), write conclusive paragraphs, review language forms (verb tenses, subject-verb agreement, choice of words and word order)</b>  <b>Please, use the observation window for your negotiations, i. e. exchange your ideas or difficulties with your peers.</b>  <b>Remember our deadline is June 15.</b>	<u>Sil</u>	I	*	04/06/2001-11:31


Microsoft Internet Explorer

 Observação: Be creative and interact with your peers!!

OK

A *Short Story*, TECE 2, Função (V), com texto da Sil, em destaque o par. 52°, com um chamamento de Sil, na última frase: “Remember our deadline is June 15 (= Lembrem, nosso prazo final é 15 de junho). E a \* Obs, nesse mesmo parágrafo, em tom imperativo, mas com o intuito de motivar o grupo a: *Sejam criativos e interajam com seus colegas*. Exemplos da intervenção da Prof.<sup>a</sup> Sil (no texto do parágrafo), procurando levar o grupo nominado, principalmente, à conclusão da tarefa, em vista do prazo, do evento no exterior, e do andamento da proposta de projeto de pesquisa (Anexo D, IES 1). Relações dialógico-interacionais, textuais e também procedurais-simbólicas, em vista da produção final, cf. nos Apêndices G e H.

## APÊNDICE F

<p><b>Please, use the observation window for your negotiations, i. e. exchange your ideas or difficulties with your peers.</b></p> <p><b>Remember our deadline is June 15.</b></p>		 <p>Observação: If accept my end, this text be important.</p> <p>OK</p>			
53°	<p>Fortunately, I woke up. That dream was really nightmarish. When I woke up, I was in my house. I took a shower and my family called me for having breakfast, all was perfect. I looked by the window, I saw the birds singing and the nature smiling at me, I stayed very happy. Then, I said for my husband, today I will not sleep because that nightmare lasted a eternity, I love the life and want to be of eyes open to every second.</p>	sha	A	* -	13/06/2001- 14:05
54°	<p>The woods was only a dream, but I found a solution I am a begin human with faut and quality, but I am only. I translation this informations, procecuted and the product was my person.</p>	mag	I	* -	06/06/2001- 07:57

A *Short Story*, TECE 2, Função (V), que destaca a Obs. de Sha: *Se aceitam meu final, este texto é importante*, par. 53°, e a ação (I) de Mag, finalizando a narrativa, par. 52°, observando o prazo marcado, no par. 52°, acima, para 15 de junho. As relações entre enunciados visibilizadas, exemplificam ações dessas participantes em diálogo com a narrativa, com o grupo e com as regras do jogo. Podemos dizer que se tratam de relações dialógicas, interacionais e textuais, e, menos marcadas, procedurais-simbólicas, constituindo um entretecer de planos de análise que, em última instância, produzem uma zona de autoria coletiva.

## APÊNDICE G

53°	Fortunately, I woke up. That dream was really nightmarish. When I woke up, I was in my house. I took a shower and my family called me for having breakfast, all was perfect. I looked by the window, I saw the birds singing and the nature smiling at me, I stayed very happy. Then, I said for my husband, today I will not sleep because that nightmare lasted a eternity, I love the life and want to be of eyes open to every second.	<a href="#">sha</a>	A	*	13/06/2001-1405
54°	The woods was only a dream, but I found a solution. I am a begin human with faut and quality, but I am only. I translation this informations, procecuted and the product was my person.	<a href="#">mag</a>	I	*	06/06/2001-07:57

Microsoft Internet Explorer

Observação:  
End of history?Magda

OK

*A Short Story*, TECE 2, Função (V) com ênfase \* Obs. de Mag, uma ação (I), contendo uma pergunta ao grupo: Fim da história? Mag. Um outro exemplo de ação dialógico-interacional-textual, conforme comentado na Apêndice F.

## APÊNDICE H

EquiText		Histórico   Visualizar   Faq   Texto Final   Re			
5º	Tomorrow I'm going to ask my father in law, because he knows everything about this subject. bye Mar	<a href="#">mar</a>	I	----	12/04/2006-23:18
6º	Very good, Mar ! That's really collaborative. I'll be waiting for you and your father-in-law's information on the Sander clan...(hhe..he..)	<a href="#">Jan</a>	I	* -	17/04/2006-17:25
7º	I'm sorry for my silence, I was very busy this week, but my father in law told me some stories about Sander, but the most important was about Alípio Sander, he was the mayor of Três Coroas from 1964 until 1969. He was born in Sander and his parents were Adolfo and Frida Sander.	<a href="#">mar</a>	I	----	21/04/2006-19:14
8º	You know, Jan , I asked my old friend, here in Canela, about that doctor you've mentioned.  He told me that Dr. Sander was a legend not only here but all of the country. He was from Três Coroas and studied Medicine in Porto Alegre. Then his family came to Canela and he began to work at the hospital.  He was a lovely man, sensitive and all of the people liked him very much. When people couldn't pay him, they gave him a chicken, or some food, some cakes... Dr. Sander always took care of his patients, even if they had no money or nothing to give him, because he was a doctor indeed. He simply loved Medicine and thought he had to do all of he could to cure patients. But his colleagues didn't think the same...	<a href="#">tan</a>	I	* -	17/04/2006-17:16

*About good things*, TECE 3, Versão/Função Visualizar (V), exemplificando as relações dialógico interacionais-textuais, em vista da conversa de Mar, Tan e Jan, em torno da busca de informações (ações com o *dado*, conhecido) sobre a *persona Sander* e sua história, nas comunidades onde as participantes residiam, em 2006, para seguir com o texto (ações textuais *transformando* e *criando* sobre o *dado*). “Coincidência ou não”, traduzimos, a seguir, os parágrafos (5º a 8º) de Mar (I), de Tan (I) e as duas ações (I) de Jan, em resposta às ações (I) de Mar e Tan:

TECE3-E5º: *Amanhã eu vou perguntar ao meu sogro, porque ele sabe tudo sobre esse assunto. Tchau Mar.* Mar (I) ----- 12/04/2006-23:18.

TECE3-E6º: *Muito bom, Mar ! Isso é realmente colaborativo. Vou ficar esperando pela tua informação e de teu sogro sobre o clã dos Sander ...(hhe..he...)* Jan (I) \* Obs.: *Thanksss !! (=Obrigadaaaa !!)* 17/04/2006-17:25.

TECE3-E7º: *Desculpa meu silêncio, eu estive muito ocupada esta semana, mas meu sogro me contou algumas histórias sobre o Sander, mas a mais importante foi sobre o Alípio Sander, ele foi prefeito de Três Coroas, de 1964 a 1969. Ele nasceu em Sander e seus pais eram Adolfo e Frida Sander.* Mar (I) ----- 21/04/2006: 19:14.

TECE3-E8º: *Tu sabes, Jan, eu perguntei a meu velho amigo, aqui em Canela, sobre esse médico que você mencionou. // Ele me contou que o Dr. Sander era uma lenda não só aqui mas em todo o país. Ele era de Três Coroas e estudou medicina em Porto Alegre. Então sua família veio a Canela e ele começou a trabalhar no hospital.// Ele era um homem maravilhoso, sensível e todos gostavam muito dele. Quando as pessoas não podiam pagá-lo, eles lhe davam uma galinha, ou algum alimento...alguns bolos.* Tan (I) \* Obs.: *Tan, você sabe de algum episódio interessante episódio de sua vida? Ele era casado? Tinha filhos? 17/04/2006:17:16.*

## **ANEXOS**

## ANEXO A

## ANEXO A.1

## TECE1: A collaborative writing – Função Visualizar (V)

<b>Texto: Collaborative writing</b>	Welcome friends! Writing is fun. Writing together is even funnier! What would you like to write about?	ed	A	*	16/11/2000-15:35	 Editar
1°						
2°	What would you like to write about? Write some suggestions of topics, and let's make an election. The winner is...	sil	I	*	13/11/2000-16:42	 Editar
3°	This is just a text. A experimental work. I want to write about the tv set and its influence about the people. If it's good or negative in his formation and character. The people its leaving to read a good book for to watch tv, sometimes, things not very important. I think that, when tv begin to intervent in our life, we are beginning to lost our liberty for to think, what we learn with tv? How it influence about our lifes? we Always have to watch tv critically.	Jan	B	-- --	17/10/2006-11:55	 Editar
4°	FABIANA I will like that you correct my text. thanks. KISSES.	dan	I	-- --	21/11/2000-16:38	 Editar
5°	I WOULD LIKE TO WRITE A SMAL TALE OR A SHORT HISTORY ABOUT REAL FACTS OR NOT.	jor	I	-- --	28/11/2000-01:02	 Editar
6°	I suggest that we write a tale about a man who has a dog and and intend to be a doctor.	jor	I	-- --	16/11/2000-15:03	 Editar
7°	I would like to write a small tale ou a short history	jor	I	-- --	28/11/2000-00:52	 Editar
8°	Hi! My name is Fabiana and I just loved this idea. I enjoy writing very much and I wonder if somebody likes poetry. I also love movies and music. I like to write just about anything and I think it would be nice to write about some interesting current event. I hope to "hear" oppinions from all of you soon.	car	A	*	21/11/2000-16:29	 Editar



9°	Too bad I don't have much time to write. I would like to know what you people think about my ideas and about making corrections or not. I liked very much Rodrigo's idea of writing about visiting exotic places or about an interesting trip. Waiting for news from you...	Jan	A	*	03/06/2003-17:59	 Editar
10°	Yes Fabiana.I would like you to help me to correct my simple work.Thank you very much.	fab	A	--	23/11/2000-16:10	 Editar
11°	Edmilson! You're very welcome. I'm glad I can help in some way. Carry on...	fab	I	--	23/11/2000-16:15	 Editar
12°	Hi folks! Your ideas are all very interesting, and I liked the idea of writing about more than one topic, but I'm not sure we can, since we are participating in a research project. I will ask Janete and let you know as soon as possible. Keep writing!!	sil	I	*	18/11/2000-09:18	 Editar
13°	Hi! I'm Carla and I would like to write about trips and curiosities about them. Museums... oh! I love museums that show the human experiences, old objects...	fab	A	*	23/11/2000-16:08	 Editar
14°	I would like to write a SHORT STORY.	da	A	*	21/11/2000-16:05	 Editar
15°	Hi, I'm Rosana. I like very much to listen to music butI don't like to write. I prefer to talk. My favourite subjects are again music, culture and arts in general.I'm getting some experience with English poetry and prose, which I like a lot. I also love movies, we could discuss about it. Tell me what you think !	ros	A	--	21/11/2000-16:08	 Editar
16°	Hi everyone! I'm surprised with your fluency in the English language and how much you have written so far! Don't worry with your eventual mistakes, please! Try writing as much as possible as if you were thinking together in writing. All your ideas are great and the topics suggested are very interesting. Why not writing about the idea of reading books? Mention the positive aspects of a good reading in someone's life, how it helps oneself to understand our own situation, for instance.	Jan	A	*	21/11/2000-21:05	 Editar

17°	Hi, dear students! Remember to click "histórico" on the top menu. It's very interesting because you can see all actions done by each one of us. When you are in "visualizar" you can only see the last actions. We are still waiting for Bibiana's and Michele's ideas. As soon as they post their ideas, we can choose 3 topics to write about. Please, choose a topic different than yours. We are going to write about the first three choices, ok? I would like to write about....	sil	I	--	23/11/2000- 09:41	 Editar
18°	Hello, everybody! Here I am writing once more and I have to admit that I'm really excited about this project. I like Janete's idea about reading books, Danilo's idea about writing a short story and finally, I would like to suggest a more polemic subject like drugs in our society or love relations in these crazy times. So...what's going to be?!?	fab	A	--	23/11/2000- 16:41	 Editar
19°	Hi! I would like writing about films, actors and cinema. The kind of film that I like is comedy and mystery. My favorite actor is Antony Hopkins. Now, you decide. Bye!!	mic	I	--	25/11/2000- 15:28	 Editar
20°	Hi folks! Let's make up our minds!! I mean, let's choose the topics and start the fun. Be very objective; USE CAPITAL LETTERS TO FILL THIS SENTENCE: I would like to write about... Here goes my choice: I WOULD LIKE TO WRITE A SHORT STORY.	sil	I	--	26/11/2000- 18:01	 Editar
21°	I WOULD LIKE TO WRITE A SHORT STORY.	ed	A	--	28/11/2000- 16:12	 Editar
22°	SO, LET'S START TO WRITE A SHORT STORY...IT WILL BE FANTASTIC !!!	da	I	*	28/11/2000- 16:01	 Editar
23°	Hi! I also would like to write a short story . I agree with my classmate Danilo: It will be fantastic!	bib	A	--	29/11/2000- 16:04	 Editar
24°	HI MY FRIENDS! Some of you haven't voted yet. I can't wait to start our short story. Janete has already started a text for us, so I suggest that you click on "a short story" and start writing. Those of you who haven't voted yet, please do that as soon as possible. We can write another text, besides the short story. It depends on your choices.	sil	I	--	05/12/2000- 12:41	 Editar

## ANEXO A.2

## TECE1: Collaborative writing – Função Histórico (H)

<b>Texto: writing</b>	13/11/2000-16:13	Welcome friends! Writing is fun.Writing together is even funnier! What would you like to write about?	Jan	I	*
	13/11/2000-16:42	What would you like to write about? Write some suggestions of topics, and let's make an election. The winner is....	sil	I	*
	16/11/2000-14:24	Hi everybody, writin is fun!	sil	I	-- --
	16/11/2000-14:25	Hi everybody, writinG is fun!	sil	A	-- --
	16/11/2000-14:26	Hi everybody, writinG is fun!	sil	E	-- --
	16/11/2000-15:03	I suggest that we write a tale about a man who has a dog and and intend to be a doctor.	jor	I	-- --
	16/11/2000-15:07	hi!I am liking this activity. I want write a terror or thrilling short story with your help.I like Steven king and watched his films and readea his short stories.I will be waiting for your opinion and colaboration.	dan	I	*
	16/11/2000-15:09	hi!I am liking this activity. I want write a terror or thrilling short story with your help.I like Steven king and watched his films and read his short stories.I will be waiting for your opinion and colaboration.	dan	A	*
	16/11/2000-15:27	This is just a text. A experimental work. I want to right about the tv set and its influence about the people. If it's good or negative in his formation andcharacter.The people its leaving to read a good book for to watch tv,sometimes,things not very important.I think that,when tv begin to intervent in our life,we are beginning to lost our liberty for to think,what we learn with tv,how it influence about our lifes.Always we have to watch tv critically.	ed	I	-- --
	16/11/2000-15:34	This is just a text. A experimental work. I want to right about the tv set and its influence about the people. If it's good or negative in his formation andcharacter.The people its leaving to read a good book for to watch tv,sometimes,things not very important.I think that,when tv begin to intervent in our life,we are beginning to lost our liberty for to think,what we learn with tv? How it	ed	A	-- --

	influence about our lifes.Always we have to watch tv critically.			
16/11/2000-15:35	Welcome friends! Writing is fun.Writing together is even funnier! What would you like to write about?	ed	A	*
16/11/2000-15:35	Once upon a time a little boy who had a small blackie dog.They loved each others,but I think that the pet loved his human friend than the boy loved him.Any way, the sure was that they had a great affction, and they were seeing allways together, as two good fellows.Nobody doubt about theier friendship, but one day spomething stranger happened and all that friendship was broke...	jor	I	-- --
16/11/2000-15:38	This is just a text. A experimental work. I want to right about the tv set and its influence about the people. If it's good or negative in his formation andcharacter.The people its leaving to read a good book for to watch tv,sometimes,things not very important.I think that,when tv begin to intervent in our life,we are beginning to lost our liberty for to think,what we learn with tv? How it influence about our lifes?weAlways have to watch tv critically.	ed	A	-- --
16/11/2000-16:18	Once upon a time a little boy who had a small blackie dog.They loved each others,but I think that the pet loved his human friend than the boy loved him.Any way, the sure was that they had a great affction, and they were seeing allways together, as two good fellows.Nobody doubt about THEIR friendship, but one day spomething stranger happened and all that friendship was broke...	rod	A	-- --
16/11/2000-16:44	Hi!My name is Fabiana and I just loved this idea. I enjoy writing very much and I wonder if somebody likes poetry. I also love movies and music. I like to write just about anything and I think it would be nice to write about some interesting current event. I hope to "hear" oppinions from all of you soon.	fab	I	*
16/11/2000-16:57	Hi people! I'm Rodrigo. I'm from the first semester and I'm glad to be here to join you in this project. I suggest that we write about interesting trips and exotic places. I also would like to write about music and I think it would be nice to write a story about a new formed rock group. Bye, everybody!	rod	A	*
16/11/2000-17:19	Hi people! I'm Rodrigo. I'm from the first semester and I'm glad to be here to join you in this project. I suggest that we write about different topics at the same time such as movies, trips and music because it can be helpful for our minds!	rod	A	-- --
18/11/2000-09:18	Hi folks! Your ideas are all very interesting, and I liked the idea of writing about more than one topic, but I'm not sure we can, since we are participating in a research project. I will ask Janete	sil	I	*

	and let you know as soon as possible. Keep writing!!			
20/11/2000-14:58	I don't want to write now !!!	da	I	*
21/11/2000-15:25	Too bad I don't have much time to write. I would like to know what you people think about my ideas and about making corrections or not. I liked very much Rodrigo's idea of writing about visiting exotic places or about an interesting trip. Waiting for news from you...	fab	I	-- --
21/11/2000-15:59	I would like to write a SHORT STORIE.	da	I	*
21/11/2000-16:02	I don't want to write now !!!	bib	E	*
21/11/2000-16:05	I would like to write a SHORT STORY.	da	A	*
21/11/2000-16:06	Hi, I'm Rosana. I like very much to listen to music butI don't like to write. I prefer to talk. My favouritessubjects are again music, culture and arts in general.I'm getting some experience with English poetry and prose, which I like a lot. I also love movies, we coulddiscuss about it. Tell me what you think !	ros	I	-- --
21/11/2000-16:08	Hi, I'm Rosana. I like very much to listen to music butI don't like to write. I prefer to talk. My favourite subjects are again music, culture and arts in general.I'm getting some experience with English poetry and prose, which I like a lot. I also love movies, we could discuss about it. Tell me what you think !	ros	A	-- --
21/11/2000-16:11	This is just a text. A experimental work. I want to write about the tv set and its influence about the people. If it's good or negative in his formation andcharacter.The people its leaving to read a good book for to watch tv,sometimes,things not very important.I think that,when tv begin to intervent in our life,we are beginning to lost our liberty for to think,what we learn with tv? How it influence about our lifes?weAlways have to watch tv critically.	ed	A	-- --
21/11/2000-16:16	This is just a text. A experimental work. I want to write about the tv set and its influence about the people. If it's good or negative in his formation andcharacter.The people its leaving to read a good book for to watch tv,sometimes,things not very important.I think that,when tv begin to intervent in our life,we are beginning to lost our liberty for to think,what we learn with tv? How it influence about our lifes?weAlways have to watch tv	ed	A	-- --

	critically.			
21/11/2000-16:19	yes,I want.	ed	I	-- --
21/11/2000-16:23	Hi! I'm Carla and I would like to write about trips, curiosity about them. Museums, oh! I love museums that showing the human experiences, old objects...	car	I	*
21/11/2000-16:26	yes Fabiana.I would like that you help me correcting my simple work.Thank you very much.	ed	A	-- --
21/11/2000-16:27	Hi!My name is Fabiana and I just loved this idea. I enjoy writing very much and I wonder if somebody likes poetry. I also love movies and music. I like to write just about anything and I think it would be nice to write about some interesting current event. I hope to "hear" oppinions from all of you soon.	car	A	*
21/11/2000-16:28	Hi!My name is Fabiana and I just loved this idea. I enjoy writing very much and I wonder if somebody likes poetry. I also love movies and music. I like to write just about anything and I think it would be nice to write about some interesting current event. I hope to "hear" oppinions from all of you soon.	<u>car</u>	A	*
21/11/2000-16:29	Yes Fabiana.I would like that you help me correcting my simple work.Thank you very much.	edmi lson cost a	A	-- --
21/11/2000-16:29	Hi!My name is Fabiana and I just loved this idea. I enjoy writing very much and I wonder if somebody likes poetry. I also love movies and music. I like to write just about anything and I think it would be nice to write about some interesting current event. I hope to "hear" oppinions from all of you soon.	carla	A	*
21/11/2000-16:31	Fabiana, I would like to correct my mistakes - carla	carla	I	-- --
21/11/2000-16:31	Fabiana, I would like that you correct my mistakes - carla	carla	A	-- --
21/11/2000-16:32	Fabiana, I would like that you correct my mistakes	carla	A	-- --
21/11/2000-	FABIANA I will like that you correct my text. thanks.KISSES.	dani elatr	I	--

16:38		inda de		--
21/11/2000- 21:04	Hi everyone! I'm surprised with your fluency in the English language and how much you have written so far! Don't worry with you eventual mistakes, please! Try writing as much as possible as if you were thinking together in writing. All your ideas are great and the topics suggested are very interesting. Why not writing about the idea of reading books? Mention the positive aspects of a good reading in someone's life, how it helps oneself to understand our own situation, for instance.	Jane te	I	*
21/11/2000- 21:05	Hi everyone! I'm surprised with your fluency in the English language and how much you have written so far! Don't worry with your eventual mistakes, please! Try writing as much as possible as if you were thinking together in writing. All your ideas are great and the topics suggested are very interesting. Why not writing about the idea of reading books? Mention the positive aspects of a good reading in someone's life, how it helps oneself to understand our own situation, for instance.	Jane te	A	*
23/11/2000- 09:41	Hi, dear students! Remember to click "histórico" on the top menu. It's very interesting because you can see all actions done by each one of us. When you are in "visualizar" you can only see the last actions. We are still waiting for Bibiana's and Michele's ideas. As soon as they post their ideas, we can choose 3 topics to write about. Please, choose a topic different than yours. We are going to write about the first three choices, ok? I would like to write about....	silva na	I	-- --
23/11/2000- 16:08	Hi! I'm Carla and I would like to write about trips and curiosities about them. Museums... oh! I love museums that show the human experiences, old objects...	fabia nao	A	*
23/11/2000- 16:10	Yes Fabiana. I would like you to help me to correct my simple work. Thank you very much.	fabia nao	A	-- --
23/11/2000- 16:15	Edmilson! You're very welcome. I'm glad I can help in some way. Carry on...	fabia nao	I	-- --
23/11/2000- 16:40	Hello, everybody! Here I am writing once more and I have to admit that I'm really excited about this projects. I like Janete's idea about reading books, Danilo's idea about writing a short story and finally, I would like to suggest a more polemic subject like drugs in our society or love relations in these crazy times. So...what's going to be?!?	fabia nao	I	-- --
23/11/2000-	Hello, everybody! Here I am writing once more and I have to admit that I'm really excited about this project. I like Janete's idea about reading books, Danilo's idea about writing a short	fabia	A	--

16:41	story and finally, I would like to suggest a more polemic subject like drugs in our society or love relations in these crazy times. So...what's going to be?!?	nao		--
25/11/2000-15:03	hi!I am liking this activity. I want write a terror or thrilling short story with your help.I like Steven king and watched his films and read his short stories.I will be waiting for your opinion and colaboration.	mich ele	E	*
25/11/2000-15:12	hi!I am liking this activity.I want write a terror or thrilling short story with your help.I like Steven King and watched his film and read his. I will be waiting for your opinion and colaboration.	mich ele	I	-- --
25/11/2000-15:13	hi!I am liking this activity.I want write a terror or thrilling short story with your help.I like Steven King and watched his film and read his. I will be waiting for your opinion and colaboration.	mich ele	E	-- --
25/11/2000-15:28	Hi! I would like writing about films, actors and cinema.The kind of film that I like is comedy and mistery. My favorite actor is Antony Hopkins. Now, you decide. Bye!!	mich ele	I	-- --
26/11/2000-18:01	Hi folks!Let´s make up our minds!! I mean, let´s choose the topics and start the fun. Be very objective; USE CAPITAL LETTERS TO FILL THIS SENTENCE: I would like to write about... Here goes my choice: I WOULD LIKE TO WRITE A SHORT STORY.	silva na	I	-- --
28/11/2000-00:52	I would like to write a small tale ou a short history	jorg ewai thers	I	-- --
28/11/2000-01:02	I WOULD LIKE TO WRITE A SMAL TALE OR A SHORT HISTORY ABOUT REAL FACTS OR NOT.	jorg ewai thers	I	-- --
28/11/2000-16:01	SO, LET'S START TO WRITE A SHORT STORY...IT WILL BE FANTASTIC !!!	danil o	I	*
28/11/2000-16:08	I WOULD LIKE TO WRITE A SMAL TALE	edmi lson cost a	I	-- --
28/11/2000-16:09	I WOULD LIKE TO WRITE A SMAL TALE.	edmi lson cost	A	-- --



		a		
28/11/2000-16:12	I WOULD LIKE TO WRITE A SHORT STORY.	edmi lson cost a	A	-- --
29/11/2000-16:03	Hi! I also would like to write a short story too. I agree with my classmate Danilo: It will be fantastic!	bibia na	I	-- --
29/11/2000-16:04	Hi! I also would like to write a short story . I agree with my classmate Danilo: It will be fantastic!	bibia na	A	-- --
05/12/2000-12:41	HI MY FRIENDS! Some of you haven't voted yet. I can't wait to start our short story. Janete has already started a text for us, so I suggest that you click on "a short story" and start writing. Those of you who haven't voted yet, please do that as soon as possible. We can write another text, besides the short story. It depends on your choices.	silva na	I	-- --
13/12/2000-15:13	Hi people! I'm Rodrigo. I'm from the first semester and I'm glad to be here to join you in this project. I suggest that we write about different topics at the same time such as movies, trips and music because it can be helpful for our minds!	rodri gof	E	-- --
10/01/2001-13:28	Fabiana, I would like you correct my mistakes.	Jane te	A	*
10/01/2001-13:28	Fabiana, I would like you correct my mistakes.	Jane te	E	*
17/10/2006-11:55	This is just a text. A experimental work. I want to write about the tv set and its influence about the people. If it's good or negative in his formation andcharacter.The people its leaving to read a good book for to watch tv,sometimes,things not very important.I think that,when tv begin to intervent in our life,we are beginning to lost our liberty for to think,what we learn with tv? How it influence about our lifes?weAlways have to watch tv critically.	Jane te	B	-- --

**TECE1: Collaborative writing – Função Texto Final (TF)****Versão final do texto: writing**

Welcome friends! Writing is fun. Writing together is even funnier! What would you like to write about? What would you like to write about? Write some suggestions of topics, and let's make an election. The winner is....

This is just a text. A experimental work. I want to write about the tv set and its influence about the people. If it's good or negative in his formation and character. The people its leaving to read a good book for to watch tv, sometimes, things not very important. I think that, when tv begin to intervent in our life, we are beginning to lost our liberty for to think, what we learn with tv? How it influence about our lifes? we Always have to watch tv critically.

FABIANA I will like that you correct my text. thanks. KISSES.

I WOULD LIKE TO WRITE A SMAL TALE OR A SHORT HISTORY ABOUT REAL FACTS OR NOT.

I suggest that we write a tale about a man who has a dog and and intend to be a doctor.

I would like to write a small tale ou a short history

Hi! My name is Fabiana and I just loved this idea. I enjoy writing very much and I wonder if somebody likes poetry. I also love movies and music. I like to write just about anything and I think it would be nice to write about some interesting current event. I hope to "hear" oppinions from all of you soon.

Too bad I don't have much time to write. I would like to know what you people think about my ideas and about making corrections or not. I liked very much Rodrigo's idea of writing about visiting exotic places or about an interesting trip. Waiting for news from you...

Yes Fabiana. I would like you to help me to correct my simple work. Thank you very much.

Edmilson! You're very welcome. I'm glad I can help in some way. Carry on...

Hi folks! Your ideas are all very interesting, and I liked the idea of writing about more than one topic, but I'm not sure we can, since we are participating in a research project. I will ask Janete and let you know as soon as possible. Keep writing!!

Hi! I'm Carla and I would like to write about trips and curiosities about them. Museums... oh! I love museums that show the human experiences, old objects...

I would like to write a SHORT STORY.

Hi, I'm Rosana. I like very much to listen to music but I don't like to write. I prefer to talk. My favourite subjects are again music, culture and arts in general. I'm getting some experience with English poetry and prose, which I like a lot. I also love movies, we could discuss about it. Tell me what you think !

Hi everyone! I'm surprised with your fluency in the English language and how much you have written so far!

Don't worry with your eventual mistakes, please! Try writing as much as possible as if you were thinking together in writing. All your ideas are great and the topics suggested are very interesting. Why not writing about the idea of reading books? Mention the positive aspects of a good reading in someone's life, how it helps oneself to understand our own situation, for instance.

Hi, dear students! Remember to click "histórico" on the top menu. It's very interesting because you can see all actions done by each one of us. When you are in "visualizar" you can only see the last actions. We are still waiting for Bibiana's and Michele's ideas. As soon as they post their ideas, we can choose 3 topics to write about. Please, choose a topic different than yours. We are going to write about the first three choices, ok? I would like to write about....

Hello, everybody! Here I am writing once more and I have to admit that I'm really excited about this project. I like Janete's idea about reading books, Danilo's idea about writing a short story and finally, I would like to sugest a more polemic subject like drugs in our society or love relations in these crazy times. So...what's going to be?!?

Hi! I would like writing about films, actors and cinema. The kind of film that I like is comedy and mistery. My favorite actor is Antony Hopkins. Now, you decide. Bye!!

Hi folks! Let's make up our minds!! I mean, let's choose the topics and start the fun. Be very objective; USE CAPITAL LETTERS TO FILL THIS SENTENCE: I would like to write about... Here goes my choice: I WOULD LIKE TO WRITE A SHORT STORY.

I WOULD LIKE TO WRITE A SHORT STORY.

SO, LET'S START TO WRITE A SHORT STORY...IT WILL BE FANTASTIC !!!

Hi! I also would like to write a short story . I agree with my classmate Danilo: It will be fantastic!









HI MY FRIENDS! Some of you haven't voted yet. I can't wait to start our short story. Janete has already started a text for us, so I suggest that you click on "a short story" and start writing. Those of you who haven't voted yet, please do that as soon as possible. We can write another text, besides the short story. It depends on your choices.










## ANEXO B.1






## TECE2: A short story – Função Visualizar (V)

Texto: A Short Story	A STORY	Sil	I	-	17/05/2001- 15:19	 editar
1°				-		
2°	Walking in the woods is one of my favorite passtime. We mean...Actually I hate it,but I always go where my legs order.In a cold December night I was walking when I got stuck. An amazing thing happened in front of me a huge animal ... like a dog, BUT BIGGER, VERY HIGH. HIS BREATH COULD BE HEARD FROM A LONG DISTANCE. IT WAS A VERY TERRIBLE EXPERIENCE, THAT I WILL Tell YOU NOW...	Jan	A	*	17/07/2001- 12:08	 editar
3°	But wait! Oh my goodness! I couldn't believe in what my eyes was seeing... That HUGE animal...a mix of a man and a dog...quickly changed himself in a bad smelling shape of a witch!!!	soa	A	*	13/06/2001- 14:18	 editar
4°	I saw her ...The crazy old witch... She was laughing and stiring something in her cauldron. Suddenly, she stopped, stared and asked me, "Who is Lancaster?"	soa	A	*	13/06/2001- 14:23	 editar
5°	"Lancaster?!" I'm Lancaster. But why are you looking for me? Who are you?!- She just laught and got out. And there was me, standed alone in the woods...but not so alone, because she left (hu!huecg!)her so bad smell with me for some moments...	soa	A	*	13/06/2001- 14:29	 editar
6°	It was a dark Friday night and her eyes shined, her smile was terrible. But what did she doing there? What was she going to do? I was like a stone but I kept calm.	soa	A	*	13/06/2001- 14:34	 editar
7°	As a person who is lost in this sick world, that could well be compared to a dark forest, searching for a window to see and participare of the goods things on hearth, I decided to turn myself into a more creative and sensible human being.	soa	A	*	13/06/2001- 14:41	 editar
8°	...in middle this forest I need to find this window,because,can be my only chance. Will be exist a key?...	Ed	A	-	30/05/2001- 14:24	 editar
9°	After a long walk and far away from the danger, I sat down on the grass to relax for a while. As I was getting calmer I could hear the amazing sounds of the nature surrounded me. I heard things that I had never heard before. And it made me see a world that I had never seen before, too. For an instant, I cought myself watching a beautiful bird singing happily in a flash of sunlight. And for what? Maybe to thanks something or	Rod	A	*	25/03/2002- 14:12	 editar

somebody (maybe God) for this magical thing called life. This life that for many of us is only a hidden treasure that keeps the happiness under seven keys.

10°	I'm afraid, but I took a piece of wood and I waited for the beast. In his bestial form, he was looking at me, what I was doing. When he was near me, I beat him, then he fell in front of me. But the beast was strong and he stood up, so I run, run, run for to survive.	soa	A	*	13/06/2001-14:59	 <b>editar</b>
11°	...to run, to run was not enough, the creature approached of me. Then I stopped. I decided to face the beast and for my surprise I understood that that strange creature was trying to help me with myself. Then I noticed that I fought against myself - it would be the largest battle of my life, because I would have to face my interior demons, dream or not, I would have to face them...	soa	A	*	13/06/2001-15:04	 <b>editar</b>
12°	I would like to know if this is a dream or reality? I wish I were dreaming and don't have to see this beast. The forest is dark and I need to hide, the beast is own devil, if Devil exist, exist God too. Or this is just all imagination?	Ed	A	-	24/04/2001-13:39	 <b>editar</b>
13°	...but I thought that was dreamed. Who is the beast that followed me? why it followed me? Was I always wrong? I will have to think as I will destroy the beast without to destroy at myself. I don't want to be the shadow of myself. I discovered the cause about my ignorance. I will fight with all demons, my interior demons, and we all have some kind interior demon. Each one have to discover and kill your demon...	Ed	I	-	07/05/2001-13:32	 <b>editar</b>
14°	...there is a man, who would want to learn about Zen's philosophy. He traveled for many months although mountains, rivers, forests. The man was traveling alone, he have to find an old master for to learn...	Ed	A	-	14/05/2001-13:26	 <b>editar</b>
15°	...when he arrived there, there is a temple, a big temple and there was big statues also. The man was tired, because he traveled a lot. Somebody opened the door and said him: come in please...	Ed	I	-	14/05/2001-13:33	 <b>editar</b>
16°	...the man was apprehensive, but he slowly came into the temple. He wouldn't know if the master would speak with him. He waited for the master for many days, fifty days more, and nothing about old master...	Ed	A	-	14/09/2001-14:43	 <b>editar</b>
17°	...there is a house. A big house on the mountain, there's a man, he lived there. At night that man felt something about himself, in the morning he don't remembered nothing what happened or what he had done...	Ed	A	-	25/05/2001-13:32	 <b>editar</b>

18°	...then the master arrived. The master was really old,perhaps one hundred years old,the man was losing patience,because he waited much. But he wouldn't know,that patience,it would part of the learning...	Ed	A	-	22/05/2001-15:16	
19°	...the man to bow ,it form of demonstrating respect to the oldest,this is a chinese form. the master told it that if it approached,then,they sat down to the table,a small table. The old began to speak about Zen`s philosophy...	Ed	A	-	14/09/2001-14:52	
20°	...the master started to speak about Zen`s philosophy to the man,the master spoke,spoke and the man interrupted the old frequently saying:- I know,I already did this,I alread knew. After a lot to talk,the master ordered to the servants that brought the tea,and the old served the visitor`s cup. The cup filled and overflowed,the man screamed:- stop!,doesn`t you see that the cup is full?...	Ed	I	-	23/05/2001-15:25	
21°	...yes,I saw it!said the old. You are full of ideas,your mind it is overflowing. As wait you to prove of my tea if you still nor it emptied your cup? The master lifted and left,leaving the man there thinking of the one that the old master told it...	Ed	I	-	24/05/2001-15:19	
22°	...front the master`s attitude the man didn`t know what to do. But he left contemplating on the subject. To travel so much time and to wait time for the old to speak of a cup,the man was frustrated,poor man that didn`t get to find in those words the wisdom that sought. And he continued the seek,now in his interior...	Ed	I	-	25/05/2001-13:37	
23°	...the man continued on the way to him meditating on the one that the master had spoken to it. But he returned there in the temple. Why did the old philosophize using a cup?...	Ed	A	-	28/05/2001-13:17	
24°	...He met the master again for him can understand that philosophy. then,the master told him: the cup`s utility is in possibility to empty itself. --You are full of new ideas,for you to learn the new things...	Ed	A	-	07/06/2001-14:59	
25°	...you need to empty your mind about your old ideas,you need to have patience for to absorve my teachings,I learned during all my life...	Ed	I	-	07/06/2001-15:10	
26°	...you need to empty your mind about your old ideas,you need to have patience for to absorve my teachings,I learned during all my life...	Ed	I	-	07/06/2001-15:09	

27°	...how you hope to prove my tea if you don't emptied your cup yet? then the man heard that words and he understood the lesson. the old get up and left slowly...	Ed	A	-	11/06/2001-13:17	
28°	...then,the man,get up too. And left. Now,more humble,more wise for to follow his travel by the world. He learned for to have wisdom is to need to live for a long time,the knowledge come to the experiences...	Ed	A	-	13/06/2001-13:17	
29°	...this is was a just experiance in his life,he will be another things,to teach what he had been learning...	Ed	I	-	20/06/2001-13:25	
30°	THE MACABRE RITUAL What here will count cannot seen a truth but it happened,and of a trip that I made the amazon forest. There was many indigenou tribes,a lot of forest,many exotic animals and a very big energy that emanated of that beautiful nature not yet desolated by the ``modern man``. Well,I went with a research expedition,of fauna and flora,to fotograf the events or discoveries of that immense and dense nature,because I am a photographer,in that expedition there were three americans,one English, two africans and two brazilians,me and the guide. Everybody experts in what intended to do. It was not difficult the understanding because,everybody spoke the same language,the English. But there was the guide to drove the small expedition,a quiet and mysterious guide that hardly spoke,he had an aspect whose had lived there in the middle of the the forest for all its life,and it used a type of gluing very strange and the expedition followed its direction forest inside,during the day we were amazed with the sunbeams that penetrated for among the trees,terrified with the pitch of the darkness and the noise of animals that we didn't see nor we heard during the day,but they were being accompanied or hunting us in that immeasurable darkness. We everybody was together to the turn of a bonfire in the hope that didn't appear any animal over there,because of fire,and we alternated ourselves in the guard,we heard screams in the distance and noises of drums,but we didn't have courage of investigating what it happened,when I decided to ask for the guide that was that,I noticed that disappeared of there. That strange man had disappeared in the forest and let us,then me,finding courage in the immense fear that I felt,I had left in the guide`s trace,it didn't delay a lot so that I found,it was alone to follow the noise of the drums,but when I arrived there the terror was	Ed	I	-	06/08/2001-13:00	
31°	...still larger,I spied for among the trees,and I saw the reason of sound of the drums. A young one was tied on top in stone form of table,and some men with strange masks and some sharp objects in their hands,to my surprise appears the guide wearing an eccentric clothes and a dagger type in one of the hands,the youth looked it with a terror printing in her face,that seemed to be surrounded of demons,and them would sip all	Ed	A	-	10/08/2001-12:59	

her body until finding her soul, and she fought hopelessly without any chance, her screams were suffocated by the mortal dances and the sound of indigenous drums. suddenly the guide it sizes the objects, with the two hands, in an alone blow and with a lot of force he nails that weapon in the middle her chests, tearing it until the height of navel, the youth screamed so high that froze me the bones, ...

32° ...of course I do not forgot my machine, I photographed some things, the one that I has just seen, never somebody would believe if I counted. It was a satanic ritual, they evoked a strange entity and it seemed that that entity it was there close to them with pleasure with the body of that young now already without life, everybody that were participating in the ritual began to drink of the blood and to eat of the girl's meat, when suddenly the guide looks at in my direction as if he had discovered me in that darkness, and I didn't waste time, I leave running without looking at back. I didn't sleep in that night and I had awake nightmares, the girl appeared, in my dreams, asking me help, she didn't want to die, I counted for the other ones that I saw and they revealed me to be there to discover on those ritos and not to study the nature, I decided not to speak to them of the photos that I had photographed, because, I began to distrust of them and of its purposes. In the end they were everybody a decree of sadistic and I thought wanted it was to participate of that blood's festival, only that that could cost its own lives. Finally the fear took me to abandon that expedition and to go to home before I became ritual's object of sacrifices of those natives.

Ed A - 13/08/2001-  
- 12:44



33° ...Then a long time passed from that terrible one experience with the indians, the girl's images being in death agony I didn't leave head, she still asked me help, but as I could help her if your visits they were just in my dreams. she was a beautiful girl, I didn't understand because she was sacrificed and devoured.

Ed I - 15/08/2001-  
- 13:26



34° ...well, I decided to return there and discover the reason of that everything. When I arrived again in the Amazon, obviously, I didn't seek for that eccentric guide. the fear still reigned. I arranged other guide that took me to the place, during the day it's certainly, arriving there, the one that I saw was terrible, I thought, is a scene of horror film, there were people's piece and blood everywhere. When I routed, there were several heads in a stake, I went to see, they were the all foreigner's heads of the first expedition, they were dead. I was already sorry for having returned, but I returned for the girl, it seemed that she drove me in that dangerous world. I only wanted to return home. And the night arrived. The sound of the drums began and seemed higher than before and the moon was big and brilliant in the sky, a beauty mixture and terror. I had the sensation of to be being observed through the window, suddenly I went reached for a small arrow, a dart, I drop, when I noticed I was lied in the ground and I looked at the moon through the window as to a picture painted by Van Gog.

Ed I - 17/08/2001-  
- 12:54








35°	<p>... I felt my body to burn,I was paralyzed by the poison,some natives ones came and they carried me,they took me for an altar and they began to pray and to pronounce strange words, I thought I would die there same,the girl`s image came in the mind,when the moon was intense in its shine appeared a thing that until then I had not to seen,a creature that seemed to have come from the hell. Then that creature rounded me and it tore my meat with its fingernails,but the man that guided me in that place appeared,and he threw in the wild animal with an enormous gun,the monster dropped and the other men that were to my turn they had left running in having discharged,I was numbed and the girl`s image disappeared of my mind. Well,my body burned and it burned as fire,suddenly everything in my mind it turned off,I didn`t see and I didn`t feel anything else. But I dreamed,I dreamed that floated in the clouds,traveled in the sky,overflowed mountains and lakes,I saw myself hunting without weapons,I don`t know the one that,but I was hunting and I wouldn`t know more who I was. Perhaps I have found there my curse. Then everything passed,they took me home,I forgot the place and the girl stopped of appearing for me.</p>	Ed	I	-	20/08/2001-	13:19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-----	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----	---	---	-------------	-------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---








place appeared, and he threw in the wild animal with an enormous gun, the monster dropped and the other men that were to my turn they had left running in having discharged, I was numbed and the girl's image disappeared of my mind. Well, my body burned and it burned as fire, suddenly everything in my mind it turned off, I didn't see and I didn't feel anything else. But I dreamed, I dreamed that floated in the clouds, traveled in the sky, overflew mountains and lakes, I saw myself hunting without weapons, I don't know the one that, but I was hunting and I wouldn't know more who I was. Perhaps I have found there my curse. Then everything passed, they took me home, I forgot the place and the girl stopped of appearing for me.

38°	...I had been there, deeply lost, no easy way out, but when I saw at myself in the mirror, my shade was big, my negative shade.- What to do? I thought. I had had good ideas and good dreams, but my soul needed more, the hell, go to have wait, because, nobody accepts its own condition, everybody wants to move, but we need a lot of interior force. then, few really gets and the demon becomes its own shade, forever...	Ed	A	-	10/05/2001-15:17	 =ditar
39°	By the way, you are , maybe, thinking with yourself: "what's happening with this guy?! ", ok! but "don't you know?", He's seeing his life with another eyes... Now, yes, he's living. 'Cause the meaning of the life is you see your mistakes and repara it.	sha	A	*	07/06/2001-12:41	 =ditar
40°	We decided to look at <b>us</b> and to <> saw that there are two ways. All <> us have the good and bad side, but we show only the good side. We <b>hidden</b> the bad side. Then we <b>get living</b> in society. When we <b>lost</b> the reason, the bad side stay in evidence and we meet with our beast.	Sil	A	*	17/05/2001-11:56	 =ditar
41°	Hi everybody! I suggest that we use Observação to call everybody's attention to the language corrections that should be made in the text. I believe we can improve our writing skills in this way, DON'T YOU?	Sil	I	*	14/05/2001-10:53	 =ditar
42°	Hi students! Your text is improving beautifully. I'm very proud of your efforts in this short story. Please go on and pay attention to the observation notes next to your paragraphs.  Could you please check the following <i>Web</i> site for our short paper at the ITTE, in Swansea, Wales. <a href="http://ted.newport.ac.uk/itte/Papers/janete_sander_costa.htm">http://ted.newport.ac.uk/itte/Papers/janete_sander_costa.htm</a>	Jan	A	*	14/05/2001-11:24	 =ditar
43°	We want to show you something really cool! Do you know that we can choose <b>font color</b> , style, size, etc in <i>EquiText</i> ? We will have a <b>face-to-face meeting next Thursday afternoon(17/05) during the break (15:00) at the research's room.</b>	Sil	A	*	14/05/2001-11:52	 =ditar

44°	Once detected the beast inside of us, we shall understand the reasons that made it be part of our lives. According to a known theory, every human being is initially good, it means that we're born without those beasts inside. But, as time goes by, we start getting all kind of information that will set up the base of our behaviour and personality. With these thoughts in mind, I began to wonder: "What have I done or suffered to have seen that HORRIBLE BEAST in the forest?" "Was I hiding any part of me from myself?" "Am I trying to see or show only my good side until now?" "Do I avoid to face my fears?" "Are these fears testing me now in a BEAST's APPEARANCE?" I must find the answers for these questions. "What about another walking in the WOODS?" But, this time, in the woods of THE PAST!	Sil	A	*	17/05/2001-15:25	
45°	Each one of us has an immeasurable potential that ignores, and anything we happen by chance. Probably, that beast is a sign. I think that nobody is born good or bad, the person is born and later if transforms in the what is, in agreement with its existences. In that moment the beast appeared for you, because would want to test you and to do you to forget another situation that happened. To face the fears is a beautiful challenge, it is on those hard and sad hours that we more grew as person and we became a better, stronger, more complete and courageous human being. Continue walking for the forest, I see to its side an intense light and an angel, when the beast approaches you the angel moves away it. Look at that wonderful tunnel in turn of you, the flowers coloring its highway, it is dark but with good visibility. You saw, the beast becomes a carriage that will take it for a long walk, at the end you will have found him and discovered its truths and everything that will see will be a beautiful sun that will heat up it the soul and the heart, and the beast will disappear!	sha	A	-	31/05/2001-12:02	
46°	I would like to right in funier way,and with this work in the <i>EquiText</i> I'm getting and I'm learning too. Isn't easy	Ed	I	-	14/09/2001-15:11	
47°	We suggest that you use the window "observação" for comments, sharing difficulties, doubts and ideas. As you know we are supposed to finish this project by June 16. So, we have to make some decisions:  How are we going to edit the final version? What should we keep, get rid of? Insert? Remember that you should start thinking about a conclusion for the story. The story should be understood by any reader.	Sil	I	*	28/05/2001-11:13	
48°	I have thought: "Are we trying to improve our lives?", "Are we going away for our ambitions?", or we are just letting go... don't moving anything to change the things in our lives that we guess it's wrong, that we don't like... we think and think but in	sha	A	*	31/05/2001-12:21	

true we never made nothing. "The human being needs to change!": this everybody know! but who are making something??, who are making just your part?? Don't think so much. It could hurt you! Just do it!! Believe, 'cause it's true, that changing your live you'll change the world!

49°	I think that people need change, but for better. Everybody needs to live intensely, to love, to smile and to travel more. It's possible for some, but it isn't a reality. The most of the people works to survive and they don't have time for to think about it. Everybody search a solution for your problem, but there isn't a form.	soa	A	*	03/06/2001-22:35	
50°	Sometimes... everybody cries. Sometimes everybody gets hurt...then you have to do something to improve your life. Remember you have to be your best friend!	Ed	A	*	22/11/2001-14:25	
51°	I think that the end of the story can be considered as a terrible nightmare. But this was the way that God found to wake up that human being for the reality, for the life. That man was the best, he was always debauching of the people and disbelieving of the superior forces. So, God gave it a lesson. He was very afraid and only when it was gotten to turn humbler he realized. Today I am a new man, he said. Thank you God, for having nailed me that fright. Then, I woke up and I could live as a person worthy of this prosperous universe with own light that serves me daily, where there is not place for fears and that I ignored. Today I am more me and happier, very happy. I came the page of the life, I found a new book that I will write everyday, in this beast won't exist but pages that will play his heart, his soul and it will change his life.	soa	A	*	13/06/2001-15:14	
52°	<b>Edmilson, Magda, Shane, Rodrigo and Danilo we are about to end our story. We encourage you to reread and review the whole story paying attention to the following aspects: delete irrelevant words, sentences or paragraphs (even teachers' comments), write conclusive paragraphs, review language forms (verb tenses, subject-verb agreement, choice of words and word order)</b>  <b>Please, use the observation window for your negotiations, i. e. exchange your ideas or difficulties with your peers.</b> <b>Remember our deadline is June 15.</b>	Sil	I	*	04/06/2001-11:31	
53°	Fortunately, I woke up. That dream was really nightmarish. When I woke up, I was in my house. I took a shower and my family called me for having breakfast, all was perfect. I looked by the window, I saw the birds singing and the nature smiling at me, I stayed very happy. Then, I said for my husband, today I will not sleep because that nightmare lasted a eternity, I love the life and want to be of eyes open to every second.	sha	A	*	13/06/2001-14:05	

54°

The woods was only a dream, but I found a solution: I am a  
begin human with fault and quality, but I am only. I translation  
this informations, procecuted and the product was my person.

mag

I

\*

06/06/2001-  
07:57

## TECE2: A short story – Função Histórico (H)

<b>Texto: English RREIS (A short story)</b>	05/12/2000 -14:25	Walking in the woods is one of my favorite passtimes. One day,	<u>Jan</u>	I	*
	06/12/2000 -16:33	Walking in the woods is one of my favorite passtimes.	da	A	*
	06/12/2000 -16:48	Walking in the woods is one of my favorite passtimes.In a cold December night I was walking when I got stuck. A amasing thing happenned in front of me.	bib	A	-- --
	06/12/2000 -16:56	Walking in the woods is one of my favorite passtimes.In a cold December night I was walking when I got stuck. A amazing thing happenned in front of me.	<u>bib</u>	A	-- --
	06/12/2000 -16:58	I mean...Actually I hate it,but I always go where my legs order.So,I just was walking like a lost again when a saw her.The old witch was laughing...	da	I	*
	06/12/2000 -17:03	Walking in the woods is one of my favorite passtimes.I mean...Actualy I hate it,but I always go where my legs order.In a cold December night I was walking when I got stuck. A amazing thing happenned in front of me.	da	A	-- --
	06/12/2000 -17:06	Walking in the woods is one of my favorite passtimes.I mean...Actualy I hate it,but I always go where my legs order.In a cold December night I was walking when I got stuck. A amazing thing happenned in front of me.The old witch was laughing.	da	A	*
	06/12/2000 -17:06	I mean...Actually I hate it,but I always go where my legs order.So,I just was walking like a lost again when a saw her.The old witch was laughing...	da	E	*
	07/12/2000 -14:44	Walking in the woods is one of my favorite passtimes.I mean...Actualy I hate it,but I always go where my legs order.In a cold December night I was walking when I got stuck. An amazing thing happenned in front of me.The old witch was laughing.	mic	A	*
	07/12/2000 -14:45	Walking in the woods is one of my favorite passtimes.I mean...Actualy I hate it,but I always go where my legs order.In a cold December night I was walking when I got stuck. An amazing thing happenned in front of me.The old witch was laughing.	mic	A	*

07/12/2000 -14:47	Walking in the woods is one of my favorite passtimes.I mean...Actually I hate it,but I always go where my legs order.In a cold December night I was walking when I got stuck. An amazing thing happended in front of me.The old witch was laughing.	car	A	*
07/12/2000 -14:59	Walking in the woods is one of my favorite passtimes.I mean...Actually I hate it,but I always go where my legs order.In a cold December night I was walking when I got stuck. An amazing thing happended in front of me.a HUGE ANIMAL... LIKE A DOG, BUT BIGGER, VERY HIGH. HIS BREATH COULD BE HEARD FROM A LONG DISTANCE. IT WAS A VERY TERRIBLE EXPERIENCE, THAT I WILL TALK FOR YOU NOW...	mic	A	*
07/12/2000 -15:00	was friday night and was dark,but,her eyes shined,her smile was terrible. But what she was doing there,what she's going to do? I think. I was like a stone but I kept the calm.	ed	I	--
07/12/2000 -15:07	was friday night and was dark,but,her eyes shined,her smile was terrible. But what she was doing there,what she's going to do? I think. I was like a stone but I kept the calm.	ed	A	--
07/12/2000 -15:08	Walk ikn the wood it's a very silly way to write something that a fell sick when a see this kind of writing.It sounds as a child story, story to make babys sleep. U propose to write a real short story, a text with begins, midle and end. this is my story, the tale of a enry man, a person who is lost in this sick world, seaching a window to see and participate of goods things that exist on hearth. So my friends, lets start to be creative.	jor	I	--
07/12/2000 -15:11	Walk ikn the wood it's a very silly way to write something that a fell sick when a see this kind of writing.It sounds as a child story, story to make babys sleep. U propose to write a real short story, a text with begins, midle and end. this is my story, the tale of a enry man, a person who is lost in this sick world, seaching a window to see and participate of goods things that exist on hearth. So my friends, lets start to be creative.	jor	I	--
07/12/2000 -15:11	Walk ikn the wood it's a very silly way to write something that a fell sick when a see this kind of writing.It sounds as a child story, story to make babys sleep. U propose to write a real short story, a text with begins, midle and end. this is my story, the tale of a enry man, a person who is lost in this sick world, seaching a window to see and participate of goods things that exist on hearth. So my friends, lets start to be creative.	<u>jor</u>	E	--
17/12/2000 -13:15	As a person who is lost in this sick world, that could well be compared to a dark forest, searching for a window to see and participate of the goods things on hearth, I decided to turn myself into a more creative and sensible human being.	Jan	A	*

23/04/2001 -15:55	I'm afraid, but I took a piece of wood and I waited by the beast. In his bestial form, he was looking at me, what I was doing. When he was near me, I beat him, then he fell in front of me. But the beast was strong and he got up, so, I run, run, run for to survive.	Ed	I	-- --
23/04/2001 -16:01	After a long walk and far away from the danger, I sat down on the grass to relax for a while. As I was getting calmer I could hear the amazing sounds of the nature that surrounded me. I heard things I had never heard before. And that made me see a world that I had never seen before, either. For an instant, I caught myself watching a beautiful bird singing happily in a flash of sunlight. And for what? Maybe to thank something or somebody (maybe God) for this magical thing called life. This life that for many of us is only a hidden treasure that keeps the happiness under seven keys.	Rod	I	-- --
23/04/2001 -16:03	After a long walk and far away from the danger, I sat down on the grass to relax for a while. As I was getting calmer I could hear the amazing sounds of the nature that surrounded me. I heard things I had never heard before. And that made me see a world that I had never seen before, either. For an instant, I caught myself watching a beautiful bird singing happily in a flash of sunlight. And for what? Maybe to thank something or somebody (maybe God) for this magical thing called life. This life that for many of us is only a hidden treasure that keeps the happiness under seven keys.	Rod	A	*
24/04/2001 -13:38	I would like to know if this is a dream or reality? I wish I had dreamed and don't have to see this beast. The forest is dark and I need to hide, the beast is my own devil, if Devil exists, exist God too. Or this is just all imagination?	Ed	I	-- --
24/04/2001 -13:39	I would like to know if this is a dream or reality? I wish I were dreaming and don't have to see this beast. The forest is dark and I need to hide, the beast is my own devil, if Devil exists, exist God too. Or this is just all imagination?	Ed	A	-- --
30/04/2001 -15:35	...to run, to run was not enough, the creature approached me. Then I stopped. I decided to face the beast and for my surprise I saw the great creature was me. Then I noticed that I fought against myself - it would be the largest battle of my life, because I would have to face my interior demons, dream or not, I would have to face them...	Ed	I	-- --
03/05/2001 -16:02	Walking in the woods is one of my favorite pastimes. I mean... Actually I hate it, but I always go where my legs order. In a cold December night I was walking when I got stuck. An amazing thing happened in front of me. A huge animal ... LIKE A DOG, BUT BIGGER, VERY HIGH. HIS BREATH COULD BE HEARD FROM A LONG DISTANCE. IT WAS A VERY TERRIBLE EXPERIENCE, THAT I WILL TALK FOR YOU NOW...	soa	A	*

03/05/2001 -16:03	Walking in the woods is one of my favorite passtimes.I mean...Actually I hate it,but I always go where my legs order.In a cold December night I was walking when I got stuck. An amazing thing happenned in front of me.a huge animal ... like a dog, BUT BIGGER, VERY HIGH. HIS BREATH COULD BE HEARD FROM A LONG DISTANCE. IT WAS A VERY TERRIBLE EXPERIENCE, THAT I WILL TALK FOR YOU NOW...	mag	A	*
03/05/2001 -16:24	By the way, you are , maybe, thinking with yourself:	sha	I	-- --
03/05/2001 -16:25	I m afraid,but I took a piece of wood and I waited for the beast. In his bestial form,he was looking at me,what I was doing. When he was near me,I beated him,then he fell in front of me.But the beast was strong and he stood up,so I run,run,run for to survive.	soa	A	*
03/05/2001 -16:25	Hi! Nice beginning, but you might check for the use of CAPITAL LETTERS and the use of "his/her" x "its".	Jan	I	*
03/05/2001 -16:27	Hi! Nice beginning, but you might check for the use of CAPITAL LETTERS and the use of "his/her" x "its".	Vic	E	*
03/05/2001 -16:29	Nice beginning, but you might check for the use of CAPITAL LETTERS, as well as "his/her" x "its".	<u>Vic</u>	I	*
03/05/2001 -16:52	We decided to look at us and to saw that there are two ways.All us have the good and bad side, but we show only the good side. We hidden the bad side. Then we get living in society. When we lost the reason, the bad side stay in evidence and we meet with our beast.	soa	I	*
04/05/2001 -14:45	It was Friday night and it was dark, and,her eyes shined,her smile was terrible. But what was she doing there,what was she going to do? I was like a stone but I kept calm.	Da	A	*
04/05/2001 -14:52	So I just was walking like a wanderer when I saw her...The crazy old witch...	Da	I	*
04/05/2001 -15:04	So I just was walking like a wanderer when I saw her...The crazy old witch... She was laughing and steering something in her cauldron. Suddenly, she stopped, stared at me and asked me, "Where is Lancaster?"	Da	A	*
07/05/2001 -13:32	...but I thought that was dreamed.Who is the beast that followed me?why it followed me?Was I always wrong?I will have to think as I will destroy the beast without to destroy at myself. I don't want to be the shadow of myself. I discovered the cause about my ignorance. I will fight with all demons,my interior demons,and we all have some	Ed	I	-- --



	kind interior demon. Each one have to discover and kill your demon...			
10/05/2001 -15:16	...I had been there,deeply lost,no easy way out,but when I saw at myself in the mirror,my shade was big,my negative shade.- What to do? I though. I hadhad good ideasand good dreams,but my soul neededmore,the hell,go to have wait,because,nobody accepts its own condition,everybody wants to move,but we need a lot of interior force. then,few reallygets and the demon becomes its own shade,forever...	Ed	I	-- --
10/05/2001 -15:17	...I had been there,deeply lost,no easy way out,but when I saw at myself in the mirror,my shade was big,my negative shade.- What to do? I though. I had had good ideas and good dreams,but my soul needed more,the hell,go to have wait,because,nobody accepts its own condition,everybody wants to move,but we need a lot of interior force. then,few really gets and the demon becomes its own shade,forever...	Ed	A	-- --
10/05/2001 -15:17	...I had been there,deeply lost,no easy way out,but when I saw at myself in the mirror,my shade was big,my negative shade.- What to do? I though. I had had good ideas and good dreams,but my soul needed more,the hell,go to have wait,because,nobody accepts its own condition,everybody wants to move,but we need a lot of interior force. then,few really gets and the demon becomes its own shade,forever...	Ed	A	-- --
11/05/2001 -13:40	...there is a man,who would want to learn about Zen`s philosophy.He traveled for many months althought mountains,rivers,forrests.The man was treveling alone,he have to find an old master for to learn...	Ed	I	-- --
14/05/2001 -10:13	As a person who is lost in this sick world, that could well be compared to a dark forest, searching for a window to see and participate of the goods things on hearth, I decided to turn myself into a more creative and sensible human being.	Sil	A	*
14/05/2001 -10:53	Hi everybody! I suggest that we use Observa�o to call everybody's attention to the language corrections that should be made in the text. I believe we can improve our writing skills in this way, DON'T YOU?	Sil	I	*
14/05/2001 -11:05	Http:// <i>EquiText</i> .pgie.ufrgs.br	Jan	I	*
14/05/2001 -11:24	Hi students! Your text is improving beautifully. I'm very proud of your efforts in this short story. Please go on and pay attention to the observation notes next to your paragraphs.  Could you please check the following <i>Web</i> site for our short paper at the ITTE, in Swansea, Wales. <a href="http://ted.newport.ac.uk/itte/Papers/janete_sander_costa.htm">http://ted.newport.ac.uk/itte/Papers/janete_sander_costa.htm</a>	Jan	A	*

14/05/2001 -11:32	We want to show you something really cool! Do you know that we can choose <b>font color</b> , style, size, etc in <i>EquiText</i> ?	Sil	I	-- --
14/05/2001 -11:37	We want to show you something really cool! Do you know that we can choose <b>font color</b> , style, size, etc in <i>EquiText</i> ? <b>We will have a face-to-face meeting next Thursday afternoon(17/05) during the break (15:00) at the research'room</b>	Sil	A	-- --
14/05/2001 -11:40	We want to show you something really cool! Do you know that we can choose <b>font color</b> , style, size, etc in <i>EquiText</i> ? We will have a face-to-face meeting next Thursday afternoon(17/05) during the break (15:00) at the research's room	Sil	A	-- --
14/05/2001 -11:52	We want to show you something really cool! Do you know that we can choose <b>font color</b> , style, size, etc in <i>EquiText</i> ? We will have a <u>face-to-face meeting</u> next Thursday afternoon(17/05) during the break (15:00) at the research's room.	<u>Sil</u>	A	* --
14/05/2001 -13:26	...there is a man,who would want to learn about Zen`s philosophy.He traveled for many months althought mountains,rivers,forests.The man was treveling alone,he have to find an old master for to learn...	Ed mils onC	A	-- --
14/05/2001 -13:33	...when he arrived there,there is a temple,a big temple and there was big statues also. The man was tired,because he traveled a lot. Somebody opened the door and said him:come in please...	Ed	I	-- --
14/05/2001 -15:54	After a long walk and far away from the danger, I sat down on the grass to relax for a while. As I was getting calmer I could hear the amazing sounds of the nature that surrounded me. I heard things I had never heard before. And that made me see a world that I had never seen before, either. For an instant, I cought myself watching a beautiful bird singing happilly in a flash of sunlight. And for what? Maybe to thank something or somebody (maybe God) for this magical thing called life. This life that for many of us is only a hidden treasure that keeps the happiness under seven keys.	Rod	A	* --
14/05/2001 -17:05	Once detected the beast inside of us, we shall understand the reasons that made it be part of our lives. According to a known theory, every human being is initially good, it means that we're born without those beasts inside. But, as time goes by, we start getting all kind of informations that will set up the base of our behaviour and personality. With these thoughts in mind, I began to wonder: "What have I done or suffered to have seen that HORRIBLE BEAST in the forest?"	Rod	I	-- --
14/05/2001 -17:18	Once detected the beast inside of us, we shall understand the reasons that made it be part of our lives. According to a known theory, every human being is initially good, it means that we're born without those beasts inside. But, as time goes by, we start getting all kind of informations that will set up the base of our behaviour and personality.	<u>Rod</u>	A	-- --

	With these thoughts in mind, I began to wonder: "What have I done or suffered to have seen that HORRIBLE BEAST in the forest?" "Was I hiding any part of me from myself?" "Am I trying to see or show only my good side until now?" "Do I avoid to face my fears?" "Are these fears testing me now in a BEAST's APPEARANCE?" I must find the answers for these questions.			
14/05/2001 -17:25	Once detected the beast inside of us, we shall understand the reasons that made it be part of our lives. According to a known theory, every human being is initially good, it means that we're born without those beasts inside. But, as time goes by, we start getting all kind of informations that will set up the base of our behaviour and personality. With these thoughts in mind, I began to wonder: "What have I done or suffered to have seen that HORRIBLE BEAST in the forest?" "Was I hiding any part of me from myself?" "Am I trying to see or show only my good side until now?" "Do I avoid to face my fears?" "Are these fears testing me now in a BEAST's APPEARANCE?" I must find the answers for these questions. "What about another walking in the WOODS?" But, this time, in the woods of THE PAST!	Rod	A	-- --
17/05/2001 -11:41	Once detected the beast inside of us, we shall understand the reasons that made it be part of our lives. According to a known theory, every human being is initially good, it means that we're born without those beasts inside. But, as time goes by, we start getting all kind of <b>informations</b> that will set up the base of our behaviour and personality. With these thoughts in mind, I began to wonder: "What have I done or suffered to have seen that HORRIBLE BEAST in the forest?" "Was I hiding any part of me from myself?" "Am I trying to see or show only my good side until now?" "Do I avoid to face my fears?" "Are these fears testing me now in a BEAST's APPEARANCE?" I must find the answers for these questions. "What about another walking in the WOODS?" But, this time, in the woods of THE PAST!	Sil	A	*
17/05/2001 -11:43	Once detected the beast inside of us, we shall understand the reasons that made it be part of our lives. According to a known theory, every human being is initially good, it means that we're born without those beasts inside. But, as time goes by, we start getting all kind of <b>informations</b> that will set up the base of our behaviour and personality. With these thoughts in mind, I began to wonder: "What have I done or suffered to have seen that HORRIBLE BEAST in the forest?" "Was I hiding any part of me from myself?" "Am I trying to see or show only my good side until now?" "Do I avoid to face my fears?" "Are these fears testing me now in a BEAST's APPEARANCE?" I must find the answers for these questions. "What about another walking in the WOODS?" But, this time, in the woods of THE PAST!	Sil	A	*
17/05/2001 -11:56	We decided to look at <b>us</b> and to< > saw that there are two ways.All < > us have the good and bad side, but we show only the good side. We <b>hidden</b> the bad side. Then we <b>get living</b> in society. When we <b>lost</b> the reason, the bad side stay in evidence and we meet with our beast.	<u>Sil</u>	A	*
17/05/2001	<b>A STORY</b>	<u>Sil</u>	I	--

-15:19				--
17/05/2001 -15:25	Once detected the beast inside of us, we shall understand the reasons that made it be part of our lives. According to a known theory, every human being is initially good, it means that we're born without those beasts inside. But, as time goes by, we start getting all kind of information that will set up the base of our behaviour and personality. With these thoughts in mind, I began to wonder: "What have I done or suffered to have seen that HORRIBLE BEAST in the forest?" "Was I hiding any part of me from myself?" "Am I trying to see or show only my good side until now?" "Do I avoid to face my fears?" "Are these fears testing me now in a BEAST's APPEARANCE?" I must find the answers for these questions. "What about another walking in the WOODS?" But, this time, in the woods of THE PAST!	Sil	A	*
18/05/2001 -15:33	...the man was apreensive,but he slowly came into the temple. He wouldn` t know if the master would speak with him. He waited for the master for many days,fifty days more,and nothing about old master...	Ed	I	-- --
21/05/2001 -14:48	...then the master arrived. The master was really old,perhaps one hundred years old,the man was losing the patience,because he waited much. But he wouldn` t know,that patience,would do learn part...	Ed	I	-- --
22/05/2001 -15:16	...then the master arrived. The master was really old,perhaps one hundred years old,the man was losing patience,because he waited much. But he wouldn` t know,that patience,it would part of the learning...	Ed	A	-- --
22/05/2001 -15:21	...the man warped,it form of demonstrating respect to the oldest,this is a chinese form. the master told it that if it approached,then,they sat down to the table,a small table. The old began to speak about Zen`s philosophy...	Ed	I	-- --
23/05/2001 -15:25	...the master started to speak about Zen`s philosophy to the man,the master spoke,spoke and the man interrupted the old frequently saying:- I know,I already did this,I already knew. After a lot to talk,the master ordered to the servants that brought the tea,and the old served the visitor`s cup. The cup filled and overflowed,the man screamed:- stop!,doesn` t you see that the cup is full?...	Ed	I	-- --
24/05/2001 -10:25	So I just was walking like a wanderer when I saw her...The crazy old witch... She was laughing and steering something in her cauldron. Suddenly, she stopped, stared at me and asked me, "Where is Lancaster?"	sha	A	*
24/05/2001 -10:26	So I just was walking like a wanderer when I saw her ...The crazy old witch... She was laughing and steering something in her cauldron. Suddenly, she stopped, stared at me and asked me, "Where is	sha	A	*

	Lancaster?"			
24/05/2001 -10:31	It was Friday night and it was dark, and, her. eyes shined, her smile was terrible. But what was she doing there,what was she going to do? I was like a stone but I kept calm.	sha	A	*
24/05/2001 -10:36	I m afraid,but I took a piece of wood and I waited for the beast. In his bestial form, he was looking at me,what I was doing. When he was near me,I beated him,then he fell in front of me.But the beast was strong and he stood up,so I run,run,run for to survive.	sha	A	*
24/05/2001 -10:38	So I just was walking like a wanderer when I saw her ...The crazy old witch... She was laughing and steering something in her cauldron. Suddenly, she stopped, stared at me and asked me, "Where is Lancaster?"	sha	A	*
24/05/2001 -10:40	It was Friday night and it was dark, and, her eyes shined, her smile was terrible. But what was she doing there,what was she going to do? I was like a stone but I kept calm.	sha	A	*
24/05/2001 -10:42	I m afraid,but I took a piece of wood and I waited for the beast. In his bestial form, he was looking at me,what I was doing. When he was near me,I beated him, then he fell in front of me.But the beast was strong and he stood up,so I run,run,run for to survive.	sha	A	*
24/05/2001 -11:02	but i cant believed	sha	I	-- --
24/05/2001 -11:11	But wait! Oh my goodness! I couldn't believe in what my eyes was seeing... That HUGE animal...a mix of a man and a dog...quickly changed himself on a shape of a bad smelling witch!!!	sha	A	*
24/05/2001 -11:14	But wait! Oh my goodness! I couldn't believe in what my eyes was seeing... That HUGE animal...a mix of a man and a dog...quickly changed himself on a bad smelling shape of a witch!!!	sha	A	*
24/05/2001 -11:16	I saw her ...The crazy old witch... She was laughing and steering something in her cauldron. Suddenly, she stopped, stared at me and asked me, "Where is Lancaster?"	sha	A	*
24/05/2001 -11:24	"Lancaster?!" ... - I don't know?.. I'm here! I'm Lancaster. But why are you looking for me? Who are you!- She just laught and got out. And there was me...standed alone in the woods...but not so alone, cause she left her(hu!huecg!)so bad smell with me for some moments...	sha	I	*

24/05/2001 -11:25	"Lancaster?!" ... - I don't know?.. I'm here! I'm Lancaster. But why are you looking for me? Who are you?!- She just laught and got out. And there was me...standed alone in the woods...but not so alone, cause she left her(hu!huecg!)so bad smell with me for some moments...	sha	A	*
24/05/2001 -11:31	...to run,to run was not enough,the creature approached of me. Then I stopped. I decided to face the beast and for my surprised I understended that that strange creature was trying to help me with myself . Then I noticed that I fought agaist myself - it would be the largest battle of my life,because I would have to face my interior demons,dream or not,I would have to face them...	sha	A	-- --
24/05/2001 -15:19	...yes,I saw it!said the old. You are full of ideas,your mind it is overflowing. As wait you to prove of my tea if you still nor it emptied your cup? The master lifted and left,leaving the man there thinking of the one that the old master told it...	Ed	I	-- --
25/05/2001 -13:30	...there is a house.a big house on the mountain,there`s a man,he lived there. At night that man felt something about himself,in the morning he don`t remembered nothing what happened or what he had done...	Ed	I	-- --
25/05/2001 -13:31	...there is a house. A big house on the mountain,there`s a man,he lived there. At night that man felt something about himself,in the morning he don`t remembered nothing what happened or what he had done...	Ed	A	-- --
25/05/2001 -13:32	...there is a house. A big house on the mountain,there`s a man,he lived there. At night that man felt something about himself,in the morning he don`t remembered nothing what happened or what he had done...	Ed	A	-- --
25/05/2001 -13:37	...front the master`s attitude the man didn`t know what to do. But he left contemplating on the subject. To travel so much time and to wait time for the old to speak of a cup,the man was frustrated,poor man that didn`t get to find in those words the wisdom that sought. And he continued the seek,now in his interior...	Ed	I	-- --
26/05/2001 -17:41	Each one of us has an immeasurable potential that ignores, and anything we happen by chance. Probably, that beast is a sign. I think that nobody is born good or bad, the person is born and later if transforms in the what is, in agreement with its existences. In that moment the beast appeared for you, because would want to test you and to do you to forget another situation that happened. To face the fears is a beautiful challenge, it is on those hard and sad hours that we more grew as person and we became a better, stronger, more complete and courageous human being. Continue walking for the forest, I see to its side an intense light and an angel, when the beast approaches you the angel move away it. Look at that wonderful tunnel in turn of you, the flowers coloring its highway, it is dark but with good visibility. You saw, the beast became a carriage that will take it for a long walk, at the end you will have found him and discovered its truths and everything that will see will be a beautiful sun that will heat up it the	soa	I	-- --

	soul and the heart, and the beast it will disappear!			
26/05/2001 -17:45	Each one of us has an immeasurable potential that ignores, and anything we happen by chance. Probably, that beast is a sign. I think that nobody is born good or bad, the person is born and later if transforms in the what is, in agreement with its existences. In that moment the beast appeared for you, because would want to test you and to do you to forget another situation that happened. To face the fears is a beautiful challenge, it is on those hard and sad hours that we more grew as person and we became a better, stronger, more complete and courageous human being. Continue walking for the forest, I see to its side an intense light and an angel, when the beast approaches you the angel moves away it. Look at that wonderful tunnel in turn of you, the flowers coloring its highway, it is dark but with good visibility. You saw, the beast becomes a carriage that will take it for a long walk, at the end you will have found him and discovered its truths and everything that will see will be a beautiful sun that will heat up it the soul and the heart, and the beast it will disappear!	soa	A	-- --
28/05/2001 -11:13	We suggest that you use the window "observação" for comments, sharing difficulties, doubts and ideas. As you know we are supposed to finish this project by June 16. So, we have to make some decisions:  How are we going to edit the final version? What should we keep, get rid of? Insert?  Remember that you should start thinking about a conclusion for the story.  The story should be understood by any reader.	Sil	I	*
28/05/2001 -13:16	...the man continued on the way to him meditating on the one that the master had spoken to it. But he returned there in the temple. Why did the old philosophize using a cup?...	Ed	I	-- --
28/05/2001 -13:17	...the man continued on the way to him meditating on the one that the master had spoken to it. But he returned there in the temple. Why did the old philosophize using a cup?...	Ed	A	-- --
30/05/2001 -14:07	...He met the master again for him can understand that philosophy. then, the master told him: the cup's utility is in possibility to empty itself. You (the man) are full of new ideas, for you to learn the new things...	Ed	I	-- --
30/05/2001 -14:21	...in middle this forest I need to find this window, because, can be my only change. Will be exist a key?...	Ed	I	-- --
30/05/2001 -14:24	...in middle this forest I need to find this window, because, can be my only chance. Will be exist a key?...	Ed	A	-- --

31/05/2001 -12:02	Each one of us has an immeasurable potential that ignores, and anything we happen by chance. Probably, that beast is a sign. I think that nobody is born good or bad, the person is born and later if transforms in the what is, in agreement with its existences. In that moment the beast appeared for you, because would want to test you and to do you to forget another situation that happened. To face the fears is a beautiful challenge, it is on those hard and sad hours that we more grew as person and we became a better, stronger, more complete and courageous human being. Continue walking for the forest, I see to its side an intense light and an angel, when the beast approaches you the angel moves away it. Look at that wonderful tunnel in turn of you, the flowers coloring its highway, it is dark but with good visibility. You saw, the beast becomes a carriage that will take it for a long walk, at the end you will have found him and discovered its truths and everything that will see will be a beautiful sun that will heat up it the soul and the heart, and the beast will disappear!	sha A -- --
31/05/2001 -12:18	I have thought: "Are we trying to improve our lives?", "Are we going away for our ambitions?", or we are just letting go... don't moving anything to change the things in our lives that we guess it's wrong, that we don't like... we think and think but in true we never made nothing. "The human being needs to change!": this everybody now! but who are making something??, who are making just your part??Don't think so much. It could hurt you! Just do it!!Believe, çouse it's true, that changing you live you'll change the world!	sha I *
31/05/2001 -12:19	I have thought: "Are we trying to improve our lives?", "Are we going away for our ambitions?", or we are just letting go... don't moving anything to change the things in our lives that we guess it's wrong, that we don't like... we think and think but in true we never made nothing. "The human being needs to change!": this everybody now! but who are making something??, who are making just your part??Don't think so much. It could hurt you! Just do it!!Believe, çouse it's true, that changing you live you'll change the world!	sha A *
31/05/2001 -12:21	I have thought: "Are we trying to improve our lives?", "Are we going away for our ambitions?", or we are just letting go... don't moving anything to change the things in our lives that we guess it's wrong, that we don't like... we think and think but in true we never made nothing. "The human being needs to change!": this everybody know! but who are making something??, who are making just your part?? Don't think so much. It could hurt you! Just do it!! Believe, 'couse it's true, that changing your live you'll change the world!	sha A *
01/06/2001 -08:52	I think that people need chnge, but for better. Everybody need to live intense, to love, to smile and to travell more. It's possible for some, but it isn't a reality. The majority the people work for survive and they don't have time for to think about it. Everybory seach a solution for their problem, but don't exist a form.	mag I *
03/06/2001 -22:14	I think that the end of the story can be considered as a terrible nightmare. But this was the way that God found to wake up that human being for the reality, for the life. That man was the best, he was	soa I -- --



	<p>always debauching of the people and disbelieving of the superior forces. So, God gave it a lesson. He was very afraid and only when it was gotten to turn humbler it was that woke up. Today I am a new man he said. Thank you God, for having nailed me that fright. Then, I woke up and I could live as a person worthy of this prosperous universe with own light that serves me daily, where there is not place for fears and that I ignored. Today I am more me and happier, very happy. I came the page of the life, I found a new book that I will write everyday, in this beasts won't exist but pages that will play its heart, its soul and it will change its life.</p>			
03/06/2001 -22:35	<p>I think that people need change, but for better. Everybody needs to live intensely, to love, to smile and to travel more. It's possible for some, but it isn't a reality. The most of the people works to survive and they don't have time for to think about it. Everybody search a solution for your problem, but there isn't a form.</p>	soa	A	*
04/06/2001 -11:31	<p><b>Edmilson, Magda, Shane, Rodrigo and Danilo we are about to end our story. We encourage you to reread and review the whole story paying attention to the following aspects: delete irrelevant words, sentences or paragraphs (even teachers' comments), write conclusive paragraphs, review language forms (verb tenses, subject-verb agreement, choice of words and word order)</b></p> <p><b>Please, use the observation window for your negotiations, i. e. exchange your ideas or difficulties with your peers.</b></p> <p><b>Remember our deadline is June 15.</b></p>	Sil	I	*
04/06/2001 -22:06	<p>Fortunately, I wake up. That dream was really nightmarish. When I wake up, I was in my house. I take a shower and my family called me for having breakfast, all was perfect. I looked by the window, I saw the birds singing and the nature smiling at me, I stayed very happy. Then, I said for my husband, today I will not sleep because that nightmare lasted a eternity, I love the life and want to be of eyes open to every second.</p>	soa	I	*
04/06/2001 -22:06	<p>Fortunately, I wake up. That dream was really nightmarish. When I wake up, I was in my house. I take a shower and my family called me for having breakfast, all was perfect. I looked by the window, I saw the birds singing and the nature smiling at me, I stayed very happy. Then, I said for my husband, today I will not sleep because that nightmare lasted a eternity, I love the life and want to be of eyes open to every second.</p>	soa	I	--
04/06/2001 -22:07	<p>Fortunately, I wake up. That dream was really nightmarish. When I wake up, I was in my house. I take a shower and my family called me for having breakfast, all was perfect. I looked by the window, I saw the birds singing and the nature smiling at me, I stayed very happy. Then, I said for my husband, today I will not sleep because that nightmare lasted a eternity, I love the life and want to be of eyes open to every second.</p>	soa	E	--

06/06/2001 -07:57	The woods was only a dream, but I found a solution:I am a begin human with fault and quality, but I am only. I translation this informations, proceeded and the product was my person.	mag	I	*
07/06/2001 -12:41	By the way, you are , maybe, thinking with yourself:"what's happening with this guy?! ", ok! but "don't you know?", He's seeing his life with another eyes... Now, yes, he's living. 'Cause the meaning of the life is you see your mistakes and repair it.	sha	A	*
07/06/2001 -14:59	...He met the master again for him can understand that philosophy. then,the master told him: the cup`s utility is in possibility to empty itself. --You are full of new ideas,for you to learn the new things...	Ed	A	-- --
07/06/2001 -14:59	...He met the master again for him can understand that philosophy. then,the master told him: the cup`s utility is in possibility to empty itself. --You are full of new ideas,for you to learn the new things...	Ed	A	-- --
07/06/2001 -15:09	...you need to empty your mind about your old ideas,you need to have patience for to absorb my teachings,I learned during all my life...	Ed	I	-- --
07/06/2001 -15:09	...you need to empty your mind about your old ideas,you need to have patience for to absorb my teachings,I learned during all my life...	Ed	I	-- --
07/06/2001 -15:10	...you need to empty your mind about your old ideas,you need to have patience for to absorb my teachings,I learned during all my life...	Ed	I	-- --
11/06/2001 -13:16	...how you wait to prove my tea if you don`t emptied your cup yet? then the man heard that words and he understood the lesson. the old get up and left slowly...	Ed	I	-- --
11/06/2001 -13:17	...how you hope to prove my tea if you don`t emptied your cup yet? then the man heard that words and he understood the lesson. the old get up and left slowly...	Ed	A	-- --
13/06/2001 -13:15	...then,the man,get up too and left. Now,more humble,more wise for to follow his travel by the world. He learned for to have wisdom is to need to live for a long time,the knowledge come to the experiences...	Ed	I	-- --
13/06/2001 -13:17	...then,the man,get up too. And left. Now,more humble,more wise for to follow his travel by the world. He learned for to have wisdom is to need to live for a long time,the knowledge come to the experiences...	Ed	A	-- --
13/06/2001 -13:59	Fortunately, I woke up. That dream was really nightmarish. When I woke up, I was in my house. I took a shower and my family called me for having breakfast, all was perfect. I looked by the window, I	sha	A	*

	saw the birds singing and the nature smiling at me, I stayed very happy. Then, I said for my husband, today I will not sleep because that nightmare lasted a eternity, I love the life and want to be of eyes open to every second.			
13/06/2001 -14:02	Walking in the woods is one of my favorite passtime.I mean...Actually I hate it,but I always go where my legs order.In a cold December night I was walking when I got stuck. An amazing thing happened in front of me a huge animal ... like a dog, BUT BIGGER, VERY HIGH. HIS BREATH COULD BE HEARD FROM A LONG DISTANCE. IT WAS A VERY TERRIBLE EXPERIENCE, THAT I WILL TALK TO YOU NOW...	soa	A	*
13/06/2001 -14:02	But wait! Oh my goodness! I couldn't believe in what my eyes was seeing... That HUGE animal...a mix of a man and a dog...quickly changed himself on a bad smelling shape of a witch!!!	sha	A	*
13/06/2001 -14:03	Walking in the woods is one of my favorite passtime.I mean...Actually I hate it,but I always go where my legs order.In a cold December night I was walking when I got stuck. An amazing thing happened in front of me a huge animal ... like a dog, BUT BIGGER, VERY HIGH. HIS BREATH COULD BE HEARD FROM A LONG DISTANCE. IT WAS A VERY TERRIBLE EXPERIENCE, THAT I WILL Tell YOU NOW...	soa	A	*
13/06/2001 -14:05	Fortunately, I woke up. That dream was really nightmarish. When I woke up, I was in my house. I took a shower and my family called me for having breakfast, all was perfect. I looked by the window, I saw the birds singing and the nature smiling at me, I stayed very happy. Then, I said for my husband, today I will not sleep because that nightmare lasted a eternity, I love the life and want to be of eyes open to every second.	sha	A	*
13/06/2001 -14:10	But wait! Oh my goodness! I couldn't believe in what my eyes was seeing... That HUGE animal...a mix of a man and a dog...quickly changed himself in a bad smelling shape of a witch!!!	soa	A	*
13/06/2001 -14:15	I saw her ...The crazy old witch... She was laughing and stiring something in her cauldron. Suddenly, she stopped, stared and asked me, "Where is Lancaster?"	soa	A	*
13/06/2001 -14:16	Walking in the woods is one of my favorite passtime.I mean...Actually I hate it,but I always go where my legs order.In a cold December night I was walking when I got stuck. An amazing thing happened in front of me a huge animal ... like a dog, BUT BIGGER, VERY HIGH. HIS BREATH COULD BE HEARD FROM A LONG DISTANCE. IT WAS A VERY TERRIBLE EXPERIENCE, THAT I WILL Tell YOU NOW...	soa	A	*

13/06/2001 -14:17	Walking in the woods is one of my favorite passtime.I mean...Actually I hate it,but I always go where my legs order.In a cold December night I was walking when I got stuck. An amazing thing happened in front of me a huge animal ... like a dog, BUT BIGGER, VERY HIGH. HIS BREATH COULD BE HEARD FROM A LONG DISTANCE. IT WAS A VERY TERRIBLE EXPERIENCE, THAT I WILL Tell YOU NOW...	soa	A	*
13/06/2001 -14:18	But wait! Oh my goodness! I couldn't believe in what my eyes was seeing... That HUGE animal...a mix of a man and a dog...quickly changed himself in a bad smelling shape of a witch!!!	<u>soa</u>	A	*
13/06/2001 -14:20	Nice beginning, but you might check for the use of CAPITAL LETTERS, as well as "his/her" x "its".	soa	E	*
13/06/2001 -14:23	I saw her ...The crazy old witch... She was laughing and stiring something in her cauldron. Suddenly, she stopped, stared and asked me, "Who is Lancaster?"	soa	A	*
13/06/2001 -14:29	"Lancaster?!" I'm Lancaster. But why are you looking for me? Who are you?!- She just laught and got out. And there was me, standed alone in the woods...but not so alone, because she left (hu!huecg!)her so bad smell with me for some moments...	soa	A	*
13/06/2001 -14:34	It was a dark Friday night and her eyes shined, her smile was terrible. But what did she doing there? What was she going to do? I was like a stone but I kept calm.	soa	A	*
13/06/2001 -14:41	As a person who is lost in this sick world, that could well be compared to a dark forest, searching for a window to see and participate of the goods things on hearth, I decided to turn myself into a more creative and sensible human being.	soa	A	*
13/06/2001 -14:48	After a long walk and far away from the danger, I sat down on the grass to relax for a while. As I was getting calmer I could hear the amazing sounds of the nature that surrounded me. I heard things I had never heard before. And that made me see a world that I had never seen before, either. For an instant, I cought myself watching a beautiful bird singing happilly in a flash of sunlight. And for what? Maybe to thank something or somebody (maybe God) for this magical thing called life. This life that for many of us is only a hidden treasure that keeps the happiness under seven keys.	sha	A	-- --
13/06/2001 -14:56	After a long walk and far away from the danger, I sat down on the grass to relax for a while. As I was getting calmer I could hear the amazing sounds of the nature surrounded me. I heard things that I had never heard before. And it made me see a world that I had never seen before, too. For an instant, I cought myself watching a beautiful bird singing happy in a flash of sunlight. And for what? Maybe to thanks	soa	A	*

	something or somebody (maybe God) for this magical thing called life. This life that for many of us is only a hidden treasure that keeps the happiness under seven keys.			
13/06/2001 -14:59	I'm afraid, but I took a piece of wood and I waited for the beast. In his bestial form, he was looking at me, what I was doing. When he was near me, I beat him, then he fell in front of me. But the beast was strong and he stood up, so I run, run, run for to survive.	soa	A	*
13/06/2001 -15:04	...to run, to run was not enough, the creature approached of me. Then I stopped. I decided to face the beast and for my surprise I understood that that strange creature was trying to help me with myself. Then I noticed that I fought against myself - it would be the largest battle of my life, because I would have to face my interior demons, dream or not, I would have to face them...	soa	A	*
13/06/2001 -15:14	I think that the end of the story can be considered as a terrible nightmare. But this was the way that God found to wake up that human being for the reality, for the life. That man was the best, he was always debauching of the people and disbelieving of the superior forces. So, God gave it a lesson. He was very afraid and only when it was gotten to turn humbler he realized. Today I am a new man, he said. Thank you God, for having nailed me that fright. Then, I woke up and I could live as a person worthy of this prosperous universe with own light that serves me daily, where there is not place for fears and that I ignored. Today I am more me and happier, very happy. I came the page of the life, I found a new book that I will write everyday, in this beast won't exist but pages that will play his heart, his soul and it will change his life.	soa	A	*
20/06/2001 -13:25	...this is was a just experience in his life, he will be another things, to teach what he had been learning...	Ed	I	-- --
17/07/2001 -12:08	Walking in the woods is one of my favorite passtime. We mean... Actually I hate it, but I always go where my legs order. In a cold December night I was walking when I got stuck. An amazing thing happened in front of me a huge animal ... like a dog, BUT BIGGER, VERY HIGH. HIS BREATH COULD BE HEARD FROM A LONG DISTANCE. IT WAS A VERY TERRIBLE EXPERIENCE, THAT I WILL Tell YOU NOW...	Jan	A	*
06/08/2001 -13:00	THE MACABRE RITUAL What here will count cannot seen a truth but it happened, and of a trip that I made the amazon forest. There was many indigenous tribes, a lot of forest, many exotic animals and a very big energy that emanated of that beautiful nature not yet desolated by the ``modern man``. Well, I went with a research expedition, of fauna and flora, to fotograf the events or discoveries of that immense and dense nature, because I am a photographer, in that expedition there were three americans, one English, two africans and two brazilians, me and the guide. Everybody experts in what intended to do. It was not difficult the understanding because, everybody spoke the same language, the English. But there was the guide to drove the small	Ed	I	-- --

	<p>expedition,a quiet and mysterious guide that hardly spoke,he had an aspect whose had lived there in the middle of the the forest for all its life,and it used a type of gluing very strange and the expedition followed its direction forest inside,during the day we were amazed with the sunbeams that penetrated for among the trees,terrified with the pitch of the darkness and the noise of animals that we didn't see nor we heard during the day,but they were being accompanied or hunting us in that immeasurable darkness. We everybody was together to the turn of a bonfire in the hope that didn't appear any animal over there,because of fire,and we alternated ourselves in the guard,we heard screams in the distance and noises of drums,but we didn't have courage of investigating what it happened,when I decided to ask for the guide that was that,I noticed that disappeared of there. That strange man had disappeared in the forest and let us,then me,finding courage in the immense fear that I felt,I had left in the guide's trace,it didn't delay a lot so that I found,it was alone to follow the noise of the drums,but when I arrived there the terror was</p>			
10/08/2001 -12:57	<p>...still larger,I spied for among the trees,and I saw the reason of sound of the drums. A young one was tied on top in stone form of table,and some men with strange masks and some sharp objects in their hands,to my surprise appears the guide wearing an eccentric clothes and a dagger type in one of the hands,the youth looked it with a terror printing in her face,that seemed to be surrounded of demons,and them would sip all her body until finding her soul,and she fought hopelessly without any chance,her screams were suffocated by the mortal dances and the sound of indigenous drums. suddenly the guide it sizes the objects,with the two hands,in an alone blow and with a lot of force he nails that weapon in the middle her chests,tearing it untill the height of navel,the youth screamed so hight that froze the bones, ...</p>	Ed	I	-- --
10/08/2001 -12:59	<p>...still larger,I spied for among the trees,and I saw the reason of sound of the drums. A young one was tied on top in stone form of table,and some men with strange masks and some sharp objects in their hands,to my surprise appears the guide wearing an eccentric clothes and a dagger type in one of the hands,the youth looked it with a terror printing in her face,that seemed to be surrounded of demons,and them would sip all her body until finding her soul,and she fought hopelessly without any chance,her screams were suffocated by the mortal dances and the sound of indigenous drums. suddenly the guide it sizes the objects,with the two hands,in an alone blow and with a lot of force he nails that weapon in the middle her chests,tearing it untill the height of navel,the youth screamed so hight that froze me the bones, ...</p>	Ed	A	-- --
13/08/2001 -12:36	<p>...of course me not forgot my machine,I photographed some things,the one that I has just seen,never somebody would believe if I counted. It was a satanic ritual,they evoked a strange entity and it seemed that that entity it was there close to them with pleasure with the body of that young now already without life,everybody that were participating in the ritual began to drink of the blood and to eat of the girl's meat,when suddenly the guide looks at in my direction as if he had discovered me in that darkness,and I didn't waste time,I leave running without looking at back. I didn't sleep in that night and I had awake nightmares,the girl appeared asking help me,she didn't want to die,I counted for the other ones that I saw and they revealed me to be there to discover on those ritos and not to study the nature,I decided not to</p>	Ed	I	-- --

	<p>speak to them of the photos that I had photographed,because,I began to distrust of them and of its purposes. In the end they were everybody a decree of sadistic and I think wanted it was to participate of that blood`s festival,only that that could cost its own lives. Finally the fear took me to abandon that expedition and to go to home before I became ritual`s object of sacrifices of those natives.</p>			
13/08/2001 -12:38	<p>...of course I do not forgot my machine,I photographed some things,the one that I has just seen,never somebody would believe if I counted. It was a satanic ritual,they evoked a strange entity and it seemed that that entity it was there close to them with pleasure with the body of that young now already without life,everybody that were participating in the ritual began to drink of the blood and to eat of the girl`s meat,when suddenly the guide looks at in my direction as if he had discovered me in that darkness,and I didn`t waste time,I leave running without looking at back. I didn`t sleep in that night and I had awake nightmares,the girl appeared asking help me,she didn`t want to die,I counted for the other ones that I saw and they revealed me to be there to discover on those ritos and not to study the nature,I decided not to speak to them of the photos that I had photographed,because,I began to distrust of them and of its purposes. In the end they were everybody a decree of sadistic and I think wanted it was to participate of that blood`s festival,only that that could cost its own lives. Finally the fear took me to abandon that expedition and to go to home before I became ritual`s object of sacrifices of those natives.</p>	Ed	A	-- --
13/08/2001 -12:44	<p>...of course I do not forgot my machine,I photographed some things,the one that I has just seen,never somebody would believe if I counted. It was a satanic ritual,they evoked a strange entity and it seemed that that entity it was there close to them with pleasure with the body of that young now already without life,everybody that were participating in the ritual began to drink of the blood and to eat of the girl`s meat,when suddenly the guide looks at in my direction as if he had discovered me in that darkness,and I didn`t waste time,I leave running without looking at back. I didn`t sleep in that night and I had awake nightmares,the girl appeared,in my dreams, asking me help,she didn`t want to die,I counted for the other ones that I saw and they revealed me to be there to discover on those ritos and not to study the nature,I decided not to speak to them of the photos that I had photographed,because,I began to distrust of them and of its purposes. In the end they were everybody a decree of sadistic and I thought wanted it was to participate of that blood`s festival,only that that could cost its own lives. Finally the fear took me to abandon that expedition and to go to home before I became ritual`s object of sacrifices of those natives.</p>	Ed	A	-- --
15/08/2001 -13:26	<p>...Then a long time passed from that terrible one experience with the indians,the girl`s images being in death agony I didn`t leave head,she still asked me help,but as I could help her if your visits they were just in my dreams. she was a beautiful girl, I didn`t understand because she was sacrificed and devoured.</p>	Ed	I	-- --
17/08/2001 -12:54	<p>...well,I decided to return there and discover the reason of that everything. When I arrived again in the Amazon,obviously,I didn`t seek for that eccentric guide. the fear still reigned. I arranged other</p>	Ed	I	-- --



	<p>guide that took me to the place,during the day it`s certainly,arriving there,the one that I saw was terrible,I thought,is a scene of horror film,there were people`s piece and blood everywhere. When I routed,there were several heads in a stake,I went to see,they were the all foreigner`s heads of the first expedition,they were dead. I was already sorry for having returned,but I returned for the girl,it seemed that she drove me in that dangerous world. I only wanted to return home. And the night arrived. The sound of the drums began and seemed higher than before and the moon was big and brilliant in the sky,a beauty mixture and terror. I had the sensation of to be being observed through the window,suddenly I went reached for a small arrow,a dart,I drop,when I noticed I was lied in the ground and I looked at the moon through the window as to a picture painted by Van Gog.</p>			
20/08/2001 -13:19	<p>... I felt my body to burn,I was paralyzed by the poison,some natives ones came and they carried me,they took me for an altar and they began to pray and to pronounce strange words, I thought I would die there same,the girl`s image came in the mind,when the moon was intense in its shine appeared a thing that until then I had not to seen,a creature that seemed to have come from the hell. Then that creature rounded me and it tore my meat with its fingernails,but the man that guided me in that place appeared,and he threw in the wild animal with an enormous gun,the monster dropped and the other men that were to my turn they had left running in having discharged,I was numbed and the girl`s image disappeared of my mind. Well,my body burned and it burned as fire,suddenly everything in my mind it turned off,I didn`t see and I didn`t feel anything else. But I dreamed,I dreamed that floated in the clouds,traveled in the sky,overflowed mountains and lakes,I saw myself hunting without weapons,I don`t know the one that,but I was hunting and I wouldn`t know more who I was. Perhaps I have found there my curse. Then everything passed,they took me home,I forgot the place and the girl stopped of appearing for me.</p>	Ed	I	-- --
20/08/2001 -13:19	<p>... I felt my body to burn,I was paralyzed by the poison,some natives ones came and they carried me,they took me for an altar and they began to pray and to pronounce strange words, I thought I would die there same,the girl`s image came in the mind,when the moon was intense in its shine appeared a thing that until then I had not to seen,a creature that seemed to have come from the hell. Then that creature rounded me and it tore my meat with its fingernails,but the man that guided me in that place appeared,and he threw in the wild animal with an enormous gun,the monster dropped and the other men that were to my turn they had left running in having discharged,I was numbed and the girl`s image disappeared of my mind. Well,my body burned and it burned as fire,suddenly everything in my mind it turned off,I didn`t see and I didn`t feel anything else. But I dreamed,I dreamed that floated in the clouds,traveled in the sky,overflowed mountains and lakes,I saw myself hunting without weapons,I don`t know the one that,but I was hunting and I wouldn`t know more who I was. Perhaps I have found there my curse. Then everything passed,they took me home,I forgot the place and the girl stopped of appearing for me.</p>	Ed	I	-- --
22/08/2001 -13:21	<p>...Now in the city I began to face a new terror,the terror of the full moon,the heat in my body,I lost my senses,the torn clothes,finally,an excitement that I had never faced before. I knew that some bad thing</p>	Ed	I	-- --



	<p>happened,in the nights of full moon I lost the notion of time and space,my metabolism accelerated and I literally left me to wander at night terrifying the small villa of my small town,... and the nights were proceeded with violent and bloody deaths for a monster that took ownership of my soul,and I don`t have as controlling it. the only way to end with the curse it was to end with myself,but what was that,why the curse? And why me? That is a wolf man curse,werewolf,and knowing about that I begin to seek my own death,if not many will die,I should not have traveled until Amazon,but I don`t have to accept this kind of destiny,a forced destiny. I traveled far,before the the next full moon,to a place that had gigantic abysses and there I would put an end in ever that things. I jumped,and while I flew to the death appeared me the girl,the same that I had seen at the beginning of that history being died,when I thought that everybody ate her meat,they were not everybody,but yes an alone one,the own demon in person made that. And during the fall the girl spoke that I was making the right thing,it was the demon`s only way it not to continue its lineage - and I was putting an end to him when I put an end to me,and the girl smiled,and I smiled,I reminded,it is good to remind but sometimes,it is good to forget and to continue... then,the darkness,did I die? ...</p>			
14/09/2001 -14:43	...the man was apprehensive,but he slowly came into the temple. He wouldn`t know if the master would speak with him. He waited for the master for many days,fifty days more,and nothing about old master...	Ed	A	-- --
14/09/2001 -14:52	...the man to bow ,it form of demonstrating respect to the oldest,this is a chinese form. the master told it that if it approached,then,they sat down to the table,a small table. The old began to speak about Zen`s philosophy...	Ed	A	-- --
14/09/2001 -15:11	I would like to right in funier way,and with this work in the <i>EquiText</i> I`m getting and I`m learning too. Isn`t easy	Ed	I	-- --
22/11/2001 -14:13	sometimes... everybody cry,sometimes everybody hurts...then you have to do something for improve your life.Remember you have to be your best friend!	Ed	I	-- --
22/11/2001 -14:19	Sometimes... everybody cry.Sometimes everybody hurts...then you have to do something for improve your life.Remember you have to be your best friend!	Ed	A	-- --
22/11/2001 -14:25	Sometimes... everybody cries. Sometimes everybody gets hurt...then you have to do something to improve your life. Remember you have to be your best friend!	Ed	A	* --
22/11/2001 -14:26	I was remember hom much is very important for me to talk about my family and especially in new year,so we decided to pass in beach,and really was wonderful and fanny because my sisters and I were doing many things how to play, to sing but my sisters ask me teca will you study english I would like very much of to say that yes I will study	Ed	I	-- --

	english, but I cant because I wanted forgot all ,mainly the english.			
22/11/2001 -14:30	I was remember hom much is very important for me to talk about my family and especially in new year,so we decided to pass in beach,and really was wonderful and fanny because my sisters and I were doing many things how to play, to sing but my sisters ask me teca will you study english I would like very much of to say that yes I will study english, but I cant because I wanted forgot all ,mainly the english.( MARGARETE SILVA )	Ed	I	-- --
22/11/2001 -14:43	I and my friend Margarete was thinking in to travel to England but we decided to go next year because we dont have money now. So we will travel in 2002. PATRICIA.	Ed	I	-- --
22/11/2001 -14:49	I was remember hom much is very important for me to talk about my family and especially in new year,so we decided to pass in beach,and really was wonderful and fanny because my sisters and I were doing many things how to play, to sing but my sisters ask me teca will you study english I would like very much of to say that yes I will study english, but I cant because I wanted forgot all ,mainly the english.	Ed	E	-- --
22/11/2001 -14:53	I was remember hom much is very important for me to talk about my family and especially in new year,so we decided to pass in beach,and really was wonderful and fanny because my sisters and I were doing many things how to play, to sing but my sisters ask me teca will you study english I would like very much of to say that yes I will study english, but I cant because I wanted forgot all ,mainly the english.( MARGARETE SILVA )	Ed	E	-- --
22/11/2001 -14:54	I and my friend Margarete was thinking in to travel to England but we decided to go next year because we dont have money now. So we will travel in 2002. PATRICIA.	Ed	E	-- --
25/03/2002 -14:12	After a long walk and far away from the danger, I sat down on the grass to relax for a while. As I was getting calmer I could hear the amazing sounds of the nature surrounded me. I heard things that I had never heard before. And it made me see a world that I had never seen before, too. For an instant, I cought myself watching a beautiful bird singing happily in a flash of sunlight. And for what? Maybe to thanks something or somebody (maybe God) for this magical thing called life. This life that for many of us is only a hidden treasure that keeps the happiness under seven keys.	Rod	A	*

## ANEXO B.3

### TECE2: A short story – Função Texto Final (TF)

#### Versão final do texto: EnglishRREIS (A short story)

#### A STORY

Walking in the woods is one of my favorite passtime. We mean...Actually I hate it,but I always go where my legs order.In a cold December night I was walking when I got stuck. An amazing thing happened in front of me a huge animal ... like a dog, BUT BIGGER, VERY HIGH. HIS BREATH COULD BE HEARD FROM A LONG DISTANCE. IT WAS A VERY TERRIBLE EXPERIENCE, THAT I WILL Tell YOU NOW...

But wait! Oh my goodness! I couldn't believe in what my eyes was seeing... That HUGE animal...a mix of a man and a dog...quickly changed himself in a bad smelling shape of a witch!!!

I saw her ...The crazy old witch... She was laughing and stirring something in her cauldron. Suddenly, she stopped, stared and asked me, "Who is Lancaster?"

"Lancaster?!" I'm Lancaster. But why are you looking for me? Who are you?!- She just laught and got out. And there was me, standed alone in the woods...but not so alone, because she left (hu!huecg!)her so bad smell with me for some moments...

It was a dark Friday night and her eyes shined, her smile was terrible. But what did she doing there? What was she going to do? I was like a stone but I kept calm.

As a person who is lost in this sick world, that could well be compared to a dark forest, searching for a window to see and participate of the goods things on hearth, I decided to turn myself into a more creative and sensible human being.

...in middle this forest I need to find this window,because,can be my only chance. Will be exist a key?...

After a long walk and far away from the danger, I sat down on the grass to relax for a while. As I was getting calmer I could hear the amazing sounds of the nature surrounded me. I heard things that I had never heard before. And it made me see a world that I had never seen before, too. For an instant, I cought myself watching a beautiful bird singing happily in a flash of sunlight. And for what? Maybe to thanks something or somebody (maybe God) for this magical thing called life. This life that for many of us is only a hidden treasure that keeps the happiness under seven keys.

I'm afraid,but I took a piece of wood and I waited for the beast. In his bestial form, he was looking at me,what I was doing. When he was near me,I beated him, then he fell in front of me.But the beast was strong and he stood up,so I run,run,run for to survive.

...to run,to run was not enough,the creature approached of me. Then I stopped. I decided to face the beast and for my surprise I understood that that strange creature was trying to help me with myself . Then I noticed that I fought against myself - it would be the largest battle of my life,because I would have to face my interior demons,dream or not,I would have to face them...

I would like to know if this is a dream or reality? I wish I were dreaming and don`t have to see this beast. The forrest is dark and I need to hide,the beast is own devil,if Devil exist,exist God too. Or this is just all imagination?

...but I thought that was dreamed.Who is the beast that followed me?why it followed me?Was I always wrong?I will have to think as I will destroy the beast without to destroy at myself. I don`t want to be the shadow of myself. I discovered the cause about my ignorance. I will fight with all demons,my interior demons,and we all have some kind interior demon. Each one have to discover and kill your demon...

...there is a man,who would want to learn about Zen`s philosophy.He traveled for many months althought mountains,rivers,forests.The man was treveling alone,he have to find an old master for to learn...

...when he arrived there,there is a temple,a big temple and there was big statues also. The man was tired,because he traveled a lot. Somebody opened the door and said him:come in please...

...the man was aprehensive,but he slowly came into the temple. He wouldn`t know if the master would speak with him. He waited for the master for many days,fifty days more,and nothing about old master...

...there is a house. A big house on the mountain,there`s a man,he lived there. At night that man felt something about himself,in the morning he don`t remembered nothing what happened or what he had done...

...then the master arrived. The master was really old,perhaps one hundred years old,the man was losing patience,because he waited much. But he wouldn`t know,that patience,it would part of the learning...

...the man to bow ,it form of demonstrating respect to the oldest,this is a chinese form. the master told it that if it approached,then,they sat down to the table,a small table. The old began to speak about Zen`s philosophy...

...the master started to speak about Zen`s philosophy to the man,the master spoke,spoke and the man interrupted the old frequently saying:- I know,I already did this,I alread knew. After a lot to talk,the master ordered to the servants that brought the tea,and the old served the visitor`s cup. The cup filled and overflowed,the man

screamed:- stop!,doesn't you see that the cup is full?...

...yes,I saw it!said the old. You are full of ideas,your mind it is overflowing. As wait you to prove of my tea if you still nor it emptied your cup? The master lifted and left,leaving the man there thinking of the one that the old master told it...

...front the master's attitude the man didn't know what to do. But he left contemplating on the subject. To travel so much time and to wait time for the old to speak of a cup,the man was frustrated,poor man that didn't get to find in those words the wisdom that sought. And he continued the seek,now in his interior...

...the man continued on the way to him meditating on the one that the master had spoken to it. But he returned there in the temple. Why did the old philosophize using a cup?...

...He met the master again for him can understand that philosophy. then,the master told him: the cup's utility is in possibility to empty itself. --You are full of new ideas,for you to learn the new things...

...you need to empty your mind about your old ideas,you need to have patience for to absorve my teachings,I learned during all my life...

...you need to empty your mind about your old ideas,you need to have patience for to absorve my teachings,I learned during all my life...

...how you hope to prove my tea if you don't emptied your cup yet? then the man heard that words and he understood the lesson. the old get up and left slowly...

...then,the man,get up too. And left. Now,more humble,more wise for to follow his travel by the world. He learned for to have wisdom is to need to live for a long time,the knowledge come to the experiences...

...this is was a just experience in his life,he will be another things,to teach what he had been learning...

**THE MACABRE RITUAL** What here will count cannot seen a truth but it happened,and of a trip that I made the amazon forest. There was many indigenou tribes,a lot of forest,many exotic animals and a very big energy that emanated of that beautiful nature not yet desolated by the ``modern man``. Well,I went with a research expedition,of fauna and flora,to photograf the events or discoveries of that immense and dense nature,because I am a photographer,in that expedition there were three americans,one English, two africans and two brazilians,me and the guide. Everybody experts in what intended to do. It was not difficult the understanding because,everybody spoke the same language,the English. But there was the guide to drove the small expedition,a quiet and mysterious guide that hardly spoke,he had an aspect whose had lived there in the middle of the forest for all its life,and it used a type of gluing very strange and the expedition followed its direction forest inside,during the day we were amazed with the sunbeams that penetrated for among the trees,terrified with the pitch of the darkness and the noise of animals that we didn't see nor we heard during the day,but they were being accompanied or hunting us in that immeasurable darkness. We everybody was together to the turn of a bonfire in the hope that didn't appear any animal over there,because of fire,and we alternated ourselves in the guard,we heard screams in the distance and noises of drums,but we didn't have courage of investigating what it happened,when I decided to ask for the guide that was that,I noticed that disappeared of there. That strange man had disappeared in the forest and let us,then me,finding courage in the immense fear that I felt,I had left in the guide's trace,it didn't delay a lot so that I found,it was alone to follow the noise of the drums,but when I arrived there the terror was

...still larger,I spied for among the trees,and I saw the reason of sound of the drums. A young one was tied on top in stone form of table,and some men with strange masks and some sharp objects in their hands,to my surprise appears the guide wearing an eccentric clothes and a dagger type in one of the hands,the youth looked it with a terror printing in her face,that seemed to be surrounded of demons,and them would sip all her body until finding her soul,and she fought hopelessly without any chance,her screams were suffocated by the mortal dances and the sound of indigenou drums. suddenly the guide it sizes the objects,with the two hands,in an alone blow and with a lot of force he nails that weapon in the middle her chests,tearing it untill the height of navel,the youth screamed so hight that froze me the bones, ...

...of course I do not forgot my machine,I photographed some things,the one that I has just seen,never somebody would believe if I counted. It was a satanic ritual,they evoked a strange entity and it seemed that that entity it was there close to them with pleasure with the body of that young now already without life,everybody that were participating in the ritual began to drink of the blood and to eat of the girl's meat,when suddenly the guide looks at in my direction as if he had discovered me in that darkness,and I didn't waste time,I leave running without looking at back. I didn't sleep in that night and I had awake nightmares,the girl appeared,in my dreams, asking me help,she didn't want to die,I counted for the other ones that I saw and they revealed me to be there to discover on those ritos and not to study the nature,I decided not to speak to them of the photos that I had photographed,because,I began to distrust of them and of its purposes. In the end they were everybody a decree of sadistic and I thought wanted it was to participate of that blood's festival,only that that could cost its own lives. Finally the fear took me to abandon that expedition and to go to home before I became ritual's object of sacrifices of those natives.

...Then a long time passed from that terrible one experience with the indians,the girl's images being in death

agony I didn't leave head, she still asked me help, but as I could help her if your visits they were just in my dreams. she was a beautiful girl, I didn't understand because she was sacrificed and devoured.

...well, I decided to return there and discover the reason of that everything. When I arrived again in the Amazon, obviously, I didn't seek for that eccentric guide. the fear still reigned. I arranged other guide that took me to the place, during the day it's certainly, arriving there, the one that I saw was terrible, I thought, is a scene of horror film, there were people's piece and blood everywhere. When I routed, there were several heads in a stake, I went to see, they were the all foreigner's heads of the first expedition, they were dead. I was already sorry for having returned, but I returned for the girl, it seemed that she drove me in that dangerous world. I only wanted to return home. And the night arrived. The sound of the drums began and seemed higher than before and the moon was big and brilliant in the sky, a beauty mixture and terror. I had the sensation of to be being observed through the window, suddenly I went reached for a small arrow, a dart, I drop, when I noticed I was lied in the ground and I looked at the moon through the window as to a picture painted by Van Gog.

... I felt my body to burn, I was paralyzed by the poison, some natives ones came and they carried me, they took me for an altar and they began to pray and to pronounce strange words, I thought I would die there same, the girl's image came in the mind, when the moon was intense in its shine appeared a thing that until then I had not to seen, a creature that seemed to have come from the hell. Then that creature rounded me and it tore my meat with its fingernails, but the man that guided me in that place appeared, and he threw in the wild animal with an enormous gun, the monster dropped and the other men that were to my turn they had left running in having discharged, I was numbed and the girl's image disappeared of my mind. Well, my body burned and it burned as fire, suddenly everything in my mind it turned off, I didn't see and I didn't feel anything else. But I dreamed, I dreamed that floated in the clouds, traveled in the sky, overflowed mountains and lakes, I saw myself hunting without weapons, I don't know the one that, but I was hunting and I wouldn't know more who I was. Perhaps I have found there my curse. Then everything passed, they took me home, I forgot the place and the girl stopped of appearing for me.

... Now in the city I began to face a new terror, the terror of the full moon, the heat in my body, I lost my senses, the torn clothes, finally, an excitement that I had never faced before. I knew that some bad thing happened, in the nights of full moon I lost the notion of time and space, my metabolism accelerated and I literally left me to wander at night terrifying the small villa of my small town, ... and the nights were proceeded with violent and bloody deaths for a monster that took ownership of my soul, and I don't have as controlling it. the only way to end with the curse it was to end with myself, but what was that, why the curse? And why me? That is a wolf man curse, werewolf, and knowing about that I begin to seek my own death, if not many will die, I should not have traveled until Amazon, but I don't have to accept this kind of destiny, a forced destiny. I traveled far, before the next full moon, to a place that had gigantic abysses and there I would put an end in ever that things. I jumped, and while I flew to the death appeared me the girl, the same that I had seen at the beginning of that history being died, when I thought that everybody ate her meat, they were not everybody, but yes an alone one, the own demon in person made that. And during the fall the girl spoke that I was making the right thing, it was the demon's only way it not to continue its lineage - and I was putting an end to him when I put an end to me, and the girl smiled, and I smiled, I reminded, it is good to remind but sometimes, it is good to forget and to continue... then, the darkness, did I die? ...

... I felt my body to burn, I was paralyzed by the poison, some natives ones came and they carried me, they took me for an altar and they began to pray and to pronounce strange words, I thought I would die there same, the girl's image came in the mind, when the moon was intense in its shine appeared a thing that until then I had not to seen, a creature that seemed to have come from the hell. Then that creature rounded me and it tore my meat with its fingernails, but the man that guided me in that place appeared, and he threw in the wild animal with an enormous gun, the monster dropped and the other men that were to my turn they had left running in having discharged, I was numbed and the girl's image disappeared of my mind. Well, my body burned and it burned as fire, suddenly everything in my mind it turned off, I didn't see and I didn't feel anything else. But I dreamed, I dreamed that floated in the clouds, traveled in the sky, overflowed mountains and lakes, I saw myself hunting without weapons, I don't know the one that, but I was hunting and I wouldn't know more who I was. Perhaps I have found there my curse. Then everything passed, they took me home, I forgot the place and the girl stopped of appearing for me.

... I had been there, deeply lost, no easy way out, but when I saw at myself in the mirror, my shade was big, my negative shade. - What to do? I thought. I had had good ideas and good dreams, but my soul needed more, the hell, go to have wait, because, nobody accepts its own condition, everybody wants to move, but we need a lot of interior force. then, few really gets and the demon becomes its own shade, forever...

By the way, you are , maybe, thinking with yourself: "what's happening with this guy?! ", ok! but "don't you know?", He's seeing his life with another eyes... Now, yes, he's living. 'Cause the meaning of the life is you see your mistakes and repair it.

We decided to look at us and to < > saw that there are two ways. All < > us have the good and bad side, but we show only the good side. We hidden the bad side. Then we get living in society. When we lost the reason, the

bad side stay in evidence and we meet with our beast.

Hi everybody! I suggest that we use *Observação* to call everybody's attention to the language corrections that should be made in the text. I believe we can improve our writing skills in this way, DON'T YOU?

Hi students! Your text is improving beautifully. I'm very proud of your efforts in this short story. Please go on and pay attention to the observation notes next to your paragraphs.

Could you please check the following *Web* site for our short paper at the ITTE, in Swansea, Wales.

[http://ted.newport.ac.uk/itte/Papers/janete\\_sander\\_costa.htm](http://ted.newport.ac.uk/itte/Papers/janete_sander_costa.htm)

We want to show you something really cool! Do you know that we can choose font color, style, size, etc in *EquiText*? We will have a face-to-face meeting next Thursday afternoon(17/05) during the break (15:00) at the research's room.

Once detected the beast inside of us, we shall understand the reasons that made it be part of our lives. According to a known theory, every human being is initially good, it means that we're born without those beasts inside. But, as time goes by, we start getting all kind of information that will set up the base of our behaviour and personality. With these thoughts in mind, I began to wonder: "What have I done or suffered to have seen that HORRIBLE BEAST in the forest?" "Was I hiding any part of me from myself?" "Am I trying to see or show only my good side until now?" "Do I avoid to face my fears?" "Are these fears testing me now in a BEAST's APPEARANCE?" I must find the answers for these questions. "What about another walking in the WOODS?" But, this time, in the woods of THE PAST!

Each one of us has an immeasurable potential that ignores, and anything we happen by chance. Probably, that beast is a sign. I think that nobody is born good or bad, the person is born and later if transforms in the what is, in agreement with its existences. In that moment the beast appeared for you, because would want to test you and to do you to forget another situation that happened. To face the fears is a beautiful challenge, it is on those hard and sad hours that we more grew as person and we became a better, stronger, more complete and courageous human being. Continue walking for the forest, I see to its side an intense light and an angel, when the beast approaches you the angel moves away it. Look at that wonderful tunnel in turn of you, the flowers coloring its highway, it is dark but with good visibility. You saw, the beast becomes a carriage that will take it for a long walk, at the end you will have found him and discovered its truths and everything that will see will be a beautiful sun that will heat up it the soul and the heart, and the beast will disappear!

I would like to right in funier way,and with this work in the *EquiText* I'm getting and I'm learning too. Isn't easy

We suggest that you use the window "*observação*" for comments, sharing difficulties, doubts and ideas. As you know we are supposed to finish this project by June 16. So, we have to make some decisions:

How are we going to edit the final version?

What should we keep, get rid of? Insert?

Remember that you should start thinking about a conclusion for the story.

The story should be understood by any reader.

I have thought: "Are we trying to improve our lives?", "Are we going away for our ambitions?", or we are just letting go... don't moving anything to change the things in our lives that we guess it's wrong, that we don't like... we think and think but in true we never made nothing. "The human being needs to change!": this everybody know! but who are making something??, who are making just your part?? Don't think so much. It could hurt you! Just do it!! Believe, 'couse it's true, that changing your live you'll change the world!

I think that people need change, but for better. Everybody needs to live intensely, to love, to smile and to travel more. It's possible for some, but it isn't a reality. The most of the people works to survive and they don't have time for to think about it. Everybody search a solution for your problem, but there isn't a form. Sometimes... everybody cries. Sometimes everybody gets hurt...then you have to do something to improve your life. Remenber you have to be your best friend!

I think that the end of the story can be considered as a terrible nightmare. But this was the way that God found to wake up that human being for the reality, for the life. That man was the best, he was always debauching of the people and disbelieving of the superior forces. So, God gave it a lesson. He was very afraid and only when it was gotten to turn humbler he realized.Today I am a new man, he said. Thank you God, for having nailed me that fright. Then, I woke up and I could live as a person worthy of this prosperous universe with own light that serves me daily, where there is not place for fears and that I ignored. Today I am more me and happier, very happy. I came the page of the life, I found a new book that I will write everyday, in this beast won't exist but pages that will play his heart, his soul and it will change his life.

**Edmilson, Magda, Shane, Rodrigo and Danilo we are about to end our story. We encourage you to reread and review the whole story paying attention to the following aspects: delete irrelevant words, sentences or**

paragraphs (even teachers' comments), write conclusive paragraphs, review language forms (verb tenses, subject-verb agreement, choice of words and word order)

Please, use the observation window for your negotiations, i. e. exchange your ideas or difficulties with your peers.

Remember our deadline is June 15.

Fortunately, I woke up. That dream was really nightmarish. When I woke up, I was in my house. I took a shower and my family called me for having breakfast, all was perfect. I looked by the window, I saw the birds singing and the nature smiling at me, I stayed very happy. Then, I said for my husband, today I will not sleep because that nightmare lasted a eternity, I love the life and want to be of eyes open to every second.






The woods was only a dream, but I found a solution: I am a begin human with fault and quality, but I am only. I translation this informations, procecuted and the product was my person.

## ANEXO C







## ANEXO C.1

## TECE3: About good things – Função Visualizar (V)







**Texto:**  
**About**  
**good**  
**things**

1º	The girls were frightened! Denise was sure that it was Tiradentes. However Liane was in doubt. She knew her friend wasn't crazy so she started thinking about it. -"What could it be? Was it a spirit? Or was it Denise's imagination?", she thought. "I need to figure it out?".Afterwards the girls went to their hotel room to rest. They were still thinking and trying to figure out the event.Two hours later, Liane decided to go for a walk to find an old lady they've met before at a small store. This lady is an old resident of Ouro Preto. Liane thought the woman would help them.The old lady, called Joana, is the owner of the small store that sells craftwork of Ouro Preto. Liane went to the store but the lady wasn't there at the moment. So she asked the gilrs who was there where she could find Joana. The lovely girls said she might have been home and explained how to get there.Liane went there immediately. When she arrived the lady said:- "I was expecting you here", Joana said. "We have a lot to talk about. This is a misterious city." "But I know you will love the things I have to tell you about."	Nik	I			
2º	I live near to you in Sander-Três Coroas.	Nik	B	----	27/05/2006-10:15	
3º	By the way Mara, you live in Sander district that happened to be founded by an ancestor of mine...He was my father´s oldest uncle. I was wondering how could this place be about 100 years ago??? Do you have any information, any interesting story to tell us about Sander, <u>Mar</u> ?	Nik	A	*	27/05/2006-09:38	
4º	Hello, <u>Tân</u> ! Have you heard about an old doctor in Canela, his surname was Sander. Would you have some time to spare in finding out about this late character? I would like you to stirr a bit this experience in <i>EquiText</i> ... How about inventing some kind of legend or building up a tale... a modern fable, perhaps. What dou you all think about this idea??	Jan	I	*	12/04/2006-22:43	
5º	Tomorrow I'm going to ask my father in low, because he knows everything about this subject. bye <u>Mar</u> .	mar	I	----	12/04/2006-23:18	








6°	Very good, <u>Mar</u> ! That's really collaborative. I'll be waiting for you and your father-in-law's information on the Sander clan...(hhe..he..)	Jan	I	*	17/04/2006-17:25	
7°	I'm sorry for my silence, I was very busy this week, but my father in law told me some stories about Sander, but the most important was about Alípio Sander, he was the mayor of Três Coroas from 1964 until 1969. He was born in Sander and his parents were Adolfo and Frida Sander.	mar	I	----	21/04/2006-19:14	
8°	You know, <u>Jan</u> , I asked my old friend, here in Canela, about that doctor you've mentioned.  He told me that Dr. Sander was a legend not only here but all of the country. He was from Três Coroas and studied Medicine in Porto Alegre. Then his family came to Canela and he began to work at the hospital.  He was a lovely man, sensitive and all of the people liked him very much. When people couldn't pay him, they gave him a chicken, or some food, some cakes... Dr. Sander always took care of his patients, even if they had no money or nothing to give him, because he was a doctor indeed. He simply loved Medicine and thought he had to do all of he could to cure patients. But his colleagues didn't think the same...	<u>tan</u>	I	*	17/04/2006-17:16	
9°	As you are telling me, <u>Tân</u> , Doctor Sander was a kind of a professional/person who did his job despite the fact that his patients could or could not pay him...and that was certainly not welcome by his colleagues! Persons like Dr. Sander are rare in this materialistic world but when they arrive in a certain community, what a difference they make!	Jan	A	*	19/04/2006-22:54	
10°	In the past here in Sander was a hospital and I believe that Doctor Sander worked there. My father in law told me that Dr. Sander's Father Mr. Pedro Sander had four children, and one became an engineer and studied in POA, and made part of the team who built the road São Francisco de Paula and his daughter became godmother of my father in law. And Mr. Pedro Sander was very rich and had a big quantity of land here un Sander. bye kisses <u>Mar</u>	mar	I	----	21/04/2006-20:30	
11°	In those old times, it was told that Mr. Pedro Sander used to travel to Rio de Janeiro and from there to Outro Preto for medical reasons. He had a strange illness and nobody could find its cause in Porto Alegre, neither any treatment he undertook would help him to get rid of an itching. His skin got all red and he could not prevent from scratching it until it	Jan	I	*	24/04/2006-12:39	




started to bleed. And this odd situation would only happen when his wife was pregnant. And in Ouro preto he found a German doctor that used to treat him with a very special and rare ointment (probably made with gold powder).

12°	Some day, when Mr. Pedro Sander was in Ouro Preto to do his treatment, Mrs. Sander discovered she was pregnant. Mr. Sander became anxious because the problem in his skin usually was worse when she was pregnant, but in this case things were going in a different way. They went to the hospital to talk to the german doctor who said something very strange. He said them that a very special boy will born and, in the future, he would become a doctor. And he said more: he said them this boy would be a very important doctor. And until he 'll be 30 never more Mr. Pedro Sander would be ill.	tan	I	*	27/04/2006-16:48	 Editar
13°	At first, Mr and Mrs. Sander didn't believe in what the German doctor, Fritz Nietzsche was his name, was telling them. They thought he was just trying to calm them down as Mr. Pedro Sander was an extremely nervous man...	Nik	I	----	27/05/2006-09:51	 Editar
14°	After that conversation with Dr. Nietzsche, Mr. and Mrs. Pedro Sander went back to the Pousada do Mineiro. That was an old but very comfortable Hotel and in that hot afternoon the couple just wanted to go to the pool for a nice and relaxing swim... The trees, the flowers around were just ...	Nik	I	----	27/05/2006-09:52	 Editar
15°	But something happened, they gave a dive and something touch them and then they were scared and yelled and suddenly jumped an alligator out of the swimming pool and ... after they calm down they realized that it was a plastic alligator and not a real one.	Nik	A	----	27/05/2006-09:55	 Editar
16°	During the years this boy grown up and made high school in Canela, so when graduated he moved to Porto Alegre to study medicine at the university and he made specialization in dermatology. Then he graduated, and now he was a real doctor. As we know, he returned to Canela and his patients liked him very much, because he was a very sensitive doctor, he listened people and was very kind (?) with them.	tan	A	----	03/05/2006-16:47	 Editar
17°	In fact, he was very kind and very much involved specially with the poor. He used to see his patients even at night, in his study at home, because in those	Jan	I	*	04/05/2006-10:41	 Editar

days there was no emergency service at the small, local hospital.

18°	<p>A couple of years later he decided to build a new hospital, the Hospital Dr. Pedro Sander, named after his father's. Due to the fact that it had a very good status, the Hospital and Dr. Sander soon got well known all over the country, even abroad. There were patients coming from as far as Rio Branco, Acre, and from Orlando, Fl., in the US. Also Dr. Sander had patients from Germany and Austria, among other places in the world. That Hospital and Dr. Sander, therefore, became an international reference in skin diseases. Thus, all the staff, doctors, nurses, support people in general had to learn to speak English and even volunteers had to be well prepared for such a demand: from skin eruptions to other very exotic rashes.</p> <p>One day...</p>	Jan	A	*	04/05/2006-10:50	
19°	<p>Dr. Sander was 29 years old and was happy with the new hospital. All his family was proud of him and patients were satisfied, because of the good results of the different treatments and the city was in the medical map of the world. But his dad and his mom were worry, because they remember what Dr. Nietzsche had said them almost 30 years before: Mr. Sander would be ill again. They didn't want it, but there was nothing to do. Next week Dr. Sander would be 30!</p>	tan	A	*	05/05/2006-16:00	
20°	<p>All the family was preparing a big surprise for Dr. Sander.</p>	tan	I	----	06/05/2006-09:31	
21°	<p>Dr. Sander was very tired this week, because of his work. Many people in the city was contaminated by hepatitis virus. But this Saturday night, when he took home, all of his family was there, singing "Happy Birthday". He became happy and began to hold all of people. When, finally, he saught her mom and his dad, he observed they weren't happy. So, he asked them: What's wrong?</p>	tan	I	----	11/05/2006-16:51	
22°	<p>"What's wrong, dear?" - asked her mom. "Well, do you remember Dr. Nietzsche? He said us that when you're 30 your father will be ill again. We know you're a successful doctor, but we're afraid you can't treat (?) daddy... and now Dr. Nietzsche is dad." "Ah!... I had forgot it... I'm so busy with the hospital...I miss my family..." "No, dear" - said Mr. Sander - "nobody can do anything, and I'm happy you're 30, you're a man now... and I am an old man..." Dr. Sander was quiet for a few minutes and,</p>	tan	A	*	20/05/2006-09:46	

suddenly, he said: "Daddy, I will go back to POA. I heard there's a doctor from Switzerland teaching at UFRGS. He is specialized in that kind of ill. I'll study with him." "No, no, you can't, dear, you have the hospital, you can't give it up" - said Mrs. Sander.

- |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |     |   |      |                  |                                                                                                        |
|-----|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|---|------|------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 23° | <p>That was a really difficult situation for Dr. Sander to face. His father, Mr. Sander, the person who gave him all the possibilities to become a doctor, now is in need of special treatment and he can not help him... As he could not abandon his Hospital and private clinic, he decided that he would call the best specialist in such rare illnesses and have him treat his beloved father.</p> <p>Two weeks later, a well-known American doctor, from New York, arrived in Canela, RS. Then... Mr. Sander...</p> | Jan | I | *    | 24/05/2006-10:25 | <br><b>Editor</b>   |
| 24° | <p>After a long talk to the American doctor, Mr. Sander found out that this doctor was very close to Dr. Fritz Nietzsche. So they decided to treat him with some mixtures of miracle powders. They mixed the famous gold powder and some others and nobody knows until today what they were.</p>                                                                                                                                                                                                                         | Nik | I | ---- | 27/05/2006-10:05 | <br><b>Editor</b>   |
| 25° | <p>Who would believe in that story?! An American doctor came from a far place to treat Mr. Sander with the same powder that Dr. Fritz used many years ago. Is it a coincidence?!...</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | tan | A | ---- | 27/05/2006-10:20 | <br><b>Editor</b> |

## ANEXO C.2

## TECE3: About good things – Função Histórico (H)

24/03/2006-11:09	<p>"About good things in life"</p> <p>I wish you all lots of inspiration, creativity and some perspiration as well. Plus, as you know pretty well, nobody is perfect: I need the other (as s/he is) as well as the other needs me (as I am) with all my qualities and incompletenesses.</p> <p>So dearest girls let´s star this adventurous task or text, trying to compose a collective text in a collaborative way... (whatever does that mean).</p> <p>By the way, this title is a mere suggestion. You are the authors and I am just an observer, ok? Please do ask questions in the Eduline environment, during our chat meetings once a week or any other time by its e-mail.</p> <p>Please enjoy it as much as you can and desire... :-) )Thanks a million for your cooperation, girls.Janete</p>	<a href="#">Janete</a>	I	*
25/03/2006-11:24	<p>Ainda estou meio atrapalhada com essas ferramentas novas, mas acho que vai ser bem interessante esse trabalho. Obrigada pelas explicações. Até nossos próximos encontros - virtuais!</p>	<a href="#">taniapereira</a>	I	----
25/03/2006-11:31	<p>I'm not sure that I will work in the correct way with these new tools, but I'm very happy with the first explanation. Thanks.</p>	<a href="#">taniapereira</a>	A	----

25/03/2006-11:35	I'm not sure that I will work in the correct way with these new tools, but I'm very happy with the first explanation. Thanks. I'm waiting for other collaborations and very curious about what kind of story are we going to write.	<a href="#">Janete</a>	A	*
25/03/2006-11:40	CHILDREN	<a href="#">taniapereira</a>	I	----
25/03/2006-11:41	CHILDREN	<a href="#">taniapereira</a>	A	*
27/03/2006-09:58	I'm not sure that I will work in the correct way with these new tools, but I'm very happy with the first explanation. Thanks. I'm waiting for other collaborations and very curious about what kind of story are we going to write. (by Tânia)	<a href="#">Janete</a>	A	*
27/03/2006-10:00	Helloooo!! It's working, girls!	<a href="#">Janete</a>	I	*
28/03/2006-12:58	Hello! Let's start the writing? What do you think about travelling... or movies... or books... or children...? I like very much all of it. And I'm sure that those activities are good things in life...I'm very curious about the equitext, but I'm not very creative. Anyway, just as a suggestion, what do you think about TRAVELLING IN BRAZIL?	<a href="#">taniapereira</a>	I	*
28/03/2006-13:44	Hi Girls, talking about "good things in life", I think life is wonderful...friends, family, leisure and many other	<a href="#">Nikolay</a>	I	----

	<p>things make our lives wonderful. I love life and I think we should enjoy each moment of it. Travelling, as you said before, is great. When we travel we learn and we are in touch with other cultures. And that is something nobody can steal from us, our knowlegde and things we learn and feel when we travel.</p>			
29/03/2006-10:44	<p>Hello! How are you? I was reading the plan that Janete sent us. Her idea is write the text 1 this week and begin the text 2 next week. I don't know if Magali and Angela will begin, but... let's try to write a little story this week... just to try?... Well, let me see...Once upon a time... Denise was travelling to(?) historical cities in Minas Gerais with her friend Liane. They were in Ouro Preto when suddenly Denise looked behind her and shouted...</p>	<a href="#">taniapereira</a>	I	----
29/03/2006-15:15	<p>Hello girls! So far, great!!</p> <p>Please don't worry too much with my schedule plan. I would love to see you writing together about a topic of your interest, like travelling for instance.I agree with Sandra and Tânia when they say that travelling opens us to new cultures, new peoples, different modes of living and ...other interesting...</p>	<a href="#">Janete</a>	I	*
30/03/2006-22:37	<p>Hello girls! So far, great!!</p> <p>Please don't worry too much with my schedule plan. I would love to see you writing together about a topic of your interest, like travelling for instance.I agree with Sandra and</p>	<a href="#">Janete</a>	C	*

	Tânia when they say that travelling opens us to new cultures, new peoples, different modes of living and ...other interesting...				
30/03/2006-22:42	<p>Once upon a time... Denise was travelling to(?) historical cities in Minas Gerais with her friend Liane. They were in Ouro Preto when suddenly Denise looked behind her and shouted...</p> <p>HEEEEEELP!!! HELLLLP!!! You're a monster... stay away from me... don't...please!!!</p>	<a href="#">Janete</a>	I	*	
31/03/2006-09:01	<p>Once upon a time... Denise was travelling to(?) historical cities in Minas Gerais with her friend Liane. They were in Ouro Preto when suddenly Denise looked behind her and shouted...</p> <p>AH!!!!!! Wh...what is it? Oh God!!!HEEEEEELP!!! HELLLLP!!! ... stay away from me... don't...please!!!...Oh, my God! Ti...tiradentes? What is it? Liaaane, please!!! I'm going to be crazy! Look at this! It's Tiradentes, isn't it? Oh, my God!</p>	<a href="#">taniapereira</a>	A	*	
01/04/2006-15:52	<p>The girls were frightened! Denise was sure that it was Tiradentes. However Liane was in doubt. She knew her friend wasn't crazy so she started thinking about it. - "What could it be? Was it a spirit? Or was it Denise's imagination?", she thought. "I need to figure it out?".Afterwards the girls went to their hotel room to rest. They were still thinking and trying to figure out the event.Two hours later, Liane decided to go for a walk to find an old lady they've met before</p>	<a href="#">Nikolay</a>	I	<a href="#">Nikolay</a>	I



	<p>at a small store. This lady is an old resident of Ouro Preto. Liane thought the woman would help them. The old lady, called Joana, is the owner of the small store that sells craftwork of Ouro Preto. Liane went to the store but the lady wasn't there at the moment. So she asked the girls who was there where she could find Joana. The lovely girls said she might have been home and explained how to get there. Liane went there immediately. When she arrived the lady said: "I was expecting you here", Joana said. "We have a lot to talk about. This is a mysterious city." "But I know you will love the things I have to tell you about."</p>				
02/04/2006-22:37	<p>Peter was playing ball in the garden and kicked the ball against the window, and then the glass broke. Peter grabbed the ball and disappeared until dinner, because he was frightened.</p>	<a href="#">marablumm</a>	I	*	
03/04/2006-10:58	<p>"Please, tell me all you know about what my friend and I saw this afternoon. We are frightened, because we saw a strange figure that seemed Tiradentes, but... it can't be, of course... He died in XVIII century..." "Wait, wait... my dear...", said Joana. "You don't have to be frightened. Ouro Preto is a special city, you know... Gold, a lot of gold in XVIII, then many people died, many people had to go to Africa as a punishment after Inconfidência Mineira. Many lovers were separated... and Tiradentes was the only one that was decapitated at the central</p>	<a href="#">taniapereira</a>	I	*	

	<p>place. He was a poor man and the others were rich and important, so he never accepted his destiny."</p> <p>"Well, but I din't understand what it have to be with the man Denise and I saw this afternoon", said Liane."Take it easy, my dear, you will understand in a minute. Just listen.", said Joana in a sweet voice.</p>			
03/04/2006-11:09	<p>Girls, I don't know what happened. I wrote a text today, but it appeared before the Sandra's one. I'm sorry! Welcome, Mara!</p>	<a href="#">taniapereira</a>	I	----
03/04/2006-20:22	<p>The girls were frightened! Denise was sure that it was Tiradentes. However Liane was in doubt. She knew her friend wasn't crazy so she started thinking about it. - "What could it be? Was it a spirit? Or was it Denise's imagination?", she thought. "I need to figure it out?".</p>	<a href="#">Janete</a>	I	<u>*</u>
03/04/2006-20:23	<p>Afterwards the girls went to their hotel room to rest. They were still thinking and trying to figure out the event. Two hours later, Liane decided to go for a walk to find an old lady they've met before at a small store. This lady is an old resident of Ouro Preto.</p>	<a href="#">Janete</a>	I	<u>*</u>
03/04/2006-20:24	<p>Liane thought the woman would help them. The old lady, called Joana, is the owner of the small store that sells craftwork of Ouro Preto. Liane went to the store but the lady wasn't there at the moment. So she asked the gilrs who was there where she could find Joana.</p>	<a href="#">Janete</a>	I	<u>*</u>

03/04/2006-20:25	The lovely girls said she might have been home and explained how to get there. Liane went there immediately. When she arrived the lady said:- "I was expecting you here", Joana said. "We have a lot to talk about. This is a misterious city." "But I know you will love the things I have to tell you about."	<a href="#">Janete</a>	I	<u>*</u>
03/04/2006-20:27	The girls were frightened! Denise was sure that it was Tiradentes. However Liane was in doubt. She knew her friend wasn't crazy so she started thinking about it. - "What could it be? Was it a spirit? Or was it Denise's imagination?", she thought. "I need to figure it out?".	<a href="#">Janete</a>	A	<u>*</u>
03/04/2006-20:34	A couple of centuries ago, there was a very beautiful young girl, her name was Marieta. She was just 16 when she got pregnant of a misterious person (man I suppose!!). She could not remember his face, nor his name. They simply loved each other, without ever uttering a single word. They used to see each other at night, around midnight, behind the Church main wall. One day...	<a href="#">Janete</a>	I	<u>*</u>
04/04/2006-09:56	Hello everyone, I'm glad to be a part of this project. I hope I can get some of my students to participate as well. About your story: It seems to me that these girls are in a way related to this ghost they are seeing. Maybe it's the ghost of one of the girl's husband from a past life. Perhaps this ghost was somehow involved with his wife's death and now he wants to make	<a href="#">mmenti</a>	I	----

	<p>amends, say that he is sorry so that his spirit can move on. Sorry - not too inspired today, but I promise to be next time.Magali</p>			
06/04/2006-09:19	<p>Tânia and all participants: this is not a big problem...EquiText sometimes behaves in misterious ways... Anyway, its movements depend on when someone else is participating at the same time...then, paragraphs change positions, one's collaboration shows up in a different unexpected position...</p> <p>Don't worry, keep the text alive, moving paragraphs up and down, excluding the ones that do not contribute to the story, or just alter them (like mine for instance). I am curious about the suspense in Ouro Preto. How is this story going to unfold? Any new ideas??</p>	<u>Janete</u>	I	<u>*</u>
07/04/2006-10:14	<p>A couple of centuries ago, there was a very beautiful young girl, her name was Marieta. She was just 16 when she got pregnant of a very important man. They used to see each other at night, around midnight, behind the Church main wall. This man was married, so that he decided not to talk to the girl again. She loved him very much, but she had the baby alone and didn't talk anyone about the father of her baby. Tiradentes falled in love with this girl and they married. But at 1789 the Inconfidência Mineira happened and the two men participated of it. The father of the baby was punished by the government and had to go</p>	<u>taniapereira</u>	A	<u>*</u>

	<p>to Africa and Tiradentes, as you know, was decapitated.</p> <p>The poor girl was completely alone, without the love of her life and without her husband. And she had a boy!</p>			
10/04/2006-22:31	<p>One day I read a book called "Amanuense Belmiro" of the author is "Cyro dos Anjos".I liked this book because it's about Minas Gerais, the history, characters, cafes and amazing description about the city.And about the politic moment that time.I was very impressed about people's life, they could walk at night without dangerous.I'd like to visit this city someday!Is there anyone who knows the city and would tell me something about? Kisses</p> <p>Mara E. Blumm</p>	<a href="#">marablumm</a>	I	----
11/04/2006-10:30	<p>Hello Mara!</p> <p>Welcome to our collaborative writing place. Make yourself comfortable and go ahead in the story. To not hesitate to ask questions...to ask for HELP!</p>	<a href="#">Janete</a>	I	*
11/04/2006-10:40	<p>Very good, Mara. Cyro dos Anjos´ book may give you some ideas for incrementing the story that is taking place in Ouro Preto. Have you already read what Tânia, Sandra, Ângela, Magali´s paragraph? How about improving this kind of misterious, sad story? Just keep adding your own bits to the narrative that has already giving new directions to it, I mean, towards what you think the story shoulg be. I´m sure that you may come up with</p>	<a href="#">Janete</a>	I	*

	intriguing ideas to build up your colleagues story.			
11/04/2006-10:45	<p>Very good, Mara. Cyro dos Anjos' book may give you some ideas for incrementing the story that is taking place in Ouro Preto. Have you already read Tânia, Sandra, Ângela, Magali's paragraphs?</p> <p>How about improving this kind of misterious, sad story? Just keep adding your own bits to the narrative that has already begun, collaborating with new directions to it, or where you think the story should go. I'm sure you may come up with intriguing, creative and new ideas to build up your colleagues story.</p> <p>And this is a suggestion to all participants. It can be very exciting to write a story with other's heads and hands in this digital environment.</p> <p>What do you think??</p>	<a href="#">Janete</a>	A	*
11/04/2006-11:43	<p>Hello! Mara, I read "O amanuense Belmiro" too. It's a very good book, isn't it? I'm sorry to say, but Belo Horizonte isn't the same city that Cyro dos Anjos shows in his book... When I began do live there, in 1994, the city was calm and secure, but 4, 5 years later it was completely different. You know... some evening my husband and I were sleeping in our apartment and I suddenly woke up with a strange sound. It was a "bala perdida" in my living room, at 9 th floor... Can you imagine?... I think drugs and education and 'impunidade'(?)...were</p>	<a href="#">taniapereira</a>	I	----

	<p>serious problems in big cities... Now, we're living in Canela, which is much much better than Belo Horizonte, but I think we have to take care of our cities, because those problems are everywhere.</p>			
11/04/2006-22:38	<p>I feel happy when I opened my equitext and saw that somebody is reading my words.I don't have much time this days, because of the Easter schedules at the schools where I'm a teacher, but this weekend I'll update my readings.Tania I believe in you about the violence happen nowadays, but when we compare how were the things in the past and how they are today,it's sad. Changing the subject I live near at you in Sander-Três Coroas.Thak you for your message. bye Mara Blumm.</p>	<a href="#">marablumm</a>	I	----
12/04/2006-22:37	<p>Mara and Tânia, I'm so happy with your exchanging ideas, experiences and feelings about past time and today's violence not only in Belo Horizonte but all over Brazil that I could not resist...I had to say something too. I stopped by just to say that this interaction is getting more and more interesting...</p> <p>By the way Mara, you live in Sander district that happened to be founded by an ancestor of mine...He was my father's oldest uncle. I was wondering how could this place be about 100 years ago??? Do you have any information, any interesting story to tell us about Sander, Mara?</p>	<a href="#">Janete</a>	I	*

12/04/2006-22:43	Hello, Tânia! Have you heard about an old doctor in Canela, his surname was Sander. Would you have some time to spare in finding out about this late character? I would like you to stir a bit this experience in EquiText ... How about inventing some kind of legend or building up a tale... a modern fable, perhaps. What do you all think about this idea??	<a href="#">Janete</a>	I	<a href="#">*</a>
12/04/2006-22:47	<p>1. a short tale to teach a moral lesson, often with animals or inanimate objects as characters; apologue the fable of the tortoise and the hare; Aesop's fables.</p> <p>2. a story not founded on fact: This biography is largely a self-laudatory fable.</p> <p>3. a story about supernatural or extraordinary persons or incidents; legend: the fables of gods and heroes.</p> <p>4. legends or myths collectively: the heroes of Greek fable.</p> <p>5. an untruth; falsehood: This boast of a cure is a medical fable.</p> <p>6. the plot of an epic, a dramatic poem, or a play.</p> <p>7. idle talk: old wives' fables.</p>	<a href="#">Janete</a>	I	<a href="#">*</a>
12/04/2006-22:48	<p>What's a fable? Well, according to Random House Webster's Unabridged Dictionary (Electronic), fable is:</p> <p>1. a short tale to teach a moral lesson, often with</p>	<a href="#">Janete</a>	A	<a href="#">*</a>



	<p>animals or inanimate objects as characters; apologue the fable of the tortoise and the hare; Aesop's fables.</p> <p>2. a story not founded on fact: This biography is largely a self-laudatory fable.</p> <p>3. a story about supernatural or extraordinary persons or incidents; legend: the fables of gods and heroes.</p> <p>4. legends or myths collectively: the heroes of Greek fable.</p> <p>5. an untruth; falsehood: This boast of a cure is a medical fable.</p> <p>6. the plot of an epic, a dramatic poem, or a play.</p> <p>7. idle talk: old wives' fables.</p>			
12/04/2006-23:18	<p>Tomorrow I'm going to ask my father in law, because he knows everything about this subject. bye Mara Blumm</p>	<a href="#">marablumm</a>	I	----
17/04/2006-17:16	<p>You know, Janete, I asked my old friend, here in Canela, about that doctor you've mentioned.</p> <p>He told me that Dr. Sander was a legend not only here but all of the country. He was from Três Coroas and studied Medicine in Porto Alegre. Then his family came to Canela and he began to work at the hospital.</p> <p>He was a lovely man, sensitive and all of the people liked him very much. When people could't</p>	<a href="#">taniapereira</a>	I	*

	<p>pay him, they gave him a chicken, or some food, some cakes... Dr. Sander always took care of his patients, even if they had no money or nothing to give him, because he was a doctor indeed. He simply loved Medicine and thought he had to do all of he could to cure patients. But his colleagues didn't think the same...</p>			
17/04/2006-17:25	<p>Very good, Mara! That's really collaborative. I'll be waiting for you and your father-in-law's information on the Sander clan...(hhe..he..)</p>	<a href="#">Janete</a>	I	*
19/04/2006-22:50	<p>As you are telling me, Tânia, Doctor Sander was a kind of a professional/person who did his job despite the fact that his patients could or could not pay him...and that certainly was not welcome by his colleagues! Some persons like Dr. Sander are rare but when they arrive in a certain community what a difference they make!</p>	<a href="#">Janete</a>	I	*
19/04/2006-22:54	<p>As you are telling me, Tânia, Doctor Sander was a kind of a professional/person who did his job despite the fact that his patients could or could not pay him...and that was certainly not welcome by his colleagues! Persons like Dr. Sander are rare in this materialistic world but when they arrive in a certain community, what a difference they make!</p>	<a href="#">Janete</a>	A	*
20/04/2006-20:37	<p>After Joana had told the girls that it was a misterious place with lots</p>	<a href="#">Janete</a>	I	*

	<p>of interesting things to talk about a very loud noise interrupted their conversation... It was a sharp, acute, continuous whistle coming from the back of the house. Very strange indeed! Joana could not say a word...she was trying hard to start telling the girls a story when...</p>			
21/04/2006-19:14	<p>I'm sorry for my silence, I was very busy this week, but my father in law told me some stories about Sander, but the most important was about Alípio Sander, he was the mayor of Três Coroas from 1964 until 1969. He was born in Sander and his parents were Adolfo and Frida Sander.</p>	<a href="#">marablumm</a>	I	----
21/04/2006-20:30	<p>In the past here in Sander was a hospital and I believe that Doctor Sander worked there. My father in law told me that Dr. Sander's Father Mr. Pedro Sander had four children, and one became an engineer and studied in POA, and made part of the team who built the road São Francisco de Paula and his daughter became godmother of my father in law. And Mr. Pedro Sander was very rich and had a big quantity of land here in Sander. bye kisses Mara</p>	<a href="#">marablumm</a>	I	----
24/04/2006-12:39	<p>In those old times, it was told that Mr. Pedro Sander used to travel to Rio de Janeiro and from there to Outro Preto for medical reasons. He had a strange illness and nobody could find its cause in Porto Alegre, neither any treatment he undertook would help him to get rid of an itching. His skin got</p>	<a href="#">Janete</a>	I	*

	<p>all red and he could not prevent from scratching it until it started to bleed.</p> <p>And this odd situation would only happen when his wife was pregnant. And in Ouro preto he found a German doctor that used to treat him with a very special and rare ointment (probably made with gold powder).</p>			
27/04/2006-16:48	<p>Some day, when Mr. Pedro Sander was in Ouro Preto to do his treatment, Mrs. Sander discovered she was pregnant. Mr. Sander became anxious because the problem in his skin usually was worse when she was pregnant, but in this case things were going in a different way. They went to the hospital to talk to the german doctor who said something very strange. He said them that a very special boy will born and, in the future, he would become a doctor. And he said more: he said them this boy would be a very important doctor. And until he 'll be 30 never more Mr. Pedro Sander would be ill.</p>	<a href="#">taniapereira</a>	I	*
27/04/2006-23:02	<p>At first, Mr and Mrs. Sander didn't believe in what the German doctor, Fritz Nietzsche was his name, was telling them. They thought he was just trying to calm them down as Mr. Pedro Sander was an extremely nervous man...</p>	<a href="#">Janete</a>	I	----
27/04/2006-23:10	<p>After that conversation with Dr. Nietzsche, Mr. and Mrs. Pedro Sander went back to the Pousada do Mineiro. That was an old but very comfortable Hotel and in that hot afternoon the couple just wanted to</p>	<a href="#">Janete</a>	I	*

	go to the pool for a nice and relaxing swim... The trees, the flowers around were just ...			
28/04/2006-20:16	During the years this boy grown up and made high school in Ouro Preto, so when graduated he moved to Rio de Janeiro to study medicine at the university and he made specialization in dermatology. Then he graduated, and now he was a real doctor. This doctor was so good that arrived patients of the entire country he attended in your own house and this became impossible, because were to much people. To solve this problem he had a big idea, built a hospital. He gave the name "Hospital Dr. Pedro Sander". Bye Mara!	<a href="#">marablumm</a>	I	----
03/05/2006-10:43	The HDPS (Hospital Dr. Pedro Sander) got well known all over the country, even abroad. There were patients coming from Europe and The United States. It's main specialty was in alergic diseases so all staff, doctors, nurses and support people were trained in dealing with people with such problems.  One day...	<a href="#">Janete</a>	I	----
03/05/2006-10:48	The HDPS (Hospital Dr. Pedro Sander) got well known all over the country, even abroad. There were patients coming from as far as Rio Branco, Acre, to Pelotas, RS. Also many people heard from its treatments in Europe and The United States. It's main specialty was of course in allergic diseases. All the staff, doctors, nurses, support people even	<a href="#">Janete</a>	A	*

	<p>volunteers were well trained in dealing with allergies: from skin eruptions to other very exotic rashes.</p> <p>One day...</p>			
03/05/2006-16:47	<p>During the years this boy grown up and made high school in Canela, so when graduated he moved to Porto Alegre to study medicine at the university and he made specialization in dermatology. Then he graduated, and now he was a real doctor. As we know, he returned to Canela and his patients liked him very much, because he was a very sensitive doctor, he listened people and was very kind (?) with them.</p>	<a href="#">taniapereira</a>	A	----
04/05/2006-10:41	<p>In fact, he was very kind and very much involved specially with the poor. He used to see his patients even at night, in his study at home, because in those days there was no emergency service at the small, local hospital.</p>	<a href="#">Janete</a>	I	*
04/05/2006-10:50	<p>A couple of years later he decided to build a new hospital, the Hospital Dr. Pedro Sander, named after his father's. Due to the fact that it had a very good status, the Hospital and Dr. Sander soon got well known all over the country, even abroad. There were patients coming from as far as Rio Branco, Acre, and from Orlando, FL., in the US. Also Dr. Sander had patients from Germany and Austria, among other places in the world. That Hospital and Dr. Sander, therefore, became an international reference in skin diseases. Thus, all the</p>	<a href="#">Janete</a>	A	*

	<p>staff, doctors, nurses, support people in general had to learn to speak English and even volunteers had to be well prepared for such a demand: from skin eruptions to other very exotic rashes.</p> <p>One day...</p>			
05/05/2006-15:58	<p>Dr. Sander was 29 years old and was happy with the new hospital. All his family was proud of him and patients were satisfied, because of the good results of the different treatments and the city was in the medical map of the world. But his dad and his mom were worry, because they remember what Dr. Nietzsche had said them almost 30 years before: Dr. Sander would be ill again. They didn't want it, but there was nothing to do. Next week Dr. Sander would be 30!</p>	<a href="#">taniapereira</a>	I	*
05/05/2006-16:00	<p>Dr. Sander was 29 years old and was happy with the new hospital. All his family was proud of him and patients were satisfied, because of the good results of the different treatments and the city was in the medical map of the world. But his dad and his mom were worry, because they remember what Dr. Nietzsche had said them almost 30 years before: Mr. Sander would be ill again. They didn't want it, but there was nothing to do. Next week Dr. Sander would be 30!</p>	<a href="#">taniapereira</a>	A	*
06/05/2006-09:31	<p>All the family was preparing a big surprise for Dr. Sander.</p>	<a href="#">taniapereira</a>	I	----

11/05/2006-16:51	Dr. Sander was very tired this week, because of his work. Many people in the city was contaminated by hepatitis virus. But this saturday night, when he took home, all of his family was there, singing "Happy Birthday". He became happy and began to hold all of people. When, finally, he saught her mom and his dad, he observed they weren't happy. So, he asked them: What's wrong?	<a href="#">taniapereira</a>	I	----
17/05/2006-22:58	What's wrong?Do you know I'm successful doctor, but I miss state RGS, I miss braziliam tea, southern brazilian music, I decided that I want go back to POA. There I fell happy and comfortabele.bye Mara Blumm	<a href="#">marablumm</a>	I	----
17/05/2006-22:59	What's wrong?Do you know I'm successful doctor, but I miss my state RGS, I miss braziliam tea, southern brazilian music, I decided that I want go back to POA. There I fell happy and comfortabele.bye Mara Blumm	<a href="#">marablumm</a>	A	----
20/05/2006-09:44	What's wrong, dear? - asked her mom. Well, do you remember Dr. Nietzsche? He said us that when you're 30 your father will be ill again. We know you're a successful doctor, but we're afraid you can't treat (?) daddy... and now Dr. Nietzsche is dad. Ah!... I had forgot it... I'm so busy with the hospital...I miss my family... No, dear - said Mr. Sander - nobody can do anything, and I'm happy you're 30, you're a man now... and I am an old man..." Dr. Sander was quiet for a few minutes	<a href="#">taniapereira</a>	A	* _



	<p>and, suddenly, he said: Daddy, I will go back to POA. I heard there's a doctor from Switzerland teaching at UFRGS. He is specialized in that kind of ill. I'll study with him. "No, no, you can't, dear, you have the hospital, you can't give it up" - said Mrs. Sander.</p>			
20/05/2006-09:46	<p>"What's wrong, dear?" - asked her mom. "Well, do you remember Dr. Nietzsche? He said us that when you're 30 your father will be ill again. We know you're a successful doctor, but we're afraid you can't treat (?) daddy... and now Dr. Nietzsche is dad." "Ah!... I had forgot it... I'm so busy with the hospital...I miss my family..." "No, dear" - said Mr. Sander - "nobody can do anything, and I'm happy you're 30, you're a man now... and I am an old man..." Dr. Sander was quiet for a few minutes and, suddenly, he said: "Daddy, I will go back to POA. I heard there's a doctor from Switzerland teaching at UFRGS. He is specialized in that kind of ill. I'll study with him." "No, no, you can't, dear, you have the hospital, you can't give it up" - said Mrs. Sander.</p>	<a href="#">taniapereira</a>	A	*
24/05/2006-10:25	<p>That was a really difficult situation for Dr. Sander to face. His father, Mr. Sander, the person who gave him all the possibilities to become a doctor, now is in need of special treatment and he can not help him... As he could not abandon his Hospital and private clinic, he decided that he would call the best specialist in such rare illnesses and have</p>	<a href="#">Janete</a>	I	*

	<p>him treat his beloved father.</p> <p>Two weeks later, a well-known American doctor, from New York, arrived in Canela, RS. Then... Mr. Sander...</p>			
25/05/2006-20:23	<p>But something happened, they gave a dive and something touch them and then they were scared and yelled and suddenly jumped an alligator out of the swimming pool and ...</p>	<a href="#">marablumm</a>	I	----
27/05/2006-09:17	<p>Hello everyone,I'm glad to be a part of this project. I hope I can get some of my students to participate as well. About your story: It seems to me that these girls are in a way related to this ghost they are seeing. Maybe it's the ghost of one of the girl's husband from a past life. Perhaps this ghost was somehow involved with his wife's death and now he wants to make amends, say that he is sorry so that his spirit can move on. Sorry - not too inspired today, but I promise to be next time.Magali</p>	<a href="#">Nikolay</a>	E	----
27/05/2006-09:17	<p>"About good things in life"</p> <p>I wish you all lots of inspiration, creativity and some perspiration as well. Plus, as you know pretty well, nobody is perfect: I need the other (as s/he is) as well as the other needs me (as I am) with all my qualities and incompletenesses.</p> <p>So dearest girls let's star this adventurous task or text, trying to compose a collective text in a collaborative way...</p>	<a href="#">taniapereira</a>	E	*

	<p>(whatever does that mean).</p> <p>By the way, this title is a mere suggestion. You are the authors and I am just an observer, ok? Please do ask questions in the Eduline environment, during our chat meetings once a week or any other time by its e-mail.</p> <p>Please enjoy it as much as you can and desire... :-)  )Thanks a million for your cooperation, girls.Janete</p>			
27/05/2006-09:17	<p>Peter was playing ball in the garden and kicked the ball against the window, and then the glass broke. Peter grabbed the ball and disappeared until dinner, because he was frightened.</p>	<a href="#">marablumm</a>	E	*
27/05/2006-09:18	<p>Hello Mara!</p> <p>Welcome to our collaborative writing place. Make yourself comfortable and go ahead in the story. To not hesitate to ask questions...to ask for HELP!</p>	<a href="#">marablumm</a>	E	*
27/05/2006-09:18	<p>CHILDREN</p>	<a href="#">marablumm</a>	E	*
27/05/2006-09:19	<p>Hello! Let's start the writing? What do you think about travelling... or movies... or books... or children...? I like very much all of it. And I'm sure that those activities are good things in life...I'm very curious about the equitext, but I'm not very creative. Anyway, just as a suggestion, what do you think about TRAVELLING IN BRAZIL?</p>	<a href="#">Nikolay</a>	E	*

27/05/2006-09:19	I'm not sure that I will work in the correct way with these new tools, but I'm very happy with the first explanation. Thanks. I'm waiting for other collaborations and very curious about what kind of story are we going to write. (by Tânia)	<a href="#">marablumm</a>	E	* _
27/05/2006-09:19	Helloooo!! It's working, girls!	<a href="#">taniapereira</a>	E	* _
27/05/2006-09:19	Hi Girls, talking about "good things in life", I think life is wonderful...friends, family, leisure and many other things make our lives wonderful. I love life and I think we should enjoy each moment of it. Travelling, as you said before, is great. When we travel we learn and we are in touch with other cultures. And that is something nobody can steal from us, our knowledge and things we learn and feel when we travel.	<a href="#">marablumm</a>	E	----
27/05/2006-09:20	Hello girls! So far, great!!  Please don't worry too much with my schedule plan. I would love to see you writing together about a topic of your interest, like travelling for instance. I agree with Sandra and Tânia when they say that travelling opens us to new cultures, new peoples, different modes of living and ...other interesting...	<a href="#">marablumm</a>	E	* _
27/05/2006-09:20	Hello! How are you? I was reading the plan that Janete sent us. Her idea is write the text 1 this week and begin the text 2 next week. I don't know if Magali and Angela will begin, but...	<a href="#">taniapereira</a>	E	----

	<p>let's try to write a little story this week... just to try?... Well, let me see...Once upon a time... Denise was travelling to(?) historical cities in Minas Gerais with her friend Liane. They were in Ouro Preto when suddenly Denise looked behind her and shouted...</p>			
27/05/2006-09:20	<p>Once upon a time... Denise was travelling to(?) historical cities in Minas Gerais with her friend Liane. They were in Ouro Preto when suddenly Denise looked behind her and shouted...</p> <p>AH!!!!!! Wh...what is it? Oh God!!!HEEEEEELP!!! HELLLLP!!! ... stay away from me... don't...please!!!...Oh, my God! Ti...tiradentes? What is it? Liaaane, please!!! I'm going to be crazy! Look at this! It's Tiradentes, isn't it? Oh, my God!</p>	<a href="#">marablumm</a>	E	*
27/05/2006-09:23	<p>Once upon a time... Denise was travelling to(?) historical cities in Minas Gerais with her friend Liane. They were in Ouro Preto when suddenly Denise looked behind her and shouted... AH!!!!!! Wh...what is it? Oh God!!!HEEEEEELP!!! HELLLLP!!! ... stay away from me... don't...please!!!...Oh, my God! Ti...tiradentes? What is it? Liaaane, please!!! I'm going to be crazy! Look at this! It's Tiradentes, isn't it? Oh, my God!</p>	<a href="#">Nikolay</a>	I	----
27/05/2006-09:23	<p>Once upon a time... Denise was travelling to(?) historical cities in Minas Gerais with her friend Liane. They were in Ouro</p>	<a href="#">taniapereira</a>	I	----

	<p>Preto when suddenly Denise looked behind her and shouted... AH!!!!!!! Wh...what is it? Oh God!!!HEEEEEELP!!! HELLLLP!!! ... stay away from me... don't...please!!!...Oh, my God! Ti...tiradentes? What is it? Liaaane, please!!! I'm going to be crazy! Look at this! It's Tiradentes, isn't it? Oh, my God!</p>			
27/05/2006-09:23	<p>Once upon a time... Denise was travelling to(?) historical cities in Minas Gerais with her friend Liane. They were in Ouro Preto when suddenly Denise looked behind her and shouted... AH!!!!!!! Wh...what is it? Oh God!!!HEEEEEELP!!! HELLLLP!!! ... stay away from me... don't...please!!!...Oh, my God! Ti...tiradentes? What is it? Liaaane, please!!! I'm going to be crazy! Look at this! It's Tiradentes, isn't it? Oh, my God!</p>	<a href="#">Nikolay</a>	E	----
27/05/2006-09:24	<p>I tried to modify my text after I wrote it, but I couldn't because it wasn't available. So, when you read it, you will see that there are some problems in the writing. There is a "?" by mistake and instead of girl I wrote girls and gilrs. Sorry!</p>	<a href="#">Nikolay</a>	E	----
27/05/2006-09:24	<p>"Please, tell me all you know about what my friend and I saw this afternoon. We are frightned, because we saw a strange figure that seemed Tiradentes, but... it can't be, of course... He died in XVIII century..."Wait, wait... my dear...", said Joana. "You don't have to be frightned.</p>	<a href="#">taniapereira</a>	E	*

	<p>Ouro Preto is a special city, you know... Gold, a lot of gold in XVIII, then many people died, many people had to go to Africa as a punishment after Inconfidência Mineira.</p> <p>Many lovers were separated... and Tiradentes was the only one that was decapitated at the central place. He was a poor man and the others were rich and important, so he never accepted his destiny."</p> <p>"Well, but I din't understand what it have to be with the man Denise and I saw this afternoon", said Liane."Take it easy, my dear, you will understand in a minute. Just listen.", said Joana in a sweet voice.</p>			
27/05/2006-09:30	<p>Girls, I don't know what happened. I wrote a text today, but it appeared before the Sandra's one. I'm sorry! Welcome, Mara!</p>	<a href="#">Nikolay</a>	E	----
27/05/2006-09:31	<p>Tânia and all participants: this is not a big problem...EquiText sometimes behaves in misterious ways... Anyway, its movements depend on when someone else is participating at the same time...then, paragraphs change positions, one's collaboration shows up in a different unexpected position...</p> <p>Don't worry, keep the text alive, moving paragraphs up and down, excluding the ones that do not contribute to the story, or just alter them (like mine for instance). I am curious about the suspense in Ouro Preto. How is this story going to unfold? Any new ideas??</p>	<a href="#">Nikolay</a>	E	*

27/05/2006-09:31	The girls were frightened! Denise was sure that it was Tiradentes. However Liane was in doubt. She knew her friend wasn't crazy so she started thinking about it. - "What could it be? Was it a spirit? Or was it Denise's imagination?", she thought. "I need to figure it out?".	<a href="#">Nikolay</a>	E	* _
27/05/2006-09:32	Afterwards the girls went to their hotel room to rest. They were still thinking and trying to figure out the event. Two hours later, Liane decided to go for a walk to find an old lady they've met before at a small store. This lady is an old resident of Ouro Preto.	<a href="#">Nikolay</a>	E	* _
27/05/2006-09:33	Liane thought the woman would help them. The old lady, called Joana, is the owner of the small store that sells craftwork of Ouro Preto. Liane went to the store but the lady wasn't there at the moment. So she asked the girls who was there where she could find Joana.	<a href="#">Nikolay</a>	E	* _
27/05/2006-09:33	The lovely girls said she might have been home and explained how to get there. Liane went there immediately. When she arrived the lady said:- "I was expecting you here", Joana said. "We have a lot to talk about. This is a misterious city." "But I know you will love the things I have to tell you about."	<a href="#">Nikolay</a>	E	* _
27/05/2006-09:33	A couple of centuries ago, there was a very beautiful young girl, her name was Marieta. She was just 16 when she got pregnant of a	<a href="#">Nikolay</a>	E	* _



	<p>very important man. They used to see each other at night, around midnight, behind the Church main wall. This man was married, so that he decided not to talk to the girl again. She loved him very much, but she had the baby alone and didn't talk anyone about the father of her baby. Tiradentes fell in love with this girl and they married. But at 1789 the Inconfidência Mineira happened and the two men participated of it. The father of the baby was punished by the government and had to go to Africa and Tiradentes, as you know, was decapitated. The poor girl was completely alone, without the love of her life and without her husband. And she had a boy!</p>			
27/05/2006-09:34	<p>After Joana had told the girls that it was a misterious place with lots of interesting things to talk about a very loud noise interrupted their conversation... It was a sharp, acute, continuous whistle coming from the back of the house. Very strange indeed! Joana could not say a word...she was trying hard to start telling the girls a story when...</p>	<a href="#">Nikolay</a>	E	*
27/05/2006-09:35	<p>One day I read a book called "Amanuense Belmiro" of the author is "Cyro dos Anjos".I liked this book because it's about Minas Gerais, the history, characters, cafes and amazing description about the city.And about the politic moment that time.I was very impressed about people's life, they could walk at night without dangerous.I'd like to visit</p>	<a href="#">Nikolay</a>	E	----

	<p>this city someday!Is there anyone who knows the city and would tell me something about? Kisses Mara E. Blumm</p>			
27/05/2006-09:35	<p>Very good, Mara. Cyro dos Anjos' book may give you some ideas for incrementing the story that is taking place in Ouro Preto. Have you already read Tânia, Sandra, Ângela, Magali's paragraphs?</p> <p>How about improving this kind of misterious, sad story? Just keep adding your own bits to the narrative that has already begun, collaborating with new directions to it, or where you think the story shoulg go. I'm sure you may come up with intriguing, creative and new ideas to build up your colleagues story.</p> <p>And this is a suggestion to all participants. It can be very exciting to write a story with other's heads and hands in this digital environment.</p> <p>What do you think??</p>	<a href="#">Nikolay</a>	E	*
27/05/2006-09:36	<p>Hello! Mara, I read "O amanuense Belmiro" too. It's a very good book, isn't it? I'm sorry to say, but Belo Horizonte isn't the same city that Cyro dos Anjos shows in his book... When I began do live there, in 1994, the city was calm and secure, but 4, 5 years later it was completely different. You know... some evening my husband and I were sleeping in our apartment and I suddenly woke up with a strange sound. It was a "bala perdida" in my living room, at 9 th floor... Can you</p>	<a href="#">Nikolay</a>	E	----

	<p>imagine?... I think drugs and education and 'impunidade'(?)...were serious problems in big cities... Now, we're living in Canela, which is much much better than Belo Horizonte, but I think we have to take care of our cities, because those problems are everywhere.</p>			
27/05/2006-09:36	<p>I feel happy when I opened my equitext and saw that somebody is reading my words.I don't have much time this days, because of the Easter schedules at the schools where I'm a teacher, but this weekend I'll update my readings.Tania I believe in you about the violence happen nowadays, but when we compare how were the things in the past and how they are today,it's sad. Changing the subject I live near at you in Sander-Três Coroas.Thak you for your message. bye Mara Blumm.</p>	<a href="#">Nikolay</a>	E	----
27/05/2006-09:37	<p>Changing the subject I live near at you in Sander-Três Coroas.</p>	<a href="#">Nikolay</a>	I	----
27/05/2006-09:38	<p>By the way Mara, you live in Sander district that happened to be founded by an ancestor of mine...He was my father's oldest uncle. I was wondering how could this place be about 100 years ago??? Do you have any information, any interesting story to tell us about Sander, Mara?</p>	<a href="#">Nikolay</a>	A	*
27/05/2006-09:39	<p>What's a fable? Well, according to Random House Webster's Unabridged Dictionary</p>	<a href="#">Nikolay</a>	E	*

	<p>(Electronic), fable is:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. a short tale to teach a moral lesson, often with animals or inanimate objects as characters; apologue the fable of the tortoise and the hare; Aesop's fables.</li> <li>2. a story not founded on fact: This biography is largely a self-laudatory fable.</li> <li>3. a story about supernatural or extraordinary persons or incidents; legend: the fables of gods and heroes.</li> <li>4. legends or myths collectively: the heroes of Greek fable.</li> <li>5. an untruth; falsehood: This boast of a cure is a medical fable.</li> <li>6. the plot of an epic, a dramatic poem, or a play.</li> <li>7. idle talk: old wives' fables.</li> </ol>			
27/05/2006-09:50	<p>At first, Mr and Mrs. Sander didn't believe in what the German doctor, Fritz Nietzsche was his name, was telling them. They thought he was just trying to calm them down as Mr. Pedro Sander was an extremely nervous man...</p>	<a href="#">Nikolay</a>	C	----
27/05/2006-09:51	<p>At first, Mr and Mrs. Sander didn't believe in what the German doctor, Fritz Nietzsche was his name, was telling them. They thought he was just trying to calm them down as Mr. Pedro Sander was an extremely nervous man...</p>	<a href="#">Nikolay</a>	I	----

27/05/2006-09:51	At first, Mr and Mrs. Sander didn't believe in what the German doctor, Fritz Nietzsche was his name, was telling them. They thought he was just trying to calm them down as Mr. Pedro Sander was an extremely nervous man...	<a href="#">Nikolay</a>	E	----
27/05/2006-09:52	After that conversation with Dr. Nietzsche, Mr. and Mrs. Pedro Sander went back to the Pousada do Mineiro. That was an old but very comfortable Hotel and in that hot afternoon the couple just wanted to go to the pool for a nice and relaxing swim... The trees, the flowers around were just ...	<a href="#">Nikolay</a>	I	----
27/05/2006-09:53	After that conversation with Dr. Nietzsche, Mr. and Mrs. Pedro Sander went back to the Pousada do Mineiro. That was an old but very comfortable Hotel and in that hot afternoon the couple just wanted to go to the pool for a nice and relaxing swim... The trees, the flowers around were just ...	<a href="#">Nikolay</a>	E	<u>*</u>
27/05/2006-09:53	But something happened, they gave a dive and something touch them and then they were scared and yelled and suddenly jumped an alligator out of the swiming pool and ...	<a href="#">Nikolay</a>	E	----
27/05/2006-09:53	But something happened, they gave a dive and something touch them and then they were scared and yelled and suddenly jumped an alligator out of the swiming pool and ...	<a href="#">Nikolay</a>	I	----

27/05/2006-09:55	But something happened, they gave a dive and something touch them and then they were scared and yelled and suddenly jumped an alligator out of the swimming pool and ... after they calm down they realized that it was a plastic alligator and not a real one.	<a href="#">Nikolay</a>	A	----
27/05/2006-10:05	After a long talk to the American doctor, Mr. Sander found out that this doctor was very close to Dr. Fritz Nietzsche. So they decided to treat him with some mixtures of miracle powders. They mixed the famous gold powder and some others and nobody knows until today what they were.	<a href="#">Nikolay</a>	I	----
27/05/2006-10:12	Who would believe in that story?! An American doctor came from a far place to treat Mr. Sander with the same powder that Dr. Fritz used many years ago. What a coincidence!	<a href="#">Nikolay</a>	I	----
27/05/2006-10:14	Once upon a time... Denise was travelling to(?) historical cities in Minas Gerais with her friend Liane. They were in Ouro Preto when suddenly Denise looked behind her and shouted... AH!!!!!! Wh...what is it? Oh God!!!HEEEEEELP!!! HELLLLP!!! ... stay away from me... don't...please!!!...Oh, my God! Ti...tiradentes? What is it? Liaaane, please!!! I'm going to be crazy! Look at this! It's Tiradentes, isn't it? Oh, my God!	<a href="#">Nikolay</a>	E	----
27/05/2006-	I live near to you in	<a href="#">Nikolay</a>	A	----

10:15	Sander-Três Coroas.			
27/05/2006-10:15	I live near to you in Sander-Três Coroas.	<a href="#">Nikolay</a>	B	----
27/05/2006-10:19	Who would believe in that story?! An American doctor came from a far place to treat Mr. Sander with the same powder that Dr. Fritz used many years ago. Is it a coincidence?	<a href="#">Nikolay</a>	A	----
27/05/2006-10:20	Who would believe in that story?! An American doctor came from a far place to treat Mr. Sander with the same powder that Dr. Fritz used many years ago. Is it a coincidence?!...	<a href="#">taniapereira</a>	A	----

## ANEXO C3

### TECE3: About good things – Função Texto Final (TF)

#### Versão final do texto: Narrative1

The girls were frightened! Denise was sure that it was Tiradentes. However Liane was in doubt. She knew her friend wasn't crazy so she started thinking about it. -"What could it be? Was it a spirit? Or was it Denise's imagination?", she thought. "I need to figure it out?". Afterwards the girls went to their hotel room to rest. They were still thinking and trying to figure out the event. Two hours later, Liane decided to go for a walk to find an old lady they've met before at a small store. This lady is an old resident of Ouro Preto. Liane thought the woman would help them. The old lady, called Joana, is the owner of the small store that sells craftwork of Ouro Preto. Liane went to the store but the lady wasn't there at the moment. So she asked the girls who was there where she could find Joana. The lovely girls said she might have been home and explained how to get there. Liane went there immediately. When she arrived the lady said: - "I was expecting you here", Joana said. "We have a lot to talk about. This is a mysterious city." "But I know you will love the things I have to tell you about."

I live near to you in Sander-Três Coroas.

By the way Mara, you live in Sander district that happened to be founded by an ancestor of mine...He was my father's oldest uncle. I was wondering how could this place be about 100 years ago??? Do you have any information, any interesting story to tell us about Sander, Mara?

Hello, Tânia! Have you heard about an old doctor in Canela, his surname was Sander. Would you have some time to spare in finding out about this late character? I would like you to stir a bit this experience in *EquiText* ... How about inventing some kind of legend or building up a tale... a modern fable, perhaps. What do you all think about this idea??

Tomorrow I'm going to ask my father in law, because he knows everything about this subject. bye Mara Blumm  
Very good, Mara! That's really collaborative. I'll be waiting for you and your father-in-law's information on the Sander clan...(hhe..he..)

I'm sorry for my silence, I was very busy this week, but my father in law told me some stories about Sander, but the most important was about Alípio Sander, he was the mayor of Três Coroas from 1964 until 1969. He was born in Sander and his parents were Adolfo and Frida Sander.

You know, Janete, I asked my old friend, here in Canela, about that doctor you've mentioned.

He told me that Dr. Sander was a legend not only here but all of the country. He was from Três Coroas and studied Medicine in Porto Alegre. Then his family came to Canela and he began to work at the hospital.

He was a lovely man, sensitive and all of the people liked him very much. When people couldn't pay him, they gave him a chicken, or some food, some cakes... Dr. Sander always took care of his patients, even if they had no money or nothing to give him, because he was a doctor indeed. He simply loved Medicine and thought he had to do all of he could to cure patients. But his colleagues didn't think the same...

As you are telling me, Tânia, Doctor Sander was a kind of a professional/person who did his job despite the fact that his patients could or could not pay him...and that was certainly not welcome by his colleagues! Persons like Dr. Sander are rare in this materialistic world but when they arrive in a certain community, what a difference they make!

In the past here in Sander was a hospital and I believe that Doctor Sander worked there. My father in law told me that Dr. Sander's Father Mr. Pedro Sander had four children, and one became an engineer and studied in POA, and made part of the team who built the road São Francisco de Paula and his daughter became godmother of my father in law. And Mr. Pedro Sander was very rich and had a big quantity of land here in Sander. bye kisses  
Mara

In those old times, it was told that Mr. Pedro Sander used to travel to Rio de Janeiro and from there to Ouro Preto for medical reasons. He had a strange illness and nobody could find its cause in Porto Alegre, neither any treatment he undertook would help him to get rid of an itching. His skin got all red and he could not prevent from scratching it until it started to bleed. And this odd situation would only happen when his wife was pregnant. And in Ouro Preto he found a German doctor that used to treat him with a very special and rare ointment (probably made with gold powder).

Some day, when Mr. Pedro Sander was in Ouro Preto to do his treatment, Mrs. Sander discovered she was pregnant. Mr. Sander became anxious because the problem in his skin usually was worse when she was pregnant, but in this case things were going in a different way. They went to the hospital to talk to the German doctor who said something very strange. He said them that a very special boy will be born and, in the future, he would become a doctor. And he said more: he said them this boy would be a very important doctor. And until he'll be 30 never more Mr. Pedro Sander would be ill.

At first, Mr and Mrs. Sander didn't believe in what the German doctor, Fritz Nietzsche was his name, was telling



them. They thought he was just trying to calm them down as Mr. Pedro Sander was an extremely nervous man... After that conversation with Dr. Nietzsche, Mr. and Mrs. Pedro Sander went back to the Pousada do Mineiro. That was an old but very comfortable Hotel and in that hot afternoon the couple just wanted to go to the pool for a nice and relaxing swim... The trees, the flowers around were just ...

But something happened, they gave a dive and something touched them and then they were scared and yelled and suddenly jumped an alligator out of the swimming pool and ... after they calmed down they realized that it was a plastic alligator and not a real one.

During the years this boy grew up and made high school in Canela, so when graduated he moved to Porto Alegre to study medicine at the university and he made specialization in dermatology. Then he graduated, and now he was a real doctor. As we know, he returned to Canela and his patients liked him very much, because he was a very sensitive doctor, he listened people and was very kind (?) with them.

In fact, he was very kind and very much involved specially with the poor. He used to see his patients even at night, in his study at home, because in those days there was no emergency service at the small, local hospital. A couple of years later he decided to build a new hospital, the Hospital Dr. Pedro Sander, named after his father's. Due to the fact that it had a very good status, the Hospital and Dr. Sander soon got well known all over the country, even abroad. There were patients coming from as far as Rio Branco, Acre, and from Orlando, Fl., in the US. Also Dr. Sander had patients from Germany and Austria, among other places in the world. That Hospital and Dr. Sander, therefore, became an international reference in skin diseases. Thus, all the staff, doctors, nurses, support people in general had to learn to speak English and even volunteers had to be well prepared for such a demand: from skin eruptions to other very exotic rashes.

One day...

Dr. Sander was 29 years old and was happy with the new hospital. All his family was proud of him and patients were satisfied, because of the good results of the different treatments and the city was in the medical map of the world. But his dad and his mom were worried, because they remember what Dr. Nietzsche had said them almost 30 years before: Mr. Sander would be ill again. They didn't want it, but there was nothing to do. Next week Dr. Sander would be 30!

All the family was preparing a big surprise for Dr. Sander.

Dr. Sander was very tired this week, because of his work. Many people in the city were contaminated by hepatitis virus. But this Saturday night, when he took home, all of his family was there, singing "Happy Birthday". He became happy and began to hold all of people. When, finally, he caught her mom and his dad, he observed they weren't happy. So, he asked them: What's wrong?

"What's wrong, dear?" - asked her mom. "Well, do you remember Dr. Nietzsche? He said us that when you're 30 your father will be ill again. We know you're a successful doctor, but we're afraid you can't treat (?) daddy... and now Dr. Nietzsche is dad." "Ah!... I had forgot it... I'm so busy with the hospital... I miss my family..." "No, dear" - said Mr. Sander - "nobody can do anything, and I'm happy you're 30, you're a man now... and I am an old man..." Dr. Sander was quiet for a few minutes and, suddenly, he said: "Daddy, I will go back to POA. I heard there's a doctor from Switzerland teaching at UFRGS. He is specialized in that kind of ill. I'll study with him." "No, no, you can't, dear, you have the hospital, you can't give it up" - said Mrs. Sander.

That was a really difficult situation for Dr. Sander to face. His father, Mr. Sander, the person who gave him all the possibilities to become a doctor, now is in need of special treatment and he can not help him... As he could not abandon his Hospital and private clinic, he decided that he would call the best specialist in such rare illnesses and have him treat his beloved father.

Two weeks later, a well-known American doctor, from New York, arrived in Canela, RS. Then... Mr. Sander... After a long talk to the American doctor, Mr. Sander found out that this doctor was very close to Dr. Fritz Nietzsche. So they decided to treat him with some mixtures of miracle powders. They mixed the famous gold powder and some others and nobody knows until today what they were.

Who would believe in that story?! An American doctor came from a far place to treat Mr. Sander with the same powder that Dr. Fritz used many years ago. Is it a coincidence?!...

ANEXO D  
**ANEXO D: IES 1 - Proposta de Pesquisa com a Língua Inglesa**  
**SOCIEDADE DE EDUCAÇÃO RITTER DOS REIS**

**Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis**

**Proposta de Pesquisa com a Língua Inglesa - Curso de Letras**

**Título:**

Desenvolvendo atividades de escrita colaborativa via *EquiText*: uma experiência com alunos de Língua Inglesa do Curso de Letras, licenciatura em inglês e português, no Brasil

**Resumo:**

O presente estudo tem como seus objetivos norteadores:

1. Promover o desenvolvimento da competência comunicativa na produção escrita de alunos de LI, do Curso de Letras, ao longo de dois semestres letivos, segundo semestre/2000 e primeiro semestre/2001, nesta Instituição de Ensino Superior; essa competência comunicativa pode englobar as competências gramatical, discursiva, sociolingüística e estratégica;
2. Proporcionar a este grupo que tal experiência se dê através da *Web*, em um processo de interação peculiar, utilizando um software educacional de escrita colaborativa, uma ferramenta de *groupware* denominada de *EquiText*, em sua segunda versão, tendo sido primeiramente lançado e publicado na Conferência do SITE 2000, em San Diego, constante nos Anais e CD do evento, em fevereiro de 2000;
3. Divulgar sua “usabilidade” educacional no meio acadêmico, especialmente em cursos de formação de professores em línguas, proporcionando a esses alunos/professores a oportunidade de fomentar o processo de ensino/aprendizagem das habilidades de ler e escrever, principalmente, assim como construir novas pontes entre o sistema tradicional de ensino, em sala de aula, e o ensino a distância, no meio digital.

O corpus da análise será constituído de textos produzidos coletivamente pelos alunos do Curso de Letras desta Instituição, em disciplinas de Língua Inglesa, sob a responsabilidade da Profa. MA Silvana, utilizando o *EquiText*. A Profa. MA Janete, doutoranda de Letras/UFRGS, assim como a referida Mestra, analisarão o grau de realização das competências comunicativas acima mencionadas, bem como o processo de interação dos participantes com o texto escrito, com os demais participantes e com o professor/mediador.

A presente pesquisa será fundamentada segundo Canale e Swain (1980), Canale (1983), Savignon (1972, 1983) e outros, nas estratégias comunicativas; Bloome (1993) Pearson e Tierney (1984), Hudson (1998), Raimes (1998), Ong (1999), Lévy (2000) e outros, para a produção escrita e as novas tecnologias; Vygotsky (1993), Freire (1996), Jaffee (1997), Perl (1999) e Rizzi et al. (1999), para o *software EquiText*.

## PROJETO DE PESQUISA

### 1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1.1 Título do Projeto: Desenvolvendo atividades de escrita colaborativa via *EquiText*: uma experiência com alunos de Língua Inglesa do Curso de Letras, licenciatura em inglês e português, no Brasil

1.2 Entidade promotora: Faculdades de Educação Integradas Ritter dos Reis

Faculdade de Educação, Ciências e Letras

Curso de Letras

Rua Orfanotrófio, 555 - Alto Teresópolis

Fone: (051) 233-7166; FAX: (051) 233-0444

CEP: 90840-440 Porto Alegre - RS

1.3 Pesquisadoras responsáveis: Profa. Ma. Janete Sander Costa

Profa. Ma. Silvana Zardo Pacheco

1.4 Público-alvo: Alunos do Curso de Letras Habilitação Licenciatura em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e Respectivas Literaturas

1.5 Prazo de realização: segundo semestre letivo/2000 e primeiro semestre letivo/2001

### 2. PROPOSTA TÉCNICA

#### 2.1 Tema

O projeto terá como foco principal a realização de tarefas de escrita colaborativa com o *EquiText*, uma ferramenta de trabalho de escrita em equipe, i.e., de *Groupware*, via *Web*, com vistas ao aprimoramento da linguagem escrita, em Língua Inglesa como língua estrangeira, de alunos do Curso de Letras desta Instituição.

#### 2.2 Objetivos

1. Promover o desenvolvimento da competência comunicativa na produção escrita de alunos de LI, do Curso de Letras, ao longo de um semestre letivo, em uma Instituição de Ensino Superior, no Brasil; essa competência comunicativa pode englobar as competências gramatical, discursiva, sociolingüística e estratégica;
2. Proporcionar a esses alunos que tal experiência se dê via *Web*, em um processo de interação peculiar, utilizando um *software* educacional de escrita colaborativa, uma ferramenta de *groupware* - o *EquiText*, já em sua segunda versão (a primeira foi lançada no SITE 2000, em San Diego, em fevereiro de 2000, com grande aprovação);
3. Divulgar a 'usabilidade' de tal ferramenta educacional no meio acadêmico, especialmente em cursos de formação de professores em línguas, proporcionando a esses alunos/professores a oportunidade de construir novas pontes entre o sistema tradicional de ensino, em sala de aula, com o ensino a distância, no meio virtual.

#### 2.3 Justificativa

Com base em fatos e dados relativos ao uso da tecnologia digital no ensino de línguas estrangeiras como importante meio para o aprimoramento e desenvolvimento das habilidades lingüísticas, acreditamos ser este caminho bastante promissor no processo de ensino e aprendizagem pelo qual percorrem alunos de um Curso de Letras. E enfatizar o uso de uma ferramenta de escrita colaborativa via *Web* para auxiliar e desenvolver a escrita de textos em grupos, onde uns podem participar das idéias dos outros, além de apoiarem-se mutuamente na elaboração de determinadas estruturas sintáticas e/ou morfológicas, pode vir a ser não só uma tarefa voltada ao trabalho com a escrita em Língua Inglesa, como também um importante espaço de relacionamentos virtuais, em que a negociação de idéias, o apoio mútuo em prol de um único objetivo, isto é, o texto final, constituem instâncias de produção escrita coletiva em lugar da individual, um excelente exercício preparatório para a

formação de profissionais da educação mais integradores, mais participativos, melhor preparados enfim para sua missão docente.

## 2.4 Procedimentos

2.4.1 Método: O corpus da análise será constituído dos textos produzidos pelos alunos do Curso de Letras, na disciplina de Língua Inglesa, de modo coletivo, pelo *EquiText*. O professor da disciplina e uma doutoranda da UFRGS/Curso de Letras/Aquisição da Linguagem deverão conduzir tal experiência. Será analisado o grau de realização das competências comunicativas acima mencionadas, bem como o processo de interação dos participantes com o texto escrito, com os demais participantes e com o professor/mediador. A presente pesquisa será fundamentada segundo Canale e Swain (1980), Canale (1983), Savignon (1972, 1983) e outros, nas estratégias comunicativas; Bloome (1993) Pearson and Tierney (1984), Hudson (1998), Raimes (1998), Ong (1999), Lévy (2000) e outros, para a produção escrita e as novas tecnologias; Vygotsky (1993), Freire (1996), Jaffee (1997), Perl (1999) e Rizzi et al. (1999), para o *software EquiText*.

## 2.4.2 Descrição da ferramenta

O *EquiText* é uma ferramenta de trabalho em grupo, apoiado pelo computador, que visa auxiliar a escrita colaborativa/cooperativa de textos, de forma síncrona ou assíncrona, via *Web*. O termo originou-se da união dos vocábulos 'equipe' e 'texto', que caracterizam a principal função do *EquiText*: auxiliar na elaboração de textos em equipe, via *Web*. O *EquiText* permite então que pessoas distanciadas geográfica, física e temporalmente, possam em equipe, escrever textos através da *Web*.

Os recursos do *EquiText* permitem que ele seja capaz de administrar a realização de inúmeros textos sendo produzidos simultaneamente. Assim, o texto elaborado pode ser desvinculado do *EquiText* a qualquer momento, sempre que solicitada sua geração. Uma vez efetuada esta ação, o texto fica disponível para alterações. Esta possibilidade de escrita colaborativa mostra-se interessante a inúmeras aplicações que requeriram o desenvolvimento de textos em equipe. Dentre estas aplicações, destacam-se aquelas ligadas ao ensino e à aprendizagem presencial e/ou a distância, o exercício da escrita da linguagem.

A equipe de desenvolvimento procurou ser fiel aos conceitos teóricos que o fundamentaram (Vygotsky, Freire, Jaffee, Demo) tendo como meta criar um instrumento facilitador da reconstrução do conhecimento, através de elaboração própria, com plenas condições de promover um intercâmbio construtivo através da interação.

O *EquiText* foi concebido tendo em vista sua distribuição gratuita a quaisquer interessados, desde que referenciada sua autoria e procedência. A aquisição e instalação do *EquiText* são explicadas em detalhes no link "Contato" da página de abertura do *EquiText*, assim como as principais questões relacionadas a seu uso se encontram na função FAQ, na mesma página.

Um de seus aspectos mais importantes para uma escrita em conjunto, em que a participação individual corrobora a do conjunto, se concretiza na função "Histórico", onde o usuário pode ver, em ordem cronológica, todas as contribuições efetuadas no texto. Para cada contribuição, é indicada a ação realizada (inclusão, alteração, exclusão), seu autor, a data e a hora em que a ação foi efetivada, podendo ser resgatada toda e qualquer participação individualmente feita. O produto final é coletivo, mas é no histórico que ficam registradas as individualidades lingüísticas de cada um dos participantes e de suas colaborações ao texto.

2.4.2 Público-alvo: alunos cursando as disciplinas de Língua Inglesa I, IV e V, no período de outubro a dezembro/2000, conforme abaixo relacionados:

Língua Inglesa I: Rodrigo e Fabiana

Língua Inglesa IV: Edmilson, Carla, Michele, Rosana, Jorge e Daniela

Língua Inglesa V: Danilo e Bibiana

2.4.3 Período de realização: 1ª etapa: de outubro a dezembro/2000;

2ª etapa: de março a junho de 2001.

#### 2.4.4 Critérios de participação:

De 2 a 4 colaborações semanais no *EquiText*, por aluno;

#### 2.4.5 Análise das participações:

As colaborações serão analisadas de acordo com as estratégias comunicativas acima apresentadas, assim como o grau de interatividade existente entre os participantes.

A seguinte tabela de avaliação dos dados foi proposta para a análise do presente estudo: numa escala de 0 a 10, as participações serão assim computadas:

- Participação por inserção de parágrafo – graus máximo, médio e mínimo;
- Participação por alteração de parágrafo – graus máximo, médio e mínimo;
- Participação por exclusão de parágrafo – graus máximo, médio e mínimo.

O grau máximo deve variar de 8,8 a 10,0;

O grau médio, de 7,1 a 8,7; e

O grau mínimo, de 5,6 a 7,0.

Obs.: As participações serão computadas conforme o grau de relevância para o desenvolvimento do texto, de acordo com as competências comunicativas em questão.

### 3 BIBLIOGRAFIA

Canale e Swain (1980), Canale (1983), Savignon (1972, 1983) e outros, nas estratégias comunicativas; Bloome (1993) Pearson and Tierney (1984), Hudson (1998), Raimes (1998), Ong (1999), Lévy (2000) e outros, para a produção escrita e as novas tecnologias; Vygotsky (1993), Freire (1996), Jaffee (1997), PERL, por Dominus (1999) e Rizzi et al. (1999), para o *software EquiText*.

**ANEXO E - Leitura e escrita de língua estrangeira *on & offline***  
**Tecendo narrativas individuais e coletivas em língua inglesa na Web:**  
*Que história é essa?*

**NEO/FACCAT – Projeto EquiTECE – 22h – 1º Módulo**

**Ministrante:** Prof.<sup>a</sup> Dd.<sup>a</sup> Janete Sander Costa

**Núcleo de Educação *On-line*/FACCAT/ Secretaria de Educação de Dois Irmãos, RS**

**Coordenação:** Prof.<sup>a</sup> Dd.<sup>a</sup> Querte T. C. Mehlecke / Prof.<sup>a</sup> G. Fabiane S. da Silva

**Bolsistas do NEO/FACCAT:**

Cláudio Schenkel F.º, Cristiano Lindenmeyer, Douglas Donardo, Gabriela Kurmann e Eduardo Colombo

**Apoio:**

**Curso de Letras - FACCAT**

**Coordenação:** Prof.<sup>a</sup> F. Liane Müller

<b>PROJETO EQUITECE - PLANO DE TRABALHO</b>		
<p><b>12/11/05 - 1ª aula presencial</b></p> <p><b>8h30min</b></p> <p>- Apresentação do Projeto, da equipe, dos alunos;</p>	<p><b>10h às 11h</b></p> <p>- Apresentação da ferramenta de escrita colaborativa na <i>Web</i>, o <b>EquiText</b>;</p> <p>- Apresentação do <b>EDULINE</b>;</p> <p>- Projeto <b>EquiTECE</b>: produção de TECE.</p>	<p><b>11h</b></p> <p>- Início da interação no <b>TECE1</b>;</p> <p>- Aplicação de um questionário individual.</p>
<p><b>- Semana de 14 a 19/11/05</b></p> <p>1ª semana a distância, no <b>EquiText</b> e no Fórum do <b>EDULINE</b>.</p>	<p align="center"><b>EQUITEXT</b></p> <p>- leitura e construção colaborativa / coletiva do <b>TECE1</b>, em língua inglesa, no <b>EquiText</b>, com vistas à criação do <b>TECE2</b>;</p> <p>- Participação assíncrona: mínimo de 3 (três) interações (com leitura das produções prévias), no <b>EquiText</b>.</p>	<p align="center"><b>Fórum - EDULINE</b></p> <p>- Discussão do processo de familiarização de uso da ferramenta;</p> <p>- discussão dos primeiros movimentos de escrita colaborativa / coletiva, em língua inglesa, no <b>EquiText</b>;</p> <p>- duas (2) participações no <b>Fórum / EDULINE</b>.</p>
<p><b>- Semana de 21 a 26/11/05</b></p> <p>2ª semana a distância, no <b>EquiText</b> e no Fórum do <b>EDULINE</b>.</p>	<p>- Início da construção colaborativa / coletiva do <b>TECE2</b>, em língua inglesa, no <b>EquiText</b>; conforme tópico combinado no <b>TECE1</b>.</p> <p>- mínimo de 3 (três) interações, no <b>EquiText</b>, no <b>TECE2</b>.</p>	<p>- discussão dos movimentos seguintes, no <b>TECE2</b>, em língua inglesa, no <b>EquiText</b>;</p> <p>- 2 (duas) participações no <b>Fórum / EDULINE</b>.</p>

<p><b>- Semana de 28/11 a 03/12/05</b></p> <p>3ª semana a distância, no <i>EquiText</i> e no Fórum do <i>EDULINE</i>.</p>	<p>- Continuação da produção colaborativa / coletiva no <u>TECE2</u>, em língua inglesa, no <i>EquiText</i>;</p> <p>- participação com no mínimo 3 (três) colaborações no <i>EquiText</i>.</p>	<p>- discussão dos movimentos seguintes, no <u>TECE2</u>, em língua inglesa, no <i>EquiText</i>;</p> <p>- 2 (duas) participações no <b>Fórum / EDULINE</b>.</p>
<p><b>- Semana de 05 a 09/12/05</b></p> <p>4ª semana a distância, no <i>EquiText</i> e no Fórum do <i>EDULINE</i>.</p>	<p>- Continuação da produção colaborativa / coletiva no <u>TECE2</u>, em língua inglesa, no <i>EquiText</i>;</p> <p>- participação com no mínimo 3 (três) colaborações no <i>EquiText</i>.</p>	<p>- discussão dos últimos movimentos no <u>TECE2</u>, em língua inglesa, no <i>EquiText</i>;</p> <p>- 2 (duas) participações no <b>Fórum / EDULINE</b>.</p>
<p><b>12/11/05 – 2º encontro presencial</b> <b>8h30min</b></p> <p>- Apresentação da última atualização do TECE2</p>	<p>- Finalização da produção colaborativa / coletiva do <u>TECE2</u>, em língua inglesa, no <i>EquiText</i>;</p> <p>- Discussão e combinações finais, em grupo, no <u>TECE2</u>, em língua inglesa, a serem registradas no <i>EquiText</i>, sincronamente.</p>	<p>- Apresentação de um termo de consentimento para o Projeto <i>EquiTECE</i>;</p> <p>- Aplicação de um questionário sobre a experiência realizada.</p>
<p><b>2º MÓDULO – A COMBINAR</b></p>		